CHRONICA

DOS

REIS DE BISNAGA

MANUSCRIPTO INEDITO DO SECULO XVI

PUBLICADO

POR

DAVID LOPES

S. S. G. L.

CHRONICA

DOS

REIS DE BISNAGA

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

---

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.ª qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

CHRONICA
DOS
REIS DE BISNAGA

MANUSCRIPTO INEDITO DO SECULO XVI

PUBLICADO

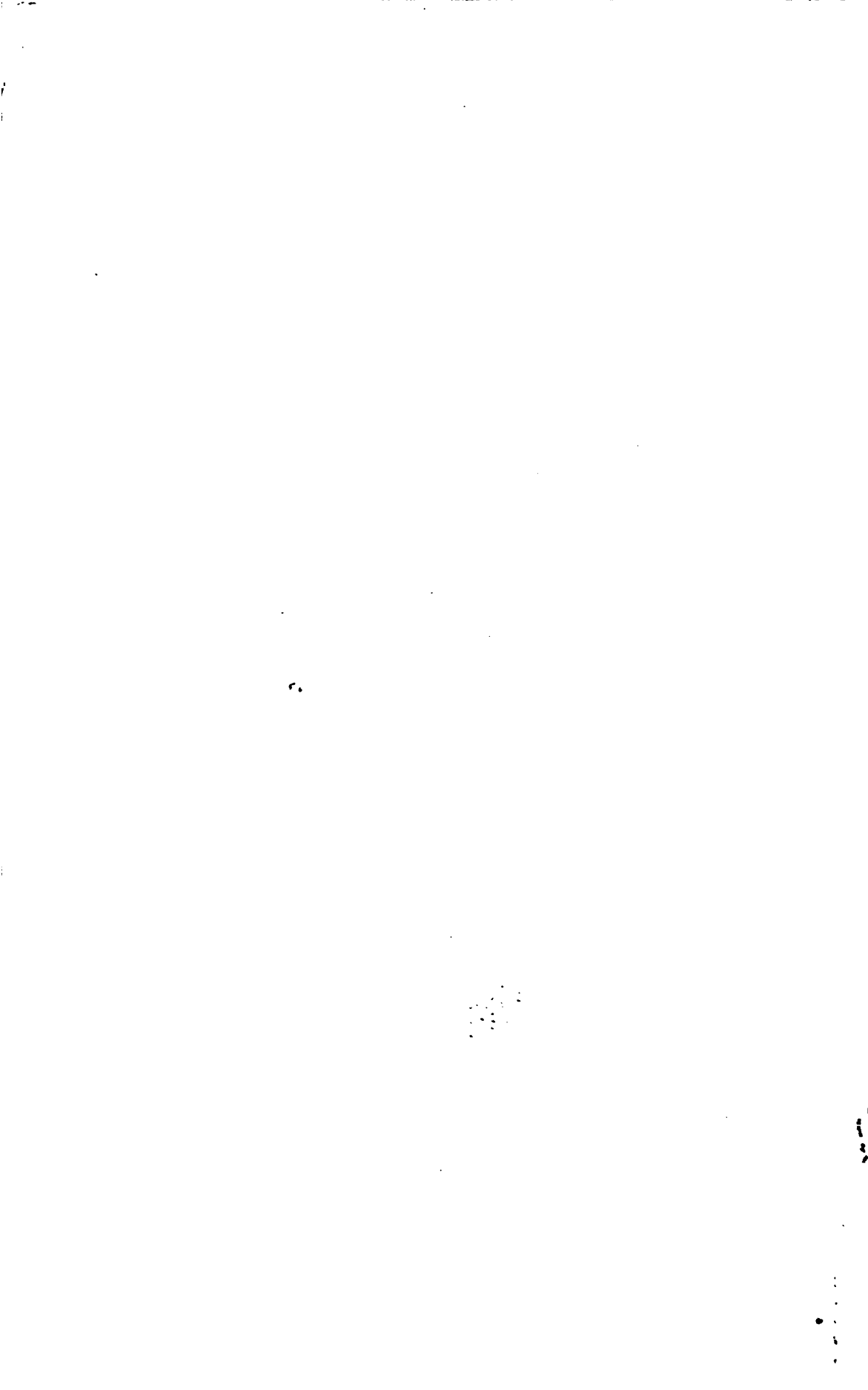
POR

DAVID LOPES

S. S. G. L.

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1897

A

SIMÃO JOSÉ DA SILVA LOPES

Em testemunho de gratidão, dedica este trabalho

Seu sobrinho,

David Lopes.

BIBLIOGRAPHIA

Bhandarkar, *Early History of the Dekkan down to the Mahomedan conquest.* Bombaim, 1884.

Burnell, *South Indian Palæography.* Londres, 1878.

Caldwell, *A comparative grammar of the Dravidian languages;* a Introducção, p. 1-154. Londres, 1875.

Campbell, *Bijápur* [t. XXIII do *Bombay Gazetteer*]. Bombaim, 1884.

Dowson, *On the Geographical Limits, History, and Chronology of the Chera Kingdom of Ancient India.* [*Journal of the Royal Asiatic Society,* vol. VIII, p. 1-26, 1846].

Dowson, *Notices of the Châlukya and Gurjjara Dynasties.* [*Journal of the Royal Asiatic Society,* vol. V, p. 247-286, 1865].

Eggeling, *On the Chera and Chalukya dynasties.* [Congresso dos Orientalistas, Londres, 1874].

Elliot (W.), *Coins of Southern India,* [vol. III, parte II da *The International Numismata Orientalia*]. Londres, 1886.

Elphinstone, *The History of India.* Londres, 1857.

Fergusson, *Indian and Eastern Architecture.* Bombaim, 1869.

Fergusson, *On Indian Chronology.* [*Journal of the Royal Asiatic Society,* vol. IV, p. 81-137, 1870].

Ferista, *History of the rise of the Mahomedan Power in India till the year A. D. 1612,* vols. II e III. Trad. de John Briggs. Londres, 1829.

Fleet, *The dynasties of the Kanarese districts of the Bombay Presidency, from the earliest historical times to the Muhammadan conquest of A. D. 1318.* Londres, 1882.

Gribble, *A History of the Deccan,* t. I. Londres, 1896.

Hunter, *India,* t. VI do *The Imperial Gazetteer.* Londres, 1886. [Publicado em 3.ª ed. augmentada, com o titulo *The Indian Empire,* Londres, 1893].

Lassen, *Indische Alterthumskunde,* vol. IV: *Geschichte des Dekhans.* Lipsia, 1861.

Rees, *The Muhammadans.* [*Epochs of Indian History*]. Londres, 1894.

Sewell, *Lists of Inscriptions, and Sketch of the dynasties of Southern India.* [*Archaeological Survey of Southern India,* t. II.]. Madrasta, 1884.

Wilson, *Historical Sketch of the Kingdom of Pándya, Southern Peninsula of India.* [*Journal of the Royal Asiatic Society,* vol. III, p. 199-242, 1836].

Wilson e Ravenshaw, *Asiatic Researches,* t. XX. [Algumas inscripções de Bisnaga e chronologia Real]. Calcutá, 1836.

Taes foram os nossos principaes trabalhos de consulta para a Introducção que se segue. Devemos comtudo citar outros que, sem serem capitaes para o nosso proposito, nos foram uteis, como Yule e Burnell, *Glossary of Anglo-Indian colloquial terms,* Londres, 1886; *Viagens de Bem Batuta,* ed. de Santo Antonio Moura, Lisboa, 1840 e 1850, e ed. de Defrémery e Sanguinetti, Paris, 1853-59; Major, *India in the fifteenth century* [*Hakluyt Society*], Londres, 1857; P. Tiele, *Het Oosten vóór de Komst der Portugeezen* [*De Gids,* III, Haia, 1874]; Elliot, *The History of India as told by its own historians,* Londres, 1867-77; A. Gubernatis, *Storia dei viaggiatori italiani nelle Indie orientali,* Livorno, 1875; *Indian Antiquary,* varios numeros, como II, 371; IV, 206; V, 73; VII, 224; X, 213; XIII, 153; XX, 266, 301 (só até 1891; não pudemos ver o que se publicou de então para cá); e por fim os nossos chronistas do Oriente.

Para o periodo que nos propomos esboçar ha em lingua ingleza uma abundantissima litteratura, de que apenas pudemos haver, como se vê, uma pequena parte; cremos no emtanto que ella constitue o que ha de essencial para o assumpto.

O nosso processo de transcripções é o que expomos nos nossos *Textos em aljamía portuguesa;* i. é, damos aos nomes uma fórma tanto quanto possivel portuguesa, despindo-os das lettras inuteis para a nossa pronuncia.

INTRODUCÇÃO

I

INDIA é um triangulo cuja base é formada pelo massiço da Asia central, e o vertice vae mergulhar no mar das Indias. Servelhe de barreira ao norte a altissima cadeia do Himálaia, que a separa do resto do continente, deixando para ella duas passagens apenas, uma conduzindo do planalto do Irám, a outra do do Tibete; e foi por ahi que em tempos antiquissimos raças diversas vindas d'aquem penetraram nella.

Este triangulo abrange tres regiões perfeitamente caracterisadas. A primeira é constituida pelas terras altas da cadeia himalaica; a segunda, pelas terras baixas onde placidamente correm os dois principaes rios da India, o Indo e o Ganges; a terceira, pelo planalto demarcado

ao norte pelos montes Vindias, a leste e oeste pelas duas cordilheiras dos Gates.

Esta é a peninsula dravídica, e chama-se-lhe tambem o Decám em sentido lato [i. é, o sul, do sul, na forma prácrita Dacxina]; para os muçulmanos este nome só indicava a parte que demora entre os Vindias e o rio Quistna, e neste sentido se usa ainda hoje muito, e a usámos nós portugueses, chamando por esse nome ao reino do Idalcão. Forma um triangulo mais regular dentro do primeiro; os Gates[1] desprendem-se das extremidades dos Vindias e correm na direcção do sul até se juntarem os orientaes com os occidentaes no cabo Comorim. Os occidentaes são ingremes e cortados sobre a beiramar, formando esta uma muito estreita faixa de territorio; os orientaes vão suavemente para a bahia de Bengala, deixando entre esta e a sua base uma banda de terra maior que a primeira. O planalto não é uniforme pois tem relevo bastante accidentado, sendo nelle os Nilgrís [i. é, montanhas azues] o massiço mais proeminente. Da disposição, que indicámos, do terreno, resulta que a muralha occidental é um obstaculo á formação de grandes rios naquella direcção; todos elles são de pequeno curso e descem dessa serrania.

Os Gates orientaes pelas aberturas faceis que dão ao vasamento das aguas, são atravessados pelas correntes que regam todo o planalto, e assim o Godavarí, o Quistna e o Caverí, principaes rios d'elle atravessam-no todo até virem desaguar na bahia de Bengala. Ao norte do triangulo, dos Vindias descem do lado do septentrião as aguas que vão ao Ganges, e do sul pelo Narmadá e Tapetí para o golfo de Cambaia.

[1] «Porque como sobem á serra Gate, nam tornam descer, como geralmente vemos em todalas serranias, mas ficam em huma planura de terra mui chã, de maneira que parece este Gate hum muro: a terra do cume do qual he hum eirado sobre o alagadiço, que tem ao pé.» Barros, II, l. v, c. I. Cf. Garcia da Orta, Coloquios, I, p. 120.

É esta parte da India a peninsula dravídica, que nos interessa para o nosso proposito. É aqui o imperio cuja chronica damos adiante, e aqui tambem a patria das nossas glorias indianas; e foi povoada em tempos ante-historicos de populações não aricas a que os Arias do norte chamaram Drávidas[1].

O conhecimento que nós possuimos da peninsula é muito superficial até ao seculo XIV, e quasi que exclusivamente epigraphico. A India não tem em regra historiadores. Se exceptuarmos os fracos esboços que ella nos apresenta nos seus limites norte e sul, em Caxemira e Ceilão, nada mais ahi acharemos a que em boa verdade possamos dar o nome de historia. Ceilão tem no Mahávansa[2] uma chronica seguida desde 543 annos

---

[1] É dentro d'estes limites que se fallam as linguas que do nome da população se chamam dravídicas. Esta familia linguistica abrange quasi toda a peninsula; a sua distribuição geographica é para as principaes a seguinte:

O Tamil é fallado de Paleacate ao cabo Comorim e dos Gates orientaes á bahia de Bengala; no reino de Travancor desde este cabo até Trivandrum; na parte norte e noroeste de Ceylão, onde nos apparecem desde tempos anteriores a Christo. População: 14.500:000.

O Telugo é fallado de Paleacate até Chicacole, onde começa a fallar-se o Oria, e a oeste até ao limite do pais marata e Maissor, comprehendendo uma grande parte do territorio do Nizam. População: 15.500:000.

O Canará é fallado no planalto do Maissor, e parte do Nizam até Bidar, assim como nos districtos do Canará entre o Malabar e Goa, onde dominaram os reis de Bisnaga. População: 9.250:000.

O Malaialam é fallado na costa do Malabar, de Trivandrum ao rio de Chandegrí, ao sul de Mangalor. População: 3.750:000.

(Cf. Caldwell, na introducção á sua grammatica, p. 1 e sgg.).

[2] Esta chronica de Ceilão é a mais importante, e porventura a mais antiga, mas não a unica; outros livros historicos de importancia são o Dipávansa, o Rajaratnacarí e o Rajávali. O Mahávansa foi traduzido em 1833 por Upham (na collecção intitulada *The Sacred and Historical Books of Ceylon)*, e logo em 1837 magistralmente por Tournour; mas nem uma nem outra traducção

antes de Christo até ao seculo XVIII; Caxemira tem no Raja Tarangini, identica vantagem posto que por menor periodo de tempo; mas a India da litteratura vedica e classica, assim como a peninsula dravídica não nos legaram nenhuma narração seguida e concatenada de factos que se lhes possa comparar. Não quer isto dizer que seja completamente desprovida de escriptos que possam servir ao investigador do passado d'este país, mas sobre serem escassos são tão cheios de maravilhoso que difficilmente se apura nelles a verdade.

E comtudo estes proprios elementos que á força de engenho dos indianistas se conseguem converter em dados bastante provaveis, esses mesmos só tarde ahi nos apparecem, posteriormente á era christã; e por isso, para a parte da India que nos occupa, o periodo que precede o nascimento de Christo é de todos o mais obscuro.

Os Puranas dão-nos listas de dynastias e de reis e a duração dos seus reinados, porém sem referencia a eras; mas estas listas são ainda relativas ao norte da India, e d'esses reis só os dos Andras dominaram no Decám. Por outro lado as referencias dos livros classicos ou dos geographos gregos são muitos escassas; de maneira que a historia do Decám medio e do norte até á era de Christo ou um pouco antes é puramente conjectural. Para a dynastia dos Andras, ainda que estes elementos escasseiem, ha, alêm das dynastias e dos reis dos Puranas,

---

são completas, indo a de Upham até 1319, e a de Tournour ainda menos; e só modernamente, em 1889, a expensas do governo de Ceilão, se conseguiu fazer essa traducção por L. C. Wijesinha. O Rajaratnacari e o Rajávali foram tambem traduzidos por Upham sob o titulo acima indicado; o Dipávansa foi editado por Oldenberg em 1879, e traduzido para inglês por Fergusson no *Indian Antiquary*, t. XIII. Tanto no Mahávansa como no Rajávali falla-se dos portugueses e do seu dominio na ilha.

(Cf. Tennent, *Ceylon*, t. I, p. 314-316; *Indian Antiquary*, XVII, p. 100.)

documentos epigraphicos e algumas moedas [encontradas em Colapor] que parecem dar-nos a feição geral d'esse periodo. Essa dynastia é chamada dos Satavâhanas nas inscripções roqueiras de Násique e de Nanagate, e os nomes que ahi se lêem parecem dever ser identificados com os dos Puranas, de Ptolomeo e do Periplo do mar Erithreo; e do estudo d'estes dados os especialistas determinaram approximadamente os limites d'esse dominio, i. é, entre o primeiro seculo antes de Christo e o terceiro depois.

No extremo sul a tradição historica e dados externos (geographos gregos, Axoca, poemas epicos da India, etc.) referem desde antigos tempos a existencia de tres reinos contemporaneos, dos Pandias, dos Cholas e dos Cheras, quando ainda o resto da peninsula parecia ser uma grande e contínua floresta; e as mais antigas referencias que possamos datar encontrâmo-las em Megasthenes (fim do seculo IV antes de Christo) e nas inscripções de Axoca (meado do seculo III antes de Christo), o Constantino do Budismo. Aqui pois os nossos conhecimentos vão mais alêm no tempo e são menos fragmentarios, porque os seus naturaes escreveram em Tamil narrações mais abundantes do que ha para o norte ácerca de differentes periodos da sua existencia politica, as quaes Wilson e Taylor cuidadosamente estudaram.

Os Pandias estavam estabelecidos no extremo sul da peninsula tendo por capital Maduré; os Cholas estavam a nordeste e leste occupando a orla maritima oriental; e quanto aos Cheras occupavam a parte a occidente dos Pandias. No meio de todas as variações da politica guerreira das populações do sul, mantiveram-se estas dynastias até tarde, vindo mesmo a ter uma preponderancia bastante grande os Cholas, e dando o seu nome á parte costeira que dominaram, Coromandel (Cholamandalam, i. é, o país dos Cholas).

O periodo que decorre do terceiro seculo ao principio do sexto é obscuro. Os Puranas dão-nos listas de dy-

nastias e de reis numa desordenação tal que pouco nos aproveitam, porque no seculo III o reviviscimento do Bramanismo, e as necessidades religiosas deturparam completamente a realidade e chronologia dos factos.

Cerca do fim do seculo V da nossa era uma população vinda do norte, d'entre os Arias, os Chalúquias, toma importancia no occidente do Decám; e no seculo VII fraccionam-se em dois ramos, um que permanece, Chalúquias occidentaes, e o outro que se foi estabelecer no territorio entre o Godavarí e o Quistna, no seu curso inferior; são chamados em opposição aos anteriores, Chalúquias orientaes. São das dynastias mais bem conhecidas porque nos deixaram abundantes documentos epigraphicos; e foi no seu tempo (meado do seculo VII) que o celebre peregrino chinês Huam-Sangue visitou a India e della nos fez uma longa descripção.

O periodo que decorre até ao seculo XI é tambem bastante obscuro. Varias familias dominam na parte media da peninsula. Entre ellas como mais importantes citaremos os Cadambas e os Rastracutas. Os Cadambas estavam estabelecidos ao norte do actual Maissor comprehendendo o territorio goano, e em lutas constantes com os seus vizinhos. Os Rastracutas em guerra com os Chalúquias occidentaes, conseguiram eclipsar por dois seculos o seu poder (meado do seculo VIII a meado do X), mas estes a esta data acabam com o seu imperio.

Mais para o sul pelo meio do seculo XI prepara-se a hegemonia dos Cholas, e em virtude d'ella a carta politica do sul da India simplifica-se. A distribuição politica é então a seguinte. Ao norte, na parte maritima entre o Godavarí e o Quistna os Chalúquias orientaes; d'estes até Conjiverão os Pállavas; no resto da costa e uma parte do interior os Cholas; entre estes e os Cheras, occupando a costa occidental, os Pandias; e ao norte d'estes começa a surgir o reino dos Ballalas, no Maissor actual. Ora a este tempo os Cholas, por casamento, conseguem annexar o reino dos Chalúquias; e nestas con-

dições os Pallavas entre os dois não tardaram a ser esmagados; e por fim os Pandias foram tambem encorporados no reino dos Cholas por algum tempo.

Do outro lado os Ballalas, ou Iádavas de Duarasamudra[1], sua capital, foram procedendo á mesma reducção. Venceram e conquistaram o país dos Cheras ou da dynastia que com o nome de Congu lhes succedeu; e depois submetteram os Chalúquias occidentaes, os Cadambas, e os Caláchuris. Na parte norte do territorio d'estes estabeleceu-se um outro reino da mesma familia, com a capital em Devagrí: são os Iádavas de Devagrí[2]; de maneira que no principio do seculo XIII são essas as potencias do sul da India.

As cousas mantiveram-se nesse estado durante todo esse seculo, mas ao alvorecer do XIV, os muçulmanos, no seu movimento de penetração na direcção do sul, vieram destruir o dominio indigena. É tambem a epoca em que nós começâmos a ter noticias mais certas das populações do sul; paremos pois aqui um momento para vermos como elles avançaram até aquellas partes[3].

II

Foi um destino singular o do islamismo. Eis um povo sceptico, em organisação muito simples, cuja vida politica se resumia numa luta de cada dia de tribu a tribu,

---

[1] Hoje Halebide, no Maissor.

[2] Hoje Daulatabade, perto de Aurangabade.

[3] No rapido esboço que precede não ha a pretensão de querer ser completo; o nosso intento é só dar as linhas muito geraes da historia da India meridional, para estabelecer uma ordem de sequencia na nossa narração. Não se considere pois como lacuna o que é apenas um proposito. Para aquelles que queiram ir mais alêm neste estudo ha na nossa bibliographia as devidas indicações, que são as fontes onde fomos beber.

vivendo do latrocinio mutuo ou apascentando os seus rebanhos; apparece um epileptico, um visionario, prégando uma doutrina que os fazia sorrir de desprezo, escarnecido, mas por fim impondo-se pela força. Bandos depois se lançam de si sobre o imperio do Oriente, sobre o imperio persa, em poucos annos senhoreando dos Pyrenéus até ás margens do Indo: tal foi o povo arabe, e assim nasceu o islamismo.

Recrutaram-se os crentes da nova religião em todas as regiões, porque era vantajosa essa conversão; livrava-os da contribuição mais forte e da violencia. A Asia central trouxe-lhe um contingente consideravel, foi por muito tempo uma fonte inexgotavel. Esta conversão é um facto importante, porque ella representa na ordem religiosa um grande progresso sobre os polytheismos grosseiros d'aquellas populações. Alêm d'isso trouxe ao convivio e existencia politica as innumeras tribus turcas e mongolicas, que tão grande papel têem na historia da Asia; e o islamismo, como conductor d'uma cultura de certa importancia, significa para ellas o advento a uma vida superior, a que ellas mais ou menos participarão.

Aquelles a que os nossos chronistas indianos chamam mouros, por um habito inveterado de velhos tempos adquirido no extremo occidente, correspondiam-lhes só num caracteristico accidental. Os nossos designavam com esse nome os sectarios de Mafoma; mas a verdade é que elle designava uma heterogeneidade de elementos ethnicos para a qual teria sem duvida concorrido todo o territorio asiatico e africano. Mas todas essas populações se diziam muçulmanas, e era esse só o laço que as prendia. A maioria apenas saberia «que só Deus é grande e Mafoma o seu Propheta», e a isso se resumiriam as suas adhesões á nova crença, imposta pela espada. Era só a rapina que as fazia avançar. Os imperios formam-se em mezes, é um batalhar incessante, carnificinas quotidianas. Mas mal elles se formam já o governador de tal provincia se revolta; insofrido, tal

outro favorito assassina o bemfeitor; o escravo atraiçoa seu senhor e succede-lhe no throno. É esta a historia dos imperios asiaticos e islamicos; em regra só o prestigio d'um homem os mantem; á sua morte tudo se desmorona, e d'ahi uma baralhada inextricavel que faz o desespero do historiador. Mas pouco interessam á historia esses episodios em geral sanguinarios; são lutas de interesses particulares e paixões materiaes e não de principios, que os não havia num tal amalgama ethnico, em elementos apenas entrados á vida politica.

A essa anarchia social, devida á sua instabilidade, accrescia a natureza do codigo que os regia. Elle punha nas mãos do mesmo homem todos os poderes, senhor das creaturas e tenente de Deus na terra; e esse homem na sociedade muçulmana sahia muitas vezes das camadas mais profundas, escravo ou camponio. Sem renunciação de uma certa somma de liberdade de cada um em favor da communidade não ha governo possivel; e o semita, como as populações da Asia central que adoptaram o islamismo, não cedem a tal cerceamento senão emquanto a força os contiver; e mal as circumstancias o permittam elle respira e quer tambem por sua vez comprimir. Porque elle vê, a experiencia de todos os dias lh'o diz, que com audacia tudo se consegue. Não vê elle o seu companheiro de miseria, de repente, por um acaso da sorte e um capricho do imperante, elevado ás mais altas dignidades, general ou ministro? Esses elementos sem preparação levam a desordem ao poder; e como agora tudo podem, completam-se á força de extorsões e de violencias; á miseria succede o abarrotamento.

A historia dos differentes imperios muçulmanos que dominaram a India até ao momento do nosso apparecimento naquelles mares, não é em si bem interessante, nem o seu estudo tentador ou facil pelas razões adduzidas. Já não succede assim naquellas partes em que se prende com a nossa, porque ahi ella é em parte a explicação da portuguesa Por outro lado o dominio mu-

çulmano na India é para esta o começo do periodo verdadeiramente historico. Anteriormente o conhecimento historico quasi se resume nos monumentos architectonicos, nas inscripções e moedas. Com os muçulmanos esses paises vêem á historia mais positiva, e a historiographia d'esse periodo é bastante importante, em regra escripta em idioma persico. Por ultimo todo o commercio no mar das Indias estava em poder de muçulmanos, não só nos paises do seu dominio directo, mas no dos Rajas, e serão elles os nossos maiores inimigos, porque lhes fomos sobretudo ferir os interesses. D'estas considerações só a segunda nos importa agora, e ella leva-nos a esboçar os progressos das suas armas e do seu estabelecimento na peninsula dravídica até á epoca em que termina esta chronica.

Foi tão rapida a expansão dos muçulmanos, que, poucos annos depois da morte de Mafoma, e de vencida a insurreição geral contra a sua obra, elles senhoream a parte media do velho mundo de extremo a extremo. E tudo isso apezar d'uma instabilidade de cousas no governo e da luta social dos seus elementos.

Logo no governo do seu successor, Abu Becre, se faz a conquista do Iraque e de parte da Syria. Com o segundo successor, Omar, acaba-se a conquista da Syria, faz-se a da Palestina, da Mesopotamia, da Persia até ao Oxus, e do Egypto. No califado de Otmam, terceiro successor, conquista-se o territorio de Trípoli e Tunis; proseguem as conquistas na Persia, conquistam a Armenia até ao Caucaso e margens do Caspio. É no seu tempo que se faz a primeira tentativa para penetrar na India. É mandado um homem a reconhecer o valle do Indo, mas como os territorios a atravessar até lá eram estereis, renunciou-se por algum tempo a esse proposito de conquista. Os tempos de Alí, quarto califa, foram demasiado perturbados por dissenções religiosas para que se pensasse em batalhar com extranhos. Á sua morte começa o califado de Damasco, dos Ommiadas. No cali-

fado do seu fundador, Moáuia, fez-se a primeira tentativa contra Constantinopla, mas debalde; e o governador do Coraçám penetra até Samarcande. Com Iezide, Ocba conquista a Argelia e Marrocos actual. Com Ualide fez-se a da peninsula hispanica; e o governador do Iraque manda um exercito ao valle do Indo commandado por Mohamede bem Cáceme, estabelecendo no Sinde o dominio muçulmano desde 712 até 828.

É comtudo com Mahmude, o gasnevida, que essa obra de penetração se accentua mais. Principe turco reinando sobre um pequeno país, elle conseguiu alargá-lo de maneira a abranger uma grande parte da Asia central, e por fim uma grande porção da India. Atravessou treze vezes os montes Soleimão, e senhoreou toda a bacia do Indo. Os seus successores mal poderam manter tão grande imperio e para o fim da dynastia elles têem a sua capital em Lahor, porque para aquem outro poder se levantou. É ahi que Mohamede, o gorida, o soberano mais importante da nova dynastia o foi buscar e captivar. Mohamede estende o seu dominio até Bengala, e toma Delí. Á sua morte as debeis mãos de seu tio Mahmude não podem suster tal poder; e tres dos seus escravos, turcos, repartem a maior parte do imperio, Cutbadím em Delí, Aldoz em Gasní, e Naciradím no Sinde. Mahmude apenas ficou com Gor e uma parte do Coraçám, vindo a perder esses mesmos dominios em 1215. Começa com Cutbadím para os muçulmanos da India uma vida politica independente da dos do planalto do Irám e Asia central. Delí torna-se a capital d'um grande imperio, que irá por uma parte avassallando os reis indianos na direcção da India meridional, e pela outra oppondo uma barreira a novas populações que querem descer da Asia central. São estes os Mogóes, que, penetrando desde cedo no valle do Indo, vêem por fim substituir-se ao imperio de Delí, no seculo XVI.

Desde 1206 a 1288 reinam em Delí uma serie de reis chamados escravos, e a esta data obteve a realeza

Jalaladím o quilgida, assim chamado da tribu tartara a que pertencia, e que estava na India desde ha muito tempo estabelecida. Com a dynastia e soberanos quilgidas approximâmo-nos do nosso proposito; a sua historia prende-se já com a do Decám. Alaadím, sobrinho do Jaladím, e vice-rei de Bengala, atravessou com um exercito de muçulmanos, em 1294, os montes Vindias, e foi pôr sitio a Devagrí, capital do principe indiano, senhor do país; a cidade foi tomada, e Alaadím retirou-se com uma preza de guerra enorme, pois não era outro o seu fim em tal empreza. As grandes riquezas que se dizia possuirem aquelles principes indigenas foi o unico incentivo dos generaes de Delí que por varias vezes se aventuraram no sul da peninsula, e conseguido este objectivo as tropas retiravam-se. Foi o que succedeu com Devagrí, e o que não tardará a succeder com Orangal. Esta cidade era tambem séde d'um reino indiano, e constituia com Devagrí a guarda avançada das populações dravídicas. Quebradas ellas parece que os muçulmanos continuariam a sua marcha ascendente de alastramento, e que soára para essas populações o fim da independencia.

Veremos que não succedeu assim; e esse senhoreamento apenas se limitou a uma parte d'estes dois reinos tendo por limite sul as margens do Quistna e do Tungabadrá, seu affluente. O reino de Bisnaga, que ao sul d'elles se constituirá, será durante dois seculos e meio o obstaculo a tal invasão; mas desde então até ao dominio inglês esse movimento de penetração foi sempre actuando. De volta da sua expedição a Devagrí Alaadím, senhor d'uma fortuna immensa, quís tambem ser senhor do imperio, e não lhe foi isso difficil com tal elemento de acção. Seu tio viera dar-lhe os parabens do seu triumpho no proprio vice-reino; mas nunca mais d'elle voltou, porque seu sobrinho o mandou assassinar. Feito imperador, Alaadím não esqueceu o caminho do sul onde tão feliz fôra, e as suas vistas de novo para lá se voltaram.

Demais circumstancias de força maior lh'o vieram recordar.

O dominio muçulmano dependente de Delí foi sempre precario em Devagrí e Orangal. Dada a vastidão do imperio, o seu chefe via-se frequentemente a braços com grandes difficuldades da parte das populações submettidas, tão heterogeneas ethnicamente e de tão varias religiões. D'ahi que, quando elle se achava mais empenhado numa parte, os differentes povos insoffridos aproveitavam logo a facilidade das circumstancias para se revoltarem ou para recusarem o tributo promettido. Era um estado de guerra continuo! Ora, deixado senhor do seu país o soberano de Devagrí, Ramadeva, mas sujeito a forte tributo, pouco depois revoltou-se, sendo de novo vencido e perdoado.

No anno de 1309 Mélique Cafur toma Orangal; e no de 1311 o mesmo general é mandado submetter os povos que demoravam ao sul dos dois primeiros. Mélique Cafur foi magnificamente succedido em tal empreza. Depois de atravessar os dois estados vassallos Devagrí e Orangal, entrou no dos Ballalas, que venceu, e em seguida penetrou mais ao sul no dos Pandias, tomando a sua capital Maduré, e diz-se que chegou a Ramesvaram, em frente de Ceilão, onde construiu uma mesquita. Foi por assim dizer um passeio militar e sem fortes consequencias politicas, porque elle se contentou com expoliar os chefes dos seus thesouros e voltar com elles a Delí. Mélique Cafur, por morte de Alaadím, em que elle parece ter tido alguma cousa, tomou o poder supremo, sendo deposto pouco depois a favor de Mubáraque Cão, filho de Alaadím, com o nome de Cutbadím. No seu tempo, em 1318, Devagrí, em seguida a uma revolta do seu rei Haripaladeva, foi tomada, Haripaladeva morto, e o seu estado annexado ao imperio de Delí. O proprio nome da cidade foi mudado em Daulatabade [i. é, cidade do imperio]. Pela mesma causa, Orangal e o estado de que era cabeça, em 1323 foram tambem annexados, e mu-

dado o nome em Sultampor [i. é, cidade do imperio]. O seu soberano Pratapa Rudradeva II foi feito prisioneiro e mandado para Delí. Comtudo, seu filho Crisna succedeu-lhe numa pequena parte dos estados, e não tardará que procure difficuldades aos seus inimigos e da sua raça, approveitando-se habilmente dos acontecimentos.

Na direcção do imperio succedeu a Cutbadím um seu favorito Cusro Cão, que parece ter feito uma expedição ao Malabar, e que depois d'isto o assassinou. Pouco tempo gosou do imperio, porque um governador do Penjàbe conseguiu tomar-lh'o; subiu ao throno com o titulo de Guiassadím Toguelaquexá.

Passavam-se estes factos em 1320. Tres annos depois, seu filho, que depois lhe succedeu, acabava com o reino de Orangal; e na volta da sua campanha, desejoso de mais cedo chegar ao poder supremo, preparou o assassinato de seu pae; e o parricida subiu emfim ao throno em 1325, com o nome de Mohamede Toguelaquexá. O seu reinado, começado com um crime, foi dos mais accidentados e infelizes; para o nosso proposito é elle importante porque é nelle que se faz a separação do Decám propriamente dito do dominio de Delí, e a sua constituição em um novo estado muçulmano na India. Effectivamente isso era forçoso. As possessões do sul do imperio estavam afastadas de mais da capital para sobre ellas se poder exercer uma acção producente; e o indicio claro eram as tentativas de revolta dos seus governadores que, não sentindo sobre si a mão pesada da acção central, se aproveitavam d'essas circumstancias para se talharem no imperio um manto real. Reconhecendo o perigo d'essa fraqueza, o imperador determinou de mudar a sua capital para Daulatabade, e para não deixar saudades aos seus subditos, a ordem de partir foi acompanhada d'uma outra: destruir Delí. Não houve pois outro remedio senão pôr-se a caminho da nova capital.

Mas sonhára Mohamede com o imperio do mundo, e, dominado por essa idéa, não houve violencia que não

commettesse para haver os meios de o formar. As exacções fiscaes, a estiagem, que trouxe uma fome que durou annos, a depreciação da moeda por via das tranquibernias imperiaes, as guerras com o Coraçám, com a Persia, com a China, em que foi muito mal succedido, todas estas circumstancias emfim, juntas ao descontentamento produzido pela mudança da capital, todos estes vexames lançaram os paises submettidos na guerra pela independencia. Orangal readquire-a por alguns annos, e no antigo reino de Devagri os conjurados proclamaram a revolta, e elegeram seu chefe um capitão afgám, Ismael, com o nome de Naciradím. Vencidos a principio por Mohamede, porêm não submettidos, este, chamado novamente ao norte do seu imperio, abandonou as operações de guerra a um seu general, que é destroçado pelas tropas alliadas junto de Calbergá. Commandava-as um chefe d'esta região por nome Haçam Cango; e Nasradím, vendo que a republica fôra salva por elle, abdicou nelle o poder real. Haçam Cango subiu ao throno em 1347 com o nome de Alaadím Haçam Cango Bahmaní, e foi o fundador d'esta dynastia, que do seu nome se chamou Bahmanida, e que fez de Calbergá a sua capital, e durou até ao principio do seculo XVI.

Merecem duas linhas os antecedentes d'este homem. Haçam era um simples rustico que trabalhava no campo d'um brahmane chamado Cango. Nos seus trabalhos de lavoura achara um thesouro, e em vez de o guardar para si, honradamente o restituiu a seu amo. Admirou-se este da honradez do camponez, e como era do cargo dos astrologos do rei, contou o facto a el-rei. Folgou este muito d'esta prova de probidade, e fê-lo commandante de cem cavalleiros do seu exercito. Isto fez o pae d'este Mohamede Toguelaque; e, quando este passou a capital para Daulatabade, seguiu-o Haçam, recebendo em feudo a pequena cidade de Conichi. Quando foi elevado a commandante o brahmane tirou-lhe o horoscopo e prophetisou-lhe que seria rei; e fez-lhe dois pedidos, se

o viesse a ser: 1) que elle tomaria o seu nome, e 2) que o faria seu ministro da fazenda.

Haçam assim fez. A sua dynastia é chamada Bahmanida por elle ter estado ao serviço do brahmane Cango. A baralhada em que andava empenhado Mohamede foi favoravel ao novo reino, porque, assim distrahidas as forças do imperio, pôde ir resistindo até que a sua independencia foi reconhecida em 1356.

III

Agora que já sabemos como os muçulmanos se estabeleceram ao norte da peninsula dravídica, bom é que voltemos aquem do limite sul d'esse dominio, e reatemos o fio da historia das suas populações, que interrompemos no principio do seculo XIV. São os acontecimentos passados nos dois reinos destruidos, e sobre os quaes agora dominam os Bahmanidas, de grande importancia para a transformação politica que o país ia soffrer. Diante do perigo, que ameaçava essas populações, forma-se um poder tão forte que consegue deter, por mais de dois seculos, o impeto dos muçulmanos, e dar-lhes uma unidade que o país até ahi nunca vira. Será tambem para nós mais facil e mais variado o seu estudo, porque o estado poderoso que então se forma tem uma forte acção externa e de communicação com outros povos que nô-lo deixará melhor comprehender. Não possuimos d'elle uma historia seguida, continua, escripta pelos proprios nacionaes, ou se alguns fragmentos temos são sem caracter historico, e de nenhuma confiança por consequencia. N'isso continuam o caracter anterior d'esses povos, não se manifesta entre elles o desejo de narrar as façanhas dos seus reis, que as commetteram grandes, ou de contar as obras immorredouras da sua acção. Tiveram comtudo uma bella litteratura nas principaes linguas dravídicas; quer em Malaialam, quer em Tamil, Telugo ou

Canará, se acham provas bem evidentes d'um alto cultivo litterario, sobretudo no Tamil. Mas obras de cunho historico não as tiveram; e se alguma amostra excepcionalmente apparece, ella em vez de esclarecer vem em regra trazer confusão aos dados epigraphicos, e pôr em dispendio de conciliação com esses dados a imaginação do estudioso. D'elles pois só temos a esperar os mesmos escassos elementos que anteriormente nos dão; as inscripções d'esse periodo são muito numerosas, mas não bastam só por si, e veremos que nem a lista completa dos seus reis podemos ao certo constituir, ou pelo menos ha variantes que deixam em duvida o estudioso.

Mas o reino de Bisnaga, de que fallâmos, viveu em condições differentes das dos que o antecederam. Foi uma lucta constante contra os muçulmanos do norte que lhe não deixavam um momento quasi de distração, porque sobre serem seus inimigos de raça e de crença, procuravam nas gazivas que nelle faziam uma satisfação ao seu anceio de rapinagem, que em todos os tempos tanto os distinguiu. Por outra parte, quasi a meio da sua vida nacional descobriu-se o caminho maritimo da India pelo sul da Africa, e succedeu o apparecimento naquellas partes dos europeus. Ora, o contacto d'estes dois elementos e vizinhos é para os estudiosos de summa importancia, porque farão elles a sua historia á falta de historiadores indigenas. Serão esses, pois, os elementos de que nos soccorreremos para esboçar a historia politica d'esse reino, ajudados da epigraphia d'esse periodo. É forçoso confessar, porêm, que nem por isso podemos fazer uma historia completa de Bisnaga; quer os escriptores muçulmanos, quer portugueses ou outros, só poderão apreciar aquelle grande imperio exteriormente; viam-no por assim dizer na penumbra, e sem duvida que nestas condições só deviam conhecer-lhe o esbatido do contorno. E assim é. Alguns nomes de reis, nomes de cidades e de batalhas é quasi tudo o que nos dão; das luctas intestinas ou condições de vida nacional muito pouco; mas tudo é pre-

cioso na penuria de dados que possuimos. Para apreciarmos o seu adiantamento social estamos pelas mesmas causas reduzidos a inferencias, que um ou outro facto apontado nos permitte fazer; mas das suas manifestações artisticas temos bastantes provas. Os monumentos architectonicos existentes em tão grande numero em Bisnaga, e sobretudo os de Vitoba, nos seus arredores, e em Tarpurtri, são documentos irrecusaveis d'um estado bastante apreciavel de desenvolvimento; e sem duvida que através d'elles podemos ver um estado de civilisação e cultura dignas de consideração. É com taes materiaes que vamos tentar esboçar a historia de Bisnaga.

Dissemos já que em 1323 fôra destruido o reino de Orangal. Ora dois irmãos, Buca e Harihara, conseguiram salvar-se, e com alguns companheiros de fuga vieram refugiar-se aquem do Quistna, e seguindo a margem direita d'este foram fundar, diz-se, uma cidade junto do rio onde hoje passa o caminho de ferro que de Bellari vae para Daruar. Acompanhára-os na retirada um velho monge brahmane de grande fama e cheiro de santidade, a quem pelo seu saber chamavam Vidia arania, i. é, a floresta do entendimento, e que de seu nome era Mádava, erudito commentador dos Vedas. Seria com certeza para os foragidos um bom auxiliar porque lhes havia de insuflar na alma a esperança que as armas dos infieis acabavam de quebrar. E assim tambem chamaram elles á nova cidade Vidianágara, i. é, a cidade de Vidia [sabedoria, entendimento]. Diz a tradição[1] que essa fun-

[1] A tradição conta differentemente a fundação do reino e cidade de Bisnaga, e a qualidade de Mádava; e a narração que damos é uma das suas variantes, não pretendendo para ella outra vantagem que não seja a de se approximar da versão da nossa chronica. No que todas ellas concordam é na intervenção dos tres personagens de que fallámos, os dois irmãos e Mádava, para o seu estabelecimento. Qual d'ellas seja a verdadeira é o que ainda se não pôde saber, cremos; e por isso nos abstemos de as dar aqui.

dação se fez ahi por 1336, não havendo d'isso informação certa, porque a inscripção mais antiga que conhecemos nella é de 1354; e cresceu o novo reino depressa porque já em 1342 nô-lo deixa ver Bem Batuta. Neste anno este viajante muçulmano passou por Onor, e diz-nos que o seu principe dependia d'um outro, infiel, e por nome Hariabe, sem duvida Harihara I. E de tal modo estendeu elle o seu dominio que dentro de pouco a capital se veiu a chamar Vijaianágara, i. é, a cidade da victoria, d'onde nós portugueses formámos a palavra Bisnaga[1], e outras linguas europêas fórmas parecidas. As circumstancias favoreceram a infancia do novo reino. Vimos que alêm do Quistna se estabelecêra em 1347 o reino de Calbergá, e que para isso tinham concorrido os desmandos do imperador de Delí, Mohamede Togue-laque. A grande agitação que sacudiu todas as partes do imperio, e a sua pessima administração, e depois a formação do novo reino, foram os acontecimentos que permittiram a Bisnaga a vida desafogada dos primeiros momentos.

Não tardará que os reis bahmanidas, descuidados do suzerano anterior, não tendo muito a recear d'esse lado porque factos mais graves lhe prendiam a attenção, so-

---

Advertiremos desde já que essa mesma tradição discorda em qual foi o primeiro rei dos dois irmãos, se Bucá, se Harihara; e se optámos por este, no logar proprio dizemos porquê.

Ácerca de Mádava tambem ha discordancia. Apresentam-no uns como asceta vivendo na floresta e vindo depois em soccorro dos dois irmãos; outros admittem que o não foi, e que desde o principio do reinado do primeiro rei se occupou sempre como primeiro ministro dos negocios do estado, e que com o seu saber muito concorreu para a sua manutenção; concordando porêm todos ter sido homem de alta cultura litteraria.

[1] Os editores dos nossos chronistas indianos imprimiram *Bisnagá,* mas deve ser erro de interpretação, porque estes não costumavam accentuar as palavras; e segundo a etymologia deve ler-se *Bisnága (Vijaianágara).*

bretudo na fronteira de leste com os Mongoes, procurem engrandecer-se á custa dos principes seus vizinhos. Mas Bisnaga estava já forte quando tal pensamento lhes veiu; obtiveram vantagens, é certo, mas não o poderam abater.

O imperio bahmanida cedo, logo com o primeiro sultão Alaadim, se alargou enormemente; elle comprehendeu quasi todo o Decám proprio, ao norte limitado pelos Vindias, ao sul pelo Quistna, a leste por uma linha que partindo dos Vindias orientaes passava por Orangal, e a oeste toda a costa que vae de Goa a Bombaim. Foram estes os limites da sua maior expansão, mas não estavam longe d'elles os do fim do reinado de Alaadím em 1359.

O reino de Orangal que á queda do dominio de Delí readquire a sua independencia, foi desde logo tornado tributario e em 1424 annexado. O proprio de Bisnaga, apesar de comprehender quasi todo o sul da peninsula, na lucta constante com elle poucas vantagens obteve nos primeiros annos da sua existencia, até ao fim do seculo XV; só com a segunda dynastia é que elle verdadeiramente toma a offensiva e consegue infligir serios desastres aos adversarios do norte.

Importa antes de proseguirmos, determinar tanto quanto possivel a chronologia real. Não é muito facil tal determinação, porque senão possuimos dos interessados a historia escripta, tambem a epigraphia dravídica não disse a ultima palavra, antes parece começar agora apenas, e haver muito que decifrar de todo ou imperfeitamente interpretado até hoje. Alguma cousa se tem feito comtudo ultimamente, e a prova d'isso está na publicação de certas obras de grande valor neste ramo de estudos, alêm da grande copia de artigos em revistas especiaes, por nós citadas nas pp. VII–VIII d'esta introducção. Ha bastante discordancia na ordenação dos dados das inscripções, sobretudo do meado do seculo XV até ao fim; e nós seguiremos o quadro dado por Sewell por ser não só o mais moderno, mas porque attende ás ul-

timas revelações da epigraphia. Em todo o caso esta lista é ainda provisoria, porque descobrimentos posteriores neste campo poderão vir obterá-la; mas por agora quer-nos parecer que representa o estado actual dos nossos conhecimentos ácerca da genealogia dos reis de Bisnaga. E importa muito esse conhecimento, porque servirá de ponto de apoio ás nossas investigações, e dentro dos seus reinados collocaremos os acontecimentos para ordenação de periodos tão obscuros.

I DYNASTIA

1. Harihara I [1336-1350].
2. Buca [1350-1379].
3. Harihara II [1379-1401].
4. Devaraja I [1406-1412].
5. Vijaia Búpati [1418].
6. Devaraja II [1422-1447].
7. Mallicárjuna [1459].
8. Virupacxa [1470-1473].
9. Praudadeva [1476].

II DYNASTIA

1. Narsinga [? 1487-1509].
2. Vira Narsinga [1509].
3. Crisnadeva [1509-1530].
4. Achiutaraja [1530-1542].
5. Sadáxiva [1542-?].

III DYNASTIA

1. Ramaraja [1542-1564].

Ha aqui, como se vê, bastantes lacunas; dependerá o seu preenchimento de ulteriores dados, recuando-se ou avançando-se a data da ascenção de tal rei ao throno, ou ainda trazendo á serie talvez novos soberanos. Mas

se tal succede para estes como que marcos milliarios da historia de Bisnaga, peor ainda se dá na attribuição que a cada um devamos fazer dos acontecimentos passados. Sabemos que foi rapido o seu alastramento para o sul, mas as circumstancias d'essa marcha, que deve ter sido gradual, e a parte de cada um d'elles nessa tomada de posse, é o que por ora se não conseguiu ainda saber. Taes conquistas parece-nos que devem ter sido faceis. O ephemero dominio muçulmano para aquem do Quistna seguido a breve trecho da evacuação completa, lançára tal desorganisação no país, que um pouco de audacia da parte dos soberanos de Bisnaga terá conseguido resultados que em outras circumstancias teriam custado muito tempo e vidas. E depois elles deviam apparecer como libertadores; era de recentissima memoria, de ha annos apenas, a invasão a ferro e fogo dos muçulmanos e a derrocada do poder dravídico; elles eram um poder forte, da mesma raça e crença, que constituiriam lá ao norte uma barreira de encontro á qual se viria quebrar o impeto das hostes inimigas.

A propria capital recebêra o nome d'um dos membros mais venerandos da sua religião; esse poder era pois sem duvida consagrado, e era uma garantia de bonança após a tempestade! Isto dispensa-nos de fazer conjecturas ácerca da parte que cada rei tomou nessas acquisições; ámanhã uma pequena lapide viria talvez destruir toda a erudição gasta.

As luctas que elles sustentaram ao norte do Quistna com os muçulmanos são relativamente bem conhecidas, porque os seus escriptores nô-las dão por vezes circumstanciadas, e é rica, ao contrario da dos adversarios, a historiographia d'elles. São quasi que os nossos unicos auxiliares nessa tarefa. A esse respeito devemos prevenir-nos, e considerar algum tanto suspeitos esses auctores. A imparcialidade não deve ser grande em homens de fé viva, e num batalhar de todos os dias com taes inimigos; e é ler taes historias, e em especial Ferista,

como principal fonte, para perceber que devem haver ahi exagerações, e pontos de vista muito particulares á sua fé e á sua gente, que devem ter desvirtuado a verdade dos factos como passados. E depois o conhecimento travado entre uns e outros era quasi que só no campo de batalha; conhecimento imperfeitissimo por consequencia. Assim os nomes dos reis são todos ou quasi todos difficeis de identificar com os que nos fornecem os dados dos contrarios; e ha periodos d'esta historia completamente alterados naquelles chronistas.

A assanhada lucta em que os dois imperios se empenharam até 1564 tem um campo restricto; foi no Doabe, i. é, Mesopotamia, país comprehendido entre o Quistna e o seu affluente Tungabadrá, que ella quasi constantemente se travou. Territorio sempre disputado um ao outro, as suas cidades mudavam muitas vezes de senhor, conforme eram victoriosas as armas d'um contendor ou do outro. Restricto campo sem duvida para lucta tão porfiada e prolongada; e se os de Bisnaga não alcançaram dominá-lo por completo, foram precisos mais de dois seculos aos muçulmanos para emfim o senhorearem. D'este lado, pois, as armas de Bisnaga não tiveram o mesmo successo que no sul. É que o inimigo era outrò; aguerrido e irrequieto, os seus successos eram mais rapidos, e o seu valor militar muito superior.

O primeiro conflicto entre os dois imperios parece terse dado em 1364. Á morte de Alaadím, subiu ao throno Mohamedexá, ainda menor; Bisnaga e Orangal julgaram propicia a occasião para negar o tributo. Anteriormente houvera lucta com Orangal, e tal pagamento de tributo parece natural; mas não a houvera com Bisnaga e receamos que a asserção de Ferista seja apenas meio de engrandecer a sua gente. Mohamede não pôde de principio fazer-lhes frente, e foi protrahindo as negociações; mas quando se sentiu preparado exigiu o pagamento. Na guerra que se seguiu as tropas alliadas de Orangal

e Bisnaga foram desbaratadas, e a suzerania de Calbergá reconhecida de novo.

Em 1371 surgiu novamente a guerra entre Calbergá e Orangal, e na qual Mohamede tirou brilhantes vantagens do seu vassallo. Era singular a diplomacia da epoca, e como amostra diremos as causas que provocaram nova guerra com Bisnaga. Estava-se um dia, na volta, festejando esse bom exito; 300 cantores de Delí apresentaram-se diante de Mohamede e entoaram o hymno da victoria. Fôra o banquete bem regado de preciosos vinhos, e elrei, já bastante alegre e folgasão, mandou ao primeiro ministro que se gratificassem bem esses cantores á custa d'elrei de Bisnaga. O ministro pensou que talvez no dia seguinte a ordem d'elrei fosse mais sensata, e não lhe deu seguimento. Porêm elrei não se esquecêra e disse: Cuidas que não sei o que digo? Manda immediatamente a elrei de Bisnaga que pague o que ordeno a estes cantores.

Partiu o embaixador com a singular embaixada. Não folgou elrei de Bisnaga de tal brincadeira, e mandou que se passeiasse o embaixador em burro lazarento pelas ruas da sua cidade. A populaça sem duvida acolheu-o com apupos e vaias, e elrei generosamente reenviou-o a seu senhor. Estava declarada a guerra, que foi porfiada. As primeiras vantagens foram para elrei de Bisnaga. Entrando com grande exercito no Doabe, conseguiu tomar a cidade de Modogul, passando ao fio da espada a sua guarnição de 600 homens, de que só escapou um, para ir annunciar a Mohamede a carnificina. Mas não tardou que este levasse a melhor e o vencesse por duas vezes; a paz fez-se com a condição de que os cantores seriam satisfeitos da sua promessa, e só depois se pôde tratar das outras clausulas. Esta lucta fôra renhidissima, e, segundo os muçulmanos, muitos milhares de indios perderam a vida. O sultão chegára a pôr cerco á cidade de Bisnaga, mas sem successo; e é a primeira vez que tal succede.

O raja é chamado Roi Quicem Roi, mas as inscripções dão-nos Buca como reinando a esse tempo.

Em 1374 subiu Mujahide ao throno de Calbergá, e pouco tempo depois encontrâmo-lo já em conflicto com Bisnaga. Foi o caso que elle se lembrou de exigir a este que quizesse desoccupar os logares que ainda possuia no Doabe; ao que elle retorquiu que despejasse primeiro os que seu pae lhe tomára não havia muito, sobretudo Modogul e Raichor. A esta resposta Mujahide penetrou no territorio de Bisnaga indo pôr cerco a esta cidade. Estava esta apercebida, e como o raja se internara no país fugindo-lhe, quís ir em sua perseguição. Pouco depois este veiu refugiar-se na capital; veiu Mujahide sitiá-lo, mas debalde, parecendo mesmo ter soffrido um grande revés. Pelo menos elle teve que retirar-se; quís tambem tomar Adoni, não o conseguindo porêm.

Evidentemente os dois estados limitrophes eram maus vizinhos; e tarde ou cedo a contenda tinha de ser decidida com a destruição do adversario. Um nada servia de pretexto para ateiar o fogo mortiço dos interregnos de paz. Á medida que avançâmos ellas tornam-se mais amiudadas. No tempo de Ferozexá por tres vezes se trava a lucta. Ferozexá foi o mais glorioso soberano da dynastia bahmanida; e com elle a prosperidade do seu país foi elevada ao seu auge.

A primeira guerra com Bisnaga foi em 1399. Harihara II, que então reinava em Bisnaga [Ferista chama-lhe Deul Roi, í. é, Deva Raja] foi sitiar Modogul, situada no Doabe, constante fonte de desavença. Attacado porêm por Ferozexá d'improviso, foi completamente desbaratado.

Em 1401 renova-se a lucta; na origem o pretexto é futil. Havia em Modogul uma beldade de mulher, quí-la Haribara para o seu serralho, e assim lh'o fez propôr. Recusou a namorada, o que mais aguçou o apetite d'elrei, e resolveu mandá-la buscar por força. Assim se tentou fazer, mas a formosa—Pertal se chamava ella—

ao saber d'isso fugiu para longe, e ficou frustrado o projecto d'elrei. Era porêm Modogul terra de Calbergá, e, como fôra violado o seu territorio, Ferozexá invadiu Bisnaga para vingar a affronta. Bisnaga foi sitiada, defendendo-se valentemente Devaraja, mas por fim teve de pedir a paz, que foi dura para o vencido; alêm d'uma forte indemnisação de guerra o sultão exigiu a mão da filha d'elrei de Bisnaga com a cidade de Bicapor. Logo em seguida Ferozexá foi com a sua mulher visitar o genro na sua capital sendo recebido solemnemente.

Em 1417 Ferozexá quebrou a paz vindo pôr cerco á cidade de Bilconda, que pertencia a elrei de Bisnaga. Prolongou-se o cerco por dois annos sem vantagem para os muçulmanos; approximaram-se por fim as tropas de Bisnaga, e a sorte das armas foi completamente desfavoravel aos primeiros, e, vencido, Ferozexá voltou ao seu reino.

Veiu a succeder-lhe no throno Ahmedexá, e apressou-se logo este a tirar desforra dos desastres soffridos por seu irmão. Marchou com um grande exercito, e encontrou elrei de Bisnaga sem ser esperado, e tanto assim que estava deitado a dormir no jardim junto d'um cannavial. Entrados os inimigos de surpreza no seu arraial, fugiu para o cannavial, onde sendo encontrado com outros indios que cortavam cannas foi tomado por um da mesma estirpe, apenas foi obrigado a carregar cannas, podendo assim salvar-se, e vir-se refugiar na capital. Os muçulmanos devastaram os campos, e foram pôr cerco a Bisnaga; ahi a resistencia não parece ter sido prolongada, fazendo-se a paz com condições onerosas para elrei de Bisnaga.

No anno seguinte, em 1424, acaba o reino de Orangal, é destruida a capital, morto o seu rei, e annexada a maior parte do país de Telingana. D'esse lado pois a invasão muçulmana alastra-se cada vez mais.

Morreu em 1434 Ahmedexá, e havia recommendado, pelo muito amor que lhe tinha, seu filho Mohamede, ao

mais velho, herdeiro do throno, Alaadím II, que o conservou sempre ao seu lado, e o associou aos espinhos da governação. Outro que não fôra Alaadím tê-lo-hia simplesmente mettido n'uma fortaleza, e isso já representava um favor e benevolencia, porque em regra supprimiam-nos sem mais processo, para não virem posteriormente com as pretenções, perturbar o andamento dynastico. Alaadím fez tudo o que seu pae lhe pedira, mas seu irmão, impellido sem duvida pelos que o cercavam e pelo amor de mandar, abusou de tal clemencia, e pôs-se em lucta aberta com elle. Como se sentisse fraco recorreu aos inimigos da sua raça e crença, conseguindo com o auxilio de Bisnaga senhorear um certo numero de cidades da fronteira do Doabe. Vencido por fim, a paz fez-se, congraçando-se os dois irmãos.

Parece que os muçulmanos procuraram vingar-se dos soccorros prestados por Bisnaga, mas nada achámos que o confirme, sem duvida porque não terá sido grande nem abertamente feito; mas sobreveiu emfim em 1443.

Segundo Ferista não foi levianamente que elrei de Bisnaga a provocou. Preparava-se havia tempo para ella. Reconhecendo ou julgando que a fraqueza do seu exercito e do dos seus antecessores provinha da falta de archeiros nelle, porque os tinha e bons o exercito inimigo, e d'ahi, dizia-se, as suas vantagens, procurou attrahir alguns d'elles que quisessem vir servir no seu país. Facilitou até, diz-nos Ferista, a vinda d'elles muçulmanos, mandando edificar uma mesquita na sua capital, e permittindo-lhes o livre exercicio da sua religião. Formou assim um pequeno corpo de 2:000 homens muçulmanos que se applicaram á instrucção do exercito, e quando tal julgou feito, partiu com 60:000 archeiros, 80:000 cavalleiros e 200:000 peões, naturalmente como de costume para o Doabe, indo sitiar Raichor, em poder dos muçulmanos. Parece que d'esta vez os muçulmanos não foram bem succedidos, porque a paz foi bastante vantajosa para Bisnaga. Pelo menos a narrativa de Fe-

rista é bastante dubia aqui, e deixa perceber o que elle não quís confessar, e n'isso nos quasi que confirma Abdarrazaque, embaixador á côrte de Bisnaga nesse anno de guerra.

É a primeira noticia directa mais circumstanciada ácerca de Bisnaga, e por isso devemos deter-nos um momento a considerar o que a esse respeito elle nos diz. A sua visita foi curta, e por consequencia as suas informações devem ser superficiaes e quiçá viciadas, mas na penuria de dados em que estamos ellas são preciosas, e tem pelo menos a vantagem de serem de pessoa que viu o que narra, embora talvez mal.

Abdarrazaque veiu como embaixador da Persia. Desembarcou em Calecute; d'aqui seguiu para Mangalor, d'onde se dirigiu directamente a Bisnaga por Mudabidri e Bedrúr, de que nos descreve os monumentos. O raja de Calecute era independente, porêm o grande poder do seu vizinho, Bisnaga, inspirava-lhe bastante receio. Homens e mulheres andavam nús da cintura para cima, e dos joelhos para baixo; a polyandria tinha tambem adeptos. O seu porto era muito frequentado de navios de todos os países.

Descreve Bisnaga como uma cidade muito grande e bella. Era a capital d'um grande reino que se estendia de Ceilão a Calbergá, e de Bengala ao Malabar, bem povoado, e possuindo 600 portos eguaes aos de Calecute. O seu rei tinha mais de 1:000 elephantes, como altas montanhas, e 1.100:000 soldados. Não havia rei mais poderoso na India. Os habitantes eram escuros. Bisnaga era cercada de 7 fortes muralhas concentricas. A cidade era muito commercial e abundante de todo o necessario. Junto do palacio real havia 4 grandes mercados, e a casa da moeda, onde dava entrada todo o ouro de pagamento de tributos das provincias. Os seus habitantes tinham grande paixão pelas joias, ricos e pobres traziam pedras preciosas como adornos. O principe soberano era moço ainda, e a pennugem da cara mal co-

meçava a apparecer. Gaba a magnificencia das festas, que descreve, de «Mahauávami[1]».

Pela mesma epoca, um pouco antes provavelmente, porque estava de volta a Veneza em 1444, um outro viajante, mas italiano este, Nicoló di Conti, visitava tambem Bisnaga. As suas informações são menos abundantes; mas, não se contentando com ver a capital, atravessou o país de costa a costa, seguindo para Meliapor por Pennaconda. Celebra tambem a grandeza da cidade de Bisnagá, e o poder e riqueza do seu rei.

A monarchia bahmanida chegava ao seu termo. Os imperios muçulmanos não são seculares; não tarda que a disparidade dos seus elementos se desconjuncte. Germina depressa a semente, ainda mais a ramagem da arvore, mas precisa logo de enxertia, senão cahe ao menor bafo da desfortuna. Tambem assim succede com os muçulmanos do Decám; a enxertia deu magnificos resultados, e a florescencia veiu promettedora, como se verá.

O reinado de Mohamedexá foi ainda assignalado por victorias, mas era o ultimo bruxulear da candeia que se extingue. As suas luctas com Bisnaga não foram porêm, segundo parece, da mesma grandeza das anteriores, i. é, em que todo o poder do país tivesse de intervir; antes têem um caracter parcial. Assim em 1469 Caja Gáum toma Goa a Bisnaga; e só em 1472 é que este se apresenta tentando rehavê-la, mas debalde, perdendo ainda Bilgáo. Algum tempo depois Mohamedexá tentou novo córte no territorio do seu inimigo secular, invadindo a parte oriental dos seus dominios, que confinam com o Quistna e o mar. Segundo o chronista muçulmano era governador d'essa provincia Narsinga, aquelle mesmo que ha-de subir ao throno de Bisnaga, fundando uma

---

[1] Celebradas pela lua cheia de setembro, que marcava o principio do anno para elles; d'ellas nos faz uma muito minuciosa descripção Domingos Paes a pp. 100-114 d'este volume.

nova dynastia. A campanha foi feliz, penetrando Mohamedexá até Conjiverão [Canchipuram] a cidade santa do sul; e depois de saqueada esta, voltou ao seu reino.

Para o fim do seu reinado parece ter havido novamente conflicto, porque Ferista diz que Iúcufe Adilcão, senhor de Bilgáo e Bijapor, marchou contra Sivaraja, que se havia revoltado; isto é bastante obscuro, nem elle nos dá o resultado da lucta.

A fraqueza do soberano ía emfim dar todos os seus fructos. O brilho do seu reinado é devido a alguns homens de grande valor, e sobretudo a Caja Gáum; mas os serviços prestados tiveram uma recompensa bem contraria á justiça. Bebedo, debochado, tal nô-lo pinta Ferista. Nas differentes provincias os governadores faziam de reis, formando em torno de si pequenos exercitos. O valimento de Caja Gáum creou a intriga, e este é por fim mandado decapitar. Nas provincias os governadores ficaram indignados com tal acto, e recusaram apparecer mais na côrte.

Dentro de pouco Mohamedexá morreu, succedendo-lhe uma creança de 8 annos; as circumstancias eram bem favoraveis para que os ambiciosos as não aproveitassem; e os principaes senhores do imperio constituiram-se independentes nos respectivos governos. O primeiro que assim fez foi Iúçufe Adilcão, em 1489, em Bijapor; em 1490, o governador de Daulatabade, Mélique Ahmede, que funda á cidade de Ahmedenagar, para onde transfere a sua capital; em 1498, o governador do Berar, Imadalmulque, com a capital em Burhampor; em 1510, o governador de Golconda, Cutbalmulque, fundando respectivamente as dynastias dos Idalxá, dos Nizamxá, dos Imadexá, e dos Cutbuxá. Quanto ao filho de Mohamedexá, Mahmudexá, continuou a sua dynastia mas debaixo da tutella absoluta do seu ministro Cácime Beride, e com um pequeno territorio em torno da capital, que já era Bider. Por fim, em 1527, Amir Beride acabou com esse simulacro de poder, em favor dos seus. D'estes

cinco reinos em que se fraccionára o anterior são para o nosso proposito mais importantes o de Bijapor e o de Golconda como limitrophes do de Bisnaga. É com elles que este para o futuro terá de haver-se; e aqui ainda a importancia é desigual, porque Golconda raras vezes se viu em conflicto com elle, emquanto Bijapor o estará mais frequentemente, elle será o digno successor do de Calbergá na guerra santa contra os infieis. Merece pois alguma attenção mais; e vamos ver em que condições se formou e se achou para tal successão. Sirva-nos isso de desculpa para os desenvolvimentos em que vamos entrar, e tambem por ser a quem Affonso d'Albuquerque tomou Goa, e por tanto tempo o nosso poderoso e perigoso vizinho [até 1680].

Iúçufe era turco e filho, diz-se, de Murade, sultão da Turquia. Por morte d'este succedeu-lhe em 1450 Mohamede, o futuro conquistador de Constantinopla. Como acontece tão frequentemente nos estados muçulmanos, Mohamede por razões d'estado de evitar competições no futuro, mandou degollar seu irmão mais moço Iúcufe. Não o foi porêm porque sua mãe o substituio por um escravo que se parecia com elle, e que em seu logar foi morto. Iúcufe foi entregue a um mercador que o levou para a Persia, primeiro para Ardebíl e depois para Sabá, e a este facto deveu o nome de Çabaio [i. é, de Sabá], como chamam os nossos chronistas ao senhor de Goa. Ahi viveu até aos 16 annos, recebendo de sua mãe, sempre por intermedio do mercador, o necessario; e à essa edade resolveu-se a partir para o oriente a tentar fortuna. Embarcou para Goa, d'esta cidade para Dabúl, e d'aqui para a capital dos bahmanidas, entrando na guarda real como escravo turco. A sorte foi-lhe favoravel, e foi subindo em dignidade; por fim a amizade de Caja Gáum e as boas commissões que com elle desempenhou deram-lhe o governo d'uma provincia cuja capital era Bijapor. A esse tempo recebêra já o titulo de Adilcão; e foi um dos capitães que á morte do seu

amigo protestou contra tal acto retirando-se para o seu governo, e que, como já dissemos, á morte de Mohamedexá se proclamou independente em 1489.

O estado que elle conseguiu formar comprehendia uma boa parte do Decám, e um dos maiores que se constituiram sobre as ruinas do anterior. Os seus limites ao norte eram uma linha que de Calbergá por Xolapor ía sobre Chaul, ao sul de Bombaim; a leste por uma linha que ía de Calbergá a Raichor; ao sul o Quistna desde a sua juncção com o Tungabadrá até Goa. Isto no periodo que nos occupa, porque posteriormente se engrandeceu muito á custa dos estados vizinhos. O Doabe continuava a ser o campo de batalha, sempre disputado e sempre mudando de senhor a qualquer revés do adversario. A separação não se fez comtudo de mutuo accordo; e sendo o primeiro córte, todo o resto do imperio formava um corpo bastante grande para esmagar o novo reino; mas Adilcão foi feliz nessas tentativas de reabsorpção. O bom exito d'este foi incentivo para os restantes governadores, vindo todos a um accordo ácerca da partilha em 1498, em que ficaram delimitados os novos reinos.

Seria favoravel para a causa dos muçulmanos esta divisão e fraccionamento? De certo que não, antes foi uma causa de enfraquecimento, porque a somma de energias de que dispunham, as empregaram as mais das vezes nas suas luctas fratricidas. Que assim foi vê-lo-hemos dentro de breve com Crisnaraja de Bisnaga; mas no dia em que, pondo de parte por um momento essas questiunculas, se unirem e attacarem o inimigo commum, elle terá os dias contados; porêm era tal a animosidade que antes de colherem os fructos da victoria, se desavirão.

Voltemos a Bisnaga. Tambem lá sopram ventos de revolta, e a antiga dynastia estava sendo substituida por outra; e mesmo porque parecerá que nos interessa mais o que se passa entre os muçulmanos do que o que em

Bisnaga, objecto do nosso pequeno estudo. A razão é obvia e já a indicámos. A chronologia real é quasi incerta, e quasi só baseada na epigraphia, e a epigraphia de Bisnaga está longe da sua perfeição. Muitos dos seus dados são ainda provisorios, porque até ella por vezes se contradiz, e outras tambem não nos permitte marcar os limites extremos dos reinados, temos datas intermedias, e ficâmos indecisos. Nestas condições o nosso intuito só póde ser satisfeito em parte, e já que elles nos não dizem o que fizeram, saibamos d'outros o que elles lhes fizeram ou contra elles praticaram. Os historiadores muçulmanos das dynastias do norte dizem-nos a parte que os seus tiveram nessas lutas e competições; e como as do sul contra os elementos indigenas, independentes ou vassallos, não tiveram a mesma dita de achar quem os transmittisse ao futuro, a nossa narrativa tem quasi exclusivamente de limitar-se aos acontecimentos passados primeiro com os bahmanidas, e depois com o Adilxá, o Idalcão dos nossos chronistas, e secundariamente com os outros reinos muçulmanos. É isso que, como se viu, fizemos, e que com bastante pesar nosso teremos de continuar.

Uma prova bem frisante do que acabâmos de dizer, relativamente á obscuridade que ha na chronologia dos reis, temo-la no periodo de que vamos tratar. A antiga dynastia de Harihara é desthronada por Narsinga, que fundou uma nova, que estava destinada a dar dias prosperos a Bisnaga. Mas quem era esse Narsinga, e como, e quando subiu elle ao throno? Difficil nos será dizê-lo ao certo. Parece que ahi por 1480 elle era já regente do reino, e que seria um antigo governador da parte oriental do país para os lados do Quistna inferior, e o mesmo com quem Mohamedexá teve as lutas que contámos.

Os historiadores muçulmanos apparentemente não nos podem servir de guia porque são extremamente confusos a este respeito. Segundo elles, durante um

largo periodo de tempo, desde 1489, a soberania real passa de facto para o primeiro ministro Himraja, ainda que nominalmente o esteja n'um moço rei. A guerra que elle teve de sustentar em 1492 com o Idalcão, em que este pretendia tomar Raichor, foi-lhe desastrosa, e, ferido na luta, o moço rei morreu, senhoreando definitivamente o poder Himraja. Parece, pois, que d'este anno deve datar o começo da nova dynastia, mas com isto não concordam os auctores. Burnell, alêm de dar um quadro differente do nosso, faz vir o reinado de Virupacxá até 1490, anno em que por consequencia faz começar o de Narsinga. Caldwell dá a data de 1487; e uma inscripção estudada por Sewell dá um segundo Narsinga, filho do primeiro, reinando em 1509, mas o auctor do *Kanara (Bombay Gazetteer*, vol. xv) diz ter succedido a seu pae em 1487. Diante d'uma tal conflagração de dados, e desencontradas opiniões, o melhor será esperar novas informações para então se affirmar com maior segurança.

Os successores d'este Narsinga são mais bem conhecidos, porêm não ao certo as suas relações de parentesco. Em Ferista continua a mesma confusão. Segundo elle Himraja morreu em 1530, e succedeu-lhe seu filho Ramaraja, que em 1564 foi vencido e morto em Talicota. O mesmo historiador dá duas vezes a historia das circumstancias em que tanto um como outro senhorearam o poder, e sensivelmente differentes. A primeira versão já a demos. A segunda diz que por morte de Seoroi, lhe succedeu seu filho mais velho, mas morrendo dentro de pouco foi substituido por seu irmão mais novo que tambem falleceo. O successor legitimo tinha apenas tres meses, e Himraja ficou regente durante 40 annos, graças ao envenenamento do seu pupillo quando chegou á sua maioridade, e ao ter collocado no throno um outro membro da familia de menor edade. Quando morreu Himraja succedeu-lhe nas mesmas funcções de regente seu filho Ramaraja. Quis este tomar o supremo poder,

que tão arrastado andava, mas não lh'o consentiu a nobreza. Então Ramaraja levou ao throno um representante menor da familia real mas da linha feminina, e deu-lhe por curador seu tio Hoje Termul Roi, homem de mingoado espirito, e do qual pouco tinha a recear. Assim se passaram 5 ou 6 annos. Neste tempo Ramaraja partiu para uma expedição ao Malabar; aproveitaram-se de tal ausencia os seus inimigos, que não viam sem inveja nas suas mãos o poder real, e conseguiram alliciar o espirito fraco de Hoje Termul Roi. Um escravo que se apresentou como alma d'esse movimento e pretendendo libertar o moço rei, apressou-se a tomar o logar de ministro. Foi feliz o movimento, e o regio pupillo readquiriu effectivamente o poder, porêm não por muito tempo, porque seu tio o estrangulou, pondo-se no seu logar. Este parece ter sido violento, e não tardou pois que os descontentes chamassem Ramaraja, que governava a parte que lhe permanecêra fiel. Então Hoje Termul Roi, receoso da sua pessoa e do seu throno, chamou em seu soccorro elrei de Bijapor, que então era Ibrahim Adilxá (1535). Esta intervenção estranha manteve no throno Hoje Roi, mas apenas as tropas de Bijapor se retiraram, Ramaraja recomeçou a luta; e Hoje Roi em situação desesperada houve por bem suicidar-se, em seguida ao que Ramaraja ficou senhor incontestado do poder. É este mesmo Ramaraja que morrerá no campo de batalha de Talicota.

Até que ponto esta trapalhada de Ferista representa a verdade não o sabemos, mas ha inexactidões nesta narrativa que os dados que possuimos nos permittem desde já desfazer. O chronista muçulmano não cita um soberano, Crisnaraja, que é de toda a historia d'este país o nome mais importante, e não ha duvida alguma ácerca da sua existencia, dizem-no-lo as innumeras inscripções do seu reinado, assim como os viajantes europeus nestas partes durante o seu tempo, e os nossos chronistas da India, Barros, Couto, Gaspar Corrêa, etc.

Dizer pois que o país de Narsinga (Himraja?) a Ramaraja apenas teve no throno creanças ou imbecís, é menos verdadeiro. Foi justamente no periodo que vae de 1509 a 1530 que o poder militar de Bisnaga foi maior e mais se fez sentir sobre os estados muçulmanos vizinhos, como veremos.

IV

Entrâmos agora no ultimo capitulo da historia de Bisnaga, e aquelle em que o contraste é maior, mas proprio dos imperios orientaes. Bisnaga subirá n'este periodo ao seu maior auge de prosperidade, mas isso dura apenas a vida de um homem, e logo caminha para uma decadencia que a breve trecho é a ruina de um dos maiores imperios da Asia. Alêm da guerra de 1492 com Bijapor não parece ter havido outras até ao reinado de Crisnaraja. Narsinga parece ter feito bastantes conquistas no sul não de todo submettido ainda ou revoltando-se em occasião propicia; mas é difficil seguir pelas inscripções a historia d'ellas. Já não tanto assim com Crisnaraja, porque sabemos alguma cousa mais e podemos acompanhar menos mal essas vicissitudes.

Crisnaraja foi coroado em 1509, e foi o maior conquistador de Bisnaga. Coisa notavel comtudo nem Ferista nem qualquer outro chronista muçulmano nos falla d'elle, nem claramente das suas victorias sobre os seus; e chamam ao soberano d'então Himraja, isto é talvez o Narsinga seu antecessor, que elles fazem reinar até 1530. Já atrás nos referimos a este facto e a elle reenviamos o leitor. O seu periodo é dos mais bem conhecidos e em desacordo completo com esses dados. Abrâmos as decadas de João de Barros ou de Diogo do Couto e virnos-ha a convicção d'isso mesmo; não ha que duvidar da sua existencia nem de que fosse um grande guerreiro, porque elles longamente nos narram nellas as suas façanhas, e nos dizem que beberam as suas informações

nas fontes originaes. Mas não são só os nossos chronistas contemporaneos que nô-lo dizem, são tambem os viajantes do seu tempo que ou visitaram a sua côrte ou tocaram nos seus vastos dominios, assim Varthema, etc. E os proprios naturaes nô-lo testemunham nalgumas magras chronicas, como a de Condavido e a dos Quéralas, em que se faz menção das suas conquistas nos respectivos países; e por fim ha abundantissimos elementos epigraphicos, muito mais numerosos do que para qualquer outro soberano de Bisnaga. Submetteu completamente uma parte do Maissor actual tomando as cidades de Xivasimudra e Seringapatão; posteriormente em 1513 conquistou a cidade de Udaigri e seu termo no actual Nellor; em 1515 acabou com o pequeno principado de Condavido, ao sul do Quistna, penetrando depois alêm do dito rio no reino de Orissa, e tomando a filha do rei d'este país por mulher. D'este lado a fronteira de Bisnaga estendeu-se bastante até ás margens do Godavarí e cortando a saída do mar ao nascente reino muçulmano de Golconda. Estas são em breve resumo as conquistas que consta ter feito; mas os chronistas muçulmanos vão dar-nos um supplemento de informação, e que lhe devem dizer respeito — já vimos que o não nomeiam — pelas datas em que se passaram taes factos.

Em primeiro logar referem a conquista de Raichor e Modogúl, cidades importantes e tão disputadas do Doabe. Em 1520 Ismaelxá tenta rehavê-las mas em vão; o seu exercito foi totalmente destruido e elle proprio escapou com difficuldade. Não foram pois felizes as emprezas dos muçulmanos de Bijapor; mas não são estes só os seus limitrophes de egual crença, porque tinha a nordeste os do reino de Golconda. Tambem com elles teve a haver-se. Segundo Ferista as tropas de Bisnaga foram vencidas em Pangal, e tomando o exercito de Golconda as cidades de Covilconda e Gampura.

D'ahi a pouco renovou-se a guerra, e d'esta vez vindo o rei de Bijapor em auxilio do de Bisnaga, mas Golconda

parece ainda ter levado a melhor. Isto comtudo parece estar em desacordo com os progressos feitos por Crisnaraja para os lados de Orissa e a extensão das suas fronteiras até ao Godavarí.

Os acontecimentos que depois se deram em Bisnaga são em Ferista narrados muito confusamente, como já anteriormente dissemos. A luta de competições que se trava então junto do throno entre o verdadeiro soberano e Ramaraja foi uma epoca de grande perturbação para Bisnaga, e por isso de fraqueza. Como tantas vezes succede esqueceram-se odios e brios, e recorreu-se á intervenção d'elrei de Bijapor. A narrativa de Ferista é bastante incoherente e nenhuns outros dados vieram até hoje confirmá-la. Numa d'essas occasiões Ibrahimxá de Bijapor tentou tomar Adoni, cidade do Doabe, mandando cercá-la Açadacão; porêm Ramaraja já então senhor do throno, diz-nos Ferista, mandou seu irmão em soccorro d'aquella fortaleza, conseguindo este frustrar os desejos d'aquelle.

Mas se de tempos a tempos as lutas internas se ateiavam, não era isso privativo de Bisnaga, antes muito frequente entre os muçulmanos da India, como de resto nas outras partes onde se estabeleceram. O fraccionamento do imperio bahamanida em tantas soberanias differentes trouxe em breve, senão logo depois de constituidas, uma incessante discordia entre ellas, enfraquecendo-as perante os inimigos que as cercavam. E se os de Bisnaga faziam intervir os muçulmanos nas suas questões internas, é tambem certo que os contrarios, em momentos de apuros ou de desabrimento, recorriam ao mesmo expediente. É assim que depois de 1542 se formou contra Bijapor, o mais poderoso e viril estado muçulmano do Decám, uma formidavel colligação dos outros estados successores dos bahmanidas, em que tambem Ramaraja de Bisnaga entrou. Como de costume este começou por sitiar Raichor, já em poder de Bijapor. Comtudo esta colligação que tão ameaçadora vinha não

deu resultado, vindo Bisnaga a fazer a paz depois de algumas concessões da parte de Bijapor.

Em 1550 e 1551 novo conflicto, mas em que os contendores estão distribuidos differentemente. Agora é Ramaraja, alliado de Nizamxá, contra Bijapor e os seus alliados, sendo nestes dois annos as vantagens da parte de Nizamxá e de Bisnaga. Ramaraja depois das primeiras victorias parece ter abandonado o seu alliado, porque depois Ibrahimxá de Bijapor desbaratado e acossado por um seu capitão é forçado a refugiar-se na capital. Nesta conjunctura difficil diz-nos Ferista que chamou Ramaraja em seu soccorro, o qual effectivamente mandou um exercito que venceu o general rebelde. Com Ramaraja os tempos de Crisnaraja parecem pois ter renascido. As victorias alcançadas, quer dos naturaes rebeldes, quer dos inimigos muçulmanos, attestam-nos a vitalidade do seu país, e comtudo não estava longe a sua ruina. Os estados vizinhos, ou porque receassem o tamanho desenvolvimento de Bisnaga, ou porque as treguas nas suas proprias questões os deixasse livres, alliaram-se para destruirem este seu inimigo commum.

Mas antes que isto narremos voltemos um pouco atrás para vermos a quem succedeu este Ramaraja e quem elle era. Nós temos seguido nestas guerras com os estados muçulmanos a narrativa de Ferista, e os outros dados que possuimos não coincidem com os seus. Não se póde duvidar de que a Crisnaraja succedeu Achiutaraja, e que este reinou desde 1530 a 1542. Qual fosse o seu parentesco com o seu antecessor é que se não tem podido determinar ao certo, porque as inscripções dizem umas que era filho outras que irmão, mas parecendo merecer mais credito estas ultimas. O successor de Achiutaraja foi Sadáxiva ao qual succedeu em 1542, e ignorando-se o seu parentesco com o anterior pela mesma discordancia da epigraphia. Reinou desde 1542 a 1568, mas sempre debaixo da tutella de Rama e, depois da morte d'este, de Tirumala, ambos seus mi-

nistros, mas que se lhe substituiram completamente na soberania regia, fortalecendo-se ainda com o seu casamento com duas filhas de Crisnaraja. Com Sadáxiva termina pois a poderosa dynastia fundada por Narsinga, a qual tanto esplendor deu a Bisnaga. A interinidade de Rama não foi menos brilhante e os dois estados muçulmanos limitrophes disputavam-se a sua alliança. Vimos como elles por differentes vezes recorreram a elle para sahirem de apuros quer internos quer externos. Um tal poder de infieis, ainda que servindo-os em determinadas circumstancias, não podia deixar de bastante os intimidar, porque o que hoje era alliado podia ámanhã, por qualquer reviravolta da fortuna, ser seu inimigo.

Outros factos vieram ainda a favor d'esta predisposição dos animos e determinaram a ruptura. Elrei de Bijapor tivera Ramaraja por amigo por muito tempo. Morreu a este um filho, e para provar-lhe o seu apreço veiu a Bisnaga com um pequeno sequito de cem cavalleiros, como prova de confiança, a exprimir-lhe pessoalmente os seus sentimentos de condolencia. Ramaraja, ensoberbecido pelos seus amiudados triumphos, tomou o facto de alto, e considerou-o como uma especie de vassallagem, e assim o parece ter manifestado pela sua arrogancia; e á saída d'elrei de Bisnaga não o acompanhou, como a etiqueta exigia para tal personagem, e que com taes intenções vinha. Ficou o rancor no peito do muçulmano e o desejo de vingança tambem. Mas a politica tinha exigencias e no meio das lutas que Adilxá tinha a sustentar via-se forçado, para não succumbir, a valer-se da alliança de Bisnaga. Em 1558 a guerra rebentou entre Adilxá e Nizamxá porque este não quís restituir Xolapor como fôra estatuido na paz anterior. Ramaraja e Cutbxá juntaram-se a Adilxá. O exercito de Rama commetteu taes excessos que aos menos orthodoxos dos muçulmanos revoltou-se a consciencia contra taes infieis, e ainda para mais acirrar os animos e mais desgostar, Ramaraja exigiu dos dois alliados fortes com-

pensações territoriaes. Desde esse momento a medida encheu-se. Formou-se uma liga entre todos os estados muçulmanos para emfim se acabar com aquelle incommodo vizinho. Em 1565, no campo de batalha de Talicota, o exercito de Bisnaga foi completamente destruido, e Ramaraja morto. Depois d'isto os alliados penetraram na cidade de Bisnaga, e as casas, os seus palacios e templos foram postos a saco. Tirumala, irmão e successor de Rama, ainda tentou reunir os restos dispersos do que ha pouco ainda era grande reino, repovoar Bisnaga e restabelecer a antiga capital. Tudo foi debalde[1]; e resolveu-se então a transportar a sua capital mais para o sul, onde mais livre estivesse do inimigo, para Pennaconda, em 1567. Era apenas o principio do movimento de recúo, porque abertas as fronteiras ao movimento dos muçulmanos, as populações foram cedendo áquella pressão disciplinada do norte.

Comtudo eram ainda grandes e vastos os dominios de Tirumala e seus successores, mas as fracas qualidades guerreiras das suas populações, a sua desmoralização pelo grande revés soffrido, e acima de tudo as ambições dos capitães que longe da acção central queriam fortalecer as suas posições de não dependencia, deitaram tudo a perder.

---

[1] Segundo Federici, viajante italiano, que visitou a cidade de Bisnaga em 1566, Ramaraja só fôra vencido por causa da traição de dois capitães mouros que andavam ao seu serviço, e que se passaram ao inimigo.

A cidade depois da batalha foi posta a saque em 1565, mas os alliados retiraram-se em seguida do país. Tirumala (a quem chama Timaraja), segundo elle, continuou com a sua capital alli até que um novo attaque á cidade em 1567, o fez abandoná-la. A cidade não foi destruida, ficaram os seus monumentos e edificios de pé, e só habitado, diz elle, pelos tigres e outras feras.

Tambem segundo o mesmo viajante, os tres irmãos tinham usurpado o poder havia 30 annos. Cf. A. Gubernatis, *Storia dei viaggiatori italiani nelle Indie orientali* (p. 128-9; p. 289-90).

Em 1577 os muçulmanos vieram contra a nova capital, mas foram repellidos; e o governo de Ranga, filho e successor de Tirumala teve um certo desafogo e dominio bastante directo sobre a parte meridional da peninsula. Mas eram os ultimos lampejos, porque seu irmão e successor Vencatapati transferiu a sua capital ainda mais para o sul, para Chandregrí.

Vencatapati morreu em 1614 sem descendencia; e as perturbações que se seguiram á sua morte desconjuntaram por completo o que ainda restava do antigo reino de Bisnaga. O país fracciona-se em pequenas soberanias; mais tarde Mogoes e Maratas devastam o país; as nações europêas disputam-se as suas costas, hollandeses, franceses e ingleses, até que no fim do seculo passado estes dominam todo o país.

A cidade de Bisnaga nunca mais se levantou das suas ruinas; sobre ellas erguem-se apenas duas miseraveis aldeias, Camalapor e Humpi. A vida moderna passa alli, o caminho de ferro que de Béllari vae a Dáruar, mas passa depressa porque aquillo só é um cemiterio. São muitos os destroços numa área de 24 kilometros quadrados, mas informes, afóra os restos de bastantes templos, espalhados aqui e acolá, e alguns edificios publicos que têem resistido á acção do tempo, e deixam uma impressão de tristeza.

Do outro lado do Quistna ergue-se uma pequena aldeia, Anagundí; o seu chefe é o unico representante dos antigos reis de Bisnaga, pela linha feminina, e que através de todas as calamidades politicas da peninsula soube conservar aquelle seu bem mesquinho patrimonio. O actual chama-se Narsinga e nasceu em 1870.

DYNASTIAS MUÇULMANAS DO DECÁM

I

DYNASTIA DE CALBERGÁ

II

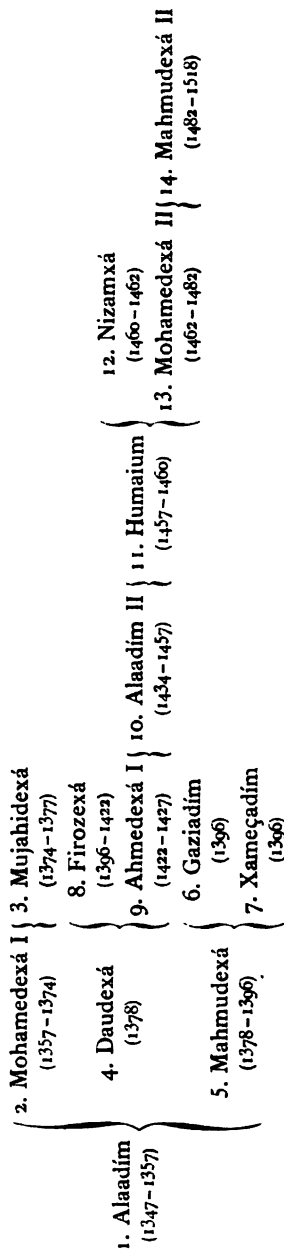
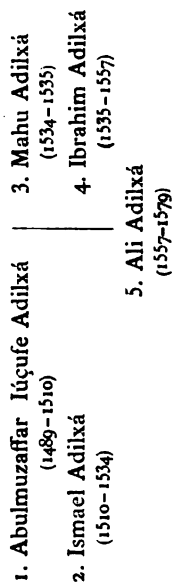
DYNASTIA DE BIJAPOR

1. Abulmuzaffar Iúçufe Adilxá
(1489-1510)

2. Ismael Adilxá
(1510-1534)

3. Mahu Adilxá
(1534-1535)

4. Ibrahim Adilxá
(1535-1557)

5. Ali Adilxá
(1557-1579)

V

O seculo XVI é em Portugal o de maior actividade politica e litteraria. Após um esforço continuo e persistente ao longo da costa occidental da Africa, tinham os portugueses passado o cabo Tormentorio e aportado a Calecute. A vida nacional recebeu um forte abalo, e como que ao bafejo da aurora a litteratura floresceu exuberantemente. A sciencia historica apresenta-nos então magnificos exemplares; o quadro da sua acção alargara-se immensamente e os nossos chronistas indianos souberam abrangê-lo. O que fazem elles ao historiarem as nossas lutas com aquellas gentes? É um mundo desconhecido; e elles procuram por todos os meios lançar ahi luz, buscam informações entre esses povos, e se elles possuem livros que d'isso tratem. Seguem um bom processo; a proposito de cada acontecimento com os Indios ou outros elles dizem-nos em que circumstancias está o país, quem o domina, usos, costumes, antecedentes historicos; e assim se faz a luz no espirito do que procura nas cousas as suas causas; elles são os verdadeiros precursores dos orientalistas modernos, investigadores e concatenadores. Muitas vezes bebem nas fontes originaes, outras recorrem a interpretes; ha uma sofreguidão de saber nelles que é tanto mais admiravel quantos os elementos de que se podia lançar mão eram poucos.

De dois sobretudo podemos nós afoutamente asseverar que foram orientalistas; d'elles podemos dizer que se não contentaram simplesmente com o que ouviram contar, mas que procuraram beber directamente na fonte, compulsando os documentos escriptos dos povos até onde chegou a acção portuguesa desde a costa da Africa oriental até á China: Barros e Couto. Não é que elles sejam os unicos que manejam bem a sciencia historica, ou que só elles saibam interrogar e interpretar os livros orientaes, porque outros effectivamente neste seculo

lhes levam a palma ou podem competir com elles. Damião de Goes sobreleva-os sem duvida no senso critico e philosophico; Garcia da Orta, alêm de um naturalista distinctissimo, conviveo longamente com os principes indianos, muçulmanos e gentios. Comtudo Barros e Couto merecem uma menção especial porque contribuiram fortemente para o aclaramento da historia politica d'esses povos. Os nossos viajantes dos seculos XVI e XVII são notaveis pelas informações que colheram dos países que atrevessaram, mas são menos amplos os seus horizontes, e raramente ha nelles o conhecimento retrospectivo e documental que caracterisa Barros e Couto. Aquelles dão-nos preciosas informações do estado presente d'esses países; mas Barros e Couto procuram o que no passado póde explicar o presente valendo-se dos dados oraes ou escriptos que podem haver dos naturaes. Esse é tambem o dever do seu processo, mas não deixa de ser para notar e louvar quando se trata d'um mundo que estava por revelar. Barros é mais estylista, mais artista e mais jactancioso do que Couto; mas este é talvez mais analysador e profundo, e tem sem duvida a vantagem de ter vivido no foco dos acontecimentos e do país que descreve; é mais chão, mas com isso se apraz á verdade e severidade da historia, porque o brilho da phrase desvirtua por vezes os factos.

Não é difficil provar a affirmação de que estes dois chronistas são verdadeiros orientalistas; abramos as suas Decadas e ahi encontraremos quanto baste para isso; são elles proprios que nô-lo dizem[1].

Para a historia antiga das cidades da costa oriental da Africa, desde a introducção do islamismo, conseguiu haver uma chronica arabe: «Segundo apprehendemos por huma chronica dos Reys de Quiloa.» [I, liv. VIII, c. IV

---

[1] Veja-se tambem a este respeito o estudo do sr. Sousa Viterbo, *O orientalismo em Portugal no seculo XVI* (Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, t. 12, p. 317–330, 1893).

e vi]. É a unica cousa que possuimos dos arabes ácerca da fundação d'aquellas cidades; foi traduzida do português por Guillain para francês[1]; e recentemente foi publicado o texto arabe em Londres por A. Strong[2].

Descrevendo as costas do golfo persico diz: «O que a terra tem em si, e o modo do seu viver, em os Livros da nossa Geographia se verá, tirado da Geographia dos proprios Arabios, Perseos, dos quaes nós temos cinco Livros, dous em a lingua Arabia, e tres na Parsea». [iii, liv. vi, c. iv.]

Ácerca da entrada dos mouros no Guzerate segundo os escriptores do reino do Guzerate: «Elles mesmos nas suas historias se confutam.... mas nesta nossa narração seguiremos a mais commum opinião dos escriptores do mesmo Reyno do Guzerate» [iv, l. v, c. i]; e mais adiante diz: «As chronicas dos Persas, de que nós tomamos algumas cousas dos Reys della para esta nossa historia.»

As noticias geographicas e de costumes que dá dos Mogoes são tambem tiradas dos Persas. [iv, l. vi, c. i.]

Ácerca do Decám diz: «A entrada dos Mouros per armas na India, entre os gentios e elles ha grande variedade, principalmente na concordancia dos tempos: porque os Mouros do reyno Guzerate a escrevem per hum modo, os do reyno Decam per outro, e as chronicas dos reys gentios de Bisnaga levão outro caminho: porem todas convem nisto, que o conquistador faz rey do reyno Delij. E nesta relação que aqui fizemos, porque todas estas chronicas ouuemos, e nos forão intrepretadas, seguiremos o que ora tem os Mouros que senhorearão o Reyno Decam de que falamos: porque se conformão muito no tempo com a chronica geral dos Persas que he o Tarigh de que no principio fizemos menção, que

---

1 *Documents sur l'Afrique Orientale*, i, p. 175-183.

2 *The history of Kilwa (Asiatic Journal*, 1895).

com outros volumes da historia e cosmographia Persia ouuemos d'aquellas partes.» [II, l. V, c. II.]

Ácerca do modo de escritura dos Indios diz: «Escrevem em folhas a que chamam olla; servem-se d'um estylo de ferro ou de páo rijo. Escrevem da esquerda para a direita, e de que se falla nos commentarios da geographia. A maior parte das cousas da sua religião, e creação do Mundo, a antiguidade da povoação delle, a multiplicação dos homens e chronicas dos Reys antigos, tudo he um modo de fabulas, e quasi metamorfoseas de transmutações. E segundo o que desta sua escritura temos alcançado por alguns livros, que nos forão interpretados todos......» [I, l. XIX, c. III.]

A proposito da invenção do xadrez diz: «Faremos huma pequena digressão, recitando o que temos sabido da invenção delle per doutrina de hum livro escrito em Parseo chamado Tarigh, que trasladamos desta lingua, o qual he hum summario de todolos Reys que foram na Persia, té hum certo tempo que os Arabios com sua secta de Mafamede a subjugaram.» [II, l. IV, c. IV.]

A respeito da China diz tambem: «Da qual costa não sabida dos navegantes damos demonstração, e de todo o interior desta grande Provincia da China, em as Taboas da nossa Geographia, tiradas de hum livro de Cosmographia dos Chijs impresso per elles, com toda a situação da terra em modo de Itinerario, que nos foi de lá trazido, e interpretado per hum Chij, que pera isso houvemos.» [I. l. IV, c. I.] Mais adiante diz do mesmo: «E eu dou-lhe alguma fé, porque hum escravo Chij que comprei pera interpretação destas cousas, sabia tambem ler e escrever nossa linguagem...»

Até aqui temos dado apenas affirmações de Barros; mas ha nas suas Decadas duas outras passagens em que encontrâmos as provas d'esse saber, e que por consequencia taes affirmações são ou parecem verdadeiras. Ácerca do Sabaio, senhor de Goa, i. é, o Idalcão, diz: «Segundo a geral opinião d'aquelles que sabiam os prin-

cipios da fortuna deste Sabayo, elle era natural da Persia de huma cidade per nome Sabá, ou Savá, porque per hum modo, e per outro a nomeam os Parseos, os quaes quando formam os nomes patronimicos, dizem de Sabá, Sabaij; de Fars pola Persia Farsij; e de Armen por Armenia Armenij, e por este modo formam todolos outros; e segundo esta verdadeira formação, havemos de chamar a este homem Sabaij, e não Soay, ou Sabayo como nós formamos». [II, l. V, c. II.]

Acerca da etymologia de Ceilão diz tambem: «E.... quando os Arabios, e Parseos, que depois dos Chijs per commercio entrarão na navegação d'aquellas partes, do cabo Comorij pera diante, como cousa em que deviam ter tanto em seu navegar, traziam muito na boca estes baixos de Chilão e por não saberem o nome proprio da Ilha, deram-lhe este dos seus baixos: E porque esta syllaba Chij não corre muito na boca dos Arabios e Parseos, e he lhe mais corrente na sua lingua estoutra Ci, por terem duas letras no seu alphabeto, que querem imitar a elle na prolação, as quaes são Cim, e Xim, mudando Ch em Ci, chamaram a ella Ceilão ou (por fallar mais conforme a elles) Cilan, e nós lhe chamamos Ceilão. Este nome he segundo a gente popular, que os letrados Arabios, e Parseos em suas Geographias per nome antigo lhe chamam Serandib.» [III, l. II, c. I.]

Quem entra nestas particularisações não é um simples curioso, é um entendido na materia; é um homem que não se contentou só com o que ouviu dizer mas que foi muito alêm da tradição oral. Podem as suas informações não serem perfeitamente exactas, porque não teve diante de si todos os elementos da questão para a discutir, confrontar e tirar uma resultante critica. Podemos fazê-lo nós hoje? Em bastantes casos não, e comtudo temos muitos mais dados.

Couto é menos abundante d'estas referencias do que Barros, talvez porque a este se lhe proporcionassem mais por ser o fundador da obra. Comtudo disse o suf-

ficiente para confirmar a nossa opinião acima dita. Assim tratando de como os mouros conquistaram o Decám diz: «Primeiro que tratemos das guerras, que este anno fes o Idalxá ao Estado sobre as terras firmes de Salsete, e Bardés nos pareceo bem darmos razão de todos estes Reys Mouros de Visapor, e do tempo em que se conquistou este Decám, posto que João de Barros o tenha já feito. Mas ficaram-lhe muitas cousas, de que o não souberam informar, que nós alcançamos, e soubemos pela communicação de muitos annos, que tivemos nesta cidade de Goa com os Embaixadores destes Reys, em cujo poder achamos as Chronicas daquelles Reynos...» [IV, l. X, c. IV.] Dá em seguida a lista dos reis mouros do Decám e fallando de Cuso Adelcan diz: «João de Barros confundio o nome do Gentio Savay com o de Cuso Adelcan, dizendo no terceiro livro da decada segunda que quando entramos na India era Senhor de Goa um mouro chamado Savay, a que commumente chamamos Sabayo, vassallo do Rey do Decám, Parseo, natural da cidade Savá. Disto se riram seus filhos bem, quando lhe liamos isto, dizendo que seu pai não era senão turco, nem se chamava senão Cuso.»

A verdade é que Barros é que parece ter razão com a variante que damos atrás na nossa narração, porque pelo menos as suas informações se approximam mais do que diz Ferista e outros chronistas muçulmanos. A lista dos soberanos do Decám dada por Couto está muito longe do que aquelles auctores nos dizem d'elles, e Ferista devia estar bem informado por ter vivido e feito a sua obra sob os auspicios do soberano de Bijapor. A lista dada por Barros dos soberanos do Guzerate tambem está até certo ponto inclusa nesta mesma variante.

Se Couto parece ter sido assaz infeliz com a do Decám, não o parece ter sido com igual força, tanto quanto nós podemos affirmá-lo, com a dos de Canará ou Bisnaga. Barros d'este reino apenas fez algumas considerações geraes como se fez em Gaspar Corrêa, Casta-

nheda, Damião de Goes, Duarte Barbosa, etc.; porêm Couto dá-nos a sua historia desde a sua fundação, e deve ter tido elementos originaes á vista para nô-la fazer. Diz elle: «Este reino de Canará, segundo suas escrituras, teve principio quasi nos annos de mil duzentos e vinte de nossa Redempção. O seu proprio nome é Charná Thacá, que de corrupção em corrupção se veio a chamar Canará.» No sitio onde depois foi a cidade de Bisnaga vivia um bramane de vida santa e religiosa, alimentando-se de fructos silvestres. Passava longas horas em adoração sem comer nem beber, senão o leite que um pobre pastor lhe vinha trazer. Um dia o bramane para o recompensar disse-lhe: «Tu serás rey e Imperador de todo este Indostão, e eu o pedirei a Deos.» E assim foi; assenhoreou-se de todos aquelles reinos e estados; e intitulou-se Bocá Ráo, que quer dizer Imperador. Sabendo-o o rei de Delí foi contra elle, mas desbaratou-o Bocá; e no logar fundou uma cidade em memoria de tal victoria, a qual por isso se chamou Visaja Nager, que quer dizer cidade de victoria, e que nós corrompemos em Bisnaga, e os naturaes lhe chamam reino de Canará. A lista dos seus reis é a seguinte, tambem segundo Couto, e que nós resumiremos.

1. Bocá Ráo. Reinou 25 annos. Abdicou em seu filho

2. Harcará Rayo. Reinou 40 annos. Homem valoroso e conquistador de muita parte do Decám. Succedeu-lhe seu filho

3. Deva Rayo. Reinou 20 annos. Conquistou todos os reinos do Balagate. Succedeu-lhe seu filho

4. Visia Ráo. Reinou 20 annos. Valoroso, de grandes thesouros; teve grandes guerras com Deli, morrendo numa d'estas.

5. Diva Ráo. Reinou 10 annos. Vingou seu pae e conquistou os reinos de Delí.

6 e 7. Deixou dois filhos meninos, a que Couto não soube os nomes. Reinaram ambos, um 12 annos e o

outro 16. Em tempo do primeiro dos dois rebellaram-se os reinos de Delí, e o seu rei («que era Xano Saradim como João de Barros lhe chama, e as escrituras Canarás Togalaca, como já na quinta decada temos dito») entrou pelos reinos do Decám perto dos annos de mil trezentos e doze, conquistando-os todos e deixando um sobrinho por governador. O rei do Canará ficou recolhido na cidade de Visaya Nager, com todos os reinos que possuiam os seus primeiros fundadores. Fallecidos estes dois irmãos sem herdeiro, succedeu-lhes um tio irmão de seu pae, chamado Narsinga, homem muito valoroso.

8. Este Narsinga, não quís tomar o titulo de Ráo ou de Rayo mas tomou o de Naique, por mais humilde, que é como dizer capitão ou duque, e assim se ficou chamando Narsinga Naique. Viveo muitos annos; fez sempre muitas guerras aos mouros, e foi muito nomeado no mundo; e os estrangeiros italianos que antes dos portugueses vieram á India por terra, como este reino era o mais rico do Oriente, e o rei Narsinga grande favorecedor de estrangeiros, diziam cá na Europa que vinham do reino de Narsinga; e assim o nomeam João de Barros e Damião de Goes, porque lhes não souberam dizer a razão d'este nome. Narsinga Naique reinou 20 annos. Succedeu-lhe

9. Crisna Ráo. Reinou 30 annos. Foi o mais valoroso de todos os reis do Canará, tornou a conquistar Delí, onde reinava Saltão Hamed, filho de Togalaca. Aos 28 annos do seu reinado levantou-se o grande Tamerlang, cerca de 1394 de Christo, e com elle teve batalha Crisnaraja. Succedeu-lhe

10. Rama Ráo. Reinou 62 annos. No seu tempo já todo o Decám era de mouros. Succedeu-lhe

11. Marsanay Ráo. Succedeu-lhe seu filho

12. Crisna Ráo. Reinou 25 annos. Teve grandes guerras com Idalxá, que lhe tomou Rachol e Mundaguer. Succedeu-lhe seu filho

13. Trimal Ráo. Reinou 16 annos. Continuou a guerra com Idalxá. Morreu seu herdeiro directo, succedendo-lhe seu tio

14. Uche Tima Ráo. Reinou 23 annos. Era um doudo (Uche em lingua canará quer dizer doudo) e tantos desatinos fez que foi morto. Succedeu-lhe um sobrinho de Crisnaráo

15. Achita Ráo. Reinou 15 annos, morrendo sem herdeiro. Os grandes levantaram um menino de pouco mais de 13 annos, chamado Cidoça Ráo, que era neto de Crisnaráo.

16. «Tanto que este moço foi jurado por rei, acudio á cidade de Bisnaga Rama Rayo, que era casado com uma filha de Elrei Crisna Ráo, e capitão geral de seu Reino, que estava governando aquella parte dos Badaguas e Taligas; e como era muito poderoso e grande capitão, metteo-se na corte e lançou mão do Rei moço e o metteo em uma torre fortissima, com grandes vigias, e portas de ferro, aonde o teve emquanto viveo, como uma estatua, com o nome só de Rei; mas com todas as despezas, gastos, e apparato que pudera ter, se fora e estivesse livre. Tinha este Rama Rayo outros dois irmãos, entre quem repartio o governo do Reino; convem a saber, Atrimal Rayo, a quem deu tudo que pertencia á justiça; a Vingata Rayo tudo da Fazenda, ficando elle só com o cargo de capitão geral e governador de todo o reino».

Como se vê esta lista dada por Couto não concorda nem com a da epigraphia nem com a da chronica que publicamos. A epigraphia dá 14 reis até Sadáxiva; e se a nossa chronica dá 17, como Couto, nem a ordem nem os nomes dos reis são os mesmos. Na duração dos reinados tambem não estão concordes, nem no anno em que este reino principiou. Couto diz ter sido o anno de 1220 de J. C.; e realmente sommando os reinados dados (com excepção do 11, 16 e 17) obtemos um total de

334 que, accrescentados aos 1220, dão 1554, e admittindo para o 11 e 16 uma duração minima, e que o 17 estava reinando havia pouco, chegaremos ás proximidades de 1560, o que não deve estar longe da verdade. Mas podemos recuar até 1220 a fundação do reino de Bisnaga? Evidentemente não, como vimos já. O primeiro rei, diz Couto, foi Bocá Ráo; porêm tanto a chronica como a epigraphia nô-lo dão como o segundo; advirta-se comtudo, como dissemos a p. XXVII, que a tradição o dá tambem como fundador.

Isto conduz-nos naturalmente a fallar da chronica de Bisnaga, que damos adiante. As considerações que temos feito eram mesmo necessarias para a affirmação que vamos fazer, e vem a ser que essa chronica foi mandada compilar para João de Barros e que ella foi a fonte das informações historicas que dá ácerca de Bisnaga.

O ms. não traz indicação explicita a tal respeito, nem trás nome de auctor, só o titulo da obra; mas o catalogo dá-o como do seculo XVI[1], e por outro lado a chronica termina no principio do reinado de Achetaráo, que sabemos ter reinado desde 1530 a 1542; não julgamos por isso estar longe da verdade affirmando que ella deve ter sido composta em 1535, pouco mais ou menos. Ora as tres decadas publicadas em vida de Barros foram-no respectivamente em 1552, 1553 e 1563, sendo neste que tal informação é mais evidente, e por consequencia chronologicamente a nossa affirmação é muito plausivel. Cremos pois que a pessoa a que se refere o escrevente a p. 60, «Beijo as mãos a vossa merce», e p. 80, «E porque eu estive d assento nesta cidade conveyo me pois que era necessario fazer o que me manda vossa merce, buscar homẽs que forão a Bis-

[1] Morel Fatio, Catalogo dos manuscriptos portugueses da Bibliotheca Nacional de París, n.º 55 (aliás 65).

naga», é o proprio João de Barros. As provas que adduzimos são as seguintes, para confirmar esta nossa asserção.

Barros não faz allusão á nossa chronica, só diz que algumas informações que dá foram obtidas dos officiaes da fazenda d'aquelle reino; nada dizendo, a não ser que seja a mesma, ácerca da origem das noticias minuciosas que dá da historia das lutas de Crisnaráo com o Idalcão. Ora a comparação d'essas suas narrações, com a chronica de Bisnaga, não deixa nenhuma duvida de que Barros se serviu d'ella. Poderia ainda dizer-se que a concordancia dos successos nada mais provaria,—visto que Barros não dá a historia dos reis de Bisnaga, mas só dos acontecimentos contemporaneos dos que se passavam na costa comnosco,—do que a authenticidade dos factos ou a concordancia das duas fontes; porêm tal restricção cáe, porque até em numerosos algarismos a identidade apparece, e a copia ahi é evidente.

«Havendo o Hidalcão, o principal senhor do Reyno Decan, e ElRei Crisnaráo de Bisnaga paz assentada para muitos annos das guerras que entre estes dous estados houve e desejando elle Crisnaráo cumprir o que seu pai Marsanay mandára em seu testamento, que era tomar a Cidade de Rachol, que o Hidalcão nas guerras passadas tinha tomado, por não lhe mover guerra sem causa, usou de hum artificio com que a podesse quebrar, e foi este. Nas capitulações das pazes, que entre elles eram assentadas, se continha, que quando de Reyno a Reyno fogisse algum homem, que fizesse roubo, ou furto, era cada hum d'elles obrigado de entregar ao outro; e não o entregando, e querendo-o defender, quebrava a paz. A qual capitulação nunca o Hidalcão cumprio em muitos Gentios, e Mouros, que se tinham acolhido a suas terras com sommas de dinheiro, que levavam dElRey, e de seus capitães, e com peitas que davam se dissimulava com elles de maneira que as partes nunca houveram o seu.»

Depois de citar o caso de Cide Mercar, como vem na nossa chronica, continúa assim: «Sobre o qual caso, depois de recados de parte a parte, El Rey Crisnaráo moveo seu exercito pera tomar a Cidade Rachol, denunciando, que o Hidalcão per este modo tinha quebrado a paz, que entre elles havia: e ainda pera mais justificação sua, escreveo a alguns Capitães do estado do Reyno Decam, assim como ao Cóta Maluco, Madre Maluco, e a Melique Verido vizinhos delle Crisnaráo, por saber que não estavam com o Hidalcão, e que lhe haviam de approvar aquelle seu proposito. Partindo El Rey Crisnaráo da Cidade Bisnaga sua Metropoli, depois de ter feito muitos sacrificios, e oblações aos seus deoses pelo successo daquella ida, começou a caminhar nesta ordem. O seu Porteiro mór chamado Camanaique levava a vanguarda com mil de cavallo, e dezeseis elefantes, e trinta mil homens de pé: e traz elle hia hum Capitão por nome Trimbecára com dous mil de cavallo, vinte elefantes, e cincoenta mil homens de pé: Seguia a este outro Capitão per nome Timapanaique com tres mil e quinhentos de cavallo, trinta elefantes, e sessenta mil homens de pé. Hadapanaique, que seguia este, levava cinco mil de cavallo, cincoenta elefantes, e cem mil homens de pé: e traz elle hia Condomára outro Capitão, que levava seis mil de cavallo, sessenta elefantes, e cento e vinte mil homens de pé, ao qual seguia o Capitão Comóra com dous mil e quinhentos de cavallo, quarenta elefantes, e oitenta mil homens de pé. Gendrajó Governador da Cidade Bisnaga, que seguia a este, levava mil de cavallo, dez elefantes, e trinta mil homens de pé; e traz elle hiam dous capados privados d'El Rey com mil de cavallo, quinze elefantes, e quarenta mil homens de pé. O page do betel d'El Rey levava duzentos de cavallo, e quinze mil homens de pé, cem elefantes, ao qual seguia Comarbercá com quatro centos de cavallo, vinte elefantese oito mil homens de pé...... Além desta gente posta em tal ordenança hiam repartidos dous mil de cavallo, e

cem mil homens em capitanias pequenas, os quaes á maneira de descubridores pela dianteira, e lados de toda parte, duas, e tres leguas descubriam a terra, e assi ordenados, que per atalaias de huns á vista de outros em hum instante se sabia o que havia naquella distancia. E da provisão que cada um destes capitães levava de agua, por não perecer esta gente á sede, hiam doze mil homens sobresalentes, repartidos pelo comprimento do fio desta gente, cada hum com seu odre de agua ás costas, pera que com necessidade della não se saissem da ordenança que levavam. A recovagem deste exercito não se podia numerar, porque somente de mulheres publicas passavam de vinte mil, e homens que lavam roupa, a que elles chamam Mainatos, e regatões, mercadores, officiaes mecanicos de todo officio, era cousa maravilhosa ver o numero delles..... E em que se notou o grande numero de gente, e animaes, que foram neste exercito, foi ao passar de hum rio, o qual aos primeiros dava por meia perna; e quando veio aos derradeiros, querendo beber achavam arêa, onde faziam covas por recolher huma pouca de água.» Mais adiante diz ainda: «Estava a Cidade Rachol assentada entre dous rios cabedaes; o maior dos quaes, que lhe ficava da parte do Norte, era da parte donde El Rey esperava que podia vir o Hidalcão; e outro que estava da parte do Sul, era per onde elle viera, e d'ahi ao rio haveria espaço de seis leguas, ficando a Cidade Rachol quasi no meio desta distancia. A qual Cidade per natureza estava mui bem situada, porque era sobre hum outeiro feito como huma teta, que a natureza no meio daquella campina creou, e de huma certa parte era pena viva, e tudo o mais terra.» [III, l. IV, c. IV.]

Estas citações bastam para comprovar a nossa asserção, e escusado é pois continuá-las. A compra das pedras da fortaleza de Rachol pelos de Bisnaga; a entrega do annel d'elrei a uma das suas mulheres; a sua phrase: «Antes morrer que ser vencido»; a morte de Salabatecão,

por artimanhas de Açadacão; a embaixada dos soberanos seus vizinhos, e a resposta altiva de Crisnaráo, tudo se encontra em Barros da mesma maneira que na nossa chronica. Parece-nos pois que Barros, ainda que o não diga, teve conhecimento desta chronica e della tirou o que lhe aprouve para o seu proposito.

Apresentâmos pois aos estudiosos duas novas listas dos reis de Bisnaga discordantes entre si, e ambas com a epigraphica, mas comtudo não tanto que não possam talvez vir a conciliar-se. A epigraphia do sul da India ainda não deu tudo e sobretudo a do reino de Bisnaga; talvez os seus dados posteriores venham a confirmar uma ou outra. Que não são documentos forjados a sabor de curiosos prova-no-lo a sua concordancia no essencial; ha nelles nomes communs a todos tres que parecem dizer que ha em todos um fundo de verdade. Não procurámos conciliá-los; deixâmos essa tarefa aos especialistas, aos indianistas; e tal conciliação não é porventura possivel ainda pelas razões ditas, e será inutil entrar em juizo critico ou em conclusões que depois uma inscripção ou moeda poderão destruir.

Em Couto vem a continuação da historia de Bisnaga até á completa destruição d'esta; e em G. Corrêa contam-se minuciosamente os factos que se seguiram á morte de Achetaráo. São contemporaneos dos acontecimentos, viviam em Goa, e sem duvida a narração que nos fazem das suas ultimas lutas não deve estar longe da verdade; sobretudo que a nossa capital da India estava por tantos interesses commerciaes dependente da situação em Bisnaga, que todas as vicissitudes politicas d'aquelle reino deviam repercutir-se naquella cidade. A narrativa de Couto é mais precisa do que a de G. Corrêa, e isso comprehende-se dado o valor de cada um; G. Corrêa dá-no-la, para assim dizer, impessoal, á maneira de conto popular.

Nas lutas havidas entre o rei de Visapor e Meale, seu irmão, o primeiro mandou pedir soccorro ao rei de Bis-

naga, Rama Rayo; este enviou-lhe seu irmão Vengata Rayo, que, vencidos os adversarios d'elrei, se retirou com um milhão em ouro para as despezas do seu exercito, e outros presentes do Idalcão. [VII, l. II, c. VII e VIII.] Em fins de 1558 expedição de Rama Rayo contra S. Thomé de Meliapor. Couto diz-nos nos seguintes termos as razões d'ella: «E como os Padres pobres da Ordem do glorioso Padre S. Francisco tinham tomado á sua conta toda aquella costa desde Negapatão até S. Thomé, (por serem os primeiros que por ella começaram a semear a Luz do Sagrado Evangelho) e por toda ella tinham levantado muitos Templos, e derribado muitos Pagodes, (o que os Bramenes sentiam em extremo), todos os annos se queixavam disto a Rama Rayo, Rey de Bisnaga, cujos vassallos eram, pedindo-lhe que acudissem por honra de seus idolos.... E como neste tempo, em que andamos hia este zelo da honra de Deos em maior crescimento, por terem entrado naquella terra os Padres da Companhia de Jesus, não consentindo Pagode algum em pé, alumiando com a sua vida, e espertando com a sua prégação e doutrina.....» Succedeu tambem dizerem ao rei que os seus moradores possuiam riquezas enormes, e isso decidio-o logo a ir contra a cidade; mas vendo depois que não era verdade, e que os seus habitantes lhe eram fieis, poupou-os e deixou-os em paz. [VII, l. VII, c. I.]

Por fim em 1566 (data de Couto) vem o desenlace. «E ainda os annos de 1563 entrou Rama Rey de Bisnaga pelos Reynos de Izamaluco huns após outros, e os destruiu, assolou, e desbaratou de todo, dos quaes levou grandes riquezas. O Izamaluco magoado daquelle geral, convocado o Idalcão, e o Hebrahe, e o Cotubixa, e o Verido, para esta liga tão segura, (se entre Mouros ha segurança) tratou de se aparentar com todos, como fez por esta maneira: ao Idalxá deo huma filha em casamento com grande dote, e a cidade Selapor que lhe tinha tomado, e ao Cotubixa deo outra; e elle casou

com huma filha, ou irmã do Idalxá: os quaes casamentos foram celebrados em grandes festas, e firmes juramentos de se ajuntarem todos contra o Rey de Bisnaga, do que elle logo foi avisado; e ajuntando seu poder, e convocados seus vassallos, se poz logo em campo com seus irmãos Venta Vengata Raje capitão do campo, e Timaraje Veador da fazenda, e affirma-se que tinha cem mil cavallos, e mais de seis centos mil de pé. Os tres inimigos trariam cincoenta mil cavallos, e trezentos mil de pé, e algumas pessoas do campo: com este poder se foram buscar huns aos outros com grande determinação.» [VIII, c. XIV.] Os dois irmãos de Rama não queriam que este fosse ao combate, mas que ficasse na capital, por causa da sua avançada edade, pois tinha 96 annos, ao que este não quís acceder. O resultado da luta foi adverso aos de Bisnaga, e o proprio rei foi feito captivo depois de muito mal ferido; e levado á presença de Nizamxá este lhe cortou a cabeça. Os vencedores ficaram no campo tres dias; e durante este tempo os filhos dos Rajas sobrinhos d'elrei entraram em Bisnaga e carregaram mil quinhentos e cincoenta elephantes de joias, pedrarias, dinheiro amoedado e outras cousas d'esta sorte, que se estimou em mais de cem milhões de ouro, e a cadeira real em que elrei se sentava em dias de suas festas; e se foram para o sertão e recolheram tudo no Paço de Tremil, por ser muito forte, a dez dias de Bisnaga. Depois d'elle vieram os Bedués, que são gente dos mattos, seis vezes a Bisnaga e levaram outras riquezas mui grandes. Por fim vieram os conjurados e rabiscaram o que ficou, que foi tanto que se detiveram nisso cinco mezes, e entre esses objectos um diamante tamanho como um ovo, que ficou ao Idalxá. Passados cinco mezes foram-se os conjurados para seus reinos; e os filhos, e sobrinhos do rei morto repartiram entre si os reinos, que ainda hoje possuem seus herdeiros.

«Deste desbarato do Rey de Bisnaga ficou a India, e o nosso Estado mui quebrado; porque o maior trato

que todos tinham era o deste Reyno, aonde levavam cavallos, veludos, setins, e outras sortes de mercadorias, em que faziam grandes proveitos: e a Alfandega de Goa o sentio bem em seu rendimento, de maneira que de então para cá começaram os moradores de Goa a vir a menos; porque as baetilhas, e roupas finas, era hum trato de grande importancia pera Ormuz, e pera Portugal, logo estancou; e os pagodes de ouro, de que todos os annos vinham mais de quinhentos mil a empregar nas náos do Reyno valiam então a sete tangas e meia, e hoje valem a onze e meia, e assim a esta todas as mais moedas: ainda que nisto nós temos a primeira culpa, e a maior, porque bulimos nas moedas liquidas, e puras, e as fizemos falsas, e de ruim sorte, com que tudo se alterou.» [VIII, c. XV][1].

A narrativa de G. Corrêa diz respeito á successão do reino por morte de Achetarão, em 1542. Neste anno, diz Corrêa, morreu o rei de Bisnaga, e deixou por herdeiro um filho menino em poder de um seu tio, irmão do rei morto, o qual rei morto o fora contra direito. Os grandes queriam que o menino fosse posto em logar livre e se nomeassem dois regedores e tutores para regerem o reino. Seu tio porêm não queria, porque d'esse modo lhe tirariam o poder a elle; e procurou fazer par-

---

[1] As causas da decadencia de Goa foram principalmente tres, como nô-lo diz Sassetti, o celebre viajante italiano. A primeira foi esta indicada por Couto; a segunda a conquista pelos Mogoes do reino de Cambaia, que consumia tantas mercadorias ou mais do que Bisnaga, diz elle, por causa das lutas sustentadas contra aquelles; a terceira a Inquisição de Goa, porque sendo aos Indios prohibido, debaixo de terriveis penas, ler os livros da sua religião, fazer sacrificios e orações, e destruidos os seus templos, abandonaram a cidade, indo levar a sua actividade e fortuna a outras partes mais hospitaleiras. Em 1585, data em que escrevia Sassetti, a alfandega de Goa já não rendia seis mil ducados, e anteriormente rendia de cento e vinte a cento e cincoenta mil. (Cf. Gubernatis, *Storia dei viaggiatori italiani nelle Indie orientali*, p. 295, 383-4).

tidarios com que resistisse; e os grandes com estas differenças foram para as suas terras, e ahi governaram como reis. A rainha, mãe do menino, pediu ao Idalcão que viesse pôr seu filho, como rei, promettendo-lhe grandes thesouros em troca. O Idalcão assim quís fazer, mas a caminho o regedor mandou-lhe offerecer grandes sommas de dinheiro se quizesse voltar, o que elle assim fez. O proprio rei de direito que estava preso em uma fortaleza, foi logo solto, e mandou pedir auxilio ao Idalcão. Este aproveitou de novo a occasião sem hesitar e partiu apparentemente em auxilio do dito rei, mas os seus projectos eram tomar o reino para si. Então os gentios com receio d'isso, por ser um infiel, fizeram rei o irmão do rei morto e conseguiram vencer o Idalcão junto de Bisnaga. O novo rei, para estar seguro no futuro, mandou matar o menino, dois tios d'elle, e um sobrinho do rei morto. Depois, temendo ainda alguns grandes do reino, mandou-os vir á côrte; aos primeiros que chegaram quebrou-lhes os olhos, e os que depois o souberam voltaram indignados para suas terras. As victimas procuraram o auxilio do Idalcão, promettendo que lhe dariam o reino de Bisnaga. O Idalcão entrou pelo reino, e foi obedecido; mas tão soberbo se mostrou e intolerante, que elles tomaram odio contra elle; e o Idalcão, não se sentindo em segurança, retirou-se para o seu reino. No entretanto levantou-se um novo rei de Bisnaga, um grande senhor, de Paleacate, casado com uma irmã do rei antecessor do morto, o qual conseguiu haver o reino. [vol. IV, pag. 247–249; 276–282.]

Que verdade haverá no fundo de tudo isto? Não o sabemos; mas devemos notar que a narrativa de Ferista, dada a pp. XLII e XLIII, tem alguma parecensa com a de G. Corrêa, e sem duvida que ambos a obtiveram pelo mesmo processo depois que andou de bôca em bôca e se desfigurou nessa transmissão.

REIS DE BISNAGA—SUA GENEALOGIA

(conforme a Chronica)

I. Dehoráo (ou Deorao). Reinou 7 annos.
II. Bucaráo. Reinou 37 annos.
III. Pureoyre Deoráo (ou Puroure Deoráo). Filho de II.
IV. Ajaráo. Reinou 43 annos. Filho de III.
V. Visaráo. Reinou 6 annos. Filho de IV.
VI. Deoráo. Reinou 25 annos. Filho de V.
VII. Pinaráo. Reinou 12 annos. Filho de VI.
VIII. ? Filho de VII.
IX. Verupacaráo. Filho de VIII.
X. Padiaráo. Filho de IX.
XI. Narsinga. Reinou 44 annos. Capitão de X, e ainda parente.
XII. ? Filho de XI.
XIII. Tamaráo. Filho de XI, irmão de XII.
XIV. Narsenaique. Regedor do reino (feito por XI).
XV. Busbalráo. Reinou 6 annos. Filho de XIV.
XVI. Crisnaráo. Filho de XIV, irmão de XV.
XVII. Achetaráo. Filho de XIV, irmão de XV e XVI.

REIS DE BISNAGA

Segundo a epigraphia		Segundo a chronica	Segundo Couto
I	Harihara I	Devráo	Bocá Ráo.
II	Buca	Bucaráo	Harcará Rayo.
III	Harihara II.....	Purevire Deoráo..	Deva Rayo.
IV	Devaraja I	Ajaráo...........	Visia Ráo.
V	Vijáia Búpati ..	Visaráo..........	Diva Ráo.
VI	Devaraja II.....	Deoráo	?
VII	Mallicárjuna....	Pinaráo..........	?
VIII	Virupacxa	?	Narsinga Naique.
IX	Prandadeva	Verupacaráo	Crisna Ráo.
X	Narsinga.......	Padiaráo.........	Rama Ráo.
XI	Vira Narsinga ..	Narsinga.........	Marsanay Ráo.
XII	Crisnaraja	?	Crisna Ráo.
XIII	Achiutaraja.....	Tamaráo.........	Trimal Ráo.
XIV	Sadáxiva.......	Narsenaique......	Uche Tima Ráo.
XV	Ramaraja	Busbulráo........	Achita Ráo.
XVI	–	Crisnaráo	Cidoça Ráo.
XVII	–	Achetaráo	Rama Rayo

VI

Não concluiremos sem esboçar as relações de Portugal com o reino de Bisnaga. Este era principalmente sertanejo, mas possuia sobre o mar das Indias uma extensão de costa bastante grande, desde o rio Liga até ao de Cangerecora, para alêm do qual se seguia o reino de Cananor, como ao norte do Liga o reino do Idalcão. Na costa de Coromandel o dominio costeiro era muito maior porque se estendia do extremo sul até ao Godavarí, confinando ahi com o reino de Orissa. Bisnaga dominava pois toda a India meridional a baixo do Quistna e do Tungabadrá, á excepção da costa do Malabar, cujos pequenos reinos, Cananor, Calecute, Cochim e Coulão, parecem ter conseguido subtrahir-se a esse dominio.

A nossa acção foi maior na costa occidental da India porque d'ahi partiam as especiarias que nós pretendiamos trazer a Lisboa, evitando que podessem seguir o caminho de Alexandria e Veneza. Toda a costa do norte a sul, desde o Malabar até Cambaia sentiu depressa que nós vinhamos dispostos a mandar. Cedo pois pagaram páreas Baticalá, Onor, Bracelor e Vengapor (reino do interior), e se estabeleceram ahi feitorias, assim como nas costas da Pescaria e Coromandel, que punham nas nossas mãos o commercio de Bisnaga; fortalezas só as possuimos no seu territorio depois da sua queda, após 1565, Mangalor em 1568, Onor e Bracelor em 1569.

Não foi só assim que essas relações se estabeleceram. Nós fomos á India para commerciar; mas encontrámos lá rivaes, que eram os intermediarios do commercio que até nós se fazia com a Europa, rivaes com quem tinhamos velhas contas a ajustar, homens d'outra crença, muçulmanos emfim. Ora Bisnaga era um reino gentio, e o inimigo secular d'esses mesmos homens que tinham em suas mãos o commercio do oriente e senhoreavam a

maior parte da India. Se o inimigo era commum, porque não seriam elles amigos? Vamos ver que assim se tentou por varias vezes, sem que comtudo essa approximação produzisse algum effeito. Talvez uma boa politica de parte a parte tivesse obstado a Bisnaga a sua destruição em 1565 pelos muçulmanos da India, e permittido a Portugal que o seu futuro alli tivesse sido mais brilhante e mais proficuo!

Mas esse esboço não é facil de fazer em todo o periodo que vae até 1565. As investigações a que procedemos nas nossas bibliothecas não nos trouxeram elementos novos[1]. Teremos de trabalhar sobre o que a esse respeito nos dizem os nossos chronistas, e isso é pouco; mas esses documentos deviam pertencer á casa da India e assim se explica a escassez d'elles, e é mesmo possivel que taes relações fossem mais restrictas do que se póde pensar. Houve comtudo um periodo em que ellas foram muito activas, aquelle em que governou a India Affonso de Albuquerque, que bem viu o seu genio as vantagens que d'uma tal approximação e amizade se podiam tirar.

O dominio que os reis de Bisnaga exerciam nas provincias distantes era pouco mais que nominal. Os nossos viajantes e chronistas ao fallarem dos chefes das

---

[1] «Bibliotheca Nacional» de Lisboa, «Torre do Tombo» («Corpo chronologico», «Chancellarias» de D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, e Gavetas»; nos «Documentos remettidos da India» ha o que dizemos a p. LXXXVI, mas já no seculo XVII), «Bibliotheca Municipal» do Porto e «Bibliotheca Publica» d'Evora. Inedito apenas encontrámos um mandado de Affonso d'Albuquerque ao feitor de Goa (13 de novembro de 1514) para que dê aos embaixadores de Narsinga 15 fardos de arroz, etc. P. II. M. 53. D. 30. A nossa investigação foi feita nos catalogos, e imperfeita por consequencia pelo que respeita ao «Corpo Chronologico» da Torre do Tombo, onde por vezes só se mencionam os documentos mais importantes; mas para verificar documento por documento seriam precisos meses senão annos.

povoações de maior importancia das costas chamam-lhes mesmo reis. Naquella estreita faixa maritima de 46 leguas que elle dominava no occidente os nossos citam uns poucos. Não ha duvida de que dependiam de Bisnaga, mas que a sua acção ahi era minima vê-se da sem cerimonia com que entram em relações comnosco como soberanos effectivos; e as violencias dos nossos, merecidas ou immerecidas, deixam o soberano senhor absolutamente indifferente. Na costa oriental o mesmo caracter de posse.

Mas como dissemos nós fomos á India para commerciar, e quisemos, porque senhoreavamos os mares, monopolizar o commercio. Emquanto as nações da Europa nô-lo não disputaram isso foi relativamente facil, e conseguimo-lo realmente até quasi ao fim do seculo. O commercio da India seguira até ahi dois caminhos principaes: um trazia-nos á Europa os seus productos por intermedio do Egypto e de Veneza; o outro levava-os ao extremo oriente, sobretudo até á China. Ambos soffreram com a nossa vinda. O do oriente fôra mesmo por momentos superior ao do occidente, pelo menos assim nô-lo diz Marco Polo no fim do seculo XIII, e nô-lo confirmam as proprias relações chinesas, revelando-nos que a China exerceu nos países do oriente uma hegemonia commercial e politica que estava decahindo á nossa chegada, mas a que bastantes vezes se referem ainda os nossos chronistas. Malaca, como sentinella avançada dos nossos dominios no Oriente, veiu fazer derivar esse commercio em nosso favor.

O commercio com o occidente não affrouxou como aquelle; só fez mudar de rumo e de intermediarios, e isso é o inicio de uma grande expansão colonial europea. O pensamento constante e deliberado (porque então pensava-se a serio nestas cousas) das nossas chancellarias foi fazer derivar todo esse commercio para Portugal. Para que, pois, os productos indianos não podessem seguir o antigo caminho era forçoso senhorear as

suas passagens. Por isso se construiu a fortaleza de Ormuz, e se tentou varias vezes tomar Adem, mas sem exito, mantendo-se comtudo uma frota na boca do Estreito para o vigiar. O commercio que se fazia entre a India e a Arabia e Persia ou vice-versa só podia ser feito por subditos de reis amigos, e mesmo assim em dadas condições. Todos os mais que o tentavam arriscavam as suas pessoas e bens, sobretudo sendo muçulmanos, mouros, como diziam os nossos. Ora um dos commercios mais lucrativos que se fazia com a India era o dos cavallos da Arabia e da Persia. Eram estas duas regiões que os forneciam ao Idalcão e Bisnaga, para as suas lutas; e comprehende-se como a sua falta a um dos contendores seria perigosa para a sua existencia. Mas se nós dominavamos os mares, e todo o commercio ao oriente e occidente da India dependia de nós, estava em nosso arbitrio ou impedir a sua vinda, ou fornecê-los de preferencia a um ou outro dos adversarios. Ambos elles perceberam o perigo e procuraram desde o principio captar a nossa benevolencia. Entre o gentio e o mouro, os nossos homens não hesitavam em preferirem o primeiro, por um resto de antigo odio ao segundo. Affonso de Albuquerque quís aproveitar-se dos dois para haver algumas concessões, como quem sente que o pretendente ha-de render-se. Não contava com a politica de evasivas e dilações dos reis de Bisnaga, como veremos.

A nossa acção naquelle grande imperio não foi pois a que as circumstancias especiaes d'elle tornavam possivel, e todos os projectos de Affonso de Albuquerque ficaram sem effeito; a acção politica quasi só na peripheria se exerceu, mas a commercial ainda que mais intensa nos seus portos penetrou até ao coração d'elle, graças sobretudo ao commercio dos cavallos, circumstancia a que devemos esta chronica e mais noticias que publicâmos em seguida a ella. Mas outros eram ainda os generos que o alimentavam, como se póde ver da

sua enumeração por Diogo do Couto a p. LXVIII; e quão importante era vê-se da decadencia de Goa, depois da destruição de Bisnaga em 1565.

A acção portuguesa nas costas foi tambem religiosa com os padres franciscanos, dominicanos, e depois de 1542 com os jesuitas, e graças a ella exerce alli ainda Portugal uma influencia moral que pouco a pouco a santa sé nos tem vindo roubando, como prova de desinteresse mundano de quem só no céo põe a salvação, e respeita os serviços prestados á fé pelos povos christãos. Estas missões estabeleceram-se ao longo da costa, mas no seculo XVII os jesuitas, partindo de S. Thomé de Meliapor, penetraram no já reduzido reino de Bisnaga, então com a sua capital em Chandegrí. Foi aqui que se estabeleceu uma missão em 1599 e pouco depois outra em Velor, onde elrei muitas vezes estava, e outra em Maduré, a esse tempo já independente de Bisnaga; e posteriormente a 1640 se tornaram ali muito notaveis os Theatinos[1].

Posto isto, vejamos as relações diplomaticas e outras entre Portugal e Bisnaga. Datam de 1505 as primeiras. Era governador D. Francisco d'Almeida, e estando em Cananor procurou-o uma embaixada d'elrei de Bisnaga. Recebeu-a D. Francisco na sua náo, pois não havia ainda fortaleza nem feitoria na cidade; e porque os embaixadores o eram de um tão grande rei, para augmentar o seu estado e melhor representar elrei seu senhor, ordenou que o tratassem de Viso-rei, ainda que D. Manuel lh'o permittira só depois de cumpridas as ordens do

---

1 Cf. Cardoso, *Agiologio lusitano*, p. 33-34; *Cartas de Nicolau Pimenta*, p. 45-48; Jacintho de Deos, *Vergel de plantas e flores*, p. 18-20; fr. Antonio Caetano de S. Boaventura, *Paraiso mystico*, p. 372-376; fr. Francisco de Sousa, *Oriente conquistado*, t. I, p. 212-319; João de Lucena, *Historia da vida do padre Francisco Xavier*, pp. 79-120, 162-188; Fernam Guerreiro, *Relaçam annal das cousas que faziam os Padres da Companhia de Jesus.*

regimento que lhe dera em Lisboa, entre as quaes levantar uma fortaleza em Cananor, e elle a não fizera. Os embaixadores vinham a estabelecer paz e amizade com elrei de Portugal, concedendo-lhe que fizesse fortalezas nos seus portos menos Baticalá por estar arrendado. «E pera que esta amizade fosse mais serta e segura lhe offerecia hũa sua irmã moça e de bom parecer, para casar com o Principe seu filho, com o qual lhe daria tamanho dote de terras e dinheiro de que ficasse bem contente». O Viso-rei agradeceu-lhes muito os seus offerecimentos e desejos; mas nem elle nem os seus successores se parecem ter aproveitado d'elles; pelo menos posteriormente nunca mais os nossos chronistas se referem a estas vantagens, e Affonso de Albuquerque travou negociações no sentido de obter estas concessões feitas cinco annos antes, sem se fazer allusão a ellas, sem duvida porque não constavam de diploma assignado pelas partes[1].

Já antes que esta embaixada viesse chamar a attenção dos nossos sobre aquelle país, na chancellaria de D. Manuel se tinha pensado nelle. Era afamada a sua pedraria, e cedo se pensou em estabelecer na propria capital uma feitoria para o commercio d'ella. Na armada de D. Francisco d'Almeida viera Pero Fernandes Tinoco por feitor «pera tratar pedraria, de que tinha muito conhecimento, e com escrivão e feitoria ordenada». Mas os ministros de D. Manuel eram homens cautelosos, determinaram pois que o seu estabelecimento dependeria de certas circumstancias, e que elle Viso-rei se informasse do melhor meio de o fazer sem correr-se risco de fazenda ou de vidas. Ficou Fernandes Tinoco muito contente quando viu a embaixada e pediu ao Viso-rei que o deixasse partir com ella; mas elle que não achara

---

[1] Cf. Damião de Goes, *Chronica de D. Manuel,* t. I, p. 318–319 (ed. de 1790); G. Corrêa, *Lendas da India,* t. I, p. 580.

«praçaria com mercadores da terra abonados», como lhe fôra ordenado, recusou-se d'esta vez como das outras em que Tinoco insistiu para ser despachado conforme ao regimento d'elrei[1].

Precisâmos chegar a Affonso de Albuquerque para acharmos novas referencias a negociações com Bisnaga. Estava o governador em Cochim em 1510, e desejoso de castigar devéras o rei de Calecute que sempre se mostrára nosso inimigo, antes de partir para Ormuz como tencionava, mandou Fr. Luís da Ordem de S. Francisco a elrei de Bisnaga com alguns apontamentos, para juntos attacarem o Samorim, e acabar com elle, dizendo-lhe que viesse elle por terra que elle iria por mar, e o destruiriam. Essas instrucções de Fr. Luís vêm nos *Commentarios*, e o seu resumo é o seguinte, onde se revelam as largas vistas de Affonso de Albuquerque, e o seu programma de governo: Que elle era capitão geral da India por mandado d'elrei de Portugal; que Portugal senhoreava os mares e sem o seu seguro se não podia navegar nelles, e aquelles que o não tem são tomadas as suas náos e mercadorias; «e assi lhe direis como em meus regimentos me manda que a todos os Reys gentios de sua terra e de todo o Malabar faça honra e gasalhado, e sejam bem tratados de mim e não lhe tome suas náos, nem mercadorias: e que destrua os Mouros, com os quaes tenho sempre contínua guerra, como sei que elle mesmo tem, pela qual rezão espero de o ajudar com as armadas e gente d ElRey meu Senhor»; que deseja prender o Samorim e mandá-lo a Portugal e pera isso pede a sua ajuda; que Ormuz é d'elrei de Portugal; que peça ao rei de Narsinga que

[1] Cf. Corrêa, *Lendas da India*, t. I, p. 618. Parece tambem ter levado uma missão diplomatica para aquelle rei, como se deprehende da sua propria carta a D. Manuel. Cf. *Cartas d'Affonso d'Albuquerque*, t. II, p. 341. («Documentos Elucidativos»). Elle queixa-se amargamente da má vontade do Viso-rei.

mande uma embaixada com presentes, como signal de amizade, ao rei de Portugal; que em troca lhe mandará muitas cousas que ha em seu reino, e que os cavallos de Ormuz não irão senão a Baticalá ou qualquer outro porto seu, e não irão ao rei do Decám, que é mouro e seu inimigo; que lhe diga que se vier para aquellas partes com o seu arraial, elle o irá ver; que se elrei de Portugal precisar de fazer assento e feitoria em qualquer logar dos seus portos, desde Baticalá até Mangalor, que mande que suas gentes e armadas sejam recebidas nelles, e dê logar para se fazer uma casa forte onde possam estar seguras suas mercadorias e gente de qualquer alvoroço do povo que sobrevier, visto como elle está tão longe que não pode acudir a tempo. Fr. Luís partiu de Cochim para Baticalá e d'esta cidade foi para Bisnaga. A sua missão não deu nenhum resultado, porque ainda que muito bem recebido pelo seu rei, este foi sempre retardando a resposta ao que ía, até que foi assassinado, como diremos[1].

Determinára Affonso de Albuquerque ir de novo contra Ormuz, mas a traição de Timoja fê-lo tentar a conquista de Goa, o que conseguiu. Quís elle annunciar tão fausto acontecimento ao rei de Bisnaga e para isso expediu-lhe novo embaixador, Gaspar Chanoca, um dos capitães de uma das caravellas da armada de D. Francisco d'Almeida, que partira do reino em 1504. Por elle lhe mandava um presente de 12 cavallos arabios e persios, e encarregou-o de renovar o seu pedido, que lhe desse licença para fazer uma fortaleza em Baticalá. Foi

---

1 Cf. Albuquerque, *Commentarios*, P. II, p. 90-95; Goes, *Chronica de D. Manuel*, t. II, p. 13. Fr. Luís já anteriormente estivera em Bisnaga, com o seu sobrinho Pero Leitão, d'onde voltára, a caminho do reino, em 1505; e fôra lá a pedido do seu rei. Vinha enthusiasmado com o acolhimento recebido. Cf. *Cartas de Affonso de Albuquerque*, t. II, p. 74, e 341. Levava por lingoa Lourenço Prego.

elle solemnemente recebido e mostrou elrei grande satisfação de os nossos terem tomado Goa, mas não o despachou conforme pedia, indo adiando a sua resposta como era seu costume[1].

Retomada Goa em fins de 1510, depois de perdida, veiu emfim um embaixador de Bisnaga, que vinha cumprimentar Affonso de Albuquerque. Por elle escreveu Fr. Luís narrando o pouco exito da sua missão, porque elrei era abundante de cortesias, mas parco na resolução a dar-lhe; que por fim um dia lhe lançaram em rosto a pouca fé d'elle Albuquerque, porquanto elle commetera alliança contra o Idalcão, e estava em ajuste de paz e amizade com elle; que o governador de Bisnaga lhe dissera que o rei de Garçopa o não matára só pela amizade que lhe tinha, etc. Affonso de Albuquerque dissimulou com os embaixadores e não quís tratar com elles ao que vinham emquanto elrei lhe não respondesse aos pedidos feitos; e mandou carta por elles a dizer a Fr. Luís que se viesse o mais breve que podesse; e elle o não pôde fazer, porque quando os embaixadores lá chegaram já havia sido assassinado, dizia-se que por ordem do Idalcão. Ao mesmo tempo, e de maneira que os embaixadores o soubessem, carteou-se com o Idalcão, mandando-lhe dizer que elle queria a sua amizade e trato dos cavallos[2].

---

[1] Cf. Affonso d'Albuquerque, *Cartas*, p. 28, 39; *Commentarios*, P. III, p. 269-270; Goes, *Chronica de D. Manuel*, t. II, p. 20; Castanheda, *Historia dos descobrimentos dos portugueses*, l. III, p. 32-34. Segundo Castanheda é com Chanoca que parte Fr. Luís; e este ía com o fim de converter elrei.

[2] Cf. Corrêa, *Lendas da India*, t. II, p. 172; Goes, *Chronica de D. Manuel*, t. II, p. 84; *Commentarios*, P. III, p. 41-46. A noticia d'estas negociações chegou á Italia, havendo até esperanças de que o rei de Bisnaga se convertesse, diz-se numa carta de Florença para Veneza de 11 de novembro de 1511. Cf. A. Gubernatis, *Viaggiatori italiani nelle Indie orientali*, p. 383-4.

Partiu Affonso de Albuquerque para Malaca em 1511, e na sua ausencia veiu nova embaixada d'elrei de Bisnaga receoso de que Albuquerque viesse a fazer amizade com o Idalcão e lhe vendesse os cavallos, e com ella Chanoca, os quaes não encontrando o governador voltaram a Bisnaga com o presente que traziam para D. Manuel[1]. De volta de Malaca, Albuquerque, que tinha o maior empenho em fazer fortaleza em Baticalá, tornou a mandar lá G. Chanoca e Gaspar Fernandes em 1513 com grande presente para elrei e dar-lhe parte do feito de Benastarim[2]. Em 1514 veiu effectivamente um embaixador d'elrei de Bisnaga que pedia para os cavallos vindos da Arabia e Persia irem á sua cidade de Baticalá e para tratar da guerra com o Decám. Recebeu-os Albuquerque com muita honra, mas não os despachou quanto á primeira parte conforme desejavam, por não trazerem a resposta d'elrei aos pedidos que por varias embaixadas lhe fizera, e apezar de por fim lhe offerecerem 60:000 pardáos de direitos por anno, e que viriam comprá-los a Goa; e quanto á segunda que lhe daria toda a ajuda necessaria[3]. Mas como Albuquerque tinha muito empenho em obter as cousas que havia pedido que eram sobretudo a cidade de Baticalá ou Barcelor, mandou com este embaixador em 1514 nova embaixada sua nas pessoas de Antonio de Sousa e João Teixeira, mas baldadamente, porque foram bem recebidos, mas

---

[1] Cf. *Cartas,* p. 202; *Commentarios,* P. III, p. 269-270; Goes, *Chronica de D. Manuel,* t. II, pag. 160.

[2] Cf. *Cartas,* p. 202 e 327; *Commentarios,* P. III, pag. 269-270; Goes, *Chronica de D. Manuel,* t. II, p. 160.

[3] Cf. *Commentarios,* P. IV, p. 138-143; *Cartas,* I, p. 340, II, p. 133; Biker, *Tratados da India,* t. I, p. 24-27; Goes, *Chronica de D. Manuel,* t. II, p. 309; Barros, Decada II, l. x, c. I; Corrêa, *Lendas da India,* t. II, p. 376-378; Castanheda, *Historia dos descobrimento dos portuguezes,* l. III, p. 399-401.

não despachados como pedia Albuquerque[1]. Ao mesmo tempo mandou o mesmo governador por embaixador ao Idalcão João Gonçalves de Castello Branco para obter d'aquelle certas vantagens territoriaes, que eram os passos do Gate, a troco do fornecimento exclusivo dos cavallos; mas aqui esta vez como outras anteriormente não foi mais feliz do que na côrte de Bisnaga.

Até 1521 não encontrâmos mais noticias de ter havido negociações de parte a parte[2]. Era governador da India neste tempo Diogo Lopes de Sequeira, e partiu com grande armada para Ormuz. Julgou o Idalcão a occasião propicia para vir sobre Goa, e teria sem duvida conseguido o seu intento, porque a cidade achava-se desprevenida, senão fôra Crisnaráo, rei de Bisnaga, segundo nos diz Damião de Goes e Castanheda, que veiu contra elle e lhe fez guerra. Vencido o Idalcão, e tendo perdido as cidades de Rachol, Bilgáo e todo o territorio vizinho a Goa, Crisnaráo avisou Ruy de Mello, capitão de Goa, que viesse tomar posse d'aquellas terras porque elle

---

[1] Cf. *Commentarios*, P. IV, p. 142; Goes, *Chronica de D. Manuel*, t. II, p. 309; Corrêa, *Lendas da India*, t. II, p. 379-380.

Estes embaixadores foram escolhidos pelo conhecimento que tinham do país. Pelo menos assim parece deprehender-se da carta de Albuquerque de 1 de janeiro de 1514. Eram provavelmente homens de negocio, talvez dos cavallos; elles asseguraram a Albuquerque que se o trato dos cavallos se fizesse só por Goa se faria d'ella uma muito poderosa cidade, e os reis de Daquem e de Bisnaga seriam nossos tributarios.

[2] Comtudo, segundo G. Corrêa [*Lendas da India*, t. II, p. 510], o governador da India Lopo Soares de Albergaria mandou em 1517 Christovão de Figueiredo a Bisnaga por feitor com todos os cavallos e vinte elephantes d'elrei que estavam nas estrebarias em Goa, mas não sabemos até que ponto esta affirmação é verdadeira. Este Christovão de Figueiredo era um casado de Goa, que depois de se occupar no commercio dos cavallos com Bisnaga foi tanadar-mór das terras firmes, e figura na Chronica e descripção de Bisnaga adiante publicadas.

havia por bem fazer d'ellas doação a D. Manuel. Effectivamente elle occupou-as; formavam as tanadarias de Salsete, Pondá e Bardés, que se perderam depois e se tornaram a ganhar; e Rui de Mello mandou mensageiros a elrei por quem lhe agradecia muito aquelle favor[1].

Em seguida nova lacuna até 1547. Neste tempo era rei de Bisnaga Sadáxiva, mas de nome apenas, e era-o de facto Ramaraja, como já vimos. As relações entre Bisnaga e o Idalcão estavam, segundo parece, muito tensas. É então sómente que se consegue um tratado solemne e formal entre os dois estados, proposito que Affonso de Albuquerque tanto desejou sem o conseguir. É um documento importantissimo e por isso o damos na integra. Os reis de Bisnaga obtêm emfim o exclusivo fornecimento dos cavallos, mas em compensação as vantagens concedidas são muito grandes, e collocaram nas nossas mãos o monopolio do commercio d'esse país.

«Em nome do mui altissimo e todo poderoso Deos. Saibam quantos este contrato de pazes e amizades virem que no anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e quarenta e sete annos, aos dezanove dias do mês de setembro, nesta mui nobre e leal cidade de Goa, nos paços d'ella, onde pousa D. João de Castro, capitão geral e governador nestas partes da India pelo muito alto e muito poderoso rei de Portugal D. João, o terceiro d'este nome, seu senhor, foram assentadas pazes e amizades entre o dito senhor e o grande e poderoso rei Cidacio Ráo, rei de Bisnaga, por Trarcão seu embaixador pelos poderes bastantes que para isso trouxe, de que se fez o contrato seguinte.

---

[1] Cf. Goes, *Chronica de D. Manuel*, t. II, p. 565-6; Castanheda, *Historia dos descobrimentos dos portugueses*, l. v, p. 237-239. Não conta assim João de Barros o caso. Segundo elle (III, l. IV, c. V) Ruy de Mello tomou as terras firmes aproveitando-se do desbarato do Idalcão; não diz que foram offerecidas por elrei de Bisnaga.

«Primeiramente assentaram que seriam amigos d'amigos e inimigos d'inimigos, e que todas as vezes que cada um d'elles cumprir os ajudarão com todo seu poder e forças contra todos os reis e senhores que houver na India, não sendo contra a pessoa do Izamaluco;

«que os governadores da India serão obrigados a lhe deixarem tirar d'esta cidade de Goa todos os cavallos que a ella vierem da Persia e da Arabia, e não deixarão passar nenhuns ao Idalcão; e elrei de Bisnaga será obrigado aos fazer comprar todos, e dar tal aviamento aos mercadores que brevemente sejam despachados;

«que elrei de Bisnaga não consentirá que nenhuns mantimentos de nenhuma sorte que sejam saiam de suas terras, nem do reino de Bengapor, para as terras do Idalcão, e que os que vêm a Bandá vão todos a Ancolá e Onor, onde os governadores terão postos feitores que os comprem todos, e mandarão aos portugueses e mercadores que os vão lá buscar;

«que elrei de Bisnaga defenderá em todos os seus reinos e senhorios que nenhum salitre nem ferro venha pelo Obeli, nem por outra parte alguma ás terras do Idalcão, e o mandará vir a Ancolá e Onor, e que os governadores mandarão assim portugueses e mercadores, que lhos vão lá comprar, e serão obrigados a lhe comprar todo o salitre e ferro que aos ditos portos por esta maneira vier.

«E assim mesmo elrei de Bisnaga mandará que todas as roupas que houver nos ditos seus reinos e senhorios, que os mercadores trazem a vender a Bandá, as levem todas a Ancolá e Onor, e que os governadores mandarão aos portugueses e mercadores que lhas vão lá comprar, e lhes levarão lá muito cobre, calaim, coral, vermelhão, azougue e muita seda da China e Ormuz, com todas as mais mercadorias que vem dos reinos de Portugal.

«E sendo caso que alguma armada de turcos venha da India, ou qualquer navio d'elles, elrei de Bisnaga não consentirá que os agasalhem em nenhum dos seus

portos do mar, e entrando nelles quaesquer navios ou navio de turcos os mandará prender, e presos os mandará entregar ao governador da India, que ao tal tempo fôr; concertando-se elrei de Bisnaga, e o governador da India para ambos juntamente fazerem guerra ao Idalcão, que em tal caso todas as terras que lhe tomarem ficarão com elrei de Bisnaga, aceito as terras que estão do Gate para o mar, que se contem do porto de Bandá até o rio de Cintacora, porque estas d'antigamente pertencem ao senhorio e jurisdicção d'esta cidade de Goa, as quaes ficarão para todo sempre a elrei de Portugal seu senhor.

«Os quaes capitulos e condições o dito embaixador aceitou, e disse e affirmou que elrei de Bisnaga seu senhor os cumpriria assim, e da maneira que neste contrato de paz e amizade se contem, e para mais firmeza e seguridade de tudo, juraria em sua lei em presença do embaixador que o governador lá ha-de enviar, e mandaria a elle governador outro d'este proprio teor, jurado e assignado pelo dito rei de Bisnaga seu senhor segundo seu costume, e o dito governador, em nome d'elrei de Portugal seu senhor em presença do dito embaixador, pôs sua mão direita sobre um livro missal, e pelo juramento dos santos evangelhos prometteu de fazer cumprir e guardar o dito contrato e condições d'elle, assignou de seu nome, e o mandou assellar das armas reaes d'elrei seu senhor para mais fé e firmeza do dito contrato[1]. Cosme Annes, secretario, o fiz escrever.»

Quasi um seculo depois, em 1633, na epoca de decadencia de Bisnaga fez o Viso-rei da India um contrato com o seu rei para juntos expulsarem os hollandeses de Paleacate, devendo os portugueses attacar a cidade por mar e Bisnaga por terra. Os portugueses foram contra

[1] Cf. Couto, Decada VI, l. V, c. IV; Simão Botelho, *Tombo do Estado da India*, p. 255-7 (nos *Subsidios para a historia da India portuguesa)*; Biker, *Tratados da India*, t. I, p 118-120; *Annaes maritimos e coloniaes*, 1844, p. 69-71.

ella com uma armada de 12 navios, levando por capitão mór D. Antonio Mascarenhas, mas Bisnaga não cumpriu a sua promessa, ficando a expedição sem o exito que se desejava. Pouco tempo depois fez-se nova tentativa contra aquella, mas novamente faltou elrei de Bisnaga á sua palavra, vindo até mais tarde o mesmo a reconhecer aos hollandeses a sua posse[1].

A chronica que agora publicâmos é um documento precioso para a historia de Bisnaga. Não existe em lingua nenhuma, que saibamos, cousa que se lhe possa comparar, quer na parte historica propriamente dita, quer como descripção do país (e em especial da capital), productos, costumes, etc. Os viajantes italianos que visitaram e escreveram ácerca d'aquelle país, Nicoli di Conti, Barthema e Federici, estão muito aquem d'aquellas minucias na geographia e costumes do país, e nenhum d'elles nos deu uma chronica.

Estes textos não têem o mesmo auctor conforme se diz a p. 80. A parte que vae até p. 80, parece ser de Fernão Nunes, e a que vae de p. 80 a p. 123 de Domingos Paes. A primeira, como já dissemos, deve ter sido composta em 1535 pouco mais ou menos; a segunda é ainda mais antiga, e deve ter sido feita ahi por 1525.

Effectivamente o auctor da chronica diz-nos a p. 27 que Christovão de Figueiredo com 20 portugueses espingardeiros veiu de Bisnaga ao acampamento de Crisnaráo no tempo em que este cercava Rachol, anno de 1522; por outro lado o auctor de uma das descripções de Bisnaga diz-nos a p. 92 que elle com os seus companheiros e Christovão de Figueiredo foram bem rece-

---

[1] Cf. Danvers, ***Report on the Portuguese records,*** p. 52; ***Documentos remettidos da India*** [Archivo da Torre do Tombo], liv. 32, fl. 9; liv. 33, fls. 9, 253; liv. 34, fls. 13, 59, 60, 61, 90, 91, 94, 95, 98; liv. 35, fls. 1, 31; liv. 36, fl. 55; liv. 37, fls, 15, 33; liv. 38, fls. 297, 400

bidos d'elrei. Ainda que no dizer de Barros [III, l. IV, c. V] Ch. de Figueiredo costumava ir a Bisnaga a commerciar em cavallos, cremos que se trata d'esta vez em que foi até Rachol, e que os taes companheiros de Ch. de Figueiredo, de que se nos falla em Bisnaga, são os mesmos que se bateram com elle em frente de Rachol. Admittindo que essa relação só foi composta algum tempo depois, quando de volta a Goa, estamos proximos de 1525, data que demos; e em todo o caso foi depois de 1522 porque Domingos Paes diz a p. 86: «Rachol que jaa foy d elrey de Narsimga, e sobre ela ouve muyta guerra, e este rey [Crisnaráo] a tomou ao ydallcão».

Ambos eram mercadores de cavallos, um do tempo de Crisnaráo, o outro do de Achetaráo[1].

Estes documentos nas circumstancias em que foram escriptos devem satisfazer aos requisitos de authenticidade. Não são os seus auctores homens que por mera curiosidade alli fossem e se retirassem logo, como succede com os outros viajantes; são homens de negocio, conhecendo sem duvida a lingua do país, devem ter permanecido bastante tempo nelle, e visto com vagar; e de um d'elles, Fernão Nunes, se diz a p. 80 que residiu lá tres annos. Demais, as suas informações, no que tem de commum, concordam com as dos outros viajantes anteriores e posteriores. Da parte historica não podemos dizer outro tanto, dado o desaccordo com outros docu-

---

[1] É importante a affirmação que se faz a p. 80 do nosso texto: «Porque sey que não vay la [a Bisnaga] nenhũu [homem] que não traga sua mão de papel escripta das cousas de laa.» Isto está de accordo com o que nos diz Pero Fernandes Tinoco: «Em partindo senhor para Narsinga, da primeira passada que compecer a dar, logo compeçarei senhor d'escrever a jornada em um livro grande que para isso levo, em que espero, prazendo a Deos, de por a uma parte todas as cousas que vir, e em outro tudo o que souber d'informação certa, e assim trarei tudo d'esta maneira a vossa alteza quando me Deos ante vós trouxer.» Cf. *Cartas,* t. II, p. 344, carta dirigida a D. Manuel.

mentos de que já se disse a p. LXV; mas por ora essas informações ainda não podem ser regeitadas, as quaes de mais a mais concordam na parte essencial com os outros dados, o que é mais uma prova da sua veracidade, e a tornam muito plausivel.

Em toda a narração que demos de Bisnaga não fizemos entrar um só elemento fornecido pela chronica; deixâmos aos especialistas o cuidado de nos dizerem o que nella ha de aproveitavel.

Quanto á parte material da nossa publicação diremos que só fizemos algumas pequenas modificações ao original. A primeira foi pontuar o texto, que o não estava ou mal, e isso não foi sempre facil; a segunda desfazer as abreviaturas; a terceira regularizar o emprego das letras maiusculas e minusculas no interior do periodo, reservando aquellas para os nomes proprios; e d'ahi proveio a necessidade de separar palavras que estão escriptas juntas como *doria,* o que fazemos deixando entre a primeira e a segunda um espaço em branco *d Oria,* processo que adoptámos ainda para as palavras communs. Não havia utilidade nenhuma na fiel reproducção de original nesta parte, e ella embaraçaria a sua leitura. Tambem omittimos, por desnecessarias, as cedilhas, fóra das condições normaes da linguagem actual, assim como substituimos o *u* por *v* nas mesmas condições; conservámos todavia, talvez sem razão nos trabalhos d'esta natureza, a orthographia da epoca.

Devemos apontar, antes de terminar, algumas irregularidades do texto ou por defeito da copia ou do original ou mesmo de revisão, para prevenir o leitor. Como lapsos de revisão ha: p. 7, *ermytõo* por *ermytão,* que póde ser erro do original ou da copia, porque nesta está aquella fórma; pp. 7 e 8, *yrmytão* por *irmytão;* p. 8, *ynimiguos* por *inimyguos;* em varias partes vem *capitaães,* etc., por *capitãaes,* etc.; p. 62 *ysoo* por *ysso.*

Como defeitos da copia ou do original: p. 2, *Duree,* mas tambem póde ser *Durce* ou *Durte;* p. 6, *decidarão* por *decidirão,* que deviamos ter corrigido na revisão; p. 8, *Vydiajuua,* ou *Vydiajuna?;* de p. 80 a 123 é possivel que muitas vezes se devesse ler *regno* em vez de *reyno,* mas a copia não permitte decidir.

O original apresenta por vezes grande irregularidade na maneira de escrever certas palavras, assim, p. 28, *laydes, lamdes, lades* (sem duvida *lãdes),* e p. 111, *landys, lamdys* e *landeis;* p. 51, *Culbergura* e *Calbergara;* p. 73, *ondegema,* e p. 123, *Ardegema;* p. 93, *piões,* e noutras partes *piães* (p. 73, etc.); p. 97, *favaos* e *favões.*

Supprimimos as seguintes palavras ou phrases por serem repetições: p. 2, *que aquelle tempo herão muytos e do reyno de Bisnaga;* p. 28, l. 27, *destes não;* p. 32, l. 23, *ser;* p. 36, l. 37, *não.*

Fizemos as seguintes correcções por serem erros evidentes: p. 25, *pedidos* por *perdidos;* p. 74, *amdares* por *amdojus* (como se deprehende do que vem depois); p. 83, *Orya* por *Ourynha* (?); p. 114, *andarem* por adarem (provavelmente *ãdarem).*

Ha palavras cuja leitura é duvidosa: p. 36, *ausa* (?); p. 88, *brabnys;* p. 111, *Pismael;* p. 119, *emredoncarem;* p. 121, *pranhus.*

Deveriamos talvez ter introduzido certas correcções no texto para evitar confusão, como differençar *e* e *e* (= *he), a* e *a* (= *á, ha), sera, tera,* etc. (= *será, terá,* etc.), *merce, pe,* etc. (= *mercê, pé,* etc.), mas isso obrigava-nos a muitas outras modificações.

Damos entre colchetes a p. 59-60 um trecho que no texto se acha nesta altura, mas que em realidade devia vir no principio da chronica.

As duas gravuras de Bisnaga, que damos a p. L, são tiradas da obra de Gribble, *History of the Deccan.*

DAVID LOPES.

CHRONICA

DOS

REIS DE BISNAGÁ

Treslado e sumario de hũa chronica dos Reis de Bisnaga, que forão da era de mil e duzentos e trinta annos a esta parte, que foi despois da destroição geral do reino de Bisnaga.

Na era de mil e duzentos e trinta anos, ouve o mayor senhor que nas partes da India avia, que era o rey de Dili, quy por força d armas e gente fez a guerra a Cambaya per muytos anos, tomando e destroimdo neste tempo a terra do Guzarate, que he de Cambaya, e por derradeyro foy senhor d ella. E d esta tomada não contente com a vitoria que ate hy tinha alcançada, fez muita gente prestes de pe e de cavallo, e determinou fazer a guerra a el rey de Bisnaga, leixando em suas terras e fortallezas seus capitaẽes, para se poderem defemder aos inimiguos, que muytos tinha, por que este rey tinha naquelle tempo guerra com Bemgalla e com os turquimaẽes, que comfinão com o xeque Ismael. Estes homẽes são brancos e grandes de corpo, em suas terras ha muitos cavallos com que este rey de Delly fez a guerra a Cambaya e a desbaratou, e despois da terra tomada, e elle senhor d ella, lhe ficarão ainda oyto centos mill homẽes de ca-

vallo com que passou a Bisnaga, da gente de pe não se conta aquy por que não tem conto, e determinamdo a fazer guerra ao rey de Bisnaga, e metello debaixo do seu senhorio, passou as terras que novamente tinha ganhadas entramdo per as d el rey de Bisnaga que aquelle tempo erão muytas, e saymdo do reyno de Cambaya começou a entrar e fazer guerra ao Ballagate, cujas terras agora são do Idalcão, tomamdo e destroymdo muitas cidades e lugares, de maneira que, despois de ter feyto muyto dapno, deixamdo aos naturaes da terra as armas por lhas não poderem defemder, lhe entregarão os corpos e fazemdas. E despois de jaa ser senhor de toda a terra do Ballagate, passou o ryo de Duree, que he estremo das terras do Ballagate, e as d el rey de Bisnaga, o quaal ryo passou em cestos sem aver quem lho defemdesse ho passo, mas antes jaa d este tempo em todo ho reyno de Bisnaga, não avya lugar tomado, salvo a cidade de Nagumdym, em que el rey de Bisnaga aquelle tempo estava esperamdo a destruyção, por ser forte, não temdo jaa mais que aquella cidade, que hera hũa sua Llisboa. E do ryo, que este rey de Delly passou em cestos, a esta cidade, avera vinte cinco leguoas; todas são de campos nos quoaes lhe pareceo bom asentar seu arayal, nestes campos ao lomguo d este ryo pera sua gente beber estas augoas, por naquelle tempo aver grandes secas, per caso do verão, por que as augoas d algũas poucas allagoas que nos campos avyão, não abastavão dez dias a sua gente, cavallos, e allyfantes, sem se secarem; e asy esteve ao lomgo d este ryo por este respeito algũus dias, atee chover augoa pollos campos e allagoas em abastamça pera tão grãde poder de gente como levava, e como foy tempo levamtou seu campo, e veyo asentar seu arayal a vista d esta cidade de Nagumdy. E vemdo el rey de Bisnaga seu grande poder e muita gente que trazia, detreminou deixar a cidade, que era muito forte de entrar, a quoall tinha hũu ryo, e têm aymda agora, que se chama Nagumdy, per homde a cidade se

chama Nagundy, e per elle dizem que tinha a cidade seu nome, e acolheo se a hũa fortalleza que tinha da banda do ryo, a quoall avya nome Crynamata, a quoall tinha muito mantimento e augoa, mas não para se poder sostentar gente quoanta elle tinha comsyguo, que seryão cymcoemta mill homẽes, dos quoaes este rey tomou cimco mil homẽes com suas fazemdas, e se acolheo a esta fortaleza, e a mais mandou que se fosse para outra fortaleza sua que per seu reyno aynda tinha. E acolhido na fortalleza, pomdo regra em seus mantimentos, foy cercado por todas as partes d este rey dos de Dely, que jaa a este tempo avya doze anos que lhe fazia a guerra, no quoal cerco esteve pouco tempo porque a gente, que dentro na fortalleza estava, hera muyta, e em pouco tempo gastarão ho mantimento. E vemdo el rey de Bisnaga a vontade dos d el rey de Delly, que era não partir d ally sem dar fim aos que demtro na fortalleza comsyguo tinha, fez hũa falla a todos, pomdo lhe diante a destroyção que el rey dos de Dely em seus reynos feito tinha, e que não contente com isso ho tinha posto em cerco naquella fortalleza, onde jaa não tinha outra sallvação senão a morte, por que jaa na fortaleza não avya augoa nem cousa para comer, e que de cimcoenta mill homẽes que na cidade de Nagumdy tynha, escolhera a elles por companheiros e verdadeiros amiguos, lhe pedia que a lealldade com que elles nas vydas teverão quisessem ter na morte, por que elle esperava naquelle dia dar batalha a el rey de Delly, e pois jaa em seu reyno e senhorio não tinha mais que aquella fortalleza e as pessoas que dentro tinha, que lhe pedia que se armassem, e com elle morressem na batalha, damdo as vidas a quem lhe tirara as terras. Todos d isto forão muyto contentes e alegres, e logo todos forão armados; e despois de ho serem lhe fez el rey outra falla, dizemdo: Primeiro que entremos nesta batalha, avemos de ter outra com nossos filhos e filhas e molheres, que não sera bem que fiquem entregues a nossos enemigos pera huso, dise

el rey; eu quero ser o primeiro que ha tenha com minha molher e filhos. Em este tempo estavão jaa todos em hũu terreyro grande que diante da fortaleza estava, homde por mão d el rey forão mortas cincoenta e tantas molheres suas e algũus filhos e filhas pequenas, e loguo foy feyto outro tanto per mão d aquelles que tinhão molheres e filhos que não erão pera pellejar; e acabadas estas bodas tanto contra suas vontades, abrirão as portas da fortalleza, homde loguo forão entradas dos inimiguos, e todos morrerão sem ficar mais que seis homẽes velhos que se recolherão a hũa casa, os quaes forão captivos e trazidos diante d el rey, e el rey lhe preguntou que homẽes herão, e como escaparão, e elles lhe disserão quem erão, com que el rey muyto folgou, por que hũu d elles era ho regedor do reyno, e outro tesoureyro, e os mais erão hoficiaes dante elle aos quaes foy pedido por el rey conta dos thesouros d el rey de Bisnaga, os quoaes por elle forão entregues que dentro na fortaleza soterrados tinha, e asy lhe derão conta do que remdia naquelle tempo o reino de Bisnaga. Sabido isto por el rey os mandou entregar a hũu capitão seu, e os mortos mandou entregar a hũu capitão, diguo, os mortos mandou queymar, e o corpo d el rey muyto honrradamente a requerymento d aquelles seus homẽes, foy levado ha cidade de Nagumdy, e d ahi em diante ficou jaziguo dos reys, e este rey tem elles por santo antre sy.

Capitullo do que el rey fez despois de ter el rey de Bisnaga morto, e desbaratado, e a terra por sua, sem aver quem lho defendesse, &c.

Tanto que el rey acabou ho que tanto desejava, mãdou a seus capitaẽes destroir algũs logares e villas que estavão alevantados, e dar seguro a quem ho d elle querya; e despois da morte d este rey esteve nesta fortalleza

dous anos, avemdo jaa doze que lhe fazião a guerra ao reynno, e era afora do seu naturall, que era d onde elle estava passante de quinhentas leguoas; e, temdo suas gentes todas espalhadas, lhe vierão novas como toda a terra por elle primeiro ganhada era allevantada. Sabido ysto por el rey, mamdou recolher sua gente, lleyxando nesta fortalleza, que era mais forte que neste reyno havia, pera se defemder emquoanto tivesse mantimentos em abastança; e deixou por capitão e regedor do reyno Enybiquymelly, mouro, e com elle deixou muyta gente fazemdo a cada hũu per sy muita merce, damdo lhe muytas dadivas e terras, de maneyra que todos ficarão contentes, perdemdo jaa a esperança de mais tomarem novos terrenos, fazemdo d estes seus naturaes.

Capitullo de como partio el rey dos de Dily, e levou pera seu reino os seis captivos que na fortalleza tomou, &c.

Partindo se el rey pera seù reyno, por respeyto da nova que lhe hera vymda, deixamdo o reyno de Bisnaga em poder de Meliquy niby, sabido por toda a terra como era fora d ella, os que escaparão pellas montanhas, e outros, que contra suas vontades com temor lhe tinhão dado as menagẽes das villas e lugares, se alevantarão contra o capitão Mileque neby, e lhe vierão por cerco na fortalleza, não lhe deyxamdo vir nenhũus mantymentos nem lhe pagamdo as remdas como erão hobrigados. E vemdo Meliquy niby quão pouco seu proveyto fazia nesta terra, e quoão mal lhe hobedecião, e quão lomge tinha os socorros d elrey seu senhor, lhe fez loguo aly saber como toda a terra era alevantada, e cada hũu era senhor do que querya, e nenhũu era per elle; que visse sua allteza o que querya, que em tall caso se fizesse. E sabido por el rey estas novas, fez comselho, damdo conta aos grandes de seu reynno da carta e re-

cado que tinha de Melinebiquy seu capitão, e governador do reyno de Bisnaga, e quoão mall lhe obedecião os senhores da terra, mas antes cada hũu era rey e senhor dos que querya, como tinha algũu poder, sem aver justiça entre elles nem pessoa a que quyzese obedecer; que hera ho que lhes parecya, e ho que nisso devyão e podião fazer pera que hũa tamanha terra e tão rica se não perdesse, pois que tanto trabalho e dinheiros e vidas de seus naturaes custarão ganhallas. Decidarão todos neste comselho que mamdasse elrey vir os seis homẽes que captivos tinha, e que d elles soubesse quoal hera o mais chegado, ou parente, que aquelle tempo avya dos reis de Bisnaga, e feito este exame não se achou nenhũu a que por razão podesse vir ho reyno, salvo a hũu de seis que elle tinha captivos, que, ao tempo da destroyção de Bisnaga, hera regedor do reyno, e que este não tynha nenhũu parentesco com os reys mais que ser justiça mayor, e que aquelle podia sua allteza dar o reyno, e ysto pareceo muy bem a el rey e a todos. Logo os seis cativos forão soltos e postos em sua liberdade, e feytas muytas merces e honrras, e o regedor foy allevantado por rey, e o thesoureyro por regedor, tomamdo-lhe suas menagẽes e reffaaẽs de vassallos, e logo forão despedidos e mandados pera suas terras com muyta gente que hos defemdesse de quem lhe mall quysese fazer; e chegados asy estes dois homẽes por suas jornadas a cidade de Nagumdy, não acharão mais que os alliceces das casas, e lugares povoados d algũs mesquinhos. Em pouco tempo foy sabido per toda a terra a chegada Deoráo em como vinha alevantado por rey do que o povo foy muy contente, como aquelles que tanto sentia serem sogeytos a senhor fora da sua lley, e d este descendem todollos outros que atee agora forão; e fezerão lhe gramdes festas, e entregarão lhe as terras ganhadas pellos reys passados e perdidas por elle, e foy obedecido por rey; e sabido ysto pollo capitão Meliquy niby foy muy allegre e contente, e lhe entregou a for-

talleza e reyno, como mamdava el rey seu senhor, e fazemdo se prestes com muyta brevydade, se partio deixamdo a terra a cuja era. E despois de partido, el rey Deoráo, entregue do reyno, não curou de mais que de apacificar a terra e os que amdavão alevantados, dar lhe seguros, e fazer lhe muytas merces pera lhe ganhar as vontades, e corremdo suas fortalezas e lugares, leixando as terras perdidas que elle não podia ganhar, por não ter gente e cavallos para ysso, nem cousa pera poder fazer a guerra, e tão bem per ser muyto velho.

Capitullo como foi por este rey Dehoráo edificada a cidade de Bisnaga.

Himdo el rey hũu dia a caça, como muytas vezes costumava fazer, a hũa montanha d outra bamda do ryo de Nagumdym, omde agora he a cidade Bisnaga, que aquelle tempo era hũa brenha em que amdava muyta caça, a quoall el rey tinha coutada pera sua pessoa, semdo nella com seus cães e aparelhos de caça, alevamtamdo se lhe hũa lebre a quoal em vez de fugir aos caães enviava se a elles e mordia a todos, que nenhũu ousava de chegar a ella pello dapno que nelles fazya, e vemdo ysto el rey espantado de tão fraca cousa morder lhe os caẽes que lhe filhavão hũu tigre e hũu lyão, não lhe pareceo ser lebre mas algũu mysteryo, e tornou se loguo pera a cidade de Nagumdim. E chegamdo ao ryo achou hũu ermytõo que amdava ao lomgo d'elle, homem santo antre elles, aho quoall contou o que lhe acontecera com a lebre, e d isto espantado o yrmytão, dise a el rey que se tornasse com elle a mostrar lhe aquelle lugar omde ho tall acontecera; e semdo llaa lhe disse o yrmytão que naquelle lugar fizese as casas em que ouvese de morar, e edificase hũa cidade, porque aquillo sinificava ser a mais forte do mundo, e que esta cidade nunca poderya

ser tomada dos ynimiguos, e que aquella fosse a principall do seu reyno. E asy o ffez el rey que naquelle dia começou a fazer obra em suas casas e cercar a cidade ao redor, e feyta esta, e deixou a de Nagumdym por a povoar mays asynha a quoall pos nome Vydiajuua, por que asy se chamava o yrmytão que lha mandou fazer, e por tempos se corrompeo este nome, e se chama agora Bisnaga; e despois d este hermitão morto fez hũu pagode muy honrrado d este hermitão a ssua honrra, e deu lhe muyta remda, e d aquy per memorya os reys de Bisnaga, ho dia que os alevantão por reys, primeyro hão de emtrar nesta casa que na ssua a honrra d este hermitão, na quoal tem muyta devoção e fazem muytas festas no ano; este rey Dehoráo reynou sete anos, e nelles não fez mais que apacificar o reynno o quoall deyxou com muyta paaz. Por sua morte herdou o reyno hũu que se chamava Bucaráo, e este conquistou muytas terras, que no tempo d esta destroyção d este reyno ficarão alevantadas, e por elle forão tomadas, e tornadas a seu poder e senhorio, e tomou o reyno d Orya que he muyto gramde, parte com Bemgalla; e reynou trynta e sete anos, não semdo menos temydo que acatado e obedecido por todo seu reynno. E per morte d este rey Bucaráo ficou hũu filho que se chamou Pureoyre Deoráo, que quer dizer em canará poderoso senhor, e este fez a moeda de pardaos que agora aymda chamão puroure deoráo, e d aquy em diante ficou em costume as moedas tomarem os nomes dos reys que as fazem, e per ysso ha tantos nomes de pardaos no reyno de Bisnaga; e este rey em seu tempo não fez mais que deixar per sua morte tão sogigado como d el rey seu pay a tynha. D este rey ficou hũu filho, que per sua morte erdou ho reyno, o quoal se chamou Ajaráo; e este reynou corenta e tres anos no quoall tempo sempre fez muyta guerra aos mouros, e tomou Goa, e Chaul, e Dabull, e Ceillão, e toda a terra de Charamamdell que aymda estava alevantada da primeira destroyção d este reyno, e fez outras cousas muytas que aquy se não

contão. Este rey fez na cidade de Bisnaga muytos muros e torres, e cercou ha novamente, por que a cidade a este tempo não hera nada, por nella não aver augoa pera se poderem fazer ortas nem pumares, salvo a augoa de Nagumdym que vay afastado d ella, por que ha que na terra avya era toda salgada, que não deixava cryar nada; e este desejamdo d acrecentar esta cidade, e a fazer a milhor de seu reyno, detreminou de trazer hũua rybeira muyto gramde, que d ali a cimco legoas estava, por outras partes, a que fazya muyto proveyto em metella por dentro da cidade; o quoall ho ffez tapamdo a propria ribeira com gramdes penedos, que diz a strorya que lhe llamçarão hũa pedra tamanha que ella sso o fez vir arrybeira per homde a vontade d elrey querya, e esta foy levada ally por muytos allyfantes que em seu reyno tinha; e trazida a augoa lamçou ha pollas portas da cidade que elle quis, esta augoa faz tamto proveyto nesta cidade que lhe acrecentou mais de remda trezentos e cimcoenta mill pardaos, per virtude d esta augoa, se fezerão por derredor da cidade muytas hortas e pumares, de gramdes arvoredos e latadas de uvas, que nesta terra ha muytas, e de muytos lymoeyros e laramgeiras e rosais, e outras arvores que nesta terra dão muito bom fruyto, e nesta ribeira, que este rey trouxe, dizem que gastou todo ho thesouro que d elrey seu pay lhe ficou, que era muito gramde soma de dinheiro. E d este rey ficou hũu filho per sua morte que se chamou Visarao, que herdou o reynno por morte de seu pay, o quoall viveo seis anos, e neste tempo não fez cousa que de contar seja. E per sua morte ficou d elle hũu filho que se chamou Deoráo, o quoall reynou vinte e cynco anos, e detremynou fazer gramde thesouro, e com as gramdes guerras não pode ajuntar mais que oytenta e cymco contos d ouro, não contamdo pedrarya, e ysto não era muyto dinheiro, porque neste tempo pagava paryas a elrey de Coullão, e Ceyllão, e Paleacate, e Peguu, e Tanaçary, e outras muytas terras. E d este rey per ssua morte ficou

hũu filho que herdou ho reyno, o quoal se chamou Pinaráo, reynou doze anos, foy gramde estrolico, foy dado muito as letras, fez muytos livros e hordenações na ssua terra e reyno; e emquanto reynou teve vynte regedores, que he offycyo que antre elles amda em hũa so pessoa, e este rey foy muyto manhoso, e gramde sabedor em todos os officyos, tinha tão bom emgenho e natural e por ysso lhe chamavão Pinaráo, que quer dizer antre elles, em llymgoa canara, gramde sabedor; e este rey foy morto por treyção, por mão de hũu sobrinho que elle cryou em ssua casa como filho, e pera ho matar teve esta maneyra. Detreminou de querer casar, e pera as festas de seu casamento pidio a el rey seu tio que ho mandase acompanhar e honrrar nas suas vodas por seu filho, ho quoall el rey pello amor que lhe tinha, e por folgar de ho honrrar, mamdou a seu filho que se fizesse prestes com sua gente, e com regedores e capitaẽes de sua corte fossem acompanhar e honrrar o casamento de seu sobrinho; o quoal posto por obra, tanto que forão em sua casa estamdo a mesa forão todos mortos as punhalladas por homẽes que pera ysso tinhão prestes, o quoall se fez sem nimguem ho sentir, porque ca costumão por tudo na mesa ho que se hade comer e beber, e asentados não vem nenhũu homem a servir, nem homẽ de fora que não aja de comer, e por asy estarem sos a mesa não pode ser sabido da gente que trazião ho que passava. E depois de ter ho filho d el rey morto com todollos capitaẽes, ho regedor detreminou a cavallgar, e fez hũu presente a el rey, e levou lho, e tanto que chegou as portas do paço, mamdou a el rey hũu recado em como estava ally, e lhe trazia hũu serviço, cousa que se costuma antre elles; e estamdo el rey a este tempo despojado folgamdo com ssuas molheres, mamdou lhe que entrasse, e tanto que entrou homde elle estava, lhe apresentou hũa batega d ouro, e nella levava huma adaga chea de peçonha com a quoall lhe deu muytas ferydas; el rey como era homẽ que ssabya muy bem jugar d espada e adarga, melhor

que nenhũu dos de seu reyno, furtamdo lhe o corpo as estocadas que lhe tirava, se desembaraçou d elle, e com hũu terçado seu ho matou, e tanto que ho fez, mamdou sellar hũu cavallo em que lloguo cavalgou, levamdo lhe a cabeça na mão, e se foy caminho de sua casa, parecemdo lhe a treyção quella podia ser feyta, e que podya ter morto seu filho, e hos que com elle forão, e tanto que el rey chegou vyo a verdade da treyção, e gramde mall que seu sobrinho cometera a lhe matar seu filho com hos primcipaes seus capitaẽs, e a elle tambem punha por obra se podera; do que el rey muy imdinado mamdou fazer gramdes justiças dos seus aos que nisso achou culpados na treyção, com outros que não herão, e elle ficou muy ferydo das ferydas apeçonhentadas, e durou seis meses, e acabados elles morreo de peçonha que llevava a adaga. E despois de sua morte herdou ho reyno hũu seu filho que lhe ficou, o quoall se chamou... e este rey, tanto que reynou, mamdou chamar seus thesoureyros e o regedor e os scrivaẽes de sua fazemda, e preguntou lhe, e soube quoanto remdya cadanno; e tinha de remda sua allteza treze contos d ouro, e este rey fez da remda do seu reyno merce aos pagodes o quynto, nos quoaes não entra justica nenhũua na terra d estes pagodes se não justiça dos bramines, que he a dos sacerdotes, e d isto se aqueyxão. E por morte d este rey ficou hũu filho que se chamou Verupacarao; este rey enquoanto reynou sempre foy dado aos viços, não curamdo se não de molheres e de se embebedar e de follgar, não se amostramdo aos capitaẽes nem a seu povo, de maneyra que em pouco tempo perdeo ho que seus antepassados ganharão e lhe lleixarão; e vemdo os gramdes de seu reyno a maneyra e vida de sseu rey, cada hũu se alevantava com ho que tinha, per omde em seu tempo perdeo Goa, e Chaull, e Dabull, e outras principaees terras de seu reyno. Este rey matava muytos capitaẽes por doudice, porque se sonhava de noute que hũu capitão seu lhe entrava em sua camara, ao outro dya

mamdava chamallo, dizemdo lhe que elle sonhara aquella noute que entrava em sua camara pera ho matar, que por ysso ho mamdava matar. Este rey tinha dous filhos jaa homẽes, os quoaes vemdo a maldade de seu pay, e como perdia seus reynos, detremynarão de o matar, como de feyto foy morto por hũu delles o mays velho, que hera ho heerdeyro; e despois de ho ter morto queremdo ho levantar por rey, disse: Aymda que este reyno he jaa meu por dyreyto, eu ho não quero, porque eu matey meu pay, e fiz nisso ho que não devya, e fiquey em pecado mortall, e por ysso não he bem que hũu tão maao filho herde o reyno, tome o meu irmão, e governe o, pois não çujou as maos no ssamgue de seu pay, o quoal asy foy feyto, e o jrmão mais moço allevamtado por rey. E depois de lhe entregarem o reyno foy acomselhado pello seu regedor e capitaẽes que matase a seu jrmão, que asy como elle matara a seu pay, aśy farya a elle se lhe viesse a vontade, e parecemdo lhe a este rey que aquyllo bem podya ser, detreminou de ho matar, o quoal logo foy posto por hobra, e feyto por sua mão, asy que bem ouve este a fim que hão aquelles que tão maas obras fazem; e este rey se chamou Padiaráo, e depois de ter ysto feyto, tiramdo aos costumes de seu pay, e llamçamdo se as molheres, não queremdo saber cousa de seu reynno mais que os viços em que se delleitava, estava muito d asento nesta cidade. E sabemdo hũu capitão seu, que se chamava Narsymgua, que em parte lhe era parente, o modo de sua vyda, e camanha perda era do reynno viver e reinar, pois não era pera nada, detremynou a vir sobre elle a tomar lhe suas terras, ho quoall logo pos em obra, escrevemdo e fazemdo saber aos capitaẽes do reynno camanha perda era não ter rey que hos governasse, e que não serya muyto, segumdo a maneira de seu viver, perder aymda por seu mao cuidado mais do que seu pay perdeo, fazemdo a todos gramdes abastamças por lhe ganhar as vontades, e asy que ajuntou muyta gente, fazemdo se prestes pera vir sobre Bisnaga, omde el rey estava. E

semdo dito a el rey o alevantamento d este capitão Narsymgua, e como lhe vinha tomamdo suas terras, e como se vinha achegamdo com muyta gente, e não lhe lembrando a perda que recebia, não dava nada por ysso nem se fasya prestes, antes a quem lho dizia tratava o mall, de maneyra que as portas de Bisnagua chegou hũu capitão da mão d este Narsymgua, sem achar quem lho defemdesse, e semdo dito a el rey sua chegada, dizia que não podia ser, de maneyra que entrou a cidade, e elrey dizia que não podia ser, e entrando por suas casas atee as portas de sua camara matamdo lhe allgũas molheres suas, então ho creo, e vemdo jaa quoão perto tinha, determinou a sse sahir per hũas portas que da outra bamda tinha, e deixou lhe a cidade e casas, e fugio. Sabido pello capitão como elrey hera fugido não curou de hir apos elle, e tomou posse da cidade e dos thesouros que nella achou, e o ffez saber a seu senhor Narsymgua, o quoall despois d isto feyto foy alevantado por rey, por ter muyto poder e ser bemquisto do povo, e de então pera ca se chamou este reyno de Bisnaga ho reyno de Narsymga. E este rey depois de allevantado por rey, e obedecido, veyo a Bisnaga, omde fez muytas justiças, e tomou as terras a quem as tinha contra razão tomadas a elrey; e este rey reynou corenta e quoatro anos, e por sua morte deixou todo ho reyno em paz, e todas as terras que hos reys passados tinhão perdidas forão ganhadas por elle; fez vir os cavallos d Oromuz e d Adeem aquy a seu reyno, e por ysto fez grandes merces aos mercadores, pagamdo lhe os cavallos como elles queryão, tomava lhe os mortos e os vivos tres por mill pardaos, e os que morryão no mar trazião lhe o rabo, e pagava lho como se fosse vivo. Por morte d este rey ficarão tres fortallezas alevantadas de seu reyno, que elle nunca pode thomar, as quoaes erão estas Rachol, e Odegany, e Conadolgiquo, são gramdes terras ricas, e as primeiras de sseu reyno. Per ssua morte lhe ficarão dous filhos, e era regedor do reyno Nasenaque, que era pay d elrey que despois foy rey de

Bisnaga; e este rey, antes que morresse, mamdou chamar Narsenaque, seu regedor, e lhe fez sua falla, dizendo lhe que o deixava per sua morte per seu testamenteyro e regedor de seu reyno, atee seus filhos serem de ydade pera governar, e asy que dixe que todo ho seu tesouro tinha em ssua mão, poemdo lhe diante como elle ganhara este reyno de Narsymgua pella ponta da espada, e que lhe não ficava mais que tres fortalezas pera tomar, e que por elle não ter tempo as não tomara, e que lhe pedia que tomasse cuidado de seu reyno, e o entregase a seus filhos, aquelle que mostrase mais ser pera ysso; e despois da morte d este rey ficou este por regedor, e llogo alevantou ho primcipe por rey, temdo elle de sua mão ho thesouro e remdas e o governo da terra. E neste tempo hũu capitão que lhe querya mall, detreminou de matar ho principe pera dizer que ho mamdara matar Narsenaque, que hera ho regedor a que ficara o reynno emcomemdado, parecemdo lhe que por esta treyção fose morto Narsenaque, o quoall logo teve maneyra como foy morto de noute per hũu pagem seu que pera ysto foy pertado, o quoal matou com hũa espada; e tanto que Narsenaque soube que era morto, e que ho mamdara matar, alevantou seu yrmão por rey, não podemdo fazer mais justiça d este capitão por ser muyto aparentado, senão despois de allevantado ho yrmão mais moço por rey, que se chamava Tamarao. Se sayu hũu dia da cidade de Bisnaga atee Nagumdym, dizemdo que hya a caça, deixamdo na cidade toda sua casa, e despois de ser nesta cidade de Nagumdym, se foy a outra que se chama Penagumdim, que he vinte e quoatro legoas d esta, homde fez logo muita gente prestes e muitos cavallos e allifantes, e então fez saber a elrey Tamarao a causa de ssua hida, contamdo lhe a treição que aquelle capitão por nome Tymarsaa hordenara com elle matar seu yrmão, que hera rey, e por cuja morte elle herdara o reyno, e que por quoanto este reyno lhe ficara emcomemdado por morte de seu pay e asy elle e seu yrmão, que elle asy como matou a sseu yrmão

asy farya a elle outro tanto, pois era tredor, e por ysso hera necessaryo castigalo. E elrey neste tempo folgava muyto com este capitão, porque por sua causa fora rey, e em vez de o castigar, fazia lhe merce, e favorecia o contra ho regedor; e vemdo ysto Narsenaque, foy sobre elle com muyta gente, e cercou ho estamdo sobre elle quoatro ou cinco dias, e vemdo elrey sua detreminação mandou fazer justiça de Timarsaa, depois de morto mamdou lhe a cabeça a mostrar, com que ho regedor folgou muyto, e despidio toda a gente, e entrou na cidade, omde foy muy bem recebido de toda a gente de que hera muyto amado por ser homem de muita justiça. E depois de passados algũus dias e anos, vemdo Narsenaque a ydade d elrey quoão pouca era, detreminou de ho ter na cidade de Penagumdy, com gramdes goardas pera seguramça de sua pessoa, e dar lhe vinte mill cruzados d ouro cada anno pera comer e gastar, e elle governar ho reyno, porque asy lhe ficou emcomemdado d elrey seu senhor pera fazer ysto, ho quoall depois de ter ysto feito, dixe elrey que queria vir a Bisnaga a fazer algũas cousas que comprião a bem do reyno; elrey, folgamdo com ysso, lhe dixe que fosse, por ficar mais a ssua vontade, sem d elle ser repremdido, e depois de partido e chegado Narsenaque a Bisnaga, lhe mamdou vinte mill homẽes pera que ho goardassem, como tinha detreminado, e mamdou per capitão delles Timapanarque, homem de muyta comfiamça, pera que ho não leixasse sahir fora da cidade, e pera que dese muyto resgoardo a sua pessoa de allgũa treyção. E despois d isto feito, começou Narsenaque fazer a guerra a allgũus logares, tomamdo os, e destroymdo por estarem alevantados, e neste tempo foy cometido d algũus capitaẽes que matassem a elrey, pois não hera pera o ser, ao que Narsenaque não quis rempomder nada, e passados allgũus dias, cuydamdo Narsenaque na treyção em que lhe fallavao, pera mais sua honrra, e pera mais levemente senhor ser do reyno de que elle hera regedor, chamou hũu dia aquelles capitaẽs, que lhe per muytas vezes ti-

nhão cometido, e preguntou lhe que maneyra terya pera matar elrey, sem ser sabido que ho mamdava elle matar. Dise lhe então hũu que muito boa, que elle se farya agravado d elle, e que elle ho mamdarya chamar, ao quoal mamdado elle não hiria, e com este desacatamento elle lhe poderya dar quoallquer pena, e com este agravo deixaria a cidade, como quem hia fugimdo pera Penagundy aqueixar a elrey d elle, e depois de ganhar a vontade a elrey, hordenarya contra elle de tal maneyra que lhe perdese a obediemsya, e que pera lhe fazer melhor coração, farya muytas cartas falssas de capitaẽs que lhe desem o mesmo comsselho, e o deixara naquella cidade omde estava mais preso que solto, pomdo lhe diante como elle era rey e senhor d elles, e que elles todos erão mamdados por Narsenayque seu vassallo, ho quoall se fazya muyto forte e gramde no reyno, e o tinhão preso, e se alevantava, e que se sayse d aquella cidade secretamente a huũa fortalleza do capitão que lhe mamdava aquella carta, e que d ally se faria prestes com muyta gente, e que como os fidalgos e capitaẽs soubesem sua vontade e detremynação, lha faryão, e ajudaryão, e veryão com elle sobre Narsenayque, e prisão em que ho elle tinha lha darya, e que d esta maneyra serya rey, e que depois de ho ter comvertido a ysto ho farya sahir, e saymdo ho matarya, e que d esta maneyra serya rey. Ouvimdo ysto Narsenayque, foy muy contente com a treyção, e maa obra em que este capitão se punha, e lhe fez muyta merce, ho quoall desapareceo d aly algũus dias d omde estava Narsenayque, mostramdo hir fugimdo, e foy ter a Penagumdy, omde em poucos dias foy conhecido d elrey, e cometido, e posto em obra as ditas cousas, e a cada dia lhe mostrava hũa carta, oje de hũu capitão de hũa fortaleza, e amenhaa outra d outro capitão, e vemdo elrey os ardis que lhe este dava a carta que lhe mostrava, respomdeo que muyto bem lhe dizia e acomsselhava, e, porem, como poderia elle resystir ao poder de Narsenayque, que, allem de ser regedor do reyno, tinha todollos cavallos e alli-

fantes e thesouro pera lhe fazer a guerra da sua mão? Verdade he senhor o que dizes, respomdeo o tredor, e porem elle he muyto mallquisto de todos os capitaẽs, que te alevantarão por rey, e tanto que te virem em Chăodagary, que era a fortalleza omde elle acomselhava que se fosse, vivemdo atee lly em sua liberdade, todos te ajudarão pois he contra a justa causa. Disse elrey, pois ysso asy he, que maneyra me das pera sahir d aquy, que não seja sentido das goardas, e de vinte mill homẽes, que estão sobre my nesta cidade? Senhor, disse elle, eu taa darey muy boa; tu e eu nos sayremos por esta horta tua, e d ella nos sayremos por hũa porta fallssa, que estaa nesta cidade, que eu sey muy bem, e vemdo te as goardas hũ so sem gente, não hão de saber que es tu, e d esta maneyra nos sayremos fora da cidade, omde terey cavallos prestes que nos ponha omde te a ty he necessayro. Tudo ysto pareceo muy bem a elrey, e tudo pos nas suas mãos; e vemdo elle acabado o que desejava, fallou se com aquelles que goardavão aquella parte da horta, por omde elle querya que elrey fugisse, que era da bamda das casas, porque nesta orta elrey hia folgar muytas vezes com suas molheres, a quoal orta hera aquella parte se goardava de noute com obra de trezentos adargueyros, com hos quoaes elle se fallou, e lhe disse: Semdo cousa que vos outros me vejaes passar por aquy, tall noute, e a taes oras, e comiguo virdes vir hũ homẽ, matay o, porque elle mo merece, e eu vollo pagarey; diserão todos que aquelle serya ho mais pequeno serviço que lhe faryão; e passado aquelle dya deu o tredor pressa a elrey, senhor, o que aveis de fazer ojee, não o deixeis pera amanhaa, que eu tenho jaa prestes os cavallos pera vos sallvar, por ysso detreminay de vos sahir, sem ser sentido de vossas molheres, nem d outra pessoa, e vimde vos a orta, que eu vos estarey esperamdo; dise elrey que hera muy bem o que dezia, e que asy o faria. E tanto que foy noute, e as oras chegadas, elrey teve cuydado de se sahir, e milhor teve elle, que avia pedaço que o estava esperamdo, e asy dam-

do aviso aos adargueyros, o quoal tanto que foy na horta, passamdo por emtre dous, que erão as goardas, remeterão a elle, e o matarão, e foy llogo soterrado ao pee de hũu arvore na mesma horta, e ysto acabado sem saberem quem matarão, ho tredor lho agradeceo, e se foy pera sua pousada a fazer prestes pera se sahir fora da cidade, e tambem por não dar caųsa a fallarem nelle. E outro dia pella manhaa foy elrey achado menos, e buscado por toda a cidade, o quoal se não achou nenhũa nova d elle, cuydamdo todos ser fugido pera allgũa parte, omde podese fazer guerra a Narsenayque, ao quoall loguo foy ter a nova, mostramdo por ysso muito sentimento, fazemdo se prestes todavya de cavallos e alyfantes pera se no reyno ouvesse allgũu rebollyço pella morte d elrey, que aymda não sabia certo como era, mays que ser desaparecido, e depois d isto veyo quem ho matou, e deu lhe conta da maneyra que tevera, e quoão secretamente fora morto, que os mesmos que ho matarão, ho não sabião, ao quoal Narsenayque fez muyta merce; e por não aver nova nenhũa d elrey, e por elle ter tudo de sua mão, foy alevamtado por rey de toda a terra de Narsymga; e d este rey ficarão por sua morte cinco filhos, hũu se chamava Busbalrao, e outro Crismarao, Tetarao, e outro Ramygupa, e outro Ouamysyuaya. E este Busballrao herdou o reyno per morte de seu pay Narsanayque, e reynou seis anos nos quoaees sempre teve a guerra, porque tanto que o pay foy morto, llogo toda a terra foy alevamtada pellos capitaẽes, hos quoaees em pouco tempo forão por este rey destroydos, e as terras tomadas, e tornadas debaixo de seu senhorio; estes seis anos gastou elrey, em tornar a terra ao que era d antes, outo contos de pardaos d ouro; este rey morreo de sua doemça na cidade de Bisnaga, e antes que morrese, mamdou chamar Salvatimya, seu regedor, e mamdou trazer hũu filho seu que tinha d outo anos, e dise a Sallvatina que, tanto que elle morresse, alevamtase a seu filho por rey, posto que não fosse em ydade pera ysso, posto que a Crisnarao seu yrmão per-

temcya ho reyno, ou que a elle lhe tirase os olhos, e lhos trouxese a mostrar per despois de sua morte não aver no reyno allgũas diferemças, dizemdo Salvatina que asy o farya; se foy, e mamdou chamar a Crisnarao seu yrmão, e o levou a hũa estrebaria, e lhe dise como seu yrmão lhe mamdava tirar os olhos, e que fizesse a seu filho rey. Ouvido ysto, Crisnarao disse que não queria ser rey, nem nada de seu reyno, posto que de direito lhe viesse, que elle se querya hir por esse mumdo como Jogue, e que lhe não tirasse os olhos, pois que não tinha feito por que a seu yrmão; vemdo ysto Sallvatina, e vemdo o homem de vinte e tantos anos, tanto pera ser rey, como adiante vereis, mais que ho filho de Busballrrao, que hera de oyto anos, mamdou trazer hũa cabra, e lhe tirou os olhos, e os levou a mostrar a elrey, porque jaa esta hera a derradeira ora de ssua vyda, e lhos apresentou, e tanto que elrey foy morto foy allevantado por rey seu yrmão Crisnarao, a quem elle mamdara tirar os olhos.

Capitullo das cousas que fez elrey Crisnarao depois de sser allevantado por rey, &c.

Depois de Crisnarao ser alevantado por rey, obedecido em todo seu reyno, semdo seu regedor Salvatine, que tambem o fora de sseu yrmão Busballrrao, mamdou llogo a seu sobrinho, filho de Busballrrao, seu yrmão, e tres yrmaos seus, a hũa fortalleza que se chama Chão degary, e nella esteve atee que morreo, e depois de ter ysto feyto pera ssua seguramça, esteve na cidade de Bisnagaa hũu ano e meyo sem sahir fora d ella, sabemdo as cousas do reyno, vemdo os testamentos dos reis passados, antre os quoaes achou hũ d elrey Narsymga, cujo regedor seu pay Narsenayque fora, em que dizia que mamdava a seus filhos, ou a quem herdase este reyno de Narsymga, que elle ganhara por força d armas, que

tomasse tres fortallezas que por sua morte lhe ficavão alevantadas, as quoaees elle não tomou por lhe fallecer o tempo pera ysso, hũa dellas se chama Rracholl, e outra Medegulla. E vemdo Crisnaro este testamento, e quoão mall os reys passados fezerão o que nelle lhe ficara encomemdado, determinou logo de fazer gente, e hir sobre ellas, e hũa destas fortallezas se chama Odigair, hũua d elrey d Orya, e detreminamdo de hir sobre ella, ajuntou trinta e coatro mill homẽs de pee, e outocentos allyfantes, e chegou com esta gente a cidade de Digary, naquoall estaryão dez mill piois, e quoatrocentos de cavallo, por que a fortalleza não tinha necesydade de mais por ser muyto forte, e não se pode tomar senão por fome, e elrey esteve sobre ella hum anno e meio, noquoall tempo fez muitos caminhos por serras, derribamdo muytos penedos pera poder dar lugar a sua gente chegar as torres da fortalleza, que aquelle tempo hera tão forte que não podião hir a ella senão por hũu caminho, o quoall era tão estreyto que não podia hir mais de hũu homẽ ante outro, no quoal caminho fez gramde estrada, e outras muytas, per omde poderão chegar a fortalleza, a quoall tomou por força d armas, e nella captivou hũa tia d elrey d Orya, a quoall foy captiva e tomada com toda a cortesya que lhe elle poderya fazer estamdo em sua liberdade, e a llevou comsyguo; e depois d isto acabado chamou Salvatinya, e lhe disse que bem vya como tinha feito o que elrey Narsymga em seu testamento deixava emcomemdado, e porem que elle se não comtentava com tão pequena cousa como aquella, em que avia de hir avante pello reyno d Orya cem legoas, e que pera ysto fezese prestes mantimentos, e pagase a gente bem seus hordenados. E despois d esta fortalleza tomada se partio, e foy sobre Comdovy, que era hũa primcipall cydade do reyno d Orya, e a cercou, e sabemdo ysto elrey d Orya veyo sobre elle a defemder suas terras, e trouxe comsyguo mil e trezentos alliffantes, e vinte mill homẽs de cavallo, e trazia quynhentos mill homẽes de pee. Sabendo Crisna-

rao a vymda d elrey d Orya deixou a cidade, sem lhe dar combate, dizemdo que antes ho querya aver com a pessoa d elrey e com sua gente que com a cidade, que depois lhe ficarya tempo pera a tomar, e passou avante quoatro legoas d ella, deixamdo gente pera poder defemder a sayda a gente da cidade, se quizese sair lhe nas costas, e chegou a hũu ryo gramde d augoa sallgada, que passarão a vao, e da outra parte do ryo estava elrey d Orya com sua gente, e elrey Crisnarao asentou seu arayall d aquem do ryo, e mandou lhe hũu recado, que se elle quysesse pellejar com elle, que elle se afastarya atras do rio duas legoas, pera poder passar o rio a sua vontade, e quoamdo não que elle passarya, e lhe daria a batalha, ao quoal recado elrey d Oria não respomdeo, mas antes se fez preste para lhe dar batalha. E vemdo elrey Crisnarao sua determinação, passou a ribeyra con toda sua gente e allyfantes, e no passo do rio ouve grandes encontros d ambollas partes, omde morreo muyta gente, e con tudo passou elrey Crisnarao ho rryo, e a borda d elle pelejou tão bravamemte que desbaratou elrey d Oria, e lhe fugio, no quoal desbarato lhe tomou muytos cavallos e allyfantes. E despois d elrey ter ysto acabado, dise a Salvàtinea seu regedor, que tornasse atras aquella fortalleza que lhe ficava sem sentir suas forças, e se veyo por sobre ella, omde esteve sobre ella dous meses, e a tomou, e deu a capitanya d ella a Salvatinea, o quoall deixou nella de sua mão por capitão hũ seu yrmão, por hir com elrey avante por o reyno d Orya, e passamdo elrey o rio outra vez, e himdo no allcamço d elrey d Orya tomamdo e destroymdo toda a terra, que não avya cousa que o esperase, chegou a hũa cidade que se chama Comdepallyr, omde estavão todollos primcipaes do reyno, por ser primcipall cidade que no reyno avya, e lhe pos cerco, e esteve tres mezes sem a poder tomaar, a quoall tomou per força de gente mais que de armas, na quoall fortalleza achou muyta gente honrrada, que captivou, em que entrava hũa molher d elrey, e hũu filho seu, que era

primcepe, e sete capitaẽes primcipes de seu reyno, os quoaes todos mamdou caminho de Bysnaga, e elle foy avante pello reyno cem legoas, sem achar quem lhe defemdese nada atee chegar a Symamdary, que hera hũa cidade muyto gramde, nella esteve seis meses esperamdo por elrey d Oria, mamdamdo lhe muytos recados que o esperava em campo, o quoall nunca veyo, e nesta cidade fez muitas obras, e as esmollas aos pagodes, e nella fez hũu pagode muito honrrado, ao quoall deu muyta remda, e nella mamdou por hũas letras que dezião: Quoamdo estas letras forem apagadas, então elrey d Orya dara batalha a elrey de Bisnaga, e apagamdo as, então sera sua molher dada aos ferazes dos cavallos d elrey de Bisnaga. E despois disto feyto se tornou, deixando a mayor parte d estas terras aos pagodes, e se veyo a Bisnaga, no quoall estamdo allguus dias, mamdou chamaar ho filho d elrey d Oria, que cativarão na primeyra fortalleza, e lhe disse que lhe dizião que hera homẽ muy manhoso, e que jugava d espada e adarga muyto bem, que folgarya de ho ver jugar; disse o moço que pois sua alteza o mamdava, que faria ho que d isso soubese, e que pera isso lhe desse d espaço atee outro dia; e vimdo o outro dia o mamdou elrey chamar, e mamdou vir hũ homẽ seu que aquelle tempo d aquelle tempo muito sabia, pera que jugasse com elle, e vemdo ysto o filho d elrey d Oria, avemdo desprazer d elrey per o mamdar jugar com hũu homẽ que não era o filho d elrey, mas antes era homẽ baixo, disse a elrey que numca Deos quisese que elle çujasse as mãos em homẽ que não fosse de ssamgue de rey, e dizemdo ysto matou sse; e sabemdo seu pay como seu filho hera morto, escrèveo a Salvatinea, que remedio terya pera resgatar sua molher, que em poder d elrey estava, pois seu filho era morto, ao quoall lhe respomdeo que comettesse de casamento a elrey com sua filha, e que com ysto lhe darya sua molher e tomaria suas terras, o quoal conselho elle tomou, e mamdou embayxadores a Bisnaga a cometer casamento com sua filha, de

que elrey Crisnarao foy muito contente, e tanto que elrey d Orya soube sua vontade, lhe mandou sua filha, e com a vimda d ella forão amiguos, e tornou lhe as terras d allem do ryo, e as d aquem do ryo deixou pera sy.

Capitullo como Crisnarao, depois de feito pazes com el rey d Oria, detreminou de hir sobre a terra de Catuir.

Depois de Crisnarao ter feitas as pazes e casamento com hũa filha d elrey d Orya, e temdo lhe tomada sua molher e as terras d allem do rio, como atras conta, fez muita gente prestes, e detreminou de hir sobre Catuir, que hera terra de hũu senhor que avia cimcoenta anos que estava allevantada, esta terra he do em bamda de Charamãodel, e foy sobre ella, e pos cerco a hũa primcipall cidade, omde o senhor da terra estava, a quoal se chama , e cercada d augoa. E no tempo que Crisnarao foy sobre esta cidade era ymverno, pella quoal causa a ribeira que a cercava hia tão gramde, e levava tanta augoa que elrey não lhe podia fazer nenhũu dapno; e vemdo ysto elrey Crisnarao, e que se lhe passava o tempo sem fazer o que desejava, mamdou abrir muitos ribeiros pera poder cercar aquella primcipall, que lhe tinhão embargados seus desejos, e foram feitas em pouco co tempo, porque tinha muita gente, e despois das ribeyras acabadas, e lançadas per omde a augoa hiria, abrio as bocas no ryo, ao quoall muyto prestes descobrio o debaixo, e ficou vao que lhe deu llogar para chegar aos muros da cidade, e este rio foy feito em cincoenta ribeiras. Dentro na cidade avia cem mill homẽes de pee, e tres mill de cavallo, os quoaes se defemderão, e pellejarão mui bravamente, mas pouco lhe aproveitou, que Crisnarao em poucos dias os não entrasse, e matasse todos, e nesta cidade achou muito gramde thesouro, em que entrava, em dinheiro de contado, hũu conto e seis

centos mill pardaos d ouro, afora as joyas e cavallos, que muitos, e allyfantes, e despois d essa terra acabada de tomar, Crisnarao a repartio sobre muytos capitaẽs, damdo a cada hũu o que lhe era necessaryo; e o capitão que dentro na cidade estava, que hera o senhor da terra, foy captivo, e trazido a Bisnaga, omde morreo na prisão d elrey. E despois d elrey ter a terra asentada, se veyo a Bisnaga, d omde mamdou a Salvatinea a cidade de Comdovy, que era capitão d ella, e de sua mão estava nella seu yrmão, que fosse a terra, e polla regimento, por que despois que vierão d Orya numca mais fora a ella, e partido Salvatinea pera Comdovy, antes que chegasse, achou no caminho hũu mouro, que se chamava Madarmeluquo, que era capitão d elrey Daquem, o quoall estava esperamdo com sesenta mill homẽes, e Salvatinea levava duzentos mill homẽes, e avia lhe muyto pouco medo, com hos quoaees veyo sobre elle, e tomou, e desbaratou, e cativou a elle e a ssua molher e filho, e cavallos e allyfantes, e muyto dynheiro e joyas, e as mamdou a elrey Crisnarao, e elrey os mamdou meter em prisão, omde morrerão, e Sallvatinea foy se pera suas terras, e despois d estar nellas allgũs meses, e asy por en regimemto e justiça, se tornou a Bisnaga pera elrey, de quem foy bem recebido, como primcipall pessoa do reynno.

Capitullo como Crisnarao detreminou, com a vimda de Salvatinia, hir sobre Rachol, cidade do ydalcão, e quebrar as pazes de tanto tempo, e a rezão porque.

Despois de chegado Salvatinia, e muyto bem recebido d elrey, despois de ssua chegada allgũus dias, lhe disse elrey que elle desejava de comprir em todo ho testamento d elrey Narsynga, que era tomar lhe Rachol, que era hũa cidade muito forte, e das primcipaes do ydallcão, que elle tinha tomado aos reys d antepassa-

dos, e por que ahi avia a paaz, e passava de corenta anos, antre hũus e outros, que por serem tão antiguas não sabya por que maneyra as quebrasse, e por ellas serem feytas com comdiçoẽs, antre as quoaes erão que, asy de hũa bamda como da outra, quoaeesquer remdeiros, capitaẽes alevantados, ou outros malfeitores que has suas terras se acolhessem, e fossem pedidos que llogo fossem entregues, lhe disse Salvatinia que ahy avya muita razão pera quebrar a paaz, porque no reyno do ydallcão erão lamçados muitos remdeiros, e devedores a ssua alteza, e que lhos mamdasse pedir, e que não lhos damdo então tinha razão pera quebrar com elle a paaz, aymda que muytos forão contra este comselho. E sobre veyo neste tempo ter elrey mamdado a cide Mercar com corenta mill pardaos a Goa, a comprar cavallos, ho quoall cide Merquar era mouro, de que elrey de Bisnaga comfiava per alguas cousas em que ho jaa emcarregara, o quoall chegamdo a hũu lugar de mouros, a que chamão Pomdaa, que estaa duas legoas de Goa, dizem allgũus que tanto que ahi foy lhe escreveo ydalcão, por homde fugio d este Pomdaa para o ydallcão, levamdo todo o dinheiro comssyguo. Tanto que derão as novas a elrey da fugida de cide, de como lhe levava todo o dinheiro, dise que elle escreverya ao ydallcão, e que elle ho mamdarya con todo ho dinheyro, per quoanto era seu amiguo. Lloguo elrey fez escrever hũa carta na quoall lhe dizia d amizidade que tantos anos avia, em que numca se fizera outra tal, que não quisese que hũu tredor fosse causa de ser quebrada hũa tão amtiga verdade, como antre elles era, que lho mamdasse loguo. Tanto que a carta foy llyda ao ydallcão, mamdou chamar os seus cacizes e homẽes do comselho, e mamdou ler a carta que d elrey lhe era vymda, sobre a quoal carta forão avidos muytos acordos, por fim de todos acordarão de lho não mamdarem, dizemdo que era hũu homem letrado na sua ley, e parente de Mafumdo; e queremdo ho ydallcão dissimullar o tall caso, deu a este cide Dabull, por dizer que o não

tinha comsyguo, nem deile sabia, do quoal lugar de Dabull o cide fugio, sem mais saberem parte d elle. Como forão tornados hos d elrey com a reposta do ydallcão, elrey tomou por yso gramde sentimento, ouve por quebrada a paz, e mamdou loguo vir diante d elle os gramdes de seu comsselho, mamdou ler a carta em alto que de todos fosse ouvyda. Tanto que foy lida dise que, sem outro mais acordo, se fizesem prestes, que elle detreminava de tomar do tall vimgamça; os do comselho lho diserão a elrey que per aquelle dinheiro lhe não parecya bem, que olhasse que se diria, e fallarya pello mumdo, e se diria que, por tão pouca cousa, quebrava a paaz tão antiga, que olhasse que em mouro não avia nem verdade, que cullpa lhe avião os outros no mal que cide fezera, que se cide ouuesse de vir aquella guerra que por se tomar vimgança d elle, que então serya bem que morresem os que ho acompanhasem, mas que elles sabião que cide se goardarja bem de ssa armada; mas vemdo os do comselho que elrey estava jaa de todo demovido a fazer guerra, lhe diserão: Senhor, não na façaes por essa via, mas day sobre Rachol, que agora he do ydallcão, que antigamente foy d este reyno, e o ydallcão ha de vir a defemdello, então tomaras juntamente a vimgança de hũu e de outro. Ouve elrey este acordo por bom, fazendo prestes sua partida mamdou suas cartas a Madre Maluco, e Demellyno, e Desturvirido, e a outros senhores mayores, damdo lhe conta do que era passado com ydalcão, e como lhe detreminava fazer guerra, dos quoaees senhores lhe foy respomdido que fazia bem, que elles lhe ajudarjão no que podesem, vimdo os memssageyros com esta reposta, o Zemelluco não pode escusar de não mandar a sua yrmaa allgũa gente, a quoall estava casada com ho ydallcão. Estas cartas que elrey mandou a estes senhores foy hũa gramde cautella, damdo lhe parte do que queria fazer, pellos ter da ssua bamda, quoanto as vontades, que gente não na avia mister d elles, porque se elles forão da bamda do ydalcão, numca fora

vemcedor como foy, mas como quer que ho ydallcão de todos elles he desamado, por ser mor senhor que elles, e por nos mouros aver pouca verdade, se roem co mo caẽs, e se desejão ver hũs a outros destroydos, foy vemcido como ao diante vereis, no mes de mayo, em a lua nova, na era de mill e quinhentos e vinte dous. Despois de ter elrey feito suas ofertas e sacreficios a seus ydollos, partio da cidade de Bisnaga con toda a sua gente, aquoall hia d esta maneira, convem a saber, o porteiro moor, que se chamava Camanayque, levava a dianteira con trinta mil homẽs de pee, e dous mill, diguo, trinta mill homẽs de pee, archeiros, adargueiros, e de espimgardoẽes, e llamceiros, e mill de cavallo, e seus allyfantes; tras este hia Trimbicara com cimcoenta mil homẽes de pee, e dous mil de cavallo, e vinte alyfantes; tras este hia Timapanayque, levava sesenta mil homẽes de pee, e tres mill e quinhentos de cavallo, e trinta alyfantes; e tras este hia Adapanayque, levava cem mil homẽes de pee, e cymco mill de cavallo, e cimcoenta alyfantes; tras este hia Comdamara, e levava cento e vinte mil homẽes de pee, de cavallo seis mil, e sasenta alyffantes; tras este hia Comara, e levava oytenta mil homẽs de pee, e de cavallo dous mill e quynhentos, e corenta alyffantes; tras este hia a gente d Ogemdraho, governador da cidade de Bisnaga, com hũu capitão seu, que levava mill de cavallo, e trinta mill homẽs de pee, e dez alyfantes; tras este hião tres capados, privados d elrey, que levavão corenta mill homes de pee, e mill de cavallo, e quimze alyfantes; o pagem do betelle d elrey levava quymze mill homes de pee, e duzentos de cavallo, não levava alyfantes; Comarberca levava oyto mill piois, e quatro centos de cavallo, e vinte alyfantes; a gente do Guymdebenga foy por outra parte com a gente de Domar, que he muyta gente, e asy hião outros capitaẽs de dez e doze mill homẽes, de que não faço menção por lhe não saber os nomes; elrey levava de ssua goarda seis mill de cavallo, e corenta mil homes de pee,

os melhores de todo seu reyno, adargueyros, archeiros, e trezentos allyfantes, e toda a outra gente ysso mesmo muy bem armada ao seu modo, os archeiros com ssuas lades, e asy os espimgardeiros, e os adargueiros com suas espadas e gomedares na cinta, as adargas são tamanhas que não hão mister armas pera o corpo que ellas cobrem tudo, os cavallos emcubertados, e elles com sseus llamdes e armas nos braços, nas cabeças suas armas do theor dos laydes, asy embotidos de algodão, os allifantes de peleja vão com seus castellos, dos quoaees pelejão coatro homẽes de cada hũu, tambem os alyfantes vão emcubertados, e nos dentes suas navalhas, muy talhaveis e agudas, com que fazem gramde dapno, tambem levavão allgũs tiros de fogo, não fallo aquy nos maynatos, que são aquy sem conto, estes lavao roupa, nem nas molheres solteiras que passavão, as que forão com elrey nesta viagem, de vinte mill, pode cada hũu cuydar a recovagem que poderya levar tanto numero de gente; tras elrey, sempre pello caminho diante de sy, obra de dez ou doze mill homẽes de hodores, que amdão buscamdo augoa, e se poem no caminho, e a dão a todos aquelles que não tem quem lha leve, ysto faz porque lhe não moura a gente a sede; diante de toda esta gente vem tres ou coatro legoas atras, obra de cimcoenta mil homẽes, estes são como corredores que vão sempre descobrindo a terra, sempre amdão asy afastados, nas costas d estes vão dous mill de cavallo, dos cavallos da terra são todos estes archeiros, sempre vão nas costas d estes corredores. Nesta hordenamça, como dito tenho, partio da cidade de Bisnagaa, e com elle gramde numero de mercadores, afora outros muytos que jaa erão diante, de todos os mantimentos, porque omde quer que his ter, achaes logo tudo o que aveys mister, e todo capitão tem seus mercadores que lhe são obrigados a lhe dar todo ho mantimento que lhe he necessario pera toda sua gente, e asy levão todos os outros mesteres. Traz elrey de costume, domde

haa de pousar e dormir, de se lhe fazer hũa cerca de mato e espinhos, de dentro da quoall he asentada a sua temda, o quoall asy se fez em todo este caminho, no quoal caminho se vio hũa gramde cousa, que passamdo hũu rio que dava quoamdo chegarão a elle por meya perna, antes que pasase a metade da gente foy todo seco, sem ter gota d augoa, e amdarem narea d elle fazemdo covas pera acharem algũa augoa, neste comceito foy elrey atee chegar a cidade de Mollabamdym, que estaa hũa legoa da cidade de Rachol, omde asentou seu arayall pera alli dar algũu descanso do trabalho do caminho a gente. E estamdo elrey na cidade de Mollabamdym, comcertamdo as cousas que pera o cerco de Rachol erão necessarjas, lhe achegou gente do rey de Bisnaga, e a gente de Domaar, e asy outros muytos capitães com muyta emfimda gente, tanto que asy forão todos juntos, e todas as cousas em seu comcerto postas, e despois de terem seus bramenes acabados suas serimonias e sacreficios, diserão a elrey que era tempo, que os pagodes lhe tinhão dado synall de vemcimento, que partisse, loguo mamdou os mouros reaes levamdo a dianteira, o porteiro moor Camanayque foy asentar o arayall bem chegado as cavas da cidade de Rachol, e cada capitão asentou sua gente, asy como lhe era mandado, hos da cidade os receberão com muytos tiros de fogo grossos que tinhão, e com muitas espimgardas, e com muytas frechas e espimgardois, como quer que os do cerco estavão tão chegados as cavas recebião gramde dapno, e quiserão afastar se, mas elrey não quis, dizemdo que os não mãodara por ally se não pera que logo lhe fose entrada a cidade, e se não que morressem todos, d omde comveyo aos seus cometerem a cidade de muy fortes e rijos combates, omde muytos d elles perderão as vidas, por quoanto os da cidade estavão muy fortes, e bem apercebidos de tudo o que lhe era necessaryo pera sua defemssão, não cesamdo os d elrey de combaterem a cidade. Vemdo os capitaẽes quoão mal os seus se chegavão por causa dos

que vyão morrer, usarão de liberalidade e manha com elles, que lhe começarão a comprar as pedras que dos muros e cubellos tirassem, e segumdo a pedra era, asy lhe davão, por que pedras avya de dez, e de vinte, e trinta, e de corenta, e cymcoenta fanoẽes, com esta manha começarão a desfazer per muytas partes o muro, e meterem a cidade em aperto, mas como quer que a cidade em sy seja tão forte como he, e a gente que nella estava era toda escolheita e husada na guerra, matavão muyta gente a elrey, nem por ysso cesavão os combates, e cada dia e cada vez mays fortes com cobyça de ganharem o que lhe davao, asy que o dinheiro e o que tirava ally o temor da morte que antes tanto temyão, e asy davão certa cousa ao que trazião do pee do muro homem morto, asy durou o combate por espaço de tres meses atee que veyo o ydalcão em socorro. Agora quero que saibaes do asento, e da cidade, e da gente que tinha. Esta cidade de Rachol estaa em meyo de dous rios gramdes, e hũu gramde campo, omde não ha arvores, se não muy poucas, e alguas pedras gramdes, de cada rio ha cidade ha tres legoas, hũu dos rios he da bamda do norte, que he do ydallcão, e outro da bamda do sull, que he da bamda de Narsymga, fica este campo no meyo d estes dous rios, e tem em sy grandes allagoas d augoa, e poços, e allguus regatos pequenos homde a cidade estaa asentada, e hũu outeyro que parece hũa mama que a terra deytou de sy. Tem a cidade tres cercas de forte muro de gramde cantarya sem cal, são os muros todos emtuchados de dentro de terra, tem no mais alto sua fortalleza com hũa torre muy alta e forte, no alto, omde estaa a fortalleza, tem hũa fonte de augoa que corre todo ho anno, tem na por cousa santa, e por misteryo, que hũa fonte que estaa em alto lugar não deixar de ter augoa por hũa maneyra, afora esta fonte tem algũs tamques d augoa e poços, que por augoa não avyão medo serem tomados numca, avia na cidade mantimentos pera cimco anos, tinha oyto mill homẽes de guarnição, e quoatro centos de

cavallo, e vinte alyfantes, tinha trinta trabucos, os quoaes deitavão muy grandes pedras, com as quoaes faziãо muyto dapno, os cubellos que tem pello muro são tão juntos que se emtemde ho que fallão, de hũu a outro tinha asentada sua artelharya, e toda a cerca, a quoall era duzentos tiros grossos, tiramdo outra meuda, tanto que a gente da cidade soube da vimda d elles, despois de terem recolhido hũu capitão do ydallcão que veyo com gente a ella, cerrarão as portas com pedra e cal; o primcipall combate que tem he da bamda de leste, porque da bamda do norte e do sul estaa asentada sobre gramdes pedras que a fazem muy forte, e posto que d ambas partes fose cercada, da bamda de leste era ho asento d elrey, e a força do cerco.

Capitulo da maneira que elrey tinha seu arayall, &c.

Ha temda d elrey estava com hũa cerca gramde de espinhos, com hũa so entrada, com hũa porta em a quoall estavam seus porteiros, pousavão de dentro d esta cerca o seu bramine que ho llava, e tem carreguo do seu ydollo, que elle sempre traz comsyguo, e asy pousavão outras pessoas que tem oficios que tocão a pessoa d elrey, e capados que sempre amdão na camara, por fora da cerca toda a redomda estaa a goarda sua, a quoall ho vegião toda a noute a seus quoartos chegados, nesta goarda estão aposentados os oficiaes da casa, d ally pera vante estavão todos os outros capitaẽes com suas ynstamcias hordenadas, segumdo a cada hũu era emcomendado e mamdado, fora de toda esta gente, em arayal sobre sy, estavão os corredores de que jaa tenho dito, os quoaes tem carreguo de toda a noute amdarem no campo e vigiarem, pera ver se podem tomar algũas escuytas, da outra bamda os maynatos, que são os que llavão,

tambem estavão em arayal sobre sy, os quoaes estavão chegados ao logar homde melhor podessem lavar sua roupa, todo ho arayall estava aruado em ruas aruadas, no bairro de cada capitão tem sua praça, omde achaveis todas as carnes, convem a saber, carneiros, cabras, porcos, gallinhas, lebres, perdizes, e outras aves, e ysto em gramde abastamça, tanto que vos parecia estardes na cidade de Bisnaga, asy achaveis muytos emfimdos arozes, graos, milho zaburro, minguo, e outras sementes que elles comem, allem d estes, que são obrygatoryos, avya outra omde achaveis em gramde abastamça ho que avieis mister, por que nestas taes praças vemdem aquellas que nas nossas partes chamamos regatoẽes d arte, pois ver os mestres em suas ruas trabalharem, por que ahy verieis fazer joyas d ouro, e louçainhas, aquy achareis todos os robis, e diamaẽes, e perollas, com toda a outra pedrarya a vemder, era de ver os mercadores dos panos os quoaes erão sem conto por ser cousa que tantos se gastão por serem d algodão, era ver a muyta jnfinita erva e palha, não sey quem no possa contar pera que seja crido por ser huũa terra tão seca esta de Rachol como he, por ser d area, mays he misteryo que outra cousa se deve ser abastamça d ella, cada hũu pode cuydar a herva e palha que cada dia comeryão trynta e dous mill e quatro centos cavallos, e quinhentos e cymcoenta e hũu alifantes, tiramdo que não ponho aquy tanto symdeyro e asnos, e gramde numero de bois que nestes trazem todos os mantymentos, afora outros muytos carregos, como temdas e outras cousas, de maneira que quem não tevesse que fazer que ver não lhe parecia que estava em guerra, mas que estava em huũa prosperada cidade, ora ver os atabaques e trombetas, e outros tamgeres que husão coando os tocavão que queryão dar combate, não parecia se não que o ceo vinha abaixo, e se no tempo que asy dava hũa grita d estas se acertava alguũa avee de vir boamdo, com medo de se não estrever sahir do arayal, se deixava vir abaixo, e a to-

mavão as mãos, primcipallmente milhanos, que d estes tomavão muytos, e deixo de fallar mais d isto por que seria numca acabar, e torno a batalha.

Capitulo como elrey combateo a cidade de Rachol.

Estando elrey, como dito he, combatemdo a cidade de Rachol, lhe veyo novas certas como ydalcão hera chegado ao ryo da bamda do norte, e que ally asentava seu arayall; mamdou elrey os espias que sempre amdassem sobre elle, que vissem ho que fazia, e asym lhe desem o aviso de tudo ho que fazia; com esta nova ouve no arayal allguũ allvoroço, primcipalmente na gente baixa, a quem numca fallta sospeitas, e aymda em sy tinhão o medo que antigamente tinhão aos mouros. Ally esteve ho ydalcão allgũs dias por ver o que elrey fazia, se ho hiria ally acometer, omde estava, por que asy lhe parecya a elle e aos seus que tanto que elrey soubesse que elle ally estava, que llogo o hiria buscar, e que ally, milhor que em outra parte, se defemderyão d elle per bem do ryo, que não tinha outro vao se não aquelle que perto fosse, o quoal elles tinhão tambem goardado que não avya poder que lho tomase, quoanto mais aquelles que afim herão negros. Emquoanto elrey soube que os contrayros estavão da outra bamda do ryo, não se mudou, nem fez nada de sy; vemdo ho ydallcão que elle não se mudava ouve com os seus conselho, no quoal ouve muytos acordos pellos desvayrados pareceres que neles ouve da estada d elrey, que muytos dizião que era a pouca conta que elrey d elle fazya, e que naquello mostrava quem elle hera, e o seu gramde poder, e que não esperava se não vellos passados da outra bamda do ryo pera llogo ser com elles; o primcipall que ysto dezia era Amẽostaem, aquelle que era capitão de Pomdaa no tempo que dom Guterre hera capitão de Goa, outros de-

zião que não, mas que elrey não deixava de ter os tempos passados, e os muytos vemcimentos que os mouros ouverão d elles, e que aymda trazia algũs velhos que nisso forão, e que lhe porião diante, e que devião passar o rio, que não hera bem mostrarem tamanha fraqueza, e que quoanto aly mays estavão, menos fazião em sy e fazião nos contrayros, e posto que em numero não fossem tamtos, que ho erão em que elles erão com estas e outras cousas que antre elles passarão. Mamdou ho ydalcão que se fizese allardo de sua gente, e que despois de feyto verya o que se devia fezer; feyto ho allardo achou que tinha cento e vimte mill homẽs de pee, archeiros, e espimgardeyros, e adargueiros, e d azaguncho, e dezoyto mill de cavallo, e cento e cincoenta alyfantes; feyto ho allardo, e visto por elle, vemdo a gramde artelharya que tinha, dise que com sua artelharya queria desbaratar o rao de Narsymga, e que fizesem prestes que llogo querya passar o ryo, e hir se ver com elle, o quoall foy olhado pello ydallcão que se contentara em estar ally, e d ally mamdar da sua gente que correrão ao arayall d elrey não se perdera elle nem perdera Rachol. Com este acordo avydo passou ho vao, e foy se por tres legoas do reall do rey, e fez fortallecer ho arayal de fortes cavas, e mamdou asentar sua artelharya toda na frontarya, e hordenou suas estamcias, e a maneyra que se terya se dos contrayros fosem acometidos, ho quoall arayall fora asemtado ao lomgo do rio por bem da augoa que lhe não fosse defemdida dos contrayros. Tanto que derão nova a elrey que ho ydallcão era passado o ryo, mamdou que todos fossem prestes, e que não ouvese nelles mudamça atee que os contrayros fazião, e como lhe derão as outras novas que asentava seu arayall, e se fazião fortes, mamdou mover toda sua gente a quoall partio em sete azes, aquy lhe pidio a dyanteyra Comarberya, que he seu sogro, e grão senhor, que he rey de Serigapatão, senhor de grã terra, este levava comsyguo trinta filhos homẽes, mamdou elrey asentar seu arayal

hũa legoa do ydallcão, e mamdou que fosem todos armados em amanhecemdo, que lloguo querya dar nos contrayros, os do comselho diserão que era mao dia, que não dese batalha, e era a sesta feira, ficou o dia da batalha pera o sabado, que o tem por bom dia. Como elrey foy partido de Rachol, os de dentro abrirão hũa porta, e sayo hũu dos capitaẽes que estavão dentro, o quoal hera hũu capado, com duzemtos de cavallo, com certa gente de pee, e alyfamtes, isto foy sempre ao lomgo do ryo nas costas d elrey o fim pera que não se soubesse somente que cada hũu podia sospeitar; tanto que elrey asentou, elle esteve quedo, temdo sempre suas espias no campo, a ver ho que se passava, e o fim da batalha; e como quer que hũus e outros estevessem tão juntos a seus enemigos, numca deixarão as armas, e vegiar toda a noute. Vemdo que escllarecia jaa o dia de ssabado começarão no arayal d elrey os atabaques, e trombetas, e outros tamgeres tamger, e asy os homẽes a gritar, que parecia que ho ceo vinha a se ajuntar com a terra, pois o rimchar e allvoroço dos cavallos, e os bramidos dos allyffantes não hay quem ho sayba dizer ysto como hera, mas he verdade que pera ho contar apenas sera crydo o gramde espanto e temor que punha aquelles que o ouvyão, que os mesmos que ho fazião tinhão temor de sy, pois os contrairos, não menos, começarão outro tanto, era de maneira que se querieis allgũa cousa hereis mudo, e fallaseis por acenos que d outra maneyra não podieis ser emtendido, jaa todos no campo como erão na dianteyra jaa seryão duas horas de ssol, quoamdo elrey mamdou que movesem as suas azes dianteiras, que ferisem nos enemiguos de maneyra que não deixassem homem a vyda, o que llogo foy feyto, e acometerão aos contrayros tão desvayradamente que lloguo forão muytos d elles postos por cima das cavas e baudes que os mouros tinhão neste tempo, os mouros estavão comcertados como aquelles que esperavão que elrey os fose cometer com todas as batalhas, que ao ydallcão e aos seus

asy lhe parecya, e pera ysso tinhão prestes toda sua artelharya pera quoamdo a sy viese ho despayramento do corpo da gente, que não poderia deixar de matar muytos, que com a artelharya avia de ser o primcipall destroço seu. Mas quoando virão da maneyra que os acometerão, comveyo lhe deixar do que lhes compria pera sua salvação, mamdou ho ydallcão que lhe .desem foguo a toda artelharya, a quoall disparamdo, como era muyta, fez muy gramde dapno nos contrayros, que matarão com ella muytos de cavallo, e de pee, e allifantes, que comveyo aos d elrey retraer sse atras; tanto que os contrayros virão que elles começavão de deixar o campo, derão todos juntos nelles, de maneyra que lhe não ficou homem em sella, nem que lhe tevese rosto, mas todos os d elrey começarão a fugir, e os mouros tras elles deribamdo nelles, obra de meya legoa. Como elrey vio da maneyra que os seus vinhão começou de dizer que os seus traydores, e que elle viria os que com elle hirião, e avyão de morrer pedido ausa da morte segumdo ho tem de costume, e dise, quero ver quem se conta comiguo; loguo remeterão todos, esses senhores e capitaẽes que com elle estavão a se meter, dizemdo elrey que chegado era o dia do quoal se gabaria o ydalcão que matara nelle o mor senhor do mumdo, e que não se gabarya que ho vemcera; tirou hũ anel do dedo a hũu seu pagem, pera que ho desse as suas molheres em synall da sua morte, e de se queymarem ellas como tem de costume, e sahio em hũu cavallo, moveo com todas as outras azes, mamdamdo que não deixasem nenhũ d aquelles que fugião a vyda. Quoando os que asy vinhão fugimdo virão o mao acarro que tinhão nos seus, comveyo lhe tornar a virar contra os enemiguos, foy de tall maneyra ho cometimento d elles que não acharão nos mouros quem lhe tevesse rosto, por que os mouros vinhão com elles como homẽes que seguião alcamço, e vinhão muy deshordenados, e foy tamanho o desacordo nelles com gramde mortimdade que vyão fazer, que não

se estrevião a soster ho arrayal que tinhão tão forte, e bem cercado, mas como homẽes perdidos cometerão o rio pera nelle se averem de salvar, mas como quer que os seguião tanto numero de gente, e allyfantes, que estes fazião ynnumeraveis cruezas, por que tomavão os homẽes com as trombas, e fazião d elles emfenitos pedaços, pois os que amdavão nelles nos castellos matavão muyta gente sem conto, d esta maneyra hião os d elrey, seguimdo os contrayros, atee que elle chegou ao rio, e vemdo a morte de tantos, porque ally verieis molheres e moços que tambem desemparavão ho arayall, ally verieis cavallos, e homẽes, que, por apegarem hũs dos outros, não escapavão por o ryo ser de muyta augoa, e os d elrey que estavão de cima que asy como o homem parecia era morto, e os cavallos que queryão sobir pella ribãoceira do rio, e não podemdo sahião sobre os homẽes de maneyra que hũs nem os outros não escapavão, e os alyfantes que se metião no ryo, e os que podião aver d elles erão cruelmente mortos. Vemdo elrey o que passava, e com piedade, mamdou tornar a rrecolher, dizemdo que morrião muytos que lho não merecyão, nem tinhão cullpa, o quoal foy logo feito por todos os capitaẽes, que cada hũu recolheo toda sua gente. Elrey se foy ao arayal do ydallcão, e aposentado na sua temda, muytos dos capitaẽes d elrey forão contar este repouso que elle fez, dizemdo lhe que acabase de destroir todos seus enemiguos, e que os segurasse, e se elle ho não queria fazer que mamdase a algũs d elles que o fizesem, e que não deyxassem de hos seguir todo aquelle dya, aos quoaes respomdeo que muytos herão mortos que não tinhão culpa, que se ho ydallcão lhe tinha feyto allgũu desprazer que jaa lho tinha pago, e tambem que lhe não parecia bem, ficamdo atras Rachol por tomar, hirem adiante, que se fizesem prestes pera o combate, por que avia de ser d outra maneira do que fora atee lly; sempre a elrey lhe pareceo que omde o ydallcão perdia tanta gente, e tanta honrra, e perdia

todo seu estado, que não quererya viver sem elle, que seria morto na batalha, o quoal não fora asy, que o ydallcão não entrou nella, mas sempre esteve na goarda de Sefallarym, que agora se chama Açadacão, que he senhor de Billgão, que este tememdo o que avia de ser teve maneyra per manha como ydallcão ho escolhese pera sua goarda com toda sua gente na quoal avya quoatro centos de cavallo, e tanto que vyo da maneyra que os seus viravão, e o desbarato que nelles avia, dise ao ydallcão, senhor, se quereis viver, segui me, o quoal hydallcão se acolheo a hũu allyfante, e o seguyo desemparamdo ho arrayall com todo o que nelle avya, e como quer que Açadacão trazia quem hia a terra, não curou de hir buscar o vaao, mas tomamdo a falldra da serra da bamda do sul, e se foy por ella. Porque se pode preguntar, que se fez do capitão que sayo de Rachol com os dozentos de cavallo, e allyfantes, e gente de pee, diguo que este sempre esteve sobre avyso do que passava no campo, e tanto que soube de como ho ydallcão hera desbaratado, tornou atras pera se meter na cidade, mas os de demtro o não quiserão acolher, por estarem mal com elle, o outro capitão que na cidade ficou; elle vemdo em como o não queryão acolher, foy lhe forçado buscar por homde se sallvase, e asy o fez, que foy passar o ryo por outro vaao que tinha abaixo, por homde se salvou, o parecer de muytos foy que o que estava dentro lhe pareceo que ficava com a cidade, e que se allçarya com ella, e por tanto o não quis acolher.

Capitullo do despojo que dos mouros ficou, e elrey fez queimar todos os mortos, e do que fez Xpovão de Figueiredo, &c.

Estamdo elrey asy no arayal, mamdou recolher ho despojo que dos mouros ficara, no quoal se achou cimco

capitaẽes, que erão captivos, os mays primcipaes, os quoaes se acharão antre os mortos, o mays primcipall d elles era Salebetecão, que este era capitão geral de toda a gente do ydalcão, este trazia, por sua goarda na batalha, cymcoenta portuguezes dos arrenegados que llaa amdavão, e como quer que este Salebetecão vise ho desbarato que avia nos seus, trabalhando pellos ajuntar pera fazer hũu corpo, numca pode, por que nelles não avya jaa quem olhase senão por homde se salvarya, e como quem estimava mais ser vemcido que morrer, se meteo na gente d elrey, matamdo nelles, e fazemdo tão estranhas cousas que pera sempre avera memorya d elle e dos portugueses, tanto temyão os seus golpes, e cousas que fazião, que os deixavão hir, e tanto entrarão pella gente que se acharão junto com a batalha d elrey, omde matarão ho cavallo a Salabatacão; ally, pello socorrerem, os portuguezes fizerão tanto, e matarão tantos, hũu grão carro a derredor de sy, sem aver quem com elles ousase d entrar, tanto fizerão que derão outro cavallo a Salabatacão; tanto que nelle foy não parecya senão raivoso lobo antre ovelhas, mas como jaa andassem todos tão camssados e feridos por muytas partes, e tão cercados dos enemiguos que por todas partes forão cometidos, que se tornarão derubar a Salabatacão, e o cavallo com elle, omde por ser socorrido dos portuguezes morrerão todos sem escapar nenhũu, e elle com muytas feridas foy captivo. Ouve de despojo quoatro mill cavallos d Ormuz, e cem alyfantes, e quoatro centos tiros grossos d artelharia, afora meuda, forão o numero das carretas d ellas novecentas, muytas temdas, afora pavelhões, deixo de contar tanto semdeiro, e bois, e outro gado, que foy sem conto, ouve muytos homẽes, e moços, e allgũas molheres, os quoaees elrey mamdou soltar. Aquy esteve elrey atee que os mortos forão queymados, e feytas as honrras que tem em costume de fazer, aquy deu elle muytas esmollas pellas almas dos que morrerão da sua parte na batalha, que forão dezaseis mill e tantos, feytas estas cousas se

tornou sobre Rachol, e tornou a sentar seu arayal como de primeyro tinha. Nesta tornada d elrey chegou a elle Cristovão de Figueiredo, o quoal era naquelle tempo na cidade de Bisnaga, com cavallos, levava comsyguo vynte homẽs portugueses espimgardeiros, elle tambem levava sua espimgarda; follgou elrey muito com ella, por que visse aquella guerra, e o seu poder, e lhe mamdou dar temdas das que forão tomadas ao ydallcão, e mamdou que fose aposentado junto com a sua ynstamcia. Hũu dia dise Xpovão de Figueiredo a elrey que querya hir ver a cidade, ele lhe dise que não curasse d isso que não querya que lhe acontecese algũu desastre, Xpovão de Figueiredo lhe disse que o oficyo dos portuguezes não era outro senão ho da guerra, que aquella era a mayor merce que lhe podya ser feyta, deixallo sua allteza hir ver aos mouros. Elrey lhe mandou dar gente que fose com elle, o quoall Xpovão de Figueiredo chegou junto dos muros a cava, pello mais emcuberto que pode, veindo quoão descobertos, e sem temer os mouros estavão pello muro, começou, com os espimgardeyros que levava, de lhe atirar de maneyra que matarão muytos, pellos mouros estarem tão descuydados e sem temor, como aquelles que atee ly numca lhe matarão homẽs com espimgardas, nem com outros tiros que lhe tirarão, começarão de desempararem o muro, de maneyra que os do arayall teverão lugar de chegar a seu salvo a elle, e começarão de derubar muyta cantarya, e creceo tanta gente aquella bamda, que todo ho arayal foy aballado, dizemdo que Xpovão de Figueiredo entrara com os seus portugueses a cidade, e asy foi dito a elrey, os da cidade não podião saber que cousa podia ser aquella, ou d omde virya a elrey aquella gente, atee que o outro dia do outro combate virão os portugueses e os conhecerão, então se teverão por perdidos, que com ho favor d aquelles hos d elrey chegavão tão sem medo ao muro por homde jaa por muytas partes hera danificado, porque a cidade tinha a artelharya tão alta que não fazia mal aos que estavão ao pee do muro,

pello muro ser entulhado, e não ter no baixo bombardeyras, que a gente que atee ly matavão era com pedras que lhe deitavão de cima, e com espimgardoẽes e frechas, que como quer que podião chegar ao muro a seu salvo feryão con tudo, mas como Xpovão de Figueyredo com os portugueses lhe tolhesem que não parecesem pello muro tinhão lugar de chegar a sua vontade, aquy verieis os capitaẽes d elrey pedirem a Xpovão de Figueyredo que lhe fizesse merce que allgũu dia dessem nos mouros por sua parte, e elle, por contentar a esses mays honrrados, amdava aos dias com elles, hũu dya repartio os espimgardeyros em tres partes, e comcçarão a matar algũus dos mouros, que se mostravão, de maneira que não ousavão d aparecer; os d elrey começarão por estas tres partes cometer o muro com muytos pioẽes e llavãocas, mamdarão dizer aos outros que acometesem pollas suas, tambem foy de maneira o acontecimento que hos da cidade começarão a desemparar a primeyra cerca, e as molheres com os filhos erão jaa no castello; vemdo ho capitão o desmayo que jaa avia na sua gente, começou com boas pallavras de os tornar, e com algũus se veyo aquella parte omde vyo que era a mayor pressa, rogamdo lhe que quisesem chegar ao muro, e que não ouvessem medo. Foy lhe respomdido d algũs que estavão ally aquelles framges que ajudavão, e que não aparecia homem quoamdo era morto, e queremdo elle ver homde estavão os portugueses, deitamdo o corpo amte hũas ameyas, foy morto de huma espimgardada que ho tomou pello meyo da testa, foy dito pellos mouros que ho matara Xpovão de Figueyredo, e derão sygnaes d elle; tanto que asy foy morto o capitão, foy na cidade gramde spanto, e loguo foi o muro desembargado que os do arayall fazião a sua vontade d elle, vemdo a grita que dentro hia, e que não avya quem defemdesse o muro, afastarão se por ver o que seria, e deixarão o combate por aquelle dia.

Capitullo como os da cidade vierão pedir misericordia e elrey lha concedeo, &c.

Ao outro dia, que erão vinte dias que a batalha era passada, em que foy desbaratado ho ydalcão, os da cidade abrirão hũa porta, e com hũa bamdeira bramca diante de sy se vierão caminho do arayall, com as mãos alçadas, pedimdo a elrey merce. Avisado elrey da sua vimda, mamdou que os fosse receber Solestema, seu regedor; e quoamdo elles virão que os sayão a rreceber, teverão esperamça de aver com elles elrey piedade, e asy forão atee homde elle estava, homde se estemderão no chão com gramde grita e lagrimas, lhe pedião miserycordia e merce; elrey os mamdou levantar dizendo que elle hos segurava, e a toda sua fazemda, que não ouvesem medo, e que se tornasem a cydade, que em outro dia hiria llaa, e mamdou a hũu capitão que fose tomar pose da cidade. Estamdo os mouros asy diante d elrey olhamdo a gente, virão Xpovão de Figueiredo, e diserão a elrey que ho vencimento e tomada da cidade se dese aquelle framgue, que elle matara a seu capitão, e com a sua gente matara muytos mouros, por omde fora a sua perdição, elrey pomdo os olhos em Xpovão de Figueyredo, damdo a cabeça, se virou aos seus dyzemdo que olhasem quoanto vallya hũu bom homem. Elrey se rrecolheo a sua temda, e os da cidade a cidade; os do arayall fezerão gramde festa e allegrya.

Capitullo como elrey entrou na cidade, e da festa que lhe foy feita, e do regimento e hordenamça que pos nella, &c.

Tanto que veyo a allva do dia seguinte, elrey, depois de feytas suas orações acostumadas, como o mais que

pellas semelhantes vitorias acostumão fazer, damdo graças a Deos, que he a primeira cousa em que adorão, pello tall vemcimento, cavalgou em companhia dos mays primcipaes senhores e capitães seus, e com a sua goarda foy caminho da cidade, domde ho estavão esperamdo os cidadãos d ella, com mais alegres rostos do que tinhão as vontades, mas esforçamdo as, com muy gramdes gritos o levavão, dizemdo que Deos fose louvado, que asy avia querido que a cabo de tantos anos os viese remir, e entre estas e outras cousas lhe pedião merce, e que ouvesse d elles piedade, asy foy elle atee chegar a fortaleza, omde mamdou chamar os mais honrrados da cidade, e lhe dise elrey que elle lhes faria merce de toda sua fazemda, e que livremente poderião d ella e de ssy fazer ho que quizesem, e que os que quizesem ficar na cidade ficasem nas suas posisões, como antes tinhão, e os que se quisesem hir que se fosem na boa ora con todo o seu, alevantados todos as mãos pera ho ceo se deitarão no chão por averem recebido tamanha merce, estamdo elrey nestas cousas vierão lhe dizer que os seus roubavão a cidade, no que lloguo proveo, e se tornou tudo a seus donos, mas como nestas cousas taes os vemcidos se contentão com so a liberdade, por pouco que lhe tornem o hão por muyto, forão feitos gramdes roubos a allgũus que depois veyo ter as orelhas d elrey, e os que ho fezerão forão gramdemente castigados. Em breve tempo foy por toda a Ymdia sabido a perdida do ydallcão, e asy per outras partes por este sertão, grão senhor nestas partes como he; asy como as novas foram dadas a Zemelluco, e Madremalluco, e Destuy, e Virido, e asy a outros senhores, que tambem são escravos do rey Daquym, posto que por huũa parte folgassem, que era por lhe quererem mal, por outra parte começarão deitar as barbas em remolho, e hordenarão todos de mamdar seus memsageiros, os quoaes chegarão a elrey estamdo elle aymda dentro na cidade de Rachol, espantos de verem tomada hũa cidade tão forte,

e muyto mais se espamtarão de ver ho poder e gente d elrey. Chegados que foram omde elle estava, lhe derão as cartas que trazião, as quoaees forão logo llydas, e nellàs dizião a elrey que se devia de contentar com ter desbaratado ho ydallcão como tinha, que lhe não devya de fazer mays guerra, e que elles lhe pedião que ouvese por bem de lhe tornar o que lhe asy tinha tomado, que os terya sempre aǫ que mamdase, e não no queremdo fazer soubesse certo que avião de tornar per ysso, e que se viryão loguo ajuntar com ho ydallcão, e que elles lhe faryão cobrar o que asy tinha perdido. Visto por elrey o que nas cartas vinhão dizemdo, lhe respomdeo nesta maneyra por hũa sua carta so a todos: Honrrados Madremalluco, e Zemelluco, Descar, e Veride, e todollos outros do reyno de Daquem: vy vossas cartas, e muyto vos agradeço o que nellas mamdaes dizer, e quoanto ao ydallcão, o que lhe tenho feyto e tomado elle mo tem merecido, quoanto a lho tornar não me parece rezão, nem o ey de fazer, e quoanto ao mais que dizeis, que vireis todos contra my não no queremdo fazer, em ajuda d elle, não tomeis trabalho em virdes ca, que eu vos hirey buscar, se me ousardes esperar em vossas terras, e d isto me mamday a reposta; e mamdou dar muytas dadivas aos memsageiros, e dando lhe sua carta os mamdou.

Capitullo como muita gente se foy da cidade, e elrey ho fez mui bem com elles, &c.

Muita gente se foy da cidade, e muitos que não tinhão com que se sahir, lhe mamdou elrey dar o que lhe hera necessaryo pera seu caminho; aqui esteve elrey allguũs dias, depois de hordenadas as cousas que compryão pera ho governo da cidade, e depois de repairados os muros, deixamdo a gente necessarya pera sua goarda, se foy caminho da cidade de Bisnaga, omde foy recebido com

gramdes triumfos, e forão feytas gramdes festas, e elle damdo e fazemdo gramdes merces aos seus. Tanto que forão acabadas as festas se foy pera a cidade nova, estamdo elrey na cidade nova, diserão lhe em como hera entrado hũu embaixador do ydallcão, jaa elle sabia que vinha o embaixador, mas desymullava o, que ho não sabya, por quoanto tem de costume não mamdar receber nenhũu embaixador; como este embaixador foy na cidade de Bisnaga, sabemdo que elrey estava na cidade nova, que he duas legoas da de Bisnaga, foy se pera llaa, e junto com a cidade mamdou asentar a sua temda, a quoall era a milhor e mais fremosa e rica, que atee então numca naquellas partes fora vista; este embaixador se chamava Matucotam, trazia comsyguo cento e cincoenta de cavallo, e muyta gente de serviço, e muytas caregas, antre as quoaees vinhão certos camellos, trazia dous escrivaẽes da camara do ydallcão, não creaes senão que trazia todo ho poder do ydallcão pera segumdo elle ficou desbaratado. Tanto que asy foy aposentado o embaixador fez saber a elrey que o quizese ouvir, e despachar em breve, elrey o mamdou ver, e que se não agastasse que aymda então chegara, que elle o despacharya tanto que fose tempo, e esteve asy per espaço de hũu mes, sem elrey querer que o fose ver, nem querer saber ao que vinha, o embaixador hia cada dia ao paço, e vemdo a maneyra que elrey tinha com elle, detreminou de não fallar mais, e heesperar que elrey o mamdase chamar, mas não que deixase cada dia de hir ao paço, e fallar com eses senhores; hũu dia mamdou elrey dizer ao embayxador que ao outro dia era bom dia, o queria ouvir, e saber ao que vinha, o embaixador se fez prestes, como comvinha, pera se ver diamte de hũu tão grão senhor, comforme ao que vinha requerer e pedir, foy acompanhado de muytos mouros que na cidade avya, e com toda a sua gente com suas trombetas e tamgeres acostumados, foy ao paço omde foy recebido d eses senhores e oficiaes da casa muy honrradamente, forão todos asentados de den-

tro da primeyra porta, ally esperamdo recado d elrey pera averem d entrar omde elle estava, não tardou muyto que o não mamdarão entrar; feyta sua cortesya a elrey ao seu modo e costume, estamdo com elrey os do comselho, mamdou que disese sua embaixada, que aly avia por bem de o ouvir, vemdo o embaixador o que elrey mamdava, com aquelle temor que soem ter os embaixadores, quoamdo se vem diante de semelhantes senhores, propos sua embaixada d esta maneyra.

Capitullo como o capitão propos sua embaixada diante d elrey, &c.

Senhor, o ydallcão, meu senhor, me mamda a ty, e por mim te mamda dizer, que te pede que de ty queyras fazer justiça, que elle te ama a ty diante de ty, como diante do mais verdadeyro e poderoso princepe que ha no mumdo, e que mais ama a justiça e verdade, que, não avemdo razão pera que se tall fizese, quebrantaste a amizade e paaz que com elle tinhas feyta, e não somente a d elle, mas aquella que tantos anos ha que he feyta, e per todos os reys con tanta verdade mantida, que não sabe por que te demoveste a lhe fazer tamanha guerra, que sem sospeyta estava, quoamdo lhe derão novas em como tinhas cercado a cidade de Rachol, e a comarca roubada e destroyda, as quoaes novas forão causa de se mover e vir a socorrella, omde por ty foy toda sua corte morta, e o seu arayall todo roubado e destruydo, como tu es boa testemunha do que asy he feyto, e que te pede que do tal faças emmemda, e mamdes tornar a sua artelharya e temdas, cavallos e allyfantes, com o mays que lhe he tomado, e asy a sua cidade de Rachol, com emmemdares todas as outras cousas se avera por satisfeyto d esta fazemda o que te pede, que o teras sempre por leal amyguo, e que fazemdo ho contrayro

que faras tua vontade, e não o que deves, e acabou sem mais dizer, elrey lhe dise que se fose a repousar, e que o outro dia o despacharia, e deu lhe elrey sua cabaya e panos, como he de costume.

Capitullo como elrey mamdou chamar o embaixador, e do despacho que lhe deu, &c.

O outro dia mamdou elrey chamar o embaixador, depois d algũas pallavras, que ante elles passarão, dise elrey que elle contente de tornar todo ao ydallcão, como por elle lhe era requerido, e que lhe querya logo soltar Salabetacão, contanto que ho ydallcão lhe viesse beijar o pee. Vista pello embaixador a reposta d elrey, tomamdo licemça d elle se foy a sua temda, e escreveo ao ydallcão o que pasava, e mandou lhe hũu dos escrivaẽes que com elle vierão, e não tardou muyto tempo que o ydallcão não mamdase a reposta, dizemdo, como se poderia fazer que elle se vise com elrey, por que elle não avya de vir a Bisnaga, e que com leda vontade farya o que elrey querya. Com esta reposta se foy o embaixador a elrey, e como quer que elrey estimase mais que o ydallcão lhe viese beijar o pee, que quoanto lhe tinha tomado, dise ao embaixador, faze tu como o ydallcão venha a raya do meu reyno, que eu serey loguo llaa, com este comcerto se foy o embayxador fazer asy vir o ydallcão a raya, e elrey se foy loguo pera hũa cidade, que se chamava Mudugal, que estaa perto da raya, e ally esperou tee que lhe diserão que ho ydallcão vinha, e que era jaa perto; loguo elrey se foy achegamdo, e entrou no reyno de Daquem com os desejos que tinha de se ver com ho ydallcão, mas ho ydallcão numca ousou de se ver com elrey, e tanto foy elrey com lhe dizerem, ey llo aquy esta perto, e foy atee Liza, por que he hũa cidade a milhor que se acha em todo ho reyno de Daquem, de muyto fre-

mosas casas ao nosso modo, com muytas ortas, e com muytas latadas d uvas, e romãas, e laramjas limoes, e toda a outra ortallyça, atee quy foy elrey, por lhe parecer que em hũa tão fremosa cidade ho esperarya o ydallcão, com detremynação que se aquy o tomasse de ho premder, ou mamdar matar pello escarneo que d elle fazya, e vemdo que ally não ousava de esperar, esteve na cidade allgũs dias, d aquy se tornou por bem que lhe faltava augoa que, como quer que esta cidade estaa em campo, não tem outra agoa somente a que recebem da chuva em duas allagoas, que tem, muy gramdes, as quoaes os mouros as abryrão pera que se vazasem, por bem que elrey não podese estar na terra, portanto comveyo a elrey de se partir, mas a cidade ficou casy destroyda, não que elrey o mamdase, mas a gente, por fazerem foguo pera fazerem de comer, desfazião quoantas casas hi avya, que foy gramde maugoa de ver, e ysto causava não aver lenha na terra que de muy lomge lhe vem, ho ydallcão o mamdou dizer a elrey, que cullpa lhe avyão as casas dos seus capitaẽes, por que as mamdava desfazer, porque não fycarão outras em pee se não as do ydallcão, por elrey estar nellas, elrey lhe mamdou dizer que elle o não fizera, que elle não podia ter a sua gente. Como elrey foy na cidade de Modogal, o ydallcão se veyo a Bigapor, omde vemdo o gramde estraguo que nella hia feyto, todo a cullpa de tall ser feyto por asy, dizemdo que se elle se vira com elrey escusara quoanto era feyto, e o que se podia ao diante fazer, e que fora mall acomsselhado, que elle por esse se tinha, e avemdo comselho com os seus, e sempre lhe pomdo diante quoão seguro seu estado estava com a amysade d elrey, e que com elle poderia acrecentar mays em seu estado, que com ho seu favor faria elle ho que quizese, nestas e em outras cousas semelhantes a ellas, estava sempre com os seus fallamdo, pois como quer que Açadacão, o senhor de Bilgao, aquelle que com elle fugio da batalha, fose hũu homem sagaz e manhoso em todas as outras cousas, dise

ao ydallcão que elle queria hir a elrey, e que elle remediarya tudo, e farya como se fizesse o que elle tanto desejava, e ho ydallcão o ouve por bem. Não se demoveo este Açadacão a fazer esta viagem por ser tão servidor do ydallcão, que outro ho não fose mais mas, fe llo com danada vontade, e mal que queria a Salebatacão, aquelle que elrey tinha preso em Bisnaga, e o por que lhe tinha esta maa vontade, era por que ho Salebatacão soube como Açadacão fora ho que fezera fugir ao ydalcão, e que a judarya d aquelle era a bastante pera dapnar hũu exército, e d isto se aqueixava a todos aquelles que o hião ver, e mamdavão vesytar, e dizia sempre que não desejava ser solto do cativeyro que tinha senão pera destroyr Açadacão, e fazer lhe guerra como a mortall enemiguo, todas estas cousas sabia Açadacão, e sabia que se ho soltasem que asy como o dizia avia de ser, detre minou atalha llo com lhe buscar a morte, como se dira em seu lugar, per esta razão se demoveo Açadacão a hir por embaixador d elrey, como foy.

Capitullo como Açadacão foy por embaixador d elrey, e achou a morte a Sallabatecão, &c.

Despachado Açadacão do ydallcão, acompanhado de certos de cavallo, com alguũs servidores, se veyo caminho da cidade de Mudogal, omde elrey estava, ho ydallcão se veyo atee o ryo. Achegado que foy Açadacão, e apresentado na cidade por mamdado d elrey, esteve alguũs dias sem ver elrey atee que da sua parte foy chamado, então se foy lla, e fallou com elrey, damdo lhe a descullpa do erro que pello ydallcão hera passado, como aquelle que pera os taees negocios era asaz sagaz e ousado, e tanto soube dizer a elrey que o tirou de toda hira e sanha que contra ho ydallcão tinha, dizemdo a elrey que a primcipall causa, porque ho ydallcão se não

vira com elle, era Salebatacão, que elle tinha preso, que este escrevya ao ydallcão que tall não fizese, e se goardase de ho fazer, por quoanto elrey ho queria matar; com estas e com outras cousas que dise, fez com elrey ho mamdase matar, e elrey vemdo o que Açadacão dezia, e cuidamdo que hũ homem que tanta fama tinha, que não seria ho que fallase se não muyta verdade, e com paixão mamdou cortar a cabeça a Salebatacão, que estava em Bisnaga, ho quoall foy lloguo feyto tanto que virão seu recado. Como Açadacão teve este trato feito não se teve por seguro, e loguo se despidio d elrey, dizemdo que queria hir a fazer vir o ydallcão ao rio, que quoamdo sua allteza fosse que o achase ahy, elrey lhe disse que se não agastase, que folgase algũs dias, que lhe queria mamdar mostrar algũas cousas, e que tinha que fallar com elle, mas elle, como quer que avia medo que se descobrerya a sua treyção, não segurava, foy de maneyra que se descobrio o que tinha feito acerca de Salabatacão, mamdamdo ho elrey premder, quoamdo o forão buscar era jaa ydo, que fugio hũa noute, e se foy ao ydallcão, dizemdo lhe que ellrey mamdara matar Salabatacão, e que outro tanto queria fazer a elle, e que vinha fugido, que lhe parecia que não se devia fiar d elrey, que afim era negro, e como teve ysto d esta maneira foi se pera Bilgao, omde se fez forte, e depois ho mamdou chamar o ydalcão, e numca la quis hir, por que soube que era descuberto o que tinha feito.

Capitullo como elrey partio pera o estremo de seu reyno pera se ver com o ydalcão, e do que fez por o não achar.

Não deixou elrey de se hir ao estremo de seu reyno, e como não achase aly o ydalcão nem sua may, como lhe disera Açadacão, logo conheceo que tudo aquillo fo-

rão manhas de Açadacão, que tudo fizera por que matasem a Salebatacão; e com esta paixão entrou no reyno de Daquem, e se foy sobre a cidade de Culbergura, e a estruyo, e pos por terra a fortalleza, e asy outros muytos lugares, d aquy quisera hir adiante, e não no comsemtirão os do comselho, dizemdo que falltaria augoa para aquelle camynho, e que não lhe parecese que aquelles senhores mouros que tinhão em conta d amiguos, que não temesem que tambem lhes tomarya suas terras, como tomava aos outros, pois que todos herão de hũu senhor, e que sobre esta razão se farião amiguos do ydalcão, e verião todos sobre elle, e que posto que nelles não avia que temer, que hera de temer a augoa, que não tinhão, ouve elrey por bom este comselho. Nesta cidade de Calbergara, na fortalleza d ella, tomou elrey tres filhos do rey Daquem, fez ao mais velho rey do reynno de Daquem, porquoanto era o pay morto, e o ydallcão queria fazer rey hũu seu cunhado, que era filho bastardo do rey de Daquem, e hera casado com hũa sua yrmãa, por esta rezão tinha estes tres yrmãos naquella fortalleza presos, este que asy fez elrey, foy recebido por todo o reino por rey, e obedecido de todos os gramdes senhores, e do ydallcão tambem, e ysto com medo d elrey, os outros dous yrmãos levou comsyguo, e lhe deu de remda a cada hũu, em cada hũu ano, cimcoenta mill pardaos d ouro, os quoaees traz e trata como filhos de rey, e de grão senhor que elles são, d esta tornada d elrey em Bisnaga, que foy na mesma era em que partio, não se passou mays com ho ydalcão cousa, que de contar seja, de paz nem de guerra.

Capitullo como este rey em sua vida allevamtou hũu filho seu por rey, semdo de ydade de seis annos, &c.

E despois d este rey ter acabado ysto, e ter alcamçado tanta vitorya de seus ymmiguos, vemdo se ja homem de

hidade, desejamdo de descamsar em sua velhice, e que hũu filho que tinha ficasse rey por sua morte, detreminou de ho fazer rey em sua vida, por que hera de seis anos, e não sabia o que por sua morte se pasaria, ho quoall se depos de rey, e de todo seu poder e nome, e o deu ao filho, e elle ficou por seu regedor, e Salvatinea, que ho era, ficou por comselheiro, e hũu seu filho fezerão d antre elles gramde senhor, e tamanho que elrey Crisnarao depois de por o reinno em seu filho lhe fazia a sallema, e com estas mudamças fez elrey muytas festas que durarão oyto mezes, no quoall tempo o filho d elrey adoeceo de doemça de que morreo. E depois de sua morte, soube Crisnarao, como a morte de seu filho fora de peçonha que lhe dera o filho de Sallvatinica; elrey ymdynado d isto, parecemdo lhe ser asy, mamdou chamar a Salvatinica e a seu filho, e Guandaja, yrmão de Ssallvatinica, e lhe fez sua falla na salema, estamdo prestes muytos capitaẽes, parentes de Salvatinica: Eu vos tive sempre por gramde meu amiguo, e ha corenta anos que sois governador d este reyno, ho quoal vos me deste, e por ysso vos não são em nenhũa obrigação, porque nisso não fezeste ho que devieis, hereis obrigado, pois vos mamdava elrey vosso senhor e meu yrmão que me tiraseis os olhos, e vos não fezestes nem obedecestes as suas pallavras, mas antes os tirastes a hũa cabra, e o emganastes, pello quoall por não comprirdes seu mamdado foste tredor, e asy são vossos filhos a quem eu tinha feyta muyta in; eu tenho agora sabido que meu filho morreo de peçonha, que vos e vossos filhos lhe destes, e portanto estay todos presos; e nestas pallavras se alevantou, e lamçou mão d elles, e os premdeo, e pera ysto comvidou muytos portugueses que na terra estavão com cavallos, que estevessem aly em sua ajuda, e depois de os ter presos o pay e filhos, esteverão tres anos em prisão, e fez regedor hũu filho Codemerade, que matou o filho d elrey Narsymga na cidade de Penagumdy, na orta, a treição, que atras conta a ystorya, por mam-

dado d elrey seu pay. E neste tempo fugio da prisão Danayque, filho de Salvatinica, e se foy a hũa serra, em a quoal não abitavão senão ladrois e salteadores de caminhos, e nella estava hũa fortalleza em que estava hũu capitão seu parente, o quoal o recolheo, e o ajudou en todo ho que pode, e d ally fez tanta guerra a elrey Crisnarao, que lhe foy necessaryo mamdar sobre elle muita gente, e pera ysto mamdou por capitão d ella Ajaboissa seu regedor, o quoal o cercou por todallas partes, e o tomou dentro, e o trouve a elrey preso, e depois de sua vymda o mamdou elrey trazer diante sy, e Sallvatinica seu pay, e outro seu yrmão que na prisão estava, e os mamdou aquelle lugar omde elles fazem sua justiça, e ally lhe mamdou tirar os olhos, porque nesta terra não matão os bramenes se não dão lhe algũa pena, de maneyra que fiquem vivos, e os tornou a meter na prisão, homde morreo Timadanayque, e ficou seu pay Salvatinica na prisão com outro seu filho Gamdarja.

Capitulo como veo o ydallcão sobre Rachol, e não ousou esperar elrey, e fugio, &c.

Em este tempo cobrou gente o ydallcão, e reformou se de cavallos e allyffantes, e veyo sobre Rachol, que estava por elrey de Bisnaga. Ouvimdo esta nova Crisnarao, sem mays dar conta d isso a nimguem, mamdou sellar hũu cavallo, e a todo correr foy camynho de Racholl, omde jaa o ydallcão estava, e tanto que soube a vymda d elrey fugio; neste camynho comprou elrey Crisnarao aos portuguezes setecentos cavallos, cymco menos hũu quoarto por mill pardaos. E de Rachol mamdou hũu recado ao ydallcão, que ele quebrara jaa duas vezes seu juramento e pallavra, e que pois não compria com elle o que asentado tinha, que elle faria a guerra de tal maneira que lhe fose necessaryo por força ser seu vassallo, e que

atee lhe não tomar Billgao o não deixarya, e por que o ymverno se começava não pode hir avante, e se veyo a Bisnaga a fazer prestes pera yso, e mamdou fazer muyta artelharya, e mamdou embaixador a Goa, a pedir ajuda ao governador, e que elle daria, tomamdo Billgao, a terra firme, porque esta cidade de Billgao esta a quinze legoas de Goa, e o capitão d ella he senhor da terra firme de Goa, por ser comarca ou termo de ssua cidade de Bilgao, e aquy se mete hũu capitão de hũa fortaleza que se chama Pomda, que está a tres legoas de Goa pella terra firme, que tambem tem remda e mamdo sobre algũas alldeas, e asy estes e outros tem capitaẽes da mão do ydalcão, de cujo senhor a terra toda he, e fazemdo se elrey Crisnarao jaa prestes, neste tempo adoeceo de doemça que todollos seus antecessores morrerão, com dar das verylhas e dos campanhõees, de que morrem os reys de Bisnaga. Este rey Crisnarao semdo moço, criamdo se nesta cidade de Bysnaga, tinha parte com hũa molher sollteyra, a que querya muyto gramde bem, a quoall se chamava Chinadevidy, e por ho gramde bem que lhe querya, muytas vezes lhe prometeo, que se elle fosse rey algũa ora, que elle casarya com ella, e isto dyzia elle zombamdo, e depois foy verdade, como conta a ystorya, e semdo elle allevantado por rey, e tirado das cousas que fazia em semdo mãocebo, e porem não lhe esquecemdo o bem que queria a esta molher, se saya do paço desconhecido, e era a dormir com ella a sua casa, o quoall foy achado menos hũa noute pello seu regedor Sallvatinica, que ho espreitou atee ho meter em casa d esta molher, e o repremdeo muyto d isso, e o tornou aos passos, e elrey lhe dise tamanho bem lhe querya, e que elle tinha prometido a esta molher de casar com ella, e que em toda maneyra o avia de fazer, e vemdo o regedor quoam ymcllynado nisto estava, fazemdo lhe a vontade, dise que elle ho farya de maneyra que sua allteza não fose prasmado d iso, e pera ysto lhe buscou llogo hũa molher d elrey de Narsymga muyto fermosa, e despois

de o ter casado com esta, na vollta das vodas, lhe meteo esta e a outra em casa, a quoall elle mamdou fazer hũa torre muyto alta e muyto gramde, em que haposentou, e depois casou com outras molheres muytas, por que estes reys tem se por muy honrrados em ter muytas molheres, e este rey Crisnarao casou com coattro, e porem a esta quis mays bem que a nenhũa das outras. E este rey fez hũa cidade a honrra d esta molher, por amor d ella, e lhe pos nome Nagallapor, e cercou de novo, que he hũa das boas cousas que elle tem em seu reyno, e lhe fez hũa rua muyto comprida e muyto larga, com as casas de toda maçanarya, a quoal cydade pera se povoar mamdou a todos os primcipaees de seu reyno que nella fezesem casas, e asy ho fizerão, esta cidade tem hũa primcipall rua, de comprido quoatro mill e setecentos passos, e de llarguo corenta, que he certo a mays fremosa rua que pode ser; e esta cidade fez e acabou, sem lhe mimgoar nada, a quoall remde agora corenta e dous mill pardaos de direytos, de cousas que dentro nella entrão, que nesta terra são muyto gramdes, por que não entra cousa nenhũa pellas portas que não pague tributo, e asy homẽs, como molheres, como carregas, e mercadaryas. E fez mays este rey em seu tempo hũu tamque d augoa, que estaa antre duas serras muy alltas, ho quoall pera ho fazer não tinha nenhũu remedio, nem avya em sua terra quem lho podesse fazer, e mamdou a Goa pidir ao governador que lhe mamdase allgũus pedreyros portugueses, e lhe mamdou ho governador a João de lla Ponte, gramde official de pedrarya, ao quoall elrey dise a maneyra como querya o tamque, o que pareceo ao mestre ymposyvell fazer se, e todavia dise a elrey que elle ho farya, que mamdase fazer cal, do que se elrey riu muito, porque em sua terra, pera se fazer hũa casa, não ha emgenho pera se fazer cal, então mamdou elrey lamçar muyta pedra, e derribar muytas serras sobre aquelle valle, e tudo se lhe abaixamdo de maneyra que tudo o que fazia de dia se perdia de noute, e elrey espantado

d isto mamdou chamar seus sabedores e feyticeiros, e preguntou lhe que lhe parecia aquyllo, então lhe diserão que os seus pagodes não erão contentes com aquella obra, por ser gramde, sem lhe darem algũa cousa, e que enquoamto ally não lamçase samgue de homẽes, ou de molheres, ou de bufaros, que aquella obra não serya acabada, então mamdou elrey trazer todollos homẽes que estavão presos, que merecião morte, e os mamdou ally degollar, e com ysto foy a obra avante, e fez hũa serra no meyo d este valle tão gramde e tão larga, que avera na largura hũu tiro de beesta, e de comprido, e gramdes espaços, e por bayxo deyxoù canos por homde a augoa saya, e quoamdo querem çarrão nos, e com esta augoa se fezerão muytas bemfeytorias nesta cidade, e muytas levadas de que se regão arozes e hortas, e pera se fazer bemfeytorias, deu estas terras, que se regão com esta augoa, por nove anos de graça, atee fazerem bemfeytorias, de maneira que remde jaa agora vinte mill pardaos. E acima d este tamque estaa hũa serra muy gramde, toda cercada, e no meyo hũas portas muyto fortes com duas torres, hũa de hũa bamda, e outra da outra, em que sempre tem mill homẽes de goarda, por omde entrão todallas cousas que a estas duas cidades vem, por que pera vir a cidade de Bisnaga, não ha outro caminho senão ho d aquella parte, e por todollos caminhos se ally vem ajumtar, e esta porta se aremda em cada hũu ano por dez mill pardaos, e por ella não entra homẽe que não pague o que os remdeiros querem, asy os vezinhos como os estrangeiros, e nestas cidades ambas não ha nenhũ mantimento nem mercadaryas, por que tudo vem de fora em bois de carrega, porque nesta terra não se servem de bestas pera carregos, e entrão cada dia por estas portas passante de dous mill bois, e cada hũu d estes paga tres vintẽes, tirãodo hũs bois mouchos que não tem cornos, estes não pagão nada em nenhũa parte de seu reino, por fora d estas duas cidades tudo são campos, e lugares de muita criação, e lavor de triguo, e grãos,

e aroz, e milho, por que esta he a cousa que se mays gasta na terra, e despois d isto betre, que he cousa que pella mayor parte sempre comem, e trazem na boca.

Capitullo como por morte de Crisnarao foy allevantado por rey seu yrmão Achetarao, &c.

Depois de morto elrey Crisnarao de sua doemça, que atras conta, estamdo doente, descomfyado jaa de sua vida, fez hũu testamento que dos tres seus hirmãos que elle mamdara meter na fortalleza de Chamdegary, com seu sobrinho filho d elrey Busbalrao, quoamdo ho alevantarão por rey, fizesem rey Achetarao seu yrmão, que agora he, e lhe parecia ser mays pera yso que nenhũu dos outros, e ysto por elle não ter filho de ydade pera ysso, mais que hũu de dezoyto meses, e depois de morto ficou Salvanay por regedor do reyno, o quoall atee vir elrey Achitarao da fortalleza de Chamdegarym omde estava retheudo, e mais deixou em seu testamento que lhe tomassem Bellgao, e lhe fizessem guerra ao ydallcão. Ho quoal elrey Chytarao, despois que reynou, foy llamçado sempre aos viços e tiranyas, semdo homem de muy pouca verdade, de que ho povo e capitaẽes, de sua maa vyda e ymçlinação, vevião muy descontentes, por que não fazia mais que ho que querião dous cunhados seus, homẽes muy malquystos, e muyto gramdes judeus, por omde sabemdo o ydalcão pera quoão pouco elle hera, detreminou de lhe fazer a guerra, por achar que lhe socederia bem, por elle não ser pera ella, fazemdo se sua gente prestes começou a entrar por sua terra, atee chegar hũa legoa da cidade de Bisnaga, omde estava elrey Chetarao, con tanta gente e poder, que bem o podera tomaar as mãos, se ho coração o ajudara, por que o ydallcão não teria mais que doze mill homẽes de pee, e trinta mill de cavallo, e com esta gente entrou

a cidade de Nagallapor, hũa legoa de Bisnaga, e a pos por terra, sem lhe numca querer sahir nem vir a coração de batalha, mais que algũa escaramuça de algũus capitaẽes, boõs cavalleiros, que dizião a elrey que lhe dese sua allteza licemça, por que não hera necessaryo sua pessoa pera tão pouca cousa, mas elle cortado do medo, por comselho de seus cunhados, que não tinhão pouco, foy acomselhado que mamdase cometer pazes ao ydallcão, com as quoaees elle muyto folgou, e fez paaz com elle por cem annos, com comdição que lhe dese dez leques de pardaos d ouro, que cada leque tem cem mill pardaos, e mais lhe dese a cidade de Racholl, que he elrey Crisnarao tinha tomada, em remda com sua comarca cento e cimcoenta mill pardaos, e mays joyas, que bem podião valler hũu leque, o quoal aceptou ho partido, e se foi com este dinheiro muy contente, e depois de tudo lhe mamdou este rey hũa pedra de diamão de cento e trinta mangellinis, com outras quimze pequenas que bem vallyão hũu leeque; o quoall dinheiro d ahi a pouco tempo ho tornou a cobrar e meter no thesouro, lamçamdo peytas per seus capitaẽes e povo, de maneyra que dizrão que em seis meses o tornou a meter todo no thesouro, de que os capitaẽes e gente, por elle fazer estas pazes e pagar esta soma de dinheiro contra vontade de todos, vivião muy descontentes, e tinhão que se se ho reyno ouvesse de perder avia de ser em vida d este rey Chitarao, porque elle tinha destroydo os primcypaes homẽes de seu reyno, e mortos seus filhos, e tomadas suas fazemdas, tudo por comselho de seus cunhados por quem elle hera mamdado; e quero nomear hũu, que se chamava Crisnaranarque, ao quoall premdeo hũa noute, e primeyro que se dese matou todas suas molheres, que serião duzentas, e elle se matou com peçonha diante d elrey, por que lhe queria matar um filho diante d elle, e em armas suas, que lhe vemderão, se fizerão mais de tres mill pardaos, comvem a saber, em adargas, e espadas, lamças, machadinhas, e

outras cousas, as quoaes herão goarnecidas d ouro e prata, pello quoall respeito estava ho reyno desfeito dos homẽes primcipaes, e que ho sostinhão, por homde ho ydalcão ho teve em tão pouco que lhe fez mill afrontas e petitorios cada dia; d este rey não a hi mais que contar, somente ser homem que o teverão em conta de pouco esforço, e muy neglligente das cousas que cumprem a bem de seu reyno e estado.

Este rey de Delly dizem que era mouro, o quoal se chamava Togão Mamede, tem no os gentios por homem que foy santo, e que, quoamdo fazia oração a Deos, lhe vinhão quoatro braços com quoatro mãos, e que cada vez que rezava lhe vinhão fullis do ceo, que são rosas, e foy gramde conquistador, teve gramde parte d este mumdo debaixo de seu mamdo, vemceo

reis, e os matou, e lhe esfollou as pelles, e as trazia comsyguo, por homde, allem do seu nome, tinha esta alcunha que quer dizer senhor de pelles de reys, foy senhor de muita gente, e tanto que diz a estorya d elle que se asomava por dezoyto letras, por que elle na sua conta tem vinte quoatro; d ele ha estorias, que querem parecer posticas, de cousas que fez, comvem a ssaber, fez gente prestes porque, hũu dia pella manhaa, estamdo se vestimdo a hũa janella que estava fechada, e porque lhe deu o sol nos olhos, dise que não descamsarya atee não matar ou vemcer, quem ousava entrar em sua camara estamdo se vestimdo, e não no poderão tirar d este proposyto todollos seus gramdes, com lhe dizerem que era o soll, e cousa que sem elle não podião viver, e ser cousa celeste, e estar no ceo, e lhe não podia fazer perjuizo, com tudo fez sua gente prestes, dizemdo que avia d ir em busca d elle, e com a muyta gente que levava pella terra por homde começou a caminhar,

se levantou grão poeyra, de maneyra que escureceo o sol, e quoamdo ho não vyo se fez de novas a preguntar que cousa era aquella, então lhe diserão os capitaẽes que não avya cousa que o esperase, que se tornase, que lhe fugira quem hia buscar, e com ysto contente se tornou do caminho que levava em busca do soll, dizemdo que pois lhe fugira que isso abastava. Outras gramdezas contão d elle, em que ho fazem gramde senhor, comvem a saber, que estamdo nas partes de Charamãodel, lhe foy dito que certas legoas ao mar estava hũa ylha muyto gramde, e a terra d ella era ouro, e as pedras das casas, e as que na terra se criavão, erão robis e diamais, na quoall ylha avia hũu pagode, omde vinhão os amjos do ceo tamger e bailhar, e cobiçoso de ser senhor d esta terra, detreminou de hir a ella, e não em naos, por que as não tinha pera tanta gente, começou com sua gente a carretar grão soma de pedra e terra, e botar no maar e o emtulhar, atee que chegase a ylha, e pomdo o por hobra fez tanta que atravessou a ylha de Ceyllão, que são doze, ou quimze legoas, o quoal vallo que fez per tempo diz que o comeo o maar, o quoal agora dizem que são os baixos de Chillão; e vemdo Melliquiniby, seu capitão gerall, o trabalho que se avia de ter em cousa tão ymposyvel, não teve outro remedio senão fez duas naos prestes em hũu porto de Charamãodell, as quoaes carregou de muito ouro e pedrarya, com cartas forjadas de embaixada em nome do rey da ylha, em que lhe mamdava obediemcya e presemtes, por omde então não foy ao vallo mays avante, e em memorya d esta obra, fez hũu pagode muyto gramde, o quoall he aymda agora, he de gramde romagem; e d estas fabullas semelhantes haa d elle duas mill, com que aynda espero de emfadar a vossa merce, e com outras melhores, se me Deos der vida. Beijo as mãos a vossa merce.]

Capitullo da maneira do serviço e estado d estes reis, he o seguinte, &c.

Todo serviço da ssua casa, e cousas em que se servem, he com prata e ouro, comvem a saber, bacias bateguas, trepeças guomis, e outras vazilhas d esta calidade, e os cateres em que dormem suas molheres são cubertos e chapados de prata, e cada molher tem seu catere em que dorme, e o d elrey he chapado e forrado, todos os paos d ouro, seu colchão de tafeta, e seu traveseyro redomdo lavrado pellas cabeças d aljofar groso, e quoatro almofadas do mesmo theor pellos pees, sem ter mais lamçol que hũu pano de seda por riba, traz comsyguo sempre hũa arguelha de prata, e tem hũa casa de ferro feita de peças em que cabe hũa cama muyto gramde, a quoal he pera amdar no campo. Tem quynhentas molheres, e d aly pera baixo e pera cima as que mais elle quer, com as quoaees dorme, e todas se queimão por sua morte; quoamdo faz aballo pera alguma parte leva vinte e cinco ou trinta molheres das suas mays pryvadas, as quoaes vão em cada hũu seu pallamque, que são como amdas, e o pallamque da molher prymcipall he todo cuberto de panno de grão borllado d alljofar gramde e grosso, e de por ellas gournecido d ouro somente a cana, e os palãques das outras molheres são goarnecidos somente de prata, e outro palamque de sua pessoa que vay a destro em hũa amda do mesmo teor goarnecido d ouro, e asy pera filho ou filha se vay com elle leva outro catre de marfim goarnecido d ouro; e quoamdo amda no campo, omde quer que asenta arayall loguo lhe fazem hũas casas de pedra e barro, e não esta em temda, e sempre as tem armadas; em sua casa das portas pera dentro serve se com molheres e capados, que serão bem quynhentos ou seis centos servidores, e estas molheres d elrey tem todas pera seu serviço officiaes, asy como elrey das portas a dentro, mas são molheres; os paços d elrey são gram-

des e de gramdes aposentamentos, tem crastas como mosteyros com suas cellas, e em cada hũa esta hũa molher, e com estas molheres estão outras tantas criadas, quoamdo elrey quer dormir com ellas passa por estas crastas, e ellas estão as portas, e chamão no pera ysoo, e com estas não estão as molheres primcipaes, estas molheres são filhas de capitães e dos senhores da terra. Das portas do passo pera dentro dizem que tem passante de duzentas vacas de leite de que fazem manteiga pera estas molheres comerem; elrey não tem gasto nenhũu de seu comer, porque os capitães lho mamdão cada dia a casa, comvem a saber, aroz, e triguo, e carneyros, e galinhas con todas as mays cousas necessarias, pera a cozinha tera obra de duzentos porteiros pequenos, e quoatro sobre este, e dous besteiros mores; e os que agora são porteiros mores d este rey se chamão, hũu Pedanayque, e outro Ajanaique, que são capitães tambem de gente; estes porteiros não entrão mais que atee quoatro ou cimco portas, porque d ahy pera dentro são tudo capados e molheres. Quoamdo cavallga vão hordenadamente com ele duzentos de cavallo de sua goarda, que ele paga, e cem alyfantes, e ysto afora os capitães que sempre amdã na corte com sua gente, que serão bem carenta ou cimcoenta; leva comsyguo dous mill adargueiros, todos homẽes de bem postos todos em hordem por as ylhargas, e diante vay ho allcaide moor, com obra de trinta de cavallo com suas canas nas mãos como porteiros, e o alcayde moor com outra cana, o que agora he alcaide mor d este rey chama se Chinapanayque; e detras vay na resaga ho estribeiro moor com os duzentos de cavallo; detras dos cavallos vão cem alyffantes, e em cima d elles vão homẽs muy honrrados, leva diante de sy doze cavallos a destro sellados, e diante d estes cavallos vão cimco alyfantes, em que elrey cavallga, e diante d estes alifantes vão obra de vinte e cimco de cavallo, com bamdeyras nas mãos e com atabaques e trombetas, e outros tamgeres que fazem que não ouvis nimguem, e diante d este vay hũu

atabaque gramde que levão homẽes as costas, e vão damdo de quoamdo em quoamdo nelle, o quoal atabaque se ouve muyto lomge, e este atabaque chamão elles picha, e despois que cavallga elrey conta os duzentos de cavallo, e cem allyfantes, e os adargueiros da goarda, e quoalquer que fallece lhe dão muy gramde castiguo, e lhe tomão a fazemda.

Capitullo da maneira que se faz a sallema a elrey, &c.

A maneira da sua salema, que os capitaẽes fazem a elrey cada dia, he esta, como he manhaa vão os capitães ao paço as dez ou as omze oras, as quoaes horas sabe; elrey de dentro d omde estão suas molheres, e despois que se asenta, abrem aos capitães, e vem cada hũu per sy, e abaixa a cabeça, e alevamta as mãos, ysto chamão salema, e com elrey estão obra de dez ou doze homẽs, os quoaes tem carreguo de em emtramdo quoalquer capitão, diz a elrey: Olhe vossa alteza o vosso capitão foão, que vos fez salema. E os reis de Bisnaga sempre teverão por estado terem muytos cavallos em sua estrebaria, e sempre tinhão oytocentos, novecentos cavallos, e quoatro centos e quynhentos allyffantes, com os quoaes, e com a gente que os curavão, tinha muy gramde gasto; e este rey, que agora he, tem na sua estrebaria setecentos e tantos cavallos, e quoatro centos alyfantes, e gasta com elles, e com os seus a que daa de comer, dous mill pardaos d ouro cada dia, e de gemte de cavallo que elrey paga tem seis mill, e todos comem da estrebarya, e os que servem nelles tem de ssoldo cada ano mil pardaos, e d elles quynhentos, e d elles trezentos, e os que tem mais pouco não deceem de cento, e d estes seis mil são obrigados os duzentos a cavalgar com elrey.

E os reys d esta terra podem ajuntar quoanta gente quizerem, por que a tem em seu reyno, e muyto dinheiro

pera lhe pagar seus solldos; e este rey Chitarao tem de gente de pee, a quoal pagão os seus capitães, e são obrigados a ter seus leques de gentes, que são seis çentos mil homẽes, e de cavallo vimte e quoatro mill, que os mesmos capitães são obrigados a ter, os quoaes são como remdeiros que tem todas as terras d este rey, e alem de terem toda esta gente paga a sua custa, lhe pagão cada ano sesenta leques de remda fforros pera elrey, e as terras dizem que remderão cento e vinte leques, dos quoaes pagão estes sesenta a elrey, e os mais lhe ficão pera soldos das gentes e gastos dos alyfantes com que são obrigados a servir, pela quoal rezão o povo meudo padece muyta fadiga, por elles nas terras que tem serem tão tiranos, e d estes sesenta leques que elrey tem de remda cada ano, não sente soma mais que vimte cinco leques, por que o mais gasta com seus cavallos, e alyfantes, e gente de pee, e de cavallo, a que elle paga solldo. E em suas festas e esmolas de seus pagodes, todos estes capitaẽs, que são asy como remdeyros, amdão sempre na corte, e os que este rey tem e traz em sua corte passante de duzentos, os quoaes são obrigados amdarem sempre com elrey, e terem a gente que são obrigados, pera quoamdo comprir, por que achamdo se que tem menos, são por ysso muy castigados, e suas fazemdas tomadas, e estes não são numca aposentados por cidades nem villas, por que as tem nellas postos outros de ssua mão, e vão la algũas vezes, e esta deferemça tem os reys que lhe são sugeitos que não vem a corte se não quoamdo os mamda chamar, e de llaa lhe mamdão suas remdas ou pariaas, somente o rey de Bengapor, que he obrigado a estar sempre em campo, e vae duas vezes a corte no ano; e os reys que são sobgeytos são estes, comvem a ssaber, este de Bemgapor, e o rey de Gasopa, e o rey de Bacanor, e o rey de Calecu, e o de Batecala, e estes quoamdo vem a corte de Bisnaga não são mais estimados que quoaesquer outros capitães, asy do rey como dos outros senhores.

Os capitães e senhores d este reyno de Bisnaga, asy os que amdão na corte, como os que estão fora d ella, todos tem cada hũu seu escrivão que amdão no paço, pera lhe escreverem ou fazerem saber o que elrey faz, e hordenão de maneira que não se pasa cousa que elles loguo não saibão, e de dia e de noute sempre estão no paço, e o mesmo rey quoamdo vay fora leva a par de sy escrivãees, que escrevem o que elrey falla, e as merces que faz, e com quem fallou, e sobre que, e o que detreminou, e a estes se daa credito como a evamgellistas, por que dizem que o rey quoamdo fallar que ha de ser cousa que mereça ser escripta, e tambem que he necessario pera sua lembrança, e d esta maneyra não passa cartas nem alvaras das merces que faz, nem pera o que mamda fazer, por que quoamdo faz merce a alguem, fica no tombo d estes escrivães, e elrey a quem a faz daa hũu synete de hũu seu anel em lacre, o quoal anel tem o seu regedor, e por estes synetes se faz obra como por carta patente.

Estes reys de Bisnaga comem todalas coisas, somente vaca nem a matão em toda a terra dos gentios, por que adorão nellas, comem carneiro, porco, veado, perdizes, lebres, rolas, codornizes, e todalas aves de pena, ate pardaes, e ratos, e gatos, e lagartos, tudo se vemde na praça de Bisnaga, e tudo se ha de vemder vivo pera cada hũu saber o que compra, e ysto he coanto a caça, outro sy muito pescado do ryo em muita camtidade, e sempre estão as praças cheas, e muyta abastamça de fruytas, uvas, laramjas, limões, romãas, jacas, mamgas, e tudo muyto barato, nas praças diz que dão doze carneiros em pee por hũu pardao, e nos montes dão catorze, quimze por hũu pardao; e elrey bebe augoa a quoall trazem de hũa fonte, que estaa fechada da mão de hũu homem de que elrey muyto comfia, e as vasylhas em que a trazem vem tapadas e asselladas, e asy a entregão as molheres que servem, e ellas a levão dentro as outras molheres com que elrey dorme.

Este rey de Bisnaga a mayor honrra que daa a hũu capitão são dous abanos goarnecidos d ouro e pedraria, de hũus rabos bramcos de vaca, e da lhe manylhas, e cada cousa que o capitão recebe se lamça no chão; elrey faz muito gramde honrra ao que daa a beijar os pees, porque as mãos não daa a beijar a nenhũa pesoa, e asy quoamdo quer contentar os capitães, ou pesoas de quem tem recebidos, ou quer receber serviço, da lhe pachari pera suas pessoas, que he muita honrra, e ysto faz cada um aos capitães no tempo que lhe pagão sua remda, que he no mes de setembro, omde nove dias se fazem gramdes festas, hũs dizem que se fazem a honrra dos nove meses que nossa senhora trouxe seu filho no ventre, e outros dizem que se não fazem senão porque neste tempo vem estes capitães pagar as remdas a elrey, as quoaes festas são d esta mancira, comvem a saber.

O primeyro dia põem nove castellos em hũu terreino que diante dos paços estaa, os quoaes castellos são de nove capitãees primcipaes do reyno, os quoaes são muyto altos, e estão muito emparamentados de muytos panos ricos, e nelles muytas balhadeiras, e muytas envemçõis, e alem d estes nove castellos, são todolos capitãees obrigados a fazer cada hũu seu castello, os quoaes vem dar amostra a elrey cada hũu com sua devisa, em maneyra de emvemção, e d esta maneira vem todos estes nove dias que durão as festas, e os oficiaes da cydade são obrigados a vir com suas emvemções cada dya a noute, asy como fazem nossas festas, e nestes nove dias matão e sacreficão, o primeiro dia nove bufaros machos, e nove carneyros, e nove bodes, e d ahy por diante matão cada dia ao galarym sempre dobrado, e acabado de matar estas alymarias, vem nove cavallos e nove alyfamtes d elrey, e vem diante d elrey com muytas fullas, que são rosas, e cubertos de cubertas ricas, e diante d elles o estribeiro moor com muytos porteiros, e fazem a salema a elrey, e como acabão de fazer a salema, vem de dentro padres, e trazem aroz e outros comeres cozidos, e augoa, e foguo,

com muitos cheiros, e regão e lamção augoa por riba d estes cavallos e alifantes, asy como augoa benta, e põem capellas de rosas, e ysto diante d elrey que estaa asemtado em hũa cadeira d ouro e pedrarya, que se não asenta mais neela que esta vez no ano, e este rey que agora he não se asenta nella, por que dizem que quem se nela a d asentar a de ser rey mui verdadeiro, e a de fallar muyta verdade, o que este não falla, e emmentes se ysto faz amdão bem mill molheres a baylar e voltear diante d elrey, e despois de verem todalas envemçõis, vem todollos cavallos d elrey cubertos com suas patallas com muito ouro e pedraria pella cabeça, e asy todollos alifantes e juntas no meyo do terreiro do paço, e depois de darem sua vista, vem trimta e seis molheres d elrey muyto fremosas, cubertas d ouro e perolas, e de muito aljofre, e nas mãos cada hũa sua bacia d ouro, e nomº hũa camdeya d azeite acesa, e com aquellas molheres vem todallas porteiras e as molheres d elrey, com suas canas nas mãos chapadas d ouro e com muitas tochas acezas, e então se recolhem com elrey pera dentro, e estas molheres vem tão ricas d ouro e pedrarya que não podem bullir comsyguo. Asy que nestes nove dias são obrigados a buscar a elrey cousas de prazer, e por estas festas tem elrey mill homẽes lutadores, que lutão diamte d elrey, mas não da maneyra nossa, se não de se darem muytas punhadas e feridas com duas rodas de bicos que trazem nas mãos com que se ferem, de maneira que o que fica de baixo d outro mais ferido vay, leva a fogaça, que he hũu pacharim que elrey daa a estes lutadores, os quoaes tem capitão sobre sy, e he gente que não serve em seu reyno d outra cousa. E despois d acabados estes nove dias, cavallga o rao, e vay fazer alardo da gente dos capitaẽes, e vay duas legoas por outra gente armada, no cabo se dece, e toma hũu arco na mão, e tira tres frechas, comvem a saber, huma pera o ydalcão, e outra pera elrey de cotamuloco, e agora outra pera os portugueses; era seu costume fazerem a guerra ao reyno

d aquella parte omde a frecha mais lomge chegase; e despois d isto feito se torna pera casa, e aquelle dia jejua elrey, e toda a gente da terra, e ao outro dia se vay lavar ao ryo com toda a gente, e dentro nestes nove dias he elrey paguo de toda a remda que lle remde seu reyno, porque, como jaa disse, todolas terras são d elrey, de cuja mão as tem os capitãees, que as dão aos lavradores, os quoaes pagão de dez nove, não temdo nenhũa terra propria, por homde o reyno semdo todo pera elrey, tiramdo as despesas que os capitãees tem com a gemte que lhe elrey lamça com que são obrigados a servir. E cada sabbado são obrigadas as molheres solteiras hir ao paço a baillar e voltear diante do pagode d elrey, que tem dentro nas suas casas, e a gente d esta terra jejua todos os sabbados, e não comem todo dia, nem de noute, nem bebem augoa, se não comem hũu pouco de cravo, por amor do bafo, elrey daa sempre muitas esmollas, e sempre no paço estão dous tres mil bramenes que são os seus padres, a que elrey mamda dar esmola, e são homẽes muito despreziveis, e d eles tem muyto dinheiro, e são tão sobejos que a poder de pamcadas os não podem ter os porteiros.

E os capitãees e homẽs primcipaes servem se de noute com tochas d azeite, de quoatro tochas ate doze, que he a mayor honrra, e elrey tera cento, ou cento e cimcoemta tochas d azeite, avemdo muyta cera na terra, mas não a sabem lavrar, todo o mercador que trouxer mercadorias, comvem a saber, cavallos e outras cousas que aija de vemder a elrey, quoamdo lhe quizer fallar a de lhe de fazer serviço de hũa peça ou cavallo dos milhores que trouxer, pera que seja ouvido e negociado, e não tão somente a elrey, mas aos oficiaes com que temdes de fazer aveis per força de peitar, por que não fazem nada sem ymterese.

E quoamdo algũa parte agravão, e pode fallar a elrey, pera se mostrar muyto agravado ha se de deitar de focinhos no chão, atee lhe preguntarem o que quer, e se

por vemtura quer fallar a elrey quoamdo cavalga, tomão hũa astea de lamça, e poem lhe hũu ramo, e vay bradamdo, e loguo lhe fazem lugar, e se queixa a elrey, e aly he despachado sem mais dilação, por que logo mamda a hũu capitão, dos que vão com elle, que logo fação o que a parte requere, se se aqueixa que o roubarão em tall terra e em tal caminho mamda logo ao capitão d aquella terra, aymda que esteja na corte, que seja preso e a fazemda tomada, atee que mamde premder a quem o roubou, e asy he obrigado o meyrinho moor dar conta do que se rouba na cidade, pello quoal se fazem muy poucos furtos, e se algũs se fazem por pouco que deis, day vos os sygnaes do homem que vos fez o furto, e se esta dentro na cidade ou não, logo o sabem por feyticeiros, porque são muyto gramdes feyticeiros nesta terra, por omde na terra ha poucos ladrões.

Este rey tem continuadamente cimcoenta mil homẽes de solldo, em que entrão seis mill homẽes de cavallo, que são de sua goarda do paço, dos quoaes seis mil são os duzentos obrigados a cavalgar com elle, e tem mais vimte mill lamceiros e adargueiros, e tres mil homẽes que servem os alyfantes na estrebarya, trazem mill e sete centos farazes que curão os cavallos, e tem mais trezentos saneis que ensynão os cavallos, e tem mais doze mill hoficyaes, comvem a saber, ferreiros e pedreiros e carpinteiros, e maynatos que são homẽes que lavão roupa, esta he gente que tem e paga, todollos dias lhe dão ração a porta do paço; aos seis mill de cavallo lhe daa elrey cavallos de graça, e pera elles lhe daa cada mees mantimentos, e todos estes cavallos são marcados da marca d elrey, e quoamdo morrem são obrigados a tirar lhe a marca Amadanarque, estribeiro moor d elrey, pera lhe darem outro, e estes cavallos que daa os mais são da terra, que os compra elrey doze, quimze por mil pardaos. Elrey todolos anos merca treze mill cavallos d Armuz e da terra, dos quoaees escolhe pera sua estrebarya os milhores, e os outros daa aos capitãees, e nelles ganha

muyto dinheiro, porque despois de tirar fora os bõos d Aromuz, lhe vemde os da terra, e lhes daa cimco por mil pardaos, e são obrigados a lhe pagarem o dinheiro d eles dentro no mes de setembro, e com ho dinheiro d este que vemde, paga os arabios que merca aos portugueses, de maneira que tudo paga á custa dos seus capitãees, sem lhe sayr nada do thisouro.

Elrey tem mais das suas portas pera dentro passante de quoatro mil molheres, e todas pousão dentro no paço, hũas são bailhadeiras, e outras são bois que trazem as molheres d elrey as costas, e elrey dentro no paço, por que são gramdes e haa gramde espaço de huũas casas as outras, e tem mais molheres que lutão, e tem mais molheres que são estrolicas e feyticeïras, e tem molheres que escrevem todollos gastos que se fazem das portas a dentro, e tem molheres que tem cuydado de escreverem todas as cousas do reyno, e comcertão seus livros com os escrivaẽs de fora, e tem molheres muyto musycas que tamgem e camtão, e as mesmas molheres d elrey são muyto musycas.

E tem mais elrey molheres, dez cozinheiras pera sua pessoa, e tem outras de sobrecelente pera coamdo daa bamquete, e estas dez não fazem de comer a nymguem somente a elrey, e com estas não falla nimguem somente elrey, e tem hũu porteiro capado a porta da cozinha, que não deixa chegar nimguem por amor da peçonha, e quoamdo elrey quer comer despeja se toda a pessoa e vem loguo destas molheres que tem carreguo, e lhe põem a meza, e põem lhe hũa trepeça redomda d ouro, e sobre ella põem as ygoarias, as quoaes vem em hũas bategas que são bacias d ouro, e as ygoarias pequenas vem em preçollannas d ouro e d ellas com pedrarya, e não tem toalha nenhũa na mesa, se não quoamdo acaba de comer lava as mãos e boca, e servem no a mesa molheres e capados; as molheres d elrey cada hũa estaa sobre sy, e tem criadas que servem amte ellas, diz que ha juizes e meirinhos e goardas que

toda noute goardão o paço, e tudo são molheres, e elrey não veste hũu vestido mays de hũa so vez, e como o despe loguo o entrega aos oficiaees que tem carreguo d isso, os quoaes dão conta, e não se dão estes vestidos a nimguem, e ysto tem por gramde estado; os seus vestidos são pachõiis muyto finos dourados, que val cada hũu dez pardaos, e trazem as vezes bajuris do mesmo theor, que são como camisas e a fralda, e na cabeça trazem hũs carapuções de brocado, a que chamão culaes, que cada hũu pode valer vinte cruzados, e como o tira da cabeça não ho torna mays a por.

E as justisas que se fazem neste reyno são estas, comvem a saber, a hũu ladrão por quoalquer furto que faça, por pequeno que seja, loguo lhe hão de cortar hũu pee e hũa mão, e se ho furto he gramde he emforcado com hũu azollo por debaixo da barba, e quoalquer homem que dorme por força com molher honrrada ou virgem aa mesma pena, ou o que faz outra semelhamte força, e por esta maneira he castigado, e os fidalgos que são tredores mamdão os espetar em hũu espeto de pao pella barriga vivos, e homẽes baixos por quoalquer dellito que cometão, crime, mamda lhe cortar a cabeça na praça; quoalquer que mata outro a mesma pena, se não matar por desafyo, por que a estes taees fazem muita honrra, e dão a fazenda do morto ao vivo, e nimguem não desafia sem primeiro pedir licemça ao regedor, o quoal loguo a daa; esta he a maneira de sua justiça comũumente, afora outras voluntariosas, quoamdo elrey quer que mamda lamçar hũu homem aos alyfantes pera que o despedacem, e a gemte he tão sojeita que se lhe dizeis da parte d elrey que esteja quedo em hũa rua, e que tenha hũa pedra nas costas ally todo dia atee que ho soltaseis o fazem. Asy que os oficiaes d elrey que em o reyno amdão são estes, primeiramente o regedor do reyno, que he segumda pessoa nelle, o tisoureyro com seus escrivães de fazemda, e thisoureiro moor, e porteiro moor, e thisoureyro da pedraria, e estribeiro moor,

e não tem veador de fazemda, nem outros oficiaes, nem de sua casa, somente os capitãees de seu reyno, os quoaes aquy nomearey allgũus, e as remdas que tem, e de que terra são senhores.

Item. Primeiramente Salvanayque, regedor que agora he, tem de remda hũu conto e cem mil pardaos d ouro, este he senhor de Charamãodel, e de Nagapatão, e Tamgor, e Bomgarim, e Dapatão, e do Truguel, e de Caullim, e todas estas são cidades, e as suas terras todas são muyto gramdes, e partem com Ceilão, e d este dinheiro he obrigado a dar o terço a elrey, e os dous terços lhe ficão pera o soldo dos seus lascarīs e cavallos com que são obrigados a servir a elrey, e por este desconto lhe deixou elrey trinta mill piães, e tres mill homẽes de cavallo, e trimta allyfantes, de maneyra que tirados estes gastos tudo o mais lhe fica, e nesta gente ganha muito dinheiro, porque numca a tem toda, por omde elrey cada vez que os quer lhes toma a fazemda.

Item. Outro capitão Ajaparcatimapa, que foy regedor de Crisnarao, este tem de remda outocentos mill pardaos d ouro, e he senhor da cidade de Hudogary, e da cidade de Comdovim, e da cidade de Penagumdim, e de Codegaral de Cidaota, todas estas cydades gramdes, partem com o reyno d Oria, e d ellas com o cabo de Comarȳ, estas terras lhe deu elrey Crisnarao, quoamdo o fez regedor, e tirou os olhos a Salvatinica, seu regedor, que era capitão d elas, e obrigado a servir com vinte e cimco, mill e quinhentos de cavallo, e corenta alyfantes, e daa cada ano a elrey trezentos mil pardaos.

Item. Outro capitão que se chama Gapanayque, d estas terras, comvem a saber, he senhor do Rosyl, e de Tipar, e de Ticalo, e de Bigolom, estas terras partem com ho ydalcão, e em todas ha muito triguo, e grãos, e vacas, e cabras, e gergellim, e algodão, e roupa d elle muito fina, por que todo o pano que se faz e d elle, tem remda d estas terras seis centos mil pardaos, e he obrigado a servir com dous mil e quynhemtos de cavallo, e vinte

mill praços, e vinte alyfantes, e daa a elrey cada ano cento e cimcoenta mill pardaos.

Item. Outro capitão que se chama Lepanayque, que he senhor de Vimgapor, terra muyto grossa de sementeiras e criaçõis, e tem de remda trezentos mil pardaos, e he obrigado a servir com mil e duzentos de cavallo, e vinte mill praços, e vinte e oyto alyfantes, e daa a elrey cada anno oytenta mill pardaos.

Item. Mais o thesoureyro da pedraria que se chama Narvara, este he capitão da cidade nova, que se chama Ondegema, e he senhor da terra do Diguoty, e de Darguem, e de Entarem, e das outras terras que partem com a terra de Bysnaga, são todas de campo, e remdem lhe cada anno quoatro centos mil pardaos, dos quoaes daa a elrey duzentos mil, e os mais gasta com doze mill piãees, e seiscentos de cavallo, e vinte alyfantes.

Item. Mais outro capitão que se chama Chinapanayque, he marichal d elrey, e senhor da terra de Calaly̆ da bamda de Cochim no certão, e de outra muytas terras que lhe remdem trezentos mill pardaos, e he obrigado a dar a elrey cada ano cem mill pardaos, e serve com oytocentos de cavallo, e dez mill praços.

Item. Mais Crisnapanayque, que he senhor d Aosel, que he hũa cidade gramde, e de outros lugares que aquy não conto por terem os nomes muy avessados, estas terras lhe remdem em cada hũu ano vinte mill pardaos d ouro, e paga de pemsão a elrey sete mill pardaos, e serve com quinhentos de cavallo, e setecentos de pee.

Item. Mais Bajapanarque, que he capitão da terra de Bodial, que parte com Mamgalor, ao lomgo do maar, e he senhor de Guiana, nesta terra ha muyta pimenta, e açucare, e roupa, e muyto aroz, e não a triguo, nem outra roupa, e he terra de ceras, e remde lhe trezentos mill pardaos cada ano, e serve com outo centos de cavallo, e com dez mill piãees, e com quimze alyfantes, e daa a elrey dez mill pardaos.

Item. Mallpanarque, que foy estribeiro moor d elrey Crisnarao, e este he senhor da terra d Avaly, que estaa no sertão de Calecu, e esta terra tem muyto ferro, e muyto algodão, e muyto aroz, cabras, carneiros, vacas, e bufaras, e este tem de remda quimze mil pardaos, e he obrigado a servir com quoatro centos de cavallo, e seis mill piãees, e paga a elrey cada ano cymquo mill pardaos.

Item. Outro capitão que se chama Adapanayque, que he comselheiro mor d elrey, este he senhor da terra do Gate, homde nascem os diamãees, e outras terras muytas que lhe remdem trezentos mill pardaos d ouro, tiramdo a pedrarya, que he remda sobre sy, que remde cada ano corenta mill pardaos a elrey, com comdição que os diamãees que passarem de vinte mamgales pera riba serem dados a elrey pera o seu thesouro, este serve com oyto mill piõis, e oyto centos de cavallo, e trinta allyfantes, e daa a elrey cada ano cem mill pardaos.

Item. Mais outro Bajapanayque, capitão do Mumdoguel, que foy fortaleza do ydalcão, a quoal lhe tomou Crisnarao, quoamdo lhe tomou Rachol, que era termo d elle, e esta fortaleza de Mundoguel com outras terras lhe remdem quoatro centos mil pardaos, e serve com mil de cavallo, e dez mill piães, e cimcoenta alyfantes, e daa a elrey cada anno cento e cimcoenta mill pardaos.

E por esta maneyra he repartido o reynno de Bisnaga por passante de duzentos capitãees, os quoaees todos são gentios, e segundo as terras e remdas que tem, asym lhe lamça elrey a gente com que são hobrigados a servir, e o que lhe ão de pagar de remda cada mes, dentro nos primeiros nove dias do mes de setembro, aos quoaees não faz nenhũa quyta, mas antes não pagamdo a este tempo são muy bem castigados e destroydos, e a fazemda tomada. Todos os capitãees d este reyno se servem d amdores e palamques, que são como amdas, as quoaees trazem homẽes as costas, os quoaes não podem amdar nelles, comvem a saber, nos amdores se são ho-

mẽes de cavalleiros pera cima, e nos palamques capitães e pessoas primcipaes, e ha sempre na corte omde elrey está vinte mil amdores e palamques, e as cousas do reyno de Bisnaga, aymda que pareça muyto, tem os homẽes desta terra que forão ja mais noveis, e mais grossos do que agora são.

E neste reyno de Bysnaga ha que per criaçõis de homẽes naturaes da terra, comvem a saber, bramines, que os mais d elles não matão cousa viva nem a comem, e esta he a milhor que ha antre elles, são todos homẽes limpos, dados a mercadaryas, muy agudos, e de vivo engenho, gramdes contadores, homẽes secos, e bem despostos, pouco soficientes pera nenhũu trabalho, e nestes amda o reyno e os oficios d elles; estes crem que a tres pessoas e hũu so Deos, e chamão as pessoas da Santissima Trimdade Tricebemca; e ha outra gente que são canaras, estes tem pagode em que tem bogios, vacas, e bufaras, e diabos, a que fazem muita honrra, e estes ydollos e bogios em que adorão, dizem que em outro tempo esta terra toda foy de bogios, e que neste tempo fallavão elles, tem livros cheos d estorias suas de gramdes cavallaryas, e de gramdes bestidões de suas ydolatrias, que não esta em rezão d omẽes terem taes opiniõis, per homde no reyno de Bisnaga, nem em toda a terra do gentio não matão nenhũus bogios, por homde a tantos nesta terra que cobrem as montanhas; e ha outra criação de homẽes que chamão telumgalle, quoamdo morrem enterrão se molheres vivas com elles.

Elrey de Bisnaga he bramine, todollos dias ouve pregação de hũu bramine letrado, que numca foy casado nem dormyo com molher, e na pregação lhe amoesta os mamdamentos de Deos, que lhe asy diz, que não mate cousa viva nem tome cousa alhea, e com os mais seus mamdamentos; esta gente tem tanta devação nas vacas que as beijão cada dia, e allgũas dizem que no cu, o que eu não diguo por sua honrra, e com o lixo d estas vacas se absolvem de seus pecados, como com augoa

benta, e elles tem por mamdamento de se confessarem aos bramines padres de seus pecados, ho quoal elles não fazem senão algũs muyto amiguos de Deos, e diz que ho deixão de fazer por ser vergonha confessarem se a outro homem, e que abasta comfessarem se comsyguo a Deos, por que ho que o não faz não alcamça graça, e cumprem de hũa maneira e da outra, e o fazem tão poucas vezes que não obedecem a este mamdamento de se comfessarem.

Ho reyno de Bisnaga, esta terra he toda gentio, tem as molheres por costume de se queimarem, quoamdo seus marydos morrem, e tem ho por graça de honrra, e d esta maneyra tanto que seus maridos morrem fazem pranto em sua casa com os seus parentes e de seus maridos, e tem elles que a molher que muito chora não deseja de hir em busca de seu marydo, e acabado o pranto lhe dizem seus parentes e aconselhão que se queime, e que não deshonrre sua geração, e depois d ela dizer que sy põem o morto em hũu catre enramado cuberto de flores, e a molher põem em cima de hũu rocim, e vay detras d elles com muytas joyas, e cuberta de rosas, e leva hũu espelho na mão, e na outra hũu ramo de flores, e com muytos tamgeres, e os parentes d elle com muyto prazer, e asy vay huũ homem tamgemdo com hũu adufe cantamdo lhe cantigas e que se vaa asynha pera seu marido, ela lhe responde cantando que asy o fara; e tanto que chega ao lugar omde ão de ser queymados, espera ella com os tamgeres que se queime ho marido, o quoal deitão em hũa cova muy gramde, que pera ysso tem feita, e cobrem no de muyta lenha; e, antes que lhe ponhão o foguo, sua may ou parente mais chegado tomão hũa panella chea d augoa na cabeça, e hũu tição na mão, e daa tres voltas ao redor da cova, e a cada volta faz hũu buraco na panela; e acabado estas tres voltas quebra o calãao, que he hũa panela, e lamça o tição dentro, e então lhe poem o foguo. E como he queymado vem a molher com to-

dalas festas, e lava os pees, e ali lhe faz hũu bramine certas cerimonyas de sua ley, e, acabado de as fazer, ella por sua mão tira todalas joyas que leva, e as reparte por suas parentas, e se tem filhos encommenda os aos parentes mais honrrados; e tanto que lhe tirão tudo, atee os panos bõos, lhe vestem hũs panos amarellos, e então a tomão os parentes pella mão, e ela leva hũu ramo na outra, e vay cantando e correndo atee a cova omde estaa o foguo, e então se sobe em hũus degraos que estão feitos a par da cova altos. E prymeyro que ysto fação dão tres voltas a redor do foguo, e então se sobe nos degraos, e tem diamte de sy hũa esteira que lhe tolhe a vista do foguo, e lamção no foguo huũ pano com aroz, e outro em que trazem betre, e o pentem, e o espelho, com que se emfeitava, dizendo que tudo a de ter laa pera se enfeitar com seu marido, e por deradeiro despede se de todos, e toma hũu callãao d azeite na cabeça e bota se no foguo contamto esforço que he pera espantar; e tanto que se lamça estão os parentes prestes com lenha que logo a cobrem, e depois de feito fazem grão pranto todos. E quoamdo morre huũ capitão queymão se então suas molheres quantas tem, e asy quoamdo elrey se faz outro tanto; e ysto se costuma em toda esta terra do gentio, tirando esta casta de gente a que chamão telugas, que se soterrão as molheres com seus marydos vivas quoamdo elles morrem, e vão com muyto prazer atee cova, e dentro nela estão feytos dous asentos da mesma terra, hũu pera eles, outro pera ella, e asentam cada hũu no seu, e vão nos cobrimdo pouco a pouco atee que os cobrem; e asy morre a molher com o marido.

Capitullo das cerimonias que fazem aos mortos bramines, &c.

Estando algũu bramine doente, antes que faleça, manda chamar aos seus bramines letrados, que são seus

padres, pera que venha pregar e comsolar ao doente, e aly lhe fazem lembramças das cousas de sua alma, e o que ha de fazer para a salvar, dizendo-lhe que deixe esmollas, e despois desta cerimonya acabada mamda aos bramines padres rapar a cabeça ao doente, e depois de rapada lha manda lavar, e depois de llavada tem por costume trazerem em suas casas hũua vaca com huũ bezerro, e a muyto poucos bramines, por poucos que sejão, que não tenha em casa, a quoal vaca acabamdo de lavar a cabeça tomão hũa touca e atão na ao pescoço da vaca, e metem a ponta da touca na mão do doente, pera que elle a dee d esmola, por sua alma, com o bezerro, aquelles padres que fazem estas cerimonias. Asy neste dia da esmolas segumdo sua pessoa, e daa de comer a algũus bramines que pera ly vem a comer; são rogados, e tem elles que, como ao doente são feitas estas cerimonyas, se ouver de viver garece logo de sua enfermidade, e se não que morre loguo. E despois de morto o doente mamdão lavar o chão onde estava deytado o doente, e depois de lavado tomão bosta de vacca, e embostão aquelle chão, e llamção o morto em cima desta bosta, por que tem elles que o doente que morre em catre, ou em cousa que não seja no chão, que peca mortalmente; e, emquanto elle estaa llamçado no chão, lhe fazem hũa tumba coberta com ramos de figueiro, e, primeiro que metão o corpo dentro na tumba, o lavão muyto bem com boa augoa, e huntão no de samdallo, e deitão lhe pello corpo ramos de mamgiricão, e cobrem no com hũu pano novo, e asy metem dentro na tumba. E então hũ parente seu toma a tumba primeyro por hũa bamda, e chamão outros tres bramines quoaesquer que lho ajudem a levar, e asy o levão ao lugar omde ho ão de queymar acompanhado de muitos bramines que vão cantamdo diante do defunto, e diante de todos vay seu filho, se o tem, ou irmão mais pequeno, ou parente mays chegado, com o foguo na mão pera o queimarem. E tanto que chegão no lugar

onde hão de queimar lamção dinheiro segumdo podem, e então lhe põem o foguo, e estão aly atee que se acabão de queimar o corpo todo; e d aly se vão todos lavar a hũu tamque os corpos, e depois de llavados se vay cada um pera sua casa, e o filho, ou irmão, ou parente que levou o foguo, e obrigado a dormir no chão omde o defunto morreo nove noutes, e depois de acabado nove dias de seu falecimento, vem os padres e letrados, e mandão lhe rapar a cabeça, e nestes nove dias dão de comer a pobres, e os vestidos do defunto, e o catre com sua cama dão d esmolla aos padres com mais algũu dinheiro; se he homem rico deixa estas e outras cousas d esmolas aos muytos bramines. E depois de dez dias acabados, e que o filho he rapado, vay ao lugar omde queymarão seu pay, ou seu yrmão, e fazem muitas cerimonyas sobre aquella symza e ossos que ficarão por queimaar; metem nos em hũa panella, e fazem hũa cova no chão, e soterão na, e tem na ali goardada e soterrada pera mamdarem lamçar aquelles ossos em hũu rio santo, que esta aquy de Goa mil e tantas legoas, omde tem hũu pagode muyto gramde, de muito gramde romaria, e tem elles que todo o romeyro que llaa morre he salvo, e vay ao paraiso, e asy o defunto cujos ossos lanção naquelle rio, e porem la levão muyto poucos. E o herdeiro, ou pay, ou filho do defunto, he obrigado, do dia do falecimento a omze dias, dar de comer a vymte e sete bramines, e aos vimte e hũu dias a outros tres, e aos doze dias tambem de comer a sete bramines, e aos vimte sete dias dão a comer aos tres, e o deradeiro dia do mes dão de comer a outros tres, e d ahi por diamte, atee se acabar hũu, dão de comer cada mes hũa vez a tres bramines, e ysto fazem a honrra da trimdade pela alma do defunto. E acabado este ano não dão mais esmollas que cada ano em que morreo dão de comer a seis bramines, comvem a saber, tres a honrra da trimdade, e tres pelas pessoas de seu pay e avoo, e bisavoo; que asy como cá comem juntos, asy la tenha graça

ante Deos, e pera estes gostos pedem esmola se são pobres pelos bramines, os quoaes lhe dam todos ajuda pera isso, e primeiro que gentem lhe lavão os pees a todos seis, e no gentar se fazem algũas cerimonyas por bramimes padres que ahi vem pera ysso.

E porque eu estive d assento atee gora nesta cidade, conveyo me pois que hera necessario fazer o que me manda vossa merce, buscar homẽs que forão a Bisnaga, porque sey que não vay la nenhũu que não traga sua mão de papel escripta das cousas de laa; asy que ouue este summaryo de hũu Domingos Paes que ca amda, o quoal foy a Bisnaga em tempo d elrey Crisnarao coando la foy Cristovão de Figueiredo. E por que hũ homem não pode dizer tudo, ouve outro de Fernão Nuniz que laa esteve tres anos com cavallos de que foy mal paguo; e porque hũu falla em algũas cousas que não falla o outro, mamdo ambos os sumarios, que estamdo la fezerão hũ em tempo de Crisnarao, como disse, e outro ha seis mezes que mandou de llaa. Quis fazer ysto porque d ambos tomara vossa merce ho que lhe cumprir, e tambem porque dara fee a algũas cousas da chronica dos reys de Bisnaga, porque comformarão hũas e outras; o tresllado do quoall sumaryo he este que começou de fazer ymdo pera o reyno de Bisnaga.

Capitullo das cousas que vi, e alcãocei saber do reyno de Narsimga, &c.

Partimdo da Imdia pera o reyno de Narsymga, da frallda do maar, aveis de passar hũa serra que tem, que he estremo do dito reyno, e das terras que ao lomgo do mar estão; esta serra vay por toda a costa da Imdia, e tem passos por omde se passão pera o sertão,

porque todo o outro da serra he muy fragosa, e de muy fortes matos. O dito reyno tem muitos lugares na costa da Imdia, são portos de maar com que temos pazes e em algũs d elles temos feytorias, comvem a saber, Amcola, Mirgeo, Honor, Batecalla, Mamgalor, Bracalor, e Bacanor. E tanto que sobimos esta serra logo temos a terra chãa, que nela não temos mays serras, se não algũs montes, e estes pequenos, porque todo o outro he como o campo de Ssantarem, posto que pello caminho de Batecala atee hũa cidade, que se chama Zambuja, aija algũas serras com arvoredos, todavya o caminho e muito chão; e de Batacala a esta cidade de Zambur ha corenta legoas, he caminho de muytos rybeyros d agoas, e por este respeito acodem tantas mercadarias a Batacala, que vem cada ano cymco ou seis mil bois de carrega. Tornamdo a fallar no dito reyno, he terra de pouco arvoredo, salvo ao longo desta serra da bamda de leste, porque a lugares cominhaveis duas tres legoas d arvoredo, e derredor das cidades e villas e lugares tambem tem arvoredos, comvem a saber, mamgas, e jacas, e tamarinhos, e outros arvores muyto gramdes, que he aposento omde se aposentão os mercadores com suas mercadarias; eu vy na cidade de Recalem hũ arvore que debaixo d ela agasalhavamos trezentos e vimte cavallos em suas estrebarias hordenadas, e por toda a terra vereis muy poucos arvores. He terra muy aproveytada, e muy farta, e abastada de muytos gados, comvem a ssaber, vacas, bufaras, carneyros, avees, asy das do monte, como das que se crião em casa, e ysto em mays abastamça que nas nossas partes; he terra de muyto aroz, e de milho zaburro, grãos, feyjõis, e outras maneyras de sementes que nas nossas partes não se semeão, muito enfimdo algodão; dos grãos ha muita abastamça, porque, alem de ser mantimento dos homẽes, tambem he dos cavallos, por que não tem outra cevada, e asy na terra ha muito triguo e bom. A terra toda e muito povoada de cidades e villas e lugares, e

o rey não comsemte que as cercas sejão se não de terra, por se não alevantarem, e se algũua cidade estaa no estremo de sua terra a esta comsemte que tenha os muros de pedra, e as villas não, porque fação fortalezas das cidades e não das villas.

E esta terra por ser chãa curssão mais os ventos nella que nas outras partes. O azeyte que tem he semeado de semente, e colhe se em seu tempo, e fazem no em seus emgenhos que pera ysso tem. Esta terra carece d augoa por ser muyto gramde, e ter poucas ribeyras; fazem alagoas em que se recolhe a augoa quoando chove, e d aly se mantem, e em algũa que acerta nascer esta se sostem mays que nas outras, que não tem mais augoa que a que chove, porque muytos achamos secas e amdarem na lama d elas, e fazerem covas d omde achavão algũa augoa, pouca augoa, pera seu governo, e por que ho falecimento d esta augoa he por não ter imverno, como nas nossas partes, e na Imdia, salvo trovoadas que asertão serem mores hũu ano que o outro. E a augoa que nestas alagoas ha he toda a mais d ella barrenta, primcipalmente naquellas em que não nace agoa, e a causa porque asy são barrentas he pello vemto muyto e poo que ha na terra, que não daa lugar a que a augoa seja clara, e tambem ho muito gado, bufaras, vacas, e bois, e outro gado meudo que nellas bebem. Porque sabereis que nesta terra não matão boys nem vaca, e os bois acarretão, e são suas azemollas, e nelles trazem todas suas carregas, e nas vacas adorão, e tem nas nos seus paguodes feytas de pedra, e asy touros, e ha muytos touros que hoferecem a estes pagodes, e amdão pella cidade sem que lhe fação mal e pedra, tambem ha na terra asnos, mas são pequenos, e não se servem d eles se não de pouca cousa, carregão nos de roupa estes que lavaão, e d isto servem mays que d outra cousa. Deveis de ssaber que este reyno de Narsymga tem trezentos graos, que he de legoa cada grao de costa, ao lomgo d esta serra que dito tenho, até ir

ter a Ballagate e Charamãodel, que são do dito reyno; e tem de travessa cemto e sesenta e quoatro graos, e cada grao tem duas legoas das nossas, gramdes, asy que tem de costa seis centas legoas, e as de travessa trezentas e corenta e oito legoas atravessa desde Batacalla atee ho reyno d Orya.

E este reyno comquista con toda a terra de Bemgalla, e da outra parte com o reyno d Orya que he da bamda de lleste, e da outra bamda do norte com o reyno de Daquem, de que ssão as terras que tem o ydallcão, e Ozemelluco, e com este ydalcão tem Guoa guerra, por quoanto foy sua, e lha temos tomada.

E este reyno d Orya, que ariba dito tenho, dizem que he muito mayor que este de Narsymga, por quoamto comquista con toda Bemgalla, tem guerra com ella, e comquista com todo o reyno de Peguu, e com o maar de Mallaca, e vem ter e comquistar com o reyno de Cambaya, e com o reyno Daquem; e me disserão em certa certeza que hia ter na Persya. A gente della he bramca, e os homẽes de bõos corpos; o rey d ele he senhor de gramde thisouro, e de muita gente, e de muytos alyfantes, porque neste reyno os ha mais, que sobem tamto que dizem que não ha outro mayor senhor que ele e gentio.

E tornamdo a nosso proposyto, diguo que não ponho aquy os asentos das cidades e villas e lugares neste reyno de Narsymga por não fazer prolixidade; somente direy da cidade Darcha, por ter hũa memoria, quoal outra poucas partes se achara. Esta cidade de Darcha he muy bem cercada de muro, e não de pedra, pello que jaa dito tenho; da bamda d oeste, que he da Imdia, a cerca hũu ryo muy fremoso, e da outra parte do leste, do sertão da terra, e tudo terra chãa; e ao longo do muro tem sua cava. Esta Darcha tem hũm pagode, que he a memoria que diguo, a milhor cousa que em gramde parte não se podera achar outro tão bom da sua maneyra. Sabereis que he hũu templo redondo de hũa

pedra, a porta toda a maneira de hũa macenaria, en toda arte de pespetiva, com muytas figuras que são da dita obra, do tamanho de hũu covado lamçadas fora da pedra que os vedes por toda a parte, tam bem feitas que mays não pode ser, asy dos rostos, como do al; e cada hũu em seu posto estão de hũa maneira de esse casamento com hũuas folhas, e por cima maneira de romanisco muy bem feytas que não pode ser milhor, e alem d isto tem hũa maneira d alpemdre sobre hũs pillares, e tudo de pedra, e os pillares com suas pranhas tambem feytas que parecem ser feytas dentro na Italia, todas as traves e travessais são da dita pedra, sem nela aver taboa nem pao, e asy todo o chão ladrilhado da mesma pedra, asy de fora como de dentro. E tem todo este pagode quoanto he aredomdeza do templo, cercada de hũa grade feyta da mesma pedra, e alem d isto he toda cercada de muy forte muro, mays que ho da cidade, por ser toda cantaria; tem tres portas por homde entram nella, as quoaes portas são muy grandes e fremosos, e a entrada de hũa d estas partes, que estaa pera o leste, que he defronte da porta do pagode, tem como varandas pequenas e baixas omde pousão algũus iogues, e de dentro d esta cerca que tem outros pagodes pequenos e rosynha, e tem hũa pedra tamanha como o mastro de hũa nao, no pee coadrada, e d aly pera cima oytavada, estaa toda no ar; não me espantey d ella porque vy agulha de Sam Pedro em Roma, que he tão alta ou mays; estes pagodes são casas em que fazem suas oraçõis, e tem seus ydolos, os quoaes são de muytas maneiras, comvem à saber, de feguras de homẽes e molheres, touros, bogios, e outros não tem mais que pedra redomda em que adorão. Neste templlo Darcha estaa hũu ydollo de fegura de hũu homem quoanto ao corpo, e o rosto tem d alifante com sua tromba e dentes, e com tres braços de cada bamda, e seis mãos, dos quoaes braços dizem que tem jaa menos quoatro, e que tanto que cahirem todos que ha de ser o mumdo destroydo,

e asy tem por fee que hade ser, e o tem por suas profesyas. A este ydollo dão de comer cada dia, que dizem que come; e quoamdo elle come baylhão lhe molheres diante, as quoaes são do dito pagode, e lhe dão de comer, e tudo o que he necessario, e todas as que d ellas nacem são do pagode. Estas molheres são solteyras, e vivem nas milhores ruas que ha na cidade, e asym em todas as cidades, e as suas ruas são as milhores de casarias e de ruas; ellas são muito acatadas, e são das honrradas que são amigas dos capitães, e todo homem honrrado vay a putaria sem lhe ser estranhado; e entrão estas molheres omde estão as molheres d elrey, e estão com ellas, e comem betre diante d ellas, o que não come outra pessoa nenhũa de nenhũ estado que seja. Este betre he hũa erva que tem a folha como a folha da pimenta, ou a era da nossa terra, esta folha comem sempre, e a trazem na boca com outro fruyto que se chama areca, da feição de hũa nespera, mas he muito dura, e faz muito bom bafo, e tem outras muitas virtudes, e he meyo mantimento pera elles que não comem como nos, algũus d estes comem carne, tiramdo vaca e porco toda a outra comem, e nem por ysso deixão de comer todo dia este betre.

Depois himdo d esta cidade Darcha pera a cidade de Bisnaga, que são dezoito legoas, que he a primcipal de todo o reyno de Narsymga omde sempre estaa ho rey, temdes muitas cidades e villas cercadas, e duas legoas ante que chegueis a cidade Bisnaga temdes hũa serra muito allta, que tem passos por omde entrares a cidade, e chamão se portas por omde entrão, por não terdes por omde entrar senão por ellas. Esta serra cerca esta cidade em derredor vinte e quoatro legoas, e de dentro d esta serra vão outros que tão bem a cercão, e omde estas serras tem algũu chão atravessão no com o muro muy forte, de maneyra que ficão as serras todas fechadas, salvo nos lugares omde vem ter os camynhos das portas da primeira serra, que são serventia da cy-

dade, e nos taes lugares ficão hũus buqueyrõis pequenos que pouca gente os podera defemder, estas serras vão ter atee dentro a cidade, e entre todas estas cercas vão campos e vallees homde se semea aroz, e tem ortas de muytas larãogeyras, limoeyros, e cidreiras, e rabãos, e outras ortaliças como em Portugal, tiramdo alfaces, e couves. Antre estas serras ha muitas alagoas com que regão o que dito tenho, e em todas estas serras não ha arvoredo nem moutas, se não algũas pequenas, nem tem cousa que verde seja, por serem as mais estranhas que se numca virão, que são de hũa pedra bramca hũuas sobre outras da mais estranha maneyra postas, forão que parece que estão no ar, que não estão apegadas hũas com outras; e a cidade vay metida por entre estas serras, e fica toda cercada d ellas, e estas serras vão ter atee ho regno de Daquem, e comfyna com as terras do ydallcão, e com hũa cidade que chamão Rachol, que jaa foy d elrey de Narsymga, e sobre ela ouve muyta guerra, e este rey a tomou ao ydallcão, asy que estas serras de maneyra são causa de se não ajuntarem e terem muyta guerra; e da bamda d Orya tambem vão serras, mas são d outra maneira deferente d estas que são como as nossas com mato, e moutas poucas, e são serras pequenas, e antre hũas e outras vão gramdes campos; e no estremo d este dous reynos, sabereis que he tudo matos, os mais fortes que podem ser, omde aly gramdes alymarias, e he tanta a sua fortaleza que he emparo d ambas as partes, e tem suas entradas por omde entrão de hũu reyno a outro, e nestes passos da estremadura traz elrey de Narsymga hũu capitão com muyta gente, e pera a costa da Imdia não ha salvo o que dito tenho.

Depois tomamdo as portas da primeira serra, diguo que a entrada da porta omde vem os que vão de Goa, que he a mays principal entrada da bamda d aloeste, dentro tem feito este rey hũa cidade muy forte de muros e torres, e as portas com hũas entradas muy fortes

com torres nas portas; estes muros não são como hos das outras cidades, mas de muy forte camtarya, e tanto que em poucas partes se achara mais, e dentro muy fermosas casaryas feytas ao seu modo de seus tarados. Vivem nella muytos mercadores, e toda povoada de muita gente por que elrey fez vir de suas cidades homẽes mercadores muy honrrados, e tem muyta augoa, e alem disto fez elrey hũu tamque que me parece que tera de largura hũu tiro de fallcão, e esta na boca de duas serras, e toda a augoa que de hũa bamda e da outra vem a recolher, e alem disto lhe vem augoa de gramdes tres legoas por canos que vem pella falldra da serra da bamda de fora; esta augoa vem de hũa alagoa que deita de sy huũ rio pequeno; este tamque tem tres pillares grosos muyto lavrados com ymagẽes, em cima estão postos em hũus canos por homde tirão augoa quoamdo a hão mister pera regar suas ortas e arrozes; pera fazer este tamque rompeo o dito rey hũa serra que tapava o que ho dito tamque tapa. Neste tamque vy tanta gente que trabalhavão que serião quinze, ou vinte mil homẽes, que parecião formigas, que não se vya a terra omde elles amdavão, tanta gente era; este tamque repartia elrey por seus capitãees, que d elle tevessem carreguo de fazer e trabalhar a gente que cada huũ tinha a carreguo, e lhe acabassem e dessem feyto. Este tamque cayo duas ou tres vezes, e elrey falou com os seus bramines que soubessem de seu ydollo por que cahia tantas vezes, e diserão os bramynes que ho ydollo estava menemcoryo, e que querya que lhe fizesem sacreficio, e lhe desem samgue de homẽes, e de cavallos, e de bufaras; e tanto que elrey ysto ouvyo mamdou loguo que a porta do paguode cortassem a cabeça a sessenta homẽes, e certos cavallos, e bufaras, o que logo foi feito.

Estes bramines são como frades antre nos, e elles tem nos em conta de homens bentos, diguo pellos bramines sacerdotes e letrados dos pagodes, porque aynda

que aija muitos bramines d elrey, são os oficiaes das villas e cidades e do governo d ellas, e outros são mercadores, e outros vivem por seus bẽes, e lavoyras, e fruitos, que são de suas heramças; e este que tem carreguo dos pagodes são letrados, e não comem cousa que padeça morte, carne nem peixe, nem cousa que faça potagem vermelha, por que dizem que he samgue, e algũus dos outros bramines que dise, que querem servir a Deos, e fazem penitencia, e virão a vida destes sacerdotes, e não querem comer carne nem peixe, nem outra cousa que padeça morte, se não bredos e manteigas, e outras cousas de maçãas que fazem, e seu aroz; eles todos são casados, e tem muy fermosas molheres, e são molheres muyto recolheitas, e saem muy poucas vezes fora da casa. As molheres são bramcas, e a casta d estes bramynes são os mais bramcos homẽes e melhores que ha na terra, posto que da outra gente tambem aija homẽes bramcos ao comũu, e muyto poucos, asy que nesta terra ha muitos que se chamão brabnys, mas são muy fora da vida d estes que dito tenho, por que são homẽes a que elrey faz muyta honrra, e os tem muy favorecidos.

Esta cidade nova que elrey fez tem o nome da molher d elrey por cujo amor elle fez, e estaa em huũ chão a dita cidade, e derredor d ella fazem os moradores suas ortas segundo a terra, e cada hũu he repartido. Nesta cidade fez elrey huũ pagode com muitas imagẽes, e cousa muy bem feita; tambem tem hũus poços muy bõos ao seu modo, e as suas casas não são de sobrados, como as nossas, mas são terreas com terrados e coruchees deferente dos nossos, porque os seus vão de sobrado em sobrado, e de pillares todos abertos, e com varamdas de fora e de dentro, homde bem pode ter gente se quizer, de maneira que llogo parecem casas de rey. Estes paços tem hũa cerca que os cerca todos, e dentro muytas casarias, e ante que entreis homde estaa o rey, temdes duas portas com muytos porteiros

que não deixão entrar toda pessoa, se não os capitãees e homẽes que são pera ysso; e em meyo d estas duas portas estaa hũu terreiro muito gramde, com suas varamdas ao derredor, omde estão estes capitãees e gente honrrada, atee que elrey os manda entrar omde elle estaa; e este rey he de meãa estatura, e homem bramco e de boas carnes, mäys sobre gordo que sobre magro, e tem no rosto synaes de bexigas, e he o mais temido e acabado rey que pode ser, e ledo de sua comdição, e muyto prazenteyro, e he homẽem que aos forasteiros cata muyta honrra, e faz muito gasalhado a todas suas cousas e de comdiçõis. He gramde senhor, e homem de muita justiça, e de gramdes supitos; e este he seu ditado, Crisnarao macação, rey dos reys, senhor dos senhores mayores da Imdia, senhor dos tres mares e da terra; tem este ditado por que em sua comdição he mayor senhor do que ele he da gente e terra, e parece que não tem nada pera o que avia de ter hũ homem tal como ele tão cavaleiro e perfeito em tudo. Este rey teve com elrey d Orya muyta guerra, e entrou lhe por seu reyno tomando e destroymdo muytas cidades e villas, desbaratamdo lhe gramde soma de gente, e alifantes, e lhe cativou hũu filho, o quoal teve muito tempo nesta cidade de Bisnaga, omde faleceo; e por comcerto e pazes, elrey d Orya lhe deu hũa filha com que o dito rey de Bisnaga casou, e tem por molher.

Este rey tem por molher doze molheres recebidas, e tres d ellas são as mais principaes, porque os filhos de cada hũa d estas tres são herdeiras do reyno, e das outras não, e ysto he quoamdo de todas ha filhos, que quoamdo não ha mais que hũu seja de quoalquer he herdeiro; e hũa d estas principaes he filha d elrey d Orya, e outras filhas de hũu rey seu vassallo, que he rey de Serimgapatão, e outra he hũa molher solteira que ele em mamcebo, antes que fosse rey, tinha por amiga; e ela lhe fez prometer que se viesse a ser rey que a tomasse por molher, e d esta maneyra foy esta molher

solteyra sua molher, e por amor d esta fez esta cidade nova, que pera o seu nome . Cada hũa d estas molheres tras casa sobre sy, com suas donzellas, e moças da camara, e porteiras, e todas outras servidoras que lhe são necessarias, e tudo são molheres, e omde ellas estão não entrão nenhũus homẽes, salvo capados, que são goarda d elas, e estas molheres não são vistas por homem nenhũu, senão d algũu velho gramde privado d elrey; e quoamdo quer que camynhão vão hos amdores em que ellas vão cerrados e sellados, de maneira que vistas não podem ser, e todos os capados com ellas, que serão bem trezentos ou quatro centos, e a outra gente toda vay muy longe d ellas. Estas raynhas nos disserão que tinha cada hũa muyto gramde soma de dinhero e riqueza, e de atavios de suas pessoas, comvem a saber, manilhas, braçalates, aljofare, perllas, diamães, e em muyta cantidade, e asy dizem que tem cada hũa d ellas setenta domzellas, as mays atavyadas que podem ser de muytas joyas e robis e diamays e perollas e aljofare, as quoaees nos vimos despois, e fycamos espantados, por que as vimos em hũas festas que ao diante se dira, e da maneyra que vierão. Dentro com estas domzellas dizem que estão doze mill molheres, por que sabereis que tem molheres que jogão de espada e adarga, e asy outras que lutão, e outras que tamgem trombetas, e outras charamellas, e outros muytos tamgeres deferentes dos nossos, de maneyra que asy estas como boois e maynatos e outros oficios tem ellas das portas a dentro como elrey, tem dos oficiaes de sua casa, estas tres molheres principaes tanto tem hũa como outra por não aver antre ellas discordia e malqueremça, todas são gramdes amiguos, e cada hũa pousa sobre sy, e por que se pode julgar que cerca pode ser a d estas casas omde pousa tamta gente, e que ruas e casarias deve de ter. Elrey tem seu aposento sobre sy dentro nos paços, e quoamdo quer comsyguo algũa das suas molheres mamda a hũu capado que a vaa

chamar, e não que entre o capado omde ella esta, mas di llo as suas porteiras que fação saber a raynha como esta aly hũu recado d elrey, e então vem hũa das suas domzellas ou camareyras, e sabe o que quer, e então vay omde ele estaa, ou vem elrey omde ella esta, e por esta maneira passa seu tempo que lhe bem vem, sem que ho sayba nenhũa das outras; e d estes capados tem elrey allgũus d elles que são gramdes privados, e dormem homde ele dorme, e são homẽes que tem gramde remda.

Este rey tem por costume que todollos dias bebe hũu quoartilho d azeyte de emgellym ante manhaa, e unta se todo do dito azeyte e encacha se, e toma nos braços gramdes pesos de terra, e despois toma hũua espada, e joga tanto até suar todo o azeite, e luta com hũu lutador dos seus, e depois de asy trabalhar cavalga em hũu cavallo, e corre o campo nelle a hũa parte e a outra atee que amanhece, por que tudo ysto faz ante manhaa. Então vay se llavar, e lavão hũu bramine que elle tem por santo, e este he muyto seu privado, e he homem de muyta remda, e despois de asy ser llavado vay se homde tem seu pagode dentro nos paços, e faz suas oraçõis e suas serimonyas, como tem de costume; e d ahi se sahia a hũa casa a maneyra d alpendre, de muytos pillares de panos emparamentados todo ate cima, e com as paredes pintadas e galantes, e de cada bamda duas ymagẽes de molheres muy bem feytas, e nesta tal casa despacha com eses homẽes que tem carreguos de seu reyno, e governão suas cidades, e fallão com elles seus privados. Ho mayor privado que tem he hũu velho que se chama Temersea; este mamda toda sua casa, e a este fazem todos os gramdes senhores como a elrey, e depois que elrey falla com estes homẽes no que lhe apraz, então mamda que entrem os senhores e capitãees que a porta estão, e então entrão a lhe fazer çalema, e tanto que entrão, e lhe fazem a sallema, e poem se ao longo das paredes longe d elle, e não fallão

hũs com outros, nem comem betre diante d elle, e metem as mãos nas mangas das cabayas, e põem no chão os olhos; e se elrey quer fallar com alguem he por segumda pessoa, e então aquelle a que elrey quer fallar ergue os olhos, e respomde ao que lhe pregunta, e torna se a poer do mesma maneyra primeira, e asy esta ate que elrey os mamda que se vão, e tornão todos a fazer a çalema, e vão se emboa ora. A çalema he a mayor cortezya que antre elles ha, que põem as mãos juntas em cima da cabeça o mays alto que podem, e cada dya vem fazer a çalema a elrey.

E quoamdo viemos a esta terra estava elrey nesta cidade nova, e aly o foy ver Xpovão de Figueyredo com todos os portugueses que com elle hiamos, e todos muy galantes e atavyados a nossa guisa, de muytas louçaynhas; elrey o recebeo muy bem, e lhe mostrou gramde gasalhado, e folgou tamto com ele como se fora cousa sua, tanto amor lhe mostrou, e asy aos que com elle hiamos mostrou muyto gasalhado; estevemos tão juntos com elle que se tocava com todos, e não se fartava de nos ver; e aly lhe deu Xpovão de Figueyredo as cartas do capitão moor, e cousas que pera ele levava, com que muyto folgou, principalmente com hus horgãos que o dito Cristovão de Figueiredo lhe levou com outras muytas peças. Elrey estava vestido com hũs panos bramcos sameados de muytas rosas d ouro, e com hũa pateca de diamães ao pescoço de muyto gramde preço, e na cabeça tinha hũa carapuça de brocado de feyção de hũu casco galeguo cuberta de hũa beatilha, toda de seda muy ralla, e estava descallço, porque não entra nimguem homde elrey estaa se não descalço, e a mays da gente ou quasy toda amda descalça na terra. Os çapatos são de pontilha, a maneyra amtiga, e ha outros çapatos que não tem mais que as sollas, por que o de cima são hũas correas que os ajudam a ter nos pees, e são feytos como os antigamente soyão a trazer os romanos, os quoaees achareis em algũs papeis ou antigualhas que vem da

Itallya em figuras. Deu elrey a Xpovão de Figueyredo em se despedimdo d elle hũa acabaya de brocado com hũa carapuça da mesma feyção que elrey tinha, e a cada hũu dos portuguezes deu a cada hũu seu pano delgado de figuras muy galantes, e ysto daa elrey por que he de costume, e ho daa em sygnal d amizade e amor.

E despedido Xpovão de Figueiredo d elrey nos fomos a cidade de Bisnaga, que he hũa legoa d esta cidade nova, homde ele mamdou aposentar em hũas casas muito boas; e aly foy de muitos senhores e capitães vesytado, e outras pessoas que por parte d elrey vinhão, e lhe mamdou muytos carneiros, e galynhas, e muytos calõees de manteyga e mel, e outras muytas cousas de comer, o quoal ele logo repartio por todos os piãees e gente que comsyguo levava, e lhe fallava muytas cousas de graças e de folgar, e lhe preguntou pello estado d elrey de Portugal; e emformado de tudo como era lhe parecião nossos costumes mui bem. Pois tornamdo a cidade de Bisnagua sabereis que d ela atee cidade nova vay hua estrada tão larga como hũu jogo de barreyra, toda de hũa bamda e da outra povoada de casarias e vemdas, omde vemdem todallas cousas; asy tem por todo este camynho muito arvoredo, que elrey mamdou por por fazerem sombra aos caminhantes, e neste caminho mamdou fazer hũu pagode muyto fermoso de cantaria, e asy ha outros pagodes que mamdarão fazer estes capitãees, gramdes senhores.

Asy que tornamdo a cidade de Bisnaga, sabereis que ante que chegueis as portas da cidade, tem hũa porta com hũu muro que cerca todas as outras cercas que a cidade tem, e asy he este muro muy forte, e de gramde camtarya, e agora em algũs lugares he danefycado, e não que deixem de ter em sy fortalezas, este muro tem a lugares cava de augoa, e nos lugares da terra chãa por homde elle passa. E tem afastado outro mays de sy d esta maneyra: tem tão chado no chão hũas pedras ponteagudas e grandes d altura, que dara pellos peitos

a hũ homem, tera de largura hũa lamça e meya, e avera outro tanto d elle ao muro garmde, e em toda a terra chãa leva este muro atee hir ter com algũa serra ou terra fragosa; e d esta primeira cerca atee entrar na cidade temdes gramde pedaço, no quoal as terras em que semeão aroz tem muytas hortas e muita augoa, a quoal augoa vem de duas alagoas que forão d esta primeira cerca, as quoaees são de muita augoa por que nascem d ellas, e asy vão pumares, e hũu palmar pequeno, e muytas casas. Pois tornamdo a primeyra porta da cidade, antes que chegueis a ella passaes hũa pequena augoa, e loguo chegareis ao muro, a quoal he mui forte, toda de cantarya, e faz hũa volta antes que chegueis a porta; e na entrada d esta porta tem duas torres, de cada bamda sua, que a fazem muyto forte, he gramde e fremosa; e tanto que sois de dentro temdes dous pagodes pequenos, hũu d elles tem hũa cerca com muyto arvoredo, e todo o outro casas, e este muro d esta primeira porta cerca toda a cidade. Pois ymdo a vante temdes outra porta com outra cerca, e tambem cerca a cidade por dentro da primeira, e d aquy atee os paços d elrey tudo são ruas e casarias muy fremosas, e casas de capitães e d outras homẽes ricos e honrrados, e vereis casarias com muytas ymagẽes e louçaynhas que são bem pera ver. E ymdo pella rua primcipal, que he d ũ terreiro gramde que estaa defronte do paço d elrey, e defronte d esta estaa outra, que vay ter pera a outra bamda da cidade; e por este terreiro vão todollos carros e carregas do mamtimento e de todallas cousas, e por que estaa em meyo da cidade não se pode escusar ser serventia; e estes passos d elrey estão cercados de hũu muro muy forte como quoalquer dos outros, e teraa moor cerca que todo a alcaceva de Lixboa. Pois ymdo adiante passamdo a outra porta temdes loguo junto com ella dous pagodes, de cada bamda o seu, e a porta de hũu d elles matão cada dia muytos carneyros, e não se mata em toda a cydade

nenhũu carneyro que para gentio seja, e asy dos que vendem nas praças se não a porta d este pagode, e do samgue d eles lhe fazem sacreficio aquelle ydollo que no pagode estaa, e lhe leixão as cabeças, e dão de cada cabeça um saco, que he uma moeda como hũa cartilha, e esta presente ao matar d estes carneyros hũu iogue que do pagode tem carreguo; e tanto que cortão esta cabeça a este carneyro ou bode tange este iogue hũu cornito, em synal de como o ydollo recebe aquelle sacreficio; adiamte se dira d estes iogues que homẽes são. Junto a estes pagodes estaa hũu carro triumfal lavrado de muyta macenarya e imagẽes, e hũu dia per hũa festa sua o trazem pella cidade e lugar por omde elle pode hir, porquoanto he gramde e não pode voltar ruas. Ymdo adiante temdes hũa rua larga e fremosa, acompanhada de boas casaryas e ruas da maneyra que dito tenho que ellas são, e entemde se as casas dos homẽes que são pera ysso; e nesta rua morão muytos mercadores omde achareis todollos robis, diamãees, e esmeraldas, e perolas, e aljofare, e panos, e todallas outras cousas que na tera haa e comprar quiserdes; tambem temdes nella cada dia a tarde feira de muitos rocis e semdeiros; e asy vemdem muytos cydrõis, e limõis e laramjas, e uvas, e toda outra ortaliça, e madeira, tudo temdes nesta rua, e no cabo temdes outra porta com seu muro, o quoal muro vay ter com o muro da segunda porta que jaa dito tenho, de maneira que esta cidade tem tres fortalezas, e outra nos paços d elrey. Pois passamdo esta porta temdes outra rua aomde ha muitos oficiaes, e vendem muytos cousas, e nesta rua dos pagodes pequenos, em todas as ruas ha pagodes, por que são como as comfraryas que nas nossas partes haa, de todollos officiaes e mercadores como sabereis que haa, mas os primcipaes pagodes e gramdes estão fora da cidade. Nesta rua pousava Xpovão de Figueyredo; e todallas sestas feiras temdes nella feyra, e muytos porcos e gallynhas e peixe seco do maar, e outras

cousas que na terra ha, a que não sei o nome, e asy por toda a cidade todollos dias temdes feyra; no cabo d esta rua haa mourařya que he jaa o cabo da cidade, a muytos naturaes da terra, os quoaees tem solldo d elrey, e são da sua goarda; em esta cidade achareis homẽes de todallas naçõis e geraçõis, por causa do muyto trato que tem, de muyta pedrarya que ha nella, principallmente diamãees. O tamanho d esta cidade não ponho aquy por que não se pode ver, e eu soby em hũu outeiro omde se parece gramde parte d ella, e não se pode ver toda, por estar metida antre muytas serras; e o que de la vy me parece ser tamanha como Roma, e muyto fremosa cousa de ver, tem muitos arvoredos dentro em sy nos quyntaes das casas, e tem muytos canos d augoa que vem por dentra d ella, e em lugares tem algũus tamques; e elrey tem hũu palmar junto com seus paços, e outras arvores de muytos fruytos. Por baixo da mourarya vay hũu rio pequeno, e d esta bamda ha muytos pumares e ortas com muytas arvores de fruyto, e as mays são mamgueyras, e araqueiras, e jaqueiras, e asy ha muytos limoeyros e larangeiras, tão cerrado hũu com outro que parece hũu mato espesso, e tambem ha uvas bramcas; e esta augoa toda que ha na cidade vem das duas alaguoas que dito tenho, e a de fora da primeira cerca ha muyta gente que nesta cidade haa não tem conto, e não a quis escrever por não parecer cousa de fabulla, somente diguo que a cavallo nem a pee se pode romper por rua nem travessa, com a muyta gente e allyfantes.

Esta he a mais abastecida cidade que pode ser no mumdo, do que agora direy, comvem saber, d aroz, e triguo, e grãos, e milho zaburro, e algũa cevada e feijõis, munguo, macharuỹ e outras sementes muytas que ha na terra, que são mantimento da gente, e de tudo ha muyto, e de muyto barato, se não triguo que não ha tanto como das outras sementes, que não comem se não os mouros, e d isto que diguo achareis, e as

ruas e praças cheas de bois carregados, que não tem conto, que com elles não podeis amdar, e em muytas ruas topaes com tantos d elles que vos comvem esperar que passem ou hir por outra parte. As galinhas são muytas, dão tres na cidade por hũa moeda que val hũ vintem, que se chamão favaos, e por fora da cidade dão coatro; nesta terra muytas perdizes, e não são da calidade e feição das nossas, são como as estarvas da Italia, e ha tres castas d elas, hũas não tem esporão, se não das da maneira das de Portugal, e outras tem em cada pee dous muyto agudos, e serão de compridão e largura de hũu dedo, as outras são pintadas, de que achareis as praças cheas, e asy de codornizes, e de lebres, e de todollos os passarinhos e avees que amdão em alagoas, que querem parecer patos, todas estas avees e caças vemdem vivas, e são muito baratas, por que dão seis e oyto perdizes por hũu vintem, e das lebres dão duas, e as vezes hũa, dos outros passaros dão tantos que se não podem contar, pois dos gramdes dão tantos, que bem podereis cuydar dos pequenos que darão, rollas, e pombinhos; e como he comũu das outras avees, as rollas são de duas maneyras, hũas são como as de Portugal, as outras serão tamanhas como tordos, das rollas dão doze, catorze por hũu favao, os pombos tem o preço das passaras, pois os carneyros que cada dia matão não ter conto, nem se pode dizer, por que em todallas ruas temdes quem vos vemda a carne tão limpa e gorda que parece porco; pois porcos tambem tendes em algũas ruas carneçarias tão alvas e limpas que em nenhũa parte podem ser milhor, val um porco coatro ou cinquo favõees; pois ver as muytas carregas que que cada dia vem de llimõis que não vem a conto os de povos, e de laramjas doces e agras, e barbaras berimgellas, e asy muyta ortaliça, em tanta maneyra que he pera pasmar; por que as cousas d esta cidade não são como as das outras cidades, que muytas vezes lhes faltão os mantimentos e provysõis, e nesta sempre sobeija

tudo, e asy manteiga e azeyte e muito leite, que cada dia se vemde, he cousa que se não pode deixar de escrever, e a muyta criação de vacas e bufaras que ha na cidade, em gramde parte se não achara outra que tal tenha; tem muytas romãas, uvas, valem tres cachos hũu favao, e das romãas dez por hũu favao. Da bamda do norte tem a cidade hũu rio muyto gramde de muyta augoa, e ha nelle muito peixe, o quoal peixe he muy danoso, e dentro neste rio he o que passa por

, entrão em elle outras ribeyras que ho fazem muyto gramde. O que ha da bamda d este rio. Esta hũa cidade edificada que chamão Senagumdym, que dizem que antigamente foy cabeça do reyno, e agora vive nella pouca gente, e tem aymda bõos muros, e he muyto forte, e jaaz antre duas serras, que não tem mays que so duas entradas, estaa nella hũu capitão por elrey, passão a ellas por hũas barcas que são redomdas como cestos, de dentro são de canas, e de fora forradas de couro, cabem nellas quimze, vimte pessoas, e tambem passão nellas cavallos e bois, se querem, porque o mays d isto passa a nado, e remão nas com hũas paas, e vão sempre em volltas, por que d outra maneyra não amdarião nada, e en todo o reyno homde as ribeiras não tem outras barcas se não estas. Temdes mais nesta cidade lugares omde vendem carneyros em pee, verdes os campos derredor da cidade cheos d eles e de vacas e bufaras, ha hũa cousa fermosa de ver, e asy das muytas cabras e cabritos, e bodes tamanhos que amdão emfreados e sellados, e muytos carneiros o amdão tambem, amdão moços em cima delles.

Fora dos muros da cidade da bamda do norte tem tres pagodes muy fremosos, o quoal hũu se chama Vitella, porque estaa da bamda d esta cidade de Nagumdym, o outro se chama Aoperadianar, e ho a que elles tem mais venaração e gramde romagem; neste pagode tem defronte da porta primcipal d elle, que estaa pera leste, hũa rua muyto fremosa de casarias muyto fremo-

sas, sobre hũas alpemdoradas em que se agasalhão os romeyros que a elle vem, e asy tem casas pera aposentar gente honrrada, tem elrey hũus paços nesta mesma rua omde se aposentão quoamdo vem a este pagode. Tem hũa romeyra sobre esta primeyra porta, e tem hũu corucheo muy alto, todo de hordenamças d homẽes e de molheres e montaryas e outras estoryas muytas, e asy como o corucheo se vay apanhamdo pera cima, asym se vão as ymagẽes diminuymdo; passamdo esta primeyra porta temdes loguo hũu terreyro gramde, e outra porta do theor d esta prymeyra, se não que em tudo mays pequena; e passamdo esta segumda porta estaa hũu terreyro gramde todo derredor das varamdas sobre seus piares de pedra, e no meyo d este terreyro esta a casa do paguode. Defronte da primeyra porta estão coatro colunas, as duas douradas, e as outras duas de cobre; e pella muyta antiguydade me parece que são desdouradas, e as outras duas de cobre, por que todas são de cobre, a que estaa mays achegada a porta do pagode he d este rey Crisnarao, qui agora reyna, por que as outras são dos antepassados; toda a frontarya da porta do paguode atee o telhado he tudo forrado de cobre dourado, e de cada bamda do telhado em cima tem hũuas alymaryas que parecem tigres, todas douradas; tanto que entrão dentro nesta casa temdes de pillar a pylar sobre que ella estaa fumdada muytas covas pequenas em que estão camdieyros d azeite que ardem, segumdo me diserão, cada noyte, e sera a copia de dous mill e quynhentos, ou tres mill camdieyros; tanto que se passa esta casa entraes em outra pequena, a maneyra de cinzeyro de quoalguer ygreja, tem duas portas nas ylhargas, e d aly d esta casa se faz como hũa capella, omde estaa aquelle ydollo que adorão; antes que acheguem a elle tem tres portas, a casa he d abobeda e escura, sem nenhũa fresta, sempre tem camdeyas com que se alumya; tem na primeyra porta porteiros que não consentem entrar dentro se não os bramynes que

tem careguo d elle, e eu pello que lhe dey me deixarão entrar dentro; e antre porta e porta tem imagẽes de ydollos pequenos, ho primcipall ydollo he hũa pedra redomda sem nenhũa fegura, tem nelle gramde devação, esta casa de fora he toda forrada de cobre dourado, e na trazeyra d este pagode de fora, apegado as varamdas que dito tenho, tem hũu ydollo pequeno de labastro bramco com seus braços, e em hũu tem hũu, e na outro hũa espada, e nos outros as armas de casa, tem debaixo despois hũu bufaro, e hũa alymaria que ajuda a matar aquella bufara, neste pagode a hy de continuadamente hũu camdieyro de manteiga, e daredor estão outros pagodes pequenos como casas de devação.

E os outros pagodes atras ditos são feitos pella maneyra d este, mas este he o principal e mays antiguo, todos tem muytas casarias, com ortas de muyto arvoredo, os bramines semeão seus bredos e outras ervas que comem, e quoamdo quer que vem a festa de quoalquer d estes pagodes trazem hũs carros triumfaes que amdão sobre suas rodas, omde amdão bailhadeyras e outras molheres com tamgeres ao paguode, o ydollo pella dita rua com muytas louçainhas, não diguo da maneyra que vão estees carros por que em todo o tempo que estive n esta cidade não amdou nenhũu. Outros muytos paguodes ha nesta cidade que aqui não diguo, que seria larguo de contar as cousas d elles.

Deveis de saber que antre estes gentios ha dias que celebrão suas festas, como nos, e tem seus dias de jejũu, e não comem todo o dia cousa nenhũa, e comem a meya noute; pois chegamdo se as suas festas mays primcipaes veyo se elrey da cidade nova a esta cidade de Bisnaga, por ella ser a cabeça do reyno, e nella ser de costume se lavrarem suas festas e ajuntamento, pera estas festas são emprazadas todas as molheres solteyras do reyno que ellas sejão presentes, e asy todollos capitãees e reys e gramdes senhores com toda sua gente, tiramdo os que elrey tem mandado fazer a guerra, e são em

algũas partes, ou estão no extremo do reyno a bamda de que ele tem sospeita, como o reyno d Oria e as terras do ydalcão, e posto que os taees capitãees estom nos taes lugares, ca nas festas aparecem por elles hos que adiante direy.

Estas festas se começão a doze dias de setembro, e durão nove dias, e fazem nas nos paços d elrey. Estes passos são d esta maneyra: tem hũua porta pera este tereyro que jaa dito tenho, e sobre esta porta tem hũu corucheo asaz. allto feyto da maneyra dos outros com suas varamdas, por fora d estas portas começa o muro que disse que cercava aos paços, a ella estão muytos porteyros com azorragues na mão e canas, e não leixão entrar se não os capitãees e homẽes honrrados, e aquelles que lhe são mamdados pello porteyro moor; passando esta porta temdes hũu terreyro, e loguo temdes outra porta da mesma maneyra da primeyra, e asy com seus porteyros e goardas, e tanto que entraes dentro d ella temdes hũu gramde terreyro, e de hũa bamda e da outra hũas baramdas baixas por omde estão postos os capitães e gente honrrada pera d aly verem as festas, e da bamda esquerda do norte d'este terreyro estaa hũa casa gramde terrea, e asy são todas; esta casa estaa sobre hũus piares feytos d alyfantes e d outras figuras, e toda aberta pella frontarya, e sobem a ella por hũas escadas de pedra, tem derredor de sy hũu corredor mays abayxo d ella de muy boas lageas lageado, domde tambem estaa algũa gente vemdo as festas, e esta casa se chama a da vitorya, por que foy feyta quoamdo veyo da guerra d Orya, que vos jaa he dito, da bamda direyta do terreyro, estão feytos de madeyra hũus palamques estreytos muyto altos tanto que por cima dos muros erão vistos, e em cima cubertos de veludo cremesym e verde, e d outros panos gallantes, de riba ate o chão emparamentados e estes panos não cuyde alguem que erão de llaa, por que não nos ha terra, mas são d algodão muy dellgados, e estes pallamques não estão

neste lugar sempre, mas são feitiços pera estas festas, os palamques erão omze, e junto com as portas estavão duas rodas em as quoaees amdão molheres solteyras muy arayadas com muytas joyas d ouro e dìamães e muytas perollas; de fronte da porta que he de lleste defronte do terreyro no meyo d elle estão hũas casas da maneyra que dito tenho da vitorya, estas casas se servem por hũas escadas de cantarya muy bem lavradas, hũa tem no meyo e outra no cabo, esta casa estava toda armada de panos ricos, asy as paredes como o de cima, e esteos, e os panos das paredes erão de feguras a maneyra de broslada, estas casas tem dous tabolleyros, hũu em cima do outro muy bem llavrado com suas bordas muy bem feytas e lavrados, dos quaes tabolleyros vem as festas os filhos d estes privados d elrey, e as vezes seus capados, no tavolleyro de cima junto omde elrey, estava Xpovão de Figueyredo com todos os que com elle hiamos, por que elrey o mamdava que no tall lugar estevesse pera milhor ver suas festas e gramdezas, e por me não ficar por dizer as ruas que nestes passos ha, aquy as ponho; sabereis que dentro n esta casa que dise vay o aposentamento d elrey e das molheres suas, e das outras que os servem, que jaa dito tenho, que são doze mill, e tem a entrada d estas casarias que pera dentro vão, entre esta casa e da vytorya estaa hũa porta que he sua serventia, e dentro trinta e coatro ruas.

Tornamdo me as festas sabereis que nesta casa da vitorya tem elrey hũa casa feyta de pano com a sua porta cerrada, omde tem hũu pagode o ydollo, e na outra do meyo estaa posto hũu estrado defronte da escada do meyo, no quoal estrado estaa hũa cadeyra d estado d esta maneyra feyta: he quoadrada e chãa, e por cima redomda com sua comcavydade e seu asento no meyo, e ysto he quoanto ao pao, sabereis que he toda chea de suas soajes, e de liõis todos d ouro, e no vão d estas soajes tem hũas chapas d ouro com muytos robis, e al-

jofare, e perollas por baixo, e em deredor d ella toda chea de ymagẽes d ouro postas pressonagẽes, e sobre ellas vay muyta obra d ouro com muyta pedrarya, nesta cadeyra estaa posto hũu ydollo, ysso mesmo d ouro em ramado de rosas e flores, de hũa bamdeira d esta cadeira no estrado em baixo esta hũa carapuça, ysso mesmo d esta maneira, dereyta, alta mais hũu palmo, redomda por cima, toda chea de perollas, e robis, e toda a outra pedrarya, e no primcipio d ella tem uma perolla do tamanho de hũa noz, a quoal não he toda redomda, e outra bamda hũa manilha do pee feita a sua feição, tambem de estado, cheia de perllas grossas, e de muytos robys, e esmeraldas, e diamãees, e outras muytas pedras de vallya, e sera de grossura de hũu braço, e diante de tudo ysto no cabo do estrado arimado a hũ esteo estavão huas almofadas omde elrey estaa assentado a todas estas festas, as quoaes começão d esta maneira.

Item, sabereis que como he manhaa elrey se vem a esta casa da vitorya, e mete se naquella casa omde esta o ydollo com seus bramynes, e faz sua oração e cerimonyas, e la fora pella casa estão algũs privados seus, e no terreiro estão muytas molheres solteyras baylhamdo, em suas baramdas, que estão derredor do terreyro, estão muytos capitãees e homẽes honrrados, pera d aly averem de ver, e no chão junto com o tabolleiro da casa estão omze cavalos com suas cubertas galantes e bem comcertados, e detras d elles quoatro alyfantes e fremosos, com muytas galantaryas, e despois d elrey estar asy dentro vem fora, e junto com ele hũu bramine, e tras nas mãos hũu cesto cheo de rosas bramcas, e chega se a elrey sobre o taboleyro, e toma tres mão cheas d aquellas rosas, e lamça as ao cavallo, e despois de lhas ter lamçadas tomão hũu cesto de perfumes, e fas contra elle como que os encemça, e acabado de fazer ysto aos cavallos achega-se aos alyfantes, e faz lhe outro, e acabamdo elrey ysto, toma o bramine o cesto e dece se ao tavoleiro, e d aly põem aquellas rosas e

outras flores na cabeça aos cavallos todos, e acabado de ho fazer tornão se a elrey, o quoal se tornão omde tem o ydollo, e tanto que he dentro alção as paredes de casa, que são feytas como paredes de temda, elrey asenta se ally omde elas estão, e as levão todas, d aly vee como matão no terreyro vinte e quoatro bufaras, e cento e cyncoenta carneyros, de que se faz sacreficio aquelle ydollo; sabereys que a estas bufaras e carneyros lhe cortão as cabeças de hũu so golpe, com hũas fouces gramdes que tras aquelle que tem ho carreguo de ho matar, são certos da mão que não herrão golpe nenhũu, e tanto que acabão de matar este gado, sae se elrey fora, e vay se as outras casas gramdes, e nos tavoleyros d ellas estaa tudo cheo de bramines, e tanto que elrey sobe omde elles estão lamção lhe a elrey dez ou doze rosas, aquelles que mays perto d elle estão, e vay acima das casas ao lomguo d ellas, e tanto que he no cabo tira a carapuça da cabeça, e põem no chão, e vira contra omde estaa o ydollo, e deita se no chão estirado, e ergue se loguo, e vay se por dentro das casas, e mete se em hũu quyntal omde dizem que tem feyto hũu foguo pequeno, e elle lamça no foguo hus poos de muytas cousas, comvem a saber, rubys, e perllas, e toda a outra pedrarya, e aloes, e outras cousas suaves de cheiros; acabado ysto torna se ao paguode, e mete se dentro, e estaa hũu pouco, e asy per outra porta entrão aquelles seus privados, que na casa estão, fazem lhe sallema, e elle se vem por d omde deitou as flores aos cavallos, e tanto que esta ly ven todos aquelles capitãees e homẽes honrrados, e lhe fazem sallema, e allgũs lhe dão algũa cousa se querem, asy como vão asy se saem, e cada hũu se vay pera seus aposentamentos, com elrey se recolhem aos paços de dentro, por aquella porta que jaa vos dise que estava no meyo d ambas estas casas que estão no terreyro; as molheres solteiras e baylhadeiras ficão balhamdo diante do paguode e ydollo gramde pedaço.

Isto he o que se faz pella manhãa em todos estes nove dias, com as cerimonyas que diguo, e cada dia avantajadas, despois tornamdo as festas depois de meyo dia tres oras vem se todos aos paços, e não deixão entrar loguo toda a gente dentro, e deytão nos neste terreyro que estaa antre hũa porta e outra, somente vão dentro os luctadores e molheres solteyras e allyfantes, os quoaes vão com suas cubertas e louçaynhas, e os que em cima vão armados lavodes e cofes e zagumchos, e tanto que são dentro põem se em torno do terreyro todos em hordem, e os lutadores vão se por junto com a escada, que no meyo d aquella casa estaa, e tem feyto hũa eyra gramde de terra solta omde lutão as molheres solteyras e baylhadores; estão loguo na entrada da porta defronte da casa outra gente muyta, comvem a ssaber, bramynes, e os filhos de seus privados, parentes seus, e todos estes são moços fidalguos que servem diante do rey, os oficiaes da casa amdão comcertamdo toda a gente, e cada hũa põem em seu lugar, e estão repartidos pellas portas pera que não entrem se não os que elles mamdarem, Salvatinica, que he principall pessoa que amda na corte, e a mamda toda, porque este criou a elrey, e o fez rey, e asym o tem em logar de pay, e quoando chama o dito rey lhe chama senhor Salvatinica, e todos os capitãees e gramdes do reyno lhe fazem a salema, este Salvatinica estaa de dentro do terreyro, omde as festas são, esta junto com hũa porta, e d ally mamda entrar todallas cousas que nas festas hão de sahir. Despois de tudo ysto feyto e comcertado sobe elrey e assenta sse no estrado que jaa vos dise, omde estaa a cadeyra e as outras cousas, e todos aqueles que dentro estão lhe fazem sallema, os lutadores tanto que lha fazem asentão se no chão, porque este podem estar asentados, e outrem não por gramde senhor que seja, salvante se lho mamdar, e tambem comem betre, por que outrem o não come, salvo as molheres solteiras que tão bem o comem diante d elle; tanto que elrey he

assentado no tal lugar mamda assentar comsyguo tres ou coatro homẽes, os quoaes são de sua casta, e reys, e seus sogros, e o principall d estes he hũu que he rey de Syrimgapatão e de toda a terra que confina com o Mallavar, e este rey ha nome Eumarvirya, e asenta se tanto avante como elrey, da outra bamda do estrado, e os outros atras; aly esta ho rey vestido dos panos bramcos, todos cheos de rosas d ouro, e com suas joyas, e d estes panos bramcos he elrey muyto, e sempre o vy com elles, deredor d elle estão os seus pagẽes com seu betre, e estoque e com outras cousas que elle por estado tras, ally estão muytos bramines em derredor da cadeyra omde estaa o ydollo, e estão no abanamdo com rabos de cavallos de cores, e com este em que estão são forrados todos d ouro estes rabos, e antre elles gramde estado, e tambem com elles abanão a elrey.

Mas tornamdo as festas, como elrey he asentado, entrão loguo os capitãees que de fora estão cada per sy, com aquella gente honrrada que cada hũu tem, e asy em sua hordem na maneira se vão a fazer a salema ao dito rey, e se vão a seus lugares, varamdas que jaa tras he dito, e tanto que acabão d entrar este, entrão os capitãees da gente de guerra d adarga e d espada, e asy entrão outros capitãees de arqueiros; esta gente estaa toda no chão, e em derredor de todo o terreyro diante dos alyfantes, esta he a goarda do rey, por que no tal lugar não entrão homẽes com armas nem homde estaa ho rey; tanto que esta gente he dentro começão loguo as molheres solteyras a bailhar, e vão se d ellas meter nas rodas que dise que estão a porta na sua entrada: quem nos poderia contar a grande riqueza que sobre sy trazem, aquelles colares d ouro com tantos diamãees, e rubis e perllas asy mesmo, e asy manilhas nos braços, e asy nos buchos como em baixo as suas cintas e manilhas, nos pees certamente; mais a maravilha se deve ter que a outra cousa, hũas molheres de tal oficio alcançarem tanta riqueza, e ha molheres antre ellas que

tem terras que lhe derão, e amdores, e tantas cryadas que he espanto fallar em suas cousas, a molher nesta cidade que dizem que tem cem mill pardaos, e creo ser asy por o que vy d ellas.

E tambem começão os lutadores a lutar, e não vos pareça que a sua luta he como a nossa, mas são muy gramdes punhadas, e quebrar dentes e olhos, e desfazem focynhos, e tal a hy que d aly o levão em braços sem falar, e tambem se dão fremosas quedas; e tem seus capitãees e juizes que estão aly pera os meter no campo ygoal hũu do outro, e asy dar a honrra aquele que ganha. Em todo este pedaço do dia não se faz mais que esta luta, e a balharem as putas; e tamto que o sol he posto são loguo muytas tochas acesas, e hũus fachos gramdes de pano, e pelo terreyro estão metidos de maneyra que estaa o terreyro tão claro que paresse de dia, e asy por cima das paredes, porque antre as ameyas tudo são camdeyas acezas, e asy omde elrey estaa he ysso mesmo tudo cheo de tochas, e como tudo asy he claro começão a entrar muytos joguos e ymvenções de muitas graças, e não se detem mays, salvo atee chegar a elrey, e loguo se saem, e entrão outros com outras maneyras e batalhas de gente de cavallo, estes cavallos são como cavallinhos fustos que fazem Portugal pello corpo de Deos, e outros vem com suas tarrafas pescamdo, tomamdo d eses homẽes que estão no terreyro. Acabamdo estes entremeses começão a lamçar muytos fuguetes, e muytas maneyras de foguos e castellos, que todos ardião e lamçavão de sy muytos tiros e fuguetes; cessamdo estes fogos começão a entrar muytos carros trumfantes, e estes carros trumfantes são de capitãees, e asy vem tambem carros d aquelles que lhe dão, fazemdo guerra fora, e entrão d esta maneira, comvem a saber, o primeiro he de Salvatinica, e hũu vem antre outro, os d estes carros vem de muytos panos ricos emparamentados, e de muytas envemçõis de balhadeyras e outras figuras personagẽes, e fazemdo o que pes-

soas duas faryão se no tal lugar fosem; outros vem com os sobrados que amdão hũu em riba do outro, e outros todos de casta, e asy em sua hordem vão por omde esta elrey, e asy saymdo os carros, entrão loguo muytos cavallos com suas cubertas e lemçois de muy delgados pannos das cores do rey, e com muytas rosas e flores nas cabeças e pescoços, e com seus freos todos dourados; e diante d estes cavallos vay hũu cavallo com dous sombreiros d estado d elrey, e com mays louçaynhas que os outros, e hũu dos estribeiros he quem o leva pello cabresto, adiante d este cavallo vay outro baylhamdo, e pomdo se o que ca fazem todollos cavallos por serem ensynados a ysso. Sabereis que este cavallo, que vay com este estado, he hũ cavallo que os reys tem no qual forão jurados e allçados por reys, e nele hão de ser todollos outros que despois d eles vierem, e semdo caso que ho tal cavallo morre metem outro seu lugar; e se algũu rey não quer ser jurado em cavallo fazem. então em hũu alyfante que tem com a mesma dinidade. Pois ymdo estes cavallos da maneira que diguo, amdão derredor do terreiro duas voltas, põem no meyo do terreyro em cinco ou seis carreiras hũa antre a outra, e o cavallo dos reys diante de todos, defronte d elrey, estamdo de maneira que ficão antre eles e os homẽs hũa rua toda derredor; e tanto que estão d esta maneyra sesegados saya de dentro dos paços hũu bramine, o primcypal que elrey tem, outros dous comsyguo, e este bramine mor leva nas mãos hũa batega com hũu coco e aroz e fullas, e outros levão hũa caldeira d augoa, e vay se por de tras dos cavallos, os quoaes estavão todos com os rostros pera elrey, e d aly lhe faz suas cerimonyas, e torna se dentro dos paços. E despois d isto asy feyto, vereis sahir de dentro loguo vinte cimco ou trinta porteiras, com suas canas na mão, e azorragues aos hombros; e loguo junto com ellas vem muytos homẽes capados, e junto com os capados vem muytas molheres, tamgemdo muytas trombetas, e atabaques, e charamel-

las, e não como as nossas, e viollas, e outros muytos tamgeres; e detras d estas molheres virão obra de vinte molheres porteyras, com suas canas nas mãos todas forradas de prata, e junto com ellas vem molheres vestidas d esta maneyra, com panos muy delgados e ricos de seda, na cabeça trazem hũas carapuças altas, a que elles chamão collães, e nestas carapuças trazem hũas flores feytas de perollas grossas, nos pescoços hũus collares com huas joyas d ouro muyto ricas de muytas esmeraldas, e diamãees, e robis, e perollas; e allem d isto muytos fios de perollas, e outros de tiracollos, e por debaixo dos braços muytas manilhas, pellos braços atee os buchos tudo cheo, e as manilhas ysso mesmo de toda a pedrarya; e na syntura muytas syntas d ouro e asy mesmo de pedrarya, estas syntas vinhão em hordem hũa abaixo da outra, que quoasy lhe dava por meya coxa; e alem d estas syntas outras joyas, e muytos fios de perollas nos pees, e da mesma maneyra trazem manilhas nos pees muyto ricas, e de mays vallya que as outras, trazem nas mãos hũas bategas d ouro, do tamanho de hũu baril d augoa as mãos, e no meyo d elles hũus latos feytos de perollas apegadas com cera; no meyo de tudo ysto hũa camdeya acesa; vem todas em sua hordenança hũa ante outra, seryão todas sessenta molheres alvas e moças, de hidade de quynze ateee vinte anos. Pois quem sera aquelle que podera dizer ho preço e vallya do que cada hũa d estas molheres levava sobre sy, por que tamanho he o peso das manilhas e ouro, e joyas que levavão, que muytas d ellas ho não podem sofrer, e vão molheres junto d ellas que as ajudão a soster os braços. D esta maneyra e hordem amdão tres vezes derredor dos cavallos, no fim d estas tres voltas se recolhem dentro aos paços, estas molheres são damas das rainhas e todas outras que com ellas vão, por que em cada hũu d estes nove dias de festa, mamda cada hũa seu dia suas damas com as outras; os oficiaes a honrra da festa são lhe repartidos os dias,

segumdo que jaa o tem por costume, jaa hordenado por elrey; e estas molheres vem cada dia as mays ricas, porque nestas cousas taees folgão de se amostrar, e fazer alardo cada hũa do que tem, cada hũa he; e como estas molheres se recolhem vão se os cavallos logo, e vem os alyfantes, fazem sua sallema, e vão se, e tanto que são ydos recolhe se elrey por hũa porta pequena que esta casa tem no cabo d ella. Então vão os bramynes, e tomão hũu ydollo, e levão no a casa da vitorya, homde estaa a casa de pano que jaa he dito, e elrey sahia loguo de dentro, e vay se aomde estaa o ydollo, e faz suas oraçõis e cerimonias, e loguo trazem aly outras tantas bufaras e carneyros, e matão da maneyra dos outros, e tambem vem as molheres solteiras a balhar; acabamdo de matar as bufaras e carneyros, recolhe se elrey, e vay se a cear que todos estes nove dias jejua, e não comem senão despois de ser asy tudo feito, e as oras que comem he a meya noute, as baylhadeiras ficão balhamdo ao ydollo, e despois de tudo feito muy gramde pedaço; e d esta maneira celebrão esses nove dias festas, no derradeiro dia d ellas se matarão duzentas e cimcoenta bufaras, e quoatro mil e quinhentos carneyros.

Passados estes dias das festas faz elrey alardo de toda sua gente, e este alardo hordena sse d esta maneyra. Mamda elrey por hũa temda sua, de veludo de Meca, hũa gramde legoa d'a cidade, a hũu lugar que he jaa deputado pera ysso, na quoall temda metem o ydollo a quem todas estas festas são celebradas, e d esta temda atee os paços d elrey se põem os capitãees com sua gente e hordenamça, cada hũu em seu lugar asy como o tem na casa d elrey, a gente estaa d esta maneyra, e em fio, não vos pareça que hera hũu fio so, mas a lugares dous e tres, hũu detras d outro, omde avia algũa alaguoa cercavão na de gente, e omde a estrada era estreyta punhão se pelo campo, e pellas recostos das serras e outeiros, de maneira que não vieis campo nem serra, que tudo não fosse cheo de gente, os de pee estão

diante dos de cavallo, e os alifantes detras dos cavallos, n esta hordenamça estava cada capitão com sua gente, os capitães que tinhão suas ynstamcias de dentro da cidade, por que a gente lhe não cabia sobre os terrados das casas, e fazião no bocal das ruas atravessar palamques pera que a gente coubesse, de maneira que tudo era cheo, asy fora como de dentro. Agora vos quero dizer da maneyra que estavão armados, e suas louçaynhas, os de cavallo nos seus cavallos emcubertados com suas testeyras d elas de prata e d elas douradas com suas franjas de retros de todas cores, e asy os cordões, outros as tinhão de veludo de Meca, que he o veludo de muytas cores com suas framjas e louçaynhas, outros as trazião d outras sedas, como setĩs e damasco e outros de brocado da China e de Pismael, algũs d aquelles que as trazyão douradas trazião pera o campo d ellas muyta pedraria grossa, e por as bordas laçarya de pedrarya meuda, algũs d estes cavallos tinhão as testeiras dos rostos de serpes, e d outras alimaryas de diversas maneyras, por tão estranha maneira feytas que bem davão que ver pella perfeyção de que erão feitas, e os cavaleiros armados de seus landeis, ysso mesmo de brocado e de velludo, e de toda outra seda. Estes landys são de laminas de couro cru muyto fortes, e com outros ferros que os fazem ser fortes, algũus trazyão as laminas de dentro e de fora douradas, as quoaes algũas são de prata, e nas cabeças hũas armas de feyção de cervilheiras, com suas abbas que cobrem o pescoço, e tem suas antefaces, e são do theor dos lamdys, e tem no collo seus cofos todos dourados, e outros de seda com suas chaparias d ouro e de prata, e outros os tem d aço, tão limpo como hũu espelho, e nas cintas seus estoques com suas machadinhas, e nas mãos seus zagumchos com as asteas forradas d ouro e prata, e todos com seus sombreyros d estado guarnecidos de velludo e damasco, e de toda a outra seda de cor nos cavallos, tem muytos rabos bramcos e de cores, e trazem nos

por muyta honrra, os quoaes rabos são de cavallos. Os alyfantes ysso mesmo encubertados de cubertas de veludo, e douradas com suas franjas, e com panos ricos de muytas cores, com suas campainhas que a terra atroavão, e nas testas pintados rostos de giguantes, e d outras maneyras d alymarias, e em cima de cada hũu d elles tres, quoatro homẽes armados de seus lamdys, e cofos, e zagumchos, e estão da maneira que neles hão de pilhar. Pois tomando a gente de pee, he tanta que cerca os valles e montes, que não tem comparação, nelles vereis tantas louçaynhas de panos ricos, que não sey omde se acharão, nem descobrirão de tantas cores como elles trazião, adargueyros com suas adargas, com muytas flores de prata e ouro por ellas, outras com figuras de tigres, e d outras alymarias, outras todas cubertas de folhagem de prata muy bem feyta, outras de cores pintadas, outras pretas que vos vedes nellas como em hũu espelho, e suas espadas tão goarnecidas que mays não pode ser; dos frecheiros vos diguo que tinhão os arcos prateados de ouro e de prata, e outros tão luzentes e limpas suas frechas, e tambem empenadas que mays não pode ser, nas cyntas suas adagas, e outras machadinhas com as asteas, com os rabos d ouro ou prata; pois verdes os espimgardeyros com suas espimgardas, e espimgardõis, e seus landeis em sua hordenança, com seus liões e sua louçaynha, hera cousa bem pera ver; pois os mouros não he bem que esqueção, pois que tambem forão no allardo com seus cofos, zagumchos, arcos troquiscos, com muytas bombas, lamças, e remessõis de foguos do que me espantey muito por nelles aver homẽes que tanto d aquillo soubesem, pois he gente comcertada da maneyra que dito he. Parte elrey dos paços em cima d aquelle cavallo, do que jaa vos contey, vestido d aquelles muy ricos panos bramcos, que jaa vos disse, com dous sombreyros d estado, todos dourados e cubertos de velludo cramysym, e com suas joyas e louçaynhas, as quoaees elles

tem pera em os taes tempos sobre sy trazer, o que traz cada hũu pode entemder o que hũu tão gramde senhor sobre sy pode trazer, ora ver a riqueza que os fidalguos e homẽes de valya sobre sy levavão, não he cousa que se possa dizer, nem crer o que era, ora ver os cavallos em que hião suas cubertas, o que vereis tantas emvemçõis de chaparras que vo llo não sey dizer, por que hũas me furtavão a vista das outras, e por ver e dar synal de tudo o que vya, amdava com a cabeça tão ameude de hũa bamdą e da outra que quasy estive pera cahir do cavallo abaixo com o syso perdido, e não he muito de espantar dos gramdes gastos d elles, pois que o dinheiro he tanto, e tem tão gramdes riquezas. Hião ante elrey muytos alyfantes com suas cubertas e gallantaryas, como dito he; levava elrey diante de sy obra de vinte cavallos encubertados e ssellados com suas goarniçõis d ouro e pedrarya, que bem demostrava a gramdeza e estado de seu senhor; junto com elrey hia hũa gayolla, como a de dia de corpo de Deos de Lisboa, e era dourada e mays gramde, parece-me ser de cobre ou prata, levavão na dezasseis homẽes, oyto de cada bamda, afora outros que se revezavão, na quoal gayolla vay aquelle ydollo que jaa vos disse,. que estava nas festas d esta maneyra; hia elrey acompanhado, vemdo esta gente, a quoal dava tamanhos gritos e alarydos, e batião com as adargas, os cavallos rymchavão, os alyfantes ysso mesmo, que parecia que a cidade se sovertia, os montes e vales con toda a terra tremia com os muitos tiros de foguos e espimgardas, e ver as bombas e lamças de foguo hir pellos campos, hera cousa muyto pera ver; verdadeiramente parecia que aly estava todo mumdo junto d esta maneyra. Forão atee que elrey chegou omde estava a temda, que jaa vos he dito, e entrou dentro, e fez suas cerymonias e oraçõis acostumadas, não vos pareça, que como elrey passou, que esta gente se tirou de seus lugares, mas antes esteverão quedos na mesma hordenamça em que estavão, atee que elrey tornou;

tanto que elrey acabou suas cerimonias, tornou a cavalgar, e veyo se caminho da cidade na mesma maneyra que viera, a gente não camsado de dar seus allaridos, tanto que passava por elles começavão de aballar, ora ver os que estavão nos outeyros e recostos, e o decer d elles com suas gritas, e bater de adargas, e bolir de frechas nos arcos, que não se podem contar, que verdadeiramente tão fora de mỹ estava, que me parecia ser visão o que vya, e que passava aquillo em sonho; d aquy começou a gente a sahir as suas temdas e pavelhões, que nestes campos tinhão, os quoaes erão em gramde numero, todos os capitãees forão acompanhamdo elrey atee os passos, e d ally se forão, e repousar do trabalho passado.

Agora quero que saibaes que este rey continuadamente tem hũu conto de gente de peleja, em que entrão trinta e cimco mill de cavallo encubertados, toda esta gente he a solldo, e tem esta gente sempre junta, e pres tes pera quoamdo lhe ffor necessaria de a mamdar a algũa parte. Eu vy, estamdo nesta cidade de Bisnaga, mamdar elrey sobre hũu lugar dos que tem na costa do mar, e mamdou cimcoenta capitãees com cento e cimcoenta mill homẽes de peleja, em que hião muytos de cavallo; ha muytos alyfantes, e quoamdo elrey quer amostrar o poder que tem a algũu seu contrayro dos tres reys comarcãos dos seus reynos, dizem que põem em campo dous contos de gente de peleja, pello quoal he o mais temido rey que nestas partes se sabe, e posto que do seu reyno tira tanta gente, não vos pareça que fica o reyno sem gente, mas tão cheo que parece que numca d elle tirarão hũu homem, e ysto por causa dos muytos e gramdes mercadores que nelle ha, e ha lavradores, e asy todos os outros homẽes, que os ofycios tem, salvante aquelles que tem obrigações andarem no campo, alem d estes a gramde numero de bramines, em toda a terra do gentio os ha, os quoaes são homẽs que não comem cousa que padeça morte; he gente de pequenos

estamagos pera aver de husar armas. Podem alguem preguntar, que remda pode ter este rey, e que thesouro, que possa pagar tanto numero de gente, pois tem tantos e gramdes senhores em seu reyno, os quoaees serão a mayor parte d elles de remdas. A ysto respondo, e diguo que estes capitãees, que elles tem d esta sua gente, são os gramdes de seu reyno, que são os senhores e tem a cidade e villas e lugares do reyno, capitãees d estes que tem remda hũu conto, e conto e meyo de pardaos; outros de cem mil pardaos, outros de duzentos, e trezentos, e outros de quynhentos mill pardaos, e asy como cada hũu tem a remda, asy lhe deita elrey a gente que ha de ter, asy de pee como de cavallo, e alyfantes; esta gente tem sempre prestes pera quoamdo forem chamados, e omde lhe for mamdado, e d esta maneyra tem elle este conto de gente de peleja sempre prestes, cada capitão d estes trabalha por trazer a mylhor gente que pode achar, pois que lhe paga seu dinheiro; e neste allardo avya a mays fremosa gente de mamceba que se podia ver, nem numca foy vista, por que em toda esta gente não vy homem que bramco fosse. E alem de ter esta gente, la tem suas pemssõis que pagão a elrey em cada hũu anno, tambem elrey tem sua gente hordenada a quem daa soldo, e tem oyto centos allyfantes de sua pessoa, e quynhemtos cavallos continuadamente na sua estrebarya, e pera estes gastos dos alyfantes e cavallos tem dado as remdas que lhe remde a cidade de Bisnaga, os quoaes gastos bem podeis cuidar camanhos podem ser, e mays os dos servidores que hão mister estes cavallos e alyfantes, e por aquy tambem sabereis o que pode remder esta cidade. Este rey de Bisnaga tem cimquo reys seus sogeitos e vassallos, afora outros capitãees e senhores de muytas terras e de muyta remda; quoamdo quer que nace a elrey hũu filho ou filha todos os gramdes do reyno lhe fazem gramdes serviços de dinheiro, e d outras joyas de vallya, e asy lhe fazem em cada hũu anno, no dia em que elle naceo.

Sabereis que acabadas estas festas, como dito tenho, entramdo o mes d outubro, a omze dias amdados d ele, fazem gramdes festas em que todos vestem panos novos e ricos e galantes, e cada hũu como o tem, e dão todos os capitãees panos a toda a sua gente de muytas cores e galantes, que tambem eles tem divisadas e suas cores, e neste mesmo dia dão todos gramdes dadivas de dinheiro a elrey, que se afirmão que darão neste dia a elrey em dinheiro, hũu conto e quynhentos mill pardaos d ouro, e val cada pardao trezentos e sesenta res; e por aquy podereis ver e saber quoantos serão de rees; quero que saibaes que neste dia começão o anno, e dia d anno bom, e por ysto fazem tall festa, e dão estas dadivas, e não he de espantar, que tambem nos fazemos o semelhante por dia de anno bom, começão o anno neste mes com a lua nova, e elles não contão o mes se não de lua a lua.

E agora quero que saibaes que os reys antepassados, de muitos anos a esta parte, teverão por costume de fazerem thesouros, os quoaes thesouros depois de ssua morte são cerrados e sellados, de maneira que por nenhũua pessoa não possão ser vistos, nem abertos, nem os reys, que depois d elles sucederem no reyno, os não abrem, nem sobem o que esta nelle, e não se abrem, salvo quoamdo os reys teverem gramde necesydade, e asy que tem o reynno gramdes thisouros pera as necesydades que nelle ouver; este rey não faz seu thesouro como os outros antepassados fezerão, e metem cada hũu ano nelle dez contos de pardaos, sem mais d elles tirarem hũu pardao que pera os gastos de sua casa lhe ficão outros de que se gasta, e nas casas de suas molheres, de que jaa tenho dito, que tem comsiguo doze mil molheres, e por aquy podereis saber a gramde riqueza d este reyno, e o gramde thesouro que este rey tem.

E se allgũu não souber que cousa he pardao, saiba que he hũa moeda redonda d ouro, a quoal moeda não

se bate em toda a Imdia, salvo neste reynno; tem empremydo em sy, de hũa bamda duas imagẽes, e da outra o nome do rey que a mamda empremir; os que este rey mamdou fazer não tem mais que hũa ymagem, he moeda que corre por toda a Imdia, val cada pardao, como dito tenho, trezentos e sesenta rees.

Despois de todas estas cousas serem passadas, elrey se foy a cidade nova, de que jaa vos tenho dito, que nella folga muyto por ser cousa feyta por elle e povoou, de que jaa vos he dito; em dous anos fez elrey esta cidade; foy elrey dos cidadãos recebido com gramdes festas, e as ruas emparamentadas de muitos panos, e com muytos arcos trumfaes por omde passava, nesta cidade fez elrey outro alardo, e da gente da sua goarda; e pagão soldo a todos por ser no começo do anno, por que tem de costume de pagar de anno em anno o soldo; o alardo feyto dos ofyciaes de sua casa, e tomão o nome de cada hũu, e os synaes que tem no rosto ou no corpo; a homẽes da goarda que tem mill pardaos de soldo, e outros que tem oyto centos, outros setecentos, e mais, e pouco mays ou menos, he esta deferemça, e asy a ha tambem nas pessoas, que são hũs mays honrrados que outros, que a homẽes d elles que tem dous cavallos, e tres, e outros não tem mays de hũu; esta gente tem seus capitãees, e cada capitão vay a sua gente a fazer sua goarda no paço, como he hordenado, e o tem de costume; tem elrey em sua goarda quynhentos de cavallo, e estes vegião de fora dos paços, armados de ssuas armas, de dentro tem duas vegias, e gente d espadas e adargas.

Pois estamdo elrey na cidade nova, como dito he, Xpovão de Figueyredo lhe pedio por merce que lhe mandasse amostrar os paços da cidade de Bisnaga, porquoanto vinhão com elle muytos portugueses que numca forão em Bisnaga, e folgarião de os ver, por terem que contar em suas terras, quoamdo quer que os Deos levasse; elle mamdou que loguo lhe fosem amostrar outros aposentamentos, que ho das molheres não no vee nin-

guem; tanto que fomos tornados a cidade de Bisnaga, o governador d ella, o quoall se chama Gamdarajo, e he irmão de Salvatinea, nos foy mostrar os paços. Sabereis que em entramdo por aquella porta, que jaa tenho dito, por omde saem as damas das molheres d elrey que vinhão aas festas, de diante d esta estaa outra do mesmo theor, e aly nos fizerão estar quedos, e nos contarão quoantos eramos, e asy como nos hião contamdo, asy nos metião dentro em hũu patim com o chão bem argamassado, e as paredes derredor muy allvas; no cabo d este patim, defronte d esta porta por omde entramos, estaa outra junto com ella a mão esquerda, outra a quoal estava fechada, a porta fronteyra he do aposentamento d elrey; a entrada d esta porta, da bamda de fora, estão duas ymagẽes de pintura ao natural, tiradas a sua maneyra, as quoaees são, a da mão direita do pay d este rey, e da esquerda he d este rey. O pay era preto e gentilhomem de bom corpo, mayor que o do filho, e estão con todos seus arcos e vestidos, como trazião e trazem sendo vivos. Pois queremdo entrar dentro pella porta, nos tornarão de contar; entramos em hũa casa pequena que tinha o que agora direy: tanto que sois dentro, a mão esquerda, estão duas camaras, hũa sobre outra as quoaees são d esta maneira, a debaixo estaa debaixo do chão, a dous degraos pequenos, os quoaees são forrados de cobre dourado, e d aly pera cima he toda forrada d ouro, e não diguo dourado se não forrado de dentro, e de fora e abobeda; tem hũu portal coadrado feyto de hũas meyas canas, por as quoaes vay hũa obra de robis, e dyamãees, e toda a outra pedrarya, perolas e em cima do portal tem hũus pendentes d ouro, e de toda a pedrarya de feyção de coração, antresachado antre hũu e outro hũa madeixa d aljofare grosso, nabobeda tem estes pendentes da mesma maneyra. Nesta camara estava hũu catre que tinha os pees do theor do portall, os travossõis forrados d ouro, e estava nelle hũu colchão de cetim preto, e tinha todo arredor hũu ramo de perollas que terião de

largura hũu palmo, sobre elle tinha duas almofadas sem mays outra roupa; da camara de cima não vos direy se tinha algũa cousa, por que a não vy, se não a de baixo da bamda direyta, e d esta casa tem hũa camara de hũs piares llavrados de maçanarya, esta camara he toda de marfim, asy a camara como as paredes, asy de cima como debaixo, e os pillares pelo travejamanto de cima tinha hũas rosas e flores de gollfãos tudo de marfim, e tudo bem feyto, que milhor não pode ser, pello quoal he tão rica e fremosa que em grão parte se não acharya outra tal. D esta mesma bamda esta tirada de pintura todas as maneiras de vidas de homẽes, que hia atee portugueses, por omde as molheres suas sobem da maneira que cada hũa vive em seu. estado, atee ceguos e pedintes, nesta casa estão duas cadeiras forradas d ouro, e hũu catre de prata todo com suas baramdas; aquy vy hũa lagea pequena de jaspe verde, por gramde cousa nesta casa, junto omde estava este jaspe, que he debaixo de hũus arcos per homde he a sayda pera dentro das casas, estaa hũa porta pequena, fechada com hũus cadeados, diserão nos que estava aly dentro hũu thesouro de hũu dos reys antiguos. Tanto que saymos d esta casa entramos em hũu pateo do tamanho de hũu joguo de barreyra de beesta, muyto bem argamassado, e casy no meyo tem hũs pillares de pao com seu travessão em cima tudo forrado de cobre dourado, e no meyo quoatro cadeas de prata de fozis, com hũus gamchos que travão hũus nas outras, ysto he pera se emredoncarem as molheres d elrey; a entrada d este pateo a mão direyta sobiamos quatro ou cimco degraos e entramos em hũas casas fremosas d esta maneira que jaa vos tenho dito; como as suas casas são terreas com seus terrados por cima, posto que em cima tinhão outras casas, o debuxo he bom, e são de maneira d açoteas, estaa hũa casa sobre muytos pilares feyta, as quoaes são de maçanarya, e asy todo o travejamento con tudo o al de maneira, asy todos os pillares com toda a outro obra he dourada

tam bem que parece ser forrado de oura. Loguo a entrada d esta casa, na nave do meyo, estaa, sobre quoatro pillares, hũa charolla armada de muytas ymagẽes de molheres baylhadeiras, afora outras ymagẽes por que nas que estão metidas pella marçanarya, tudo ysto tambem dourado, e algũua cor de llacre nos emveses das folhas que da maçanarya saya; sabereis que d esta casa não se servem, por quoanto he do seu ydollo e o pagode; no cabo d esta estaa hũa porta pequena fechada omde ho ydollo estaa, e quoamdo lhe querem fazer allgũa festa trazem no a hũa cadeira d ouro, e põem no debaixo d aquella charolla, que pera ysso foy feyta, e então vem os bramines seus a fazer ally suas cerymonias, e vem as balhadeiras a balhar. Descemdo nos d esta casa nos passamos da bamda esquerda do pateo, e entramos em hũu corredor que o longuo d elle vay, no quoall vimos estas cousas: entramdo no corredor estava hũu catre dependurado no ar por hũas cadeas de prata, o catre tinha os pees de hũas lynhas d ouro, tambem feytas que não pode ser milhor, os travessões do catre forrados d ouro, defronte d'este catre estava hũa camara omde estava outro catre no ar depemdurado por hũuas cadeas d ouro; o catre tinha os pees d ouro com muyta pedrarya, e os travessões forrados d ouro, acima d esta camara estava outra mays pequena, e sem ter nada dentro, salvo ser dourada e pintada; e pasamdo esta camara pello mesmo corredor em diante se fazia hũa camara que este rey mamdava fazer, por fora d ella tinha hũas ymagẽes de molheres, com seus arcos e frechas a maneyra de allmazonas, começavão entam a pintar na camara, e nos disserão que esta avia de ser daventagem das outras, e que avia de ser chapada toda d ouro, asy o chão de baixo como todo o al; e passamdo este corredor sobimdo em outro que estava mais alto, no quoal vimos a hũu cabo tres calldeiras d ouro, tão gramdes que em cada hũa cozeryão meya vaca, e com estas estavão outras de prata muyto gramdes, e panellas

pequenas d ouro, e algũas gramdes; d ahi sobimos per hũua escada pequena, e entramos per hũa pequena porta a hũa casa, a quoal he d esta maneira. Esta casa he omde elrey mamda ensynar a suas molheres a baylhar, hũa casa comprida e não muyto larga, toda de maçanarya sobre hũus pillares que tem afastados da parede bem hũa braça; avera de hũu a outro hũa braça e meya, pouco mais, vão asy nesta hordem por toda a casa estes pillares, são de meas canas, feytos com outras comcavidades, todos dourados, nos pranhus de cima tem muytas allymarias, como alyfantes, e de outras maneyras abertas que lhe parece o de dentro, e dentro nestas alymarias hũas ymagẽes cada hũa em seu posto e perssonagem, alem d isto tinhão hũus homẽes viradas as çostas, e com outras alymarias de diversas maneyras; tem mais de pillar hũu travessão, que fica como hũu paynel, e de pillar a pillar muytos paineis, e estão hũas imagẽes de velhos douradas, do tamanho de hũu covado, e todos paynees estaa hũu posto d esta maneyra; vão estas ymagẽes por toda a casa, e sobre estes pillares vão outras ymagẽes mays pequenas com outras ymagẽes jaa mais deferentes, e outras personagẽes de maneira que vy esta obra deminuymdo por sua hordenamça d estes pillares com suas estorias de pillar a pillar, e cada vez mais pequenas, do tamanho de hũu palmo, asy como vay perdemdo, asy se vay apanhamdo na sua hordenamça que fyca de toda a obra feyta hua abobeda, a mais fremosa que numca vy. Por antre estas ymagẽes e pillares vay sua folhagem, a maneyra de lamines, toda dourada como emveses das folhas de lacre e azul, as ymagẽes que estão nos pillares tem veados e outras alymarias, estas são metidas a cores com suas emcarnaçõis nos rostos, mas as outras que estão metidas nos alyfantes com as dos payneis são todas de molheres balhadeiras e tem seus atubaques; as estorias que vão neste payneis são tudo fĩis de balhos, de maneira que em cada painel estaa o fim de hũu bailhador

que ensynão as molheres, por que se lhe esquecer de maneira em que ão de ficar, e, acabamdo o bailho, olhão pera hũu dos paynes omde estaa o fim d aquelle balho, e por aly tem memoria no que ão de ficar. No cabo d esta casa a mão esquerda estaa hũa cava pintada, omde as molheres se apegão com as mãos pera milhor se desemgomçarem do corpo e das pernas, aly se emsyna a quebrar de todo o corpo pera mais fremoso seu balhar, no outro cabo da mão direyta, em o lugar omde elrey se põem pera d aly as ver balhar, todo o chão he parede omde elle estaa he forrado d ouro, e no meyo da parede tem hũa imagem de molher d ouro, do tamanho de hũa moça de doze anos com seus braços, o posto que tem he o fim de hũu balho, não nos mostrarão mais que este; he o aposentamento das molheres nimguem a que o veija, salvo capados, aquelles de que jaa dito tenho; d aquy nos tornamos atee segumda porta, e aly nos tornarão a contar.

Da cidade de Bisnaga dizem que passa de cem mill moradas de casas, todas terreas e de terrados, a quoal he cercada de hũa cerca baixa, e nesta cidade estaa elrey o mays do tempo, da bamda do norte são rochas de pedra, convem a saber, corre hũ rryo por antre ellas, e o muro estaa por riba d ellas, e da bamda d alem hũa cidade que se chama Nagumdym, e não tem mays que tres portas, comvem a saber, hũa pera o ryo, que se passa em cestos, e embarcão bem a porta, e da outra bamda, que he pera o norte, estaa outra porta muyto forte, e pera a bamda do noroeste estaa outra porta pequena, por amtre duas serras muyto altas, e tão mao caminho que não pode sobir mays que hũu homem a cavallo.

E da bamda do noroeste estaa outra cidade que se chama Crisnapor, pegada com esta de Bisnaga, na quoal tem todos os seus pagodes aquelles em que elles mais adorão, e toda a remda d esta cidade remde pera elles, e dizem que remde cem mil pardaos d ouro; os pa-